FOLHA DE S.PAULO

HÁ 100 ANOS UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 101 ★ Nº 33.898 | DOMINGO, 23 DE JANEIRO DE 2022 | R$ 7,00

Karime Xavier/Folhapress

COM EMERGÊNCIA CLIMÁTICA, EMPRESAS BUSCAM VITRINE NA MATA ATLÂNTICA

Reserva Guaricica, gerida pela SPVS (Sociedade de Pesquisa em Vida Selvagem), no PR; mercado voluntário de carbono dá chance de sobrevida a projetos de conservação e restauro Mercado A18

Energia cara leva 22% a trocar luz por alimentos

Despesa já consome metade do orçamento de 25% dos mais pobres, diz pesquisa

Diante da disparada das tarifas de energia e água, 22% dos brasileiros têm trocado o pagamento da conta de luz pela compra de alimentos básicos, aponta pesquisa do Ipec para o iCS (Instituto Clima e Sociedade). De 11 a 17 de novembro de 2021, foram ouvidas 2.002 pessoas em todas as regiões do país.

O levantamento mostrou que a eletricidade mais cara comprometeu, em média, metade do orçamento de um quarto da população de baixa renda (até cinco salários mínimos, ou R$ 6.060).

No geral, 4 em 10 deixaram de comprar roupas, sapatos e eletrodomésticos para poder arcar com a luz.

Com pouca chuva, 2021 foi o mais seco dos últimos 91 anos, prejudicando as hidrelétricas. O governo autorizou com mais regularidade a contratação de energia vinda de termelétricas movidas a diesel, carvão e outros combustíveis fósseis. Essas usinas cobraram quase dez vezes o preço de referência.

O resultado dessa política para o consumidor foi uma alta na tarifa duas vezes acima da inflação medida pelo IPCA, de acordo com o iCS.

Especialistas defendem taxas diferenciadas pelo ganho mensal das famílias. Existem propostas do gênero no Congresso, paradas há duas décadas. Mercado A15 e A16

A pandemia em 22.jan

Dados das 20h

POPULAÇÃO VACINADA

No Brasil

Ao menos uma dose (dose única ou 1ª dose)	78,2%
1º ciclo vacinal completo (dose única ou 2ª dose)	69,0%
Dose de reforço	18,5%

ESTÁGIO DA DOENÇA

Óbitos

Média móvel: 282 ↑ 134,2%*

Em 24 h: 332

Total: 622.979

Casos ↑ +368,4%* (acelerado)

*Variação em relação a 14 dias

Bolsonaro deverá mirar Dilma para desgastar Lula

Jair Bolsonaro (PL) deve investir cada vez mais em comparações de seu mandato com o governo da petista Dilma Rousseff como parte da estratégia eleitoral contra Lula (PT). Segundo interlocutores, o plano é agir para ressuscitar os anos Dilma na memória do eleitor. Poder A4

Petista mantém parte do grupo de 2002, mas corteja tucanos A6

DOMÉSTICAS ENFRENTAM PIORA NAS CONDIÇÕES DE TRABALHO E RENDA

Karime Xavier/Folhapress

Marli Silva, 45, perdeu o emprego de babá no início da pandemia e hoje cobre folgas aos finais de semana em diferentes casas; demissões e aumento da informalidade e de queixas de assédio atingem categoria em dois anos de crise sanitária Mercado A17

Hidroxicloroquina é eficaz, e vacina não, diz ministério

Em documento, o Ministério da Saúde afirma que há eficácia e segurança no uso da hidroxicloroquina contra a Covid-19. Na mesma nota técnica, assinada pelo secretário de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, a pasta considera que as vacinas não têm tais atributos. Saúde B1

Candido Bracher

Cultura de gado e florestania

Aos críticos de Jeffrey Hoelle, autor de estudo sobre a predominância da "cultura de gado" sobre a "florestania" no Acre, sugiro que não atirem no mensageiro e procurem ler o livro, ou informar-se mais. Não reconhecer dificuldades nunca foi boa receita de superação. Poder A21

Turismo de luxo em Cancún atrai cartéis e máfias

O crescimento do turismo de luxo na região de Cancún, no México, tem gerado uma disputa de cartéis pelo controle da venda de drogas aos visitantes, relata **Rafael Balago**. Existem ali também máfias especializadas em fraudes bancárias, como clonar cartões de turistas. Mundo A12

Como um garçom se transformou no 'faraó do bitcoin'

Ao longo de nove anos, a consultoria criada por Glaidson Acácio de Souza, ex-garçom e ex-pastor da Igreja Universal, atraiu mais de 67 mil clientes com promessa de ganhos em criptomoedas. Para o Ministério Público, trata-se de organização criminosa. Souza nega. Mercado A20

ISSN 1414-5723

9 771414 572018 33898

Paulo Vieira, que estreia quadro no 'BBB' Eduardo Anizelli/Folhapress

FOLHA DE S.PAULO
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA
Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

Jean Galvão

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Números da ômicron

Novos recordes de casos com variante expõem falta de testes e imperativo da vacinação

Faz mais de 50 dias, o Brasil confirmava seus primeiros caso de Covid-19 causados pela variante ômicron. Por cerca de metade desse tempo, o país não dispôs de dados bastantes para avaliar a evolução da epidemia. Atacados por terroristas digitais e pela incapacidade do governo, os sites do Ministério da Saúde ficaram fora do ar.

Mas a falta de informação não foi o motivo do novo surto de inoperância oficial. Mesmo diante de recordes diários de contaminações, do aumento do número de internações em UTIs e de uma quantidade de mortes que não se via desde meados de novembro (mais de 250 por dia), não houve mobilização nacional para conter a doença.

Ao contrário, ouviu-se mais propaganda contra a vacinação, de crianças em particular. Jair Bolsonaro chegou a dizer que a variante era "bem-vinda" —ideia sempre infundada, orientada pela tese da "imunidade de rebanho".

Especialistas especulam que o pico dessa nova onda de infecções poderia ocorrer em meados de fevereiro, baseados na evolução da doença em outros países. Entretanto o ritmo da contaminação por aqui é desconhecido, pois até o fim da primeira semana de janeiro não havia números confiáveis.

A julgar pelas internações em UTIs, há indícios de que o impacto mais intenso da ômicron começou depois das festas de fim de ano.

Em São Paulo, mais de 3.000 pessoas estavam internadas nos leitos de cuidados intensivos na semana que passou. Na média móvel de 7 dias, era o maior número de internações desta natureza desde meados de setembro de 2021.

Com ou sem informação, a partir do exemplo de outros países e da experiência própria, era necessário fazer mais do mesmo e mais rápido: vacinação, máscaras e testes.

Pelas evidências de filas, queixas de laboratórios, hospitais e profissionais de saúde, faltam testes. Sem eles, fica ainda mais difícil isolar pessoas contaminadas e conter a propagação da doença.

O número de casos é recorde, perto de 120 mil por dia, ante os 9.000 de pouco antes da chegada da ômicron, e é certamente subestimado.

Houve relaxamento, talvez motivado pela noção de que os males causados pela variante são mais brandos, em particular nos vacinados. No entanto os números crescentes de internados em UTIs e de mortes evidenciam o risco.

Além do mais, infectados podem ter sequelas e voltam a sobrecarregar hospitais, com o que se torna um problema cuidar de modo adequado de vítimas de outros males.

A população, felizmente, mantém a adesão elevada às vacinas, que agora chegam às crianças —a despeito da propagação de falsos temores por parte de Bolsonaro e suas milícias ideológicas.

Menos chineses

Queda da taxa de natalidade ameaça futuro econômico do gigante emergente

A China já é a segunda maior economia do planeta e ostenta, há décadas, taxas espantosas de crescimento. Melhor ainda, aproveitou os ventos favoráveis para tirar milhões de pessoas da miséria. Não obstante, sua riqueza, quando medida em termos de PIB per capita, ainda é uma fração da observada em países desenvolvidos.

Parece intuitivo que mais alguns anos de prosperidade venham a reduzir a diferença. Mas não é tão simples —e o principal motivo para isso é a demografia.

Em 2021, pelo quinto ano consecutivo, a China registrou queda da taxa de natalidade. Pior, os nascimentos já quase empatam com os óbitos. No ano passado, foram 10,62 milhões de bebês (uma taxa de 7,52 por mil) contra 10,14 milhões de mortos (7,18 por mil).

O gigante emergente vive seus últimos momentos de expansão populacional. A partir de agora, a proporção de idosos na sociedade aumentará rapidamente.

Se a economia era favorecida pelo incremento populacional e do capital social (a educação chinesa é, pelo menos nos grandes centros urbanos, de alta qualidade), a situação deverá agora se inverter.

Envelhecimento e declínio do número de habitantes dificultam o crescimento da atividade, já que significam menor demanda, redução da poupança das famílias e do acúmulo de capital. Até a inovação tende a sofrer, pois haverá menos jovens nas carreiras científicas.

A direção do Partido Comunista Chinês está obviamente atenta ao problema. Em 2015, acabou com a política do filho único, que vigorava desde os anos 1980. Hoje, incentiva os casais a terem até três crianças. Não está funcionando. As taxas de fecundidade seguem bem abaixo dos 2,1 necessários para manter a população estável, o que pode levar a ações mais específicas.

Pequim já fala em reduzir os abortos sem motivos médicos. Também já proibiu as aulas particulares —é que uma das razões para as pessoas não terem filhos, em especial nas cidades, é o alto custo de mantê-los.

O sistema educacional chinês é tão competitivo que, para disputar uma vaga nas melhores universidades, não basta ser um excelente aluno; cumpre também submeter-se a tutorias privadas.

Há dúvidas sobre quais podem ser os próximos passos do governo chinês. Dado seu histórico de autoritarismo, porém, não se podem descartar intromissões que violem direitos humanos.

Uma história do futuro

Hélio Schwartsman

Epidemias virais como a de Covid-19 dependem um pouco do acaso para começar. É preciso que a mutação certa apareça na hora e local certos. As de bactérias são mais previsíveis. Graças ao fenômeno da resistência, há, neste exato momento, bactérias trocando plasmídeos no corpo de algum paciente e assim forjando uma linhagem de patógenos capazes de debelar nossas defesas farmacológicas. Plasmídeos são moléculas "soltas" de DNA, que podem codificar resistência a agentes antimicrobianos e se transmitem mesmo entre bactérias não aparentadas.

Se uma linhagem de E. coli desenvolveu resistência à ciprofloxacina, por exemplo, pode passar essa característica a uma cepa de, digamos, S. aureus. Médicos já precisam lidar todos os dias com essas variantes resistentes. Um estudo do governo britânico estima que, em escala global, elas já causem 700 mil mortes por ano e, se nada for feito, em 2050, responderão por 10 milhões de óbitos anuais.

Há alguma incerteza em relação a esses números, mas não em relação ao movimento e suas implicações. É que o fenômeno do surgimento de resistência pode ser descrito como uma das leis da biologia. Elas não têm a mesma precisão das equações da física quântica, mas seu valor preditivo está bem estabelecido. E a resistência não vale só para antibióticos mas também para herbicidas, pesticidas e até quimioterápicos contra o câncer.

Rob Dunn, em "A Natural History of The Future", apresenta essa e outras leis da biologia e antecipa o que devemos esperar se mantivermos os padrões que caracterizam o Antropoceno.

A boa notícia é que a vida não está ameaçada. Mesmo que o planeta esquente 4° C e espalhemos venenos por todos os lados, algumas espécies prosperarão. O problema é que serão espécies que não nos interessam, como bactérias resistentes e mosquitos transmissores de arboviroses, cujo nicho ecológico aumenta com o aquecimento global.

helio@uol.com.br

O gabinete paralelo na Esplanada

Bruno Boghossian

No ano passado, a CPI da Covid radiografou a rede de médicos e palpiteiros que aconselhavam Jair Bolsonaro na pandemia. Sem cargo oficial, o gabinete paralelo elaborou um programa de propagação do coronavírus, distribuição de medicamentos ineficazes e disseminação de suspeitas falsas sobre vacinas.

Esse método deixou de funcionar de maneira informal e se instalou oficialmente na Esplanada dos Ministérios. O médico Marcelo Queiroga passou a exercer com desenvoltura crescente o papel de avalista e executor da disparatada política presidencial para a pandemia.

O ministro da Saúde assumiu um destacado protagonismo nos esforços do governo para desestimular a vacinação contra a Covid. Na última semana, Queiroga relatou a ocorrência de 4.000 mortes em que há "uma comprovação" de relação com os imunizantes. Era mentira: o ministério só reconheceu essa ligação em 13 casos dos mais de 162 milhões de brasileiros vacinados.

O doutor se recusa a informar com clareza à população que os efeitos adversos das vacinas existem, mas são raríssimos. Prefere usar números distorcidos, meias-palavras e um comportamento ambíguo para endossar a plataforma do chefe.

Na quinta-feira (20), Queiroga fez uma excursão ao interior paulista com a ministra Damares Alves. Segundo ela, os dois visitaram a família de uma menina que teve uma parada cardíaca "no mesmo dia em que recebeu a vacina contra a Covid". Pouco tempo depois, o Ministério da Saúde descartou qualquer conexão entre o caso e o imunizante, mas o estrago estava feito.

Queiroga empresta o jaleco à campanha antivacina porque precisa do cargo para turbinar seu projeto eleitoral. Quem ganha mais nessa relação é seu chefe. O doutor cumpre duas funções: agita a base ideológica de que o presidente precisa para sobreviver e dá um caráter técnico aos desatinos oficiais. Para acobertar sua conduta criminosa na pandemia, Bolsonaro precisa repetir até o fim que a vacina não presta.

As muitas sobrevidas de Elza

Ruy Castro

Na noite de 19 de dezembro de 1973, Elza Soares chegou ao último andar do Maracanã e viu lá de cima o anel do estádio tomado. Eram 131.555 pessoas. Suspirou e disse para um amigo: "Agora eu posso morrer". Ali se realizava seu sonho: um jogo de despedida para Garrincha, o homem que ela amava e a quem o Brasil devia duas Copas do Mundo e um milhão de alegrias —o Jogo da Gratidão, entre a seleção de 1970 (com o já simbólico Garrincha no ataque) e um combinado de craques estrangeiros. Nunca um jogador recebera tal homenagem no Brasil.

Fora dela a ideia e, graças à sua luta, reunindo ex-jogadores, jornalistas, cartolas e políticos, ele iria acontecer. Fora dela também a exigência de que parte da renda se destinasse a comprar um apartamento e abrir uma poupança para cada uma das oito filhas de Garrincha —até para que cessasse a perseguição a eles. Foi sua primeira vitória sobre a intolerância, o moralismo e a hipocrisia. Daí ela achar que já "podia morrer".

Mas Elza não morreu. Tinha então 43 anos e viveria outros 48, suficientes para mais uma ou duas vidas. Nenhuma outra artista brasileira teria tantas sobrevidas. Basta somar os dramas, tragédias, declínios, voltas por cima e novos apogeus que ela experimentaria até quinta-feira (20), quando finalmente partiu.

A trajetória de Elza foi ainda mais dura do que se tem dito nos obituários e programas a seu respeito. Ela passou décadas escondendo a idade. Dava a entender que a menina que fora ao programa de rádio de Ary Barroso dizendo ter vindo do "Planeta Fome", em 1953, era uma adolescente. Não era. Já tinha 23 anos, porque nascera em 1930. E ainda levaria outros seis até ser descoberta por Sylvia Telles na boate Texas, no Leme, em 1959, e levada à consagração na gravadora Odeon.

Sua vida, portanto, começou aos 29 anos. Foi o que tempo que lhe custou para se tornar a Elza Soares que chegaria, invicta, aos 91.

Outras raízes do Brasil

Muniz Sodré

Professor emérito da UFRJ, autor, entre outros, de "A Sociedade incivil" e "Pensar Nagô". Escreve aos domingos

"Nós somos família. Nós temos uns aos outros e ninguém mais. Amigos, namoradas, vizinhos, moradores locais, o Estado. Tudo isso é uma ilusão, nada que valha a pena acender uma vela. Somos nós contra eles. Nós contra absolutamente todo mundo." Esse é um trecho de "The Kingdom", livro mais recente do popular escritor norueguês Jo Nesbo, que vende milhões de exemplares a cada publicação. A fala pertence a um fazendeiro rude e arredio que tenta consolar os filhos envolvidos num incidente.

Pode causar alguma estranheza o recorte circunspecto de um best-seller quando a prática pública das referências competentes se centra na maioria em autores celebrados.

No jornal ou na academia, a citação é quase sempre um argumento de autoridade, com que se pretende neutralizar o debate instantâneo do que se diz ou escreve. Tipo: Assim falou o grande Fulano de Tal, logo, está acabada a discussão. Daí a cautela de se valer dos clássicos e naturalmente passar ao largo da literatura de grande consumo, que, no entanto, pode mergulhar fundo no imaginário social.

A narrativa de Jo Nesbo, descritiva de uma personalidade antissocial num grotão norueguês, é exemplo geral de uma paisagem humana depressiva e ameaçadora. A fala isolacionista do personagem é interiorana, mas o espírito de "nós contra todos" virou hashtag urbana: nos EUA, circula desde os broncos caipiras do Meio-Oeste aos terroristas domésticos do trumpismo, armados até os dentes.

O texto também evoca à perfeição um aspecto tosco do caráter de uma parcela da população brasileira, que emergiu de sua longa latência pública por meio das redes sociais. Péssimo vinho velho em garrafa nova.

A defesa da família, supostamente ameaçada pela mutação dos costumes, caiu de paraquedas em meio a uma realidade fabricada na ventania do irresponsável conforto tecnológico da vida moderna, isto é, as redes sociais. Trata-se de uma construção imaginária adaptada ao vazio político dos discursos. É vento de moinho quixotesco.

Entre nós, soprou forte na última sessão parlamentar de impeachment, um dos espetáculos mais deprimentes da história do Legislativo nacional. Onde se dizia "família" reverberava "massa" como eco do rompimento de laços civis por delírio e violência.

A governança por parentesco, compadrio e aliciamento tem se difratado em modalidades sombrias. Vai hoje de parasitários clãs políticos a formações mafiosas nas disputas territoriais com o Estado. Aliás, máfia vem de "ma fia", minha filha (não objeto de amor e cuidado, mas pretexto para a lavagem a sangue das diferenças), em dialeto siciliano. Na boca do extremismo, família confunde-se com milícia.

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

O ASSUNTO É **RACISMO**

Automarketing identitário e a morte da crítica

Tática é se confundir com a minoria representada

Wilson Gomes

Professor titular da Faculdade de Comunicação da UFBA (Universidade Federal da Bahia) e coordenador do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Democracia Digital, é autor de "Transformações da Política na Era da Comunicação de Massa" (Paulus)

A política de identidade é um tipo de tática de ativismo social por meio do qual se visa combater a discriminação, alterar a correlação de forças e incluir no processo político certos grupos minoritários.

Um tipo. Há muitos outros. A esquerda marxista, por exemplo, está na política porque existe a luta de classes, a exploração estrutural do homem pelo homem —e o lado mais fraco precisa ser representado ou estará perdido. A política identitária trocou a luta de classes por outro conflito estrutural, entre uma elite qualquer de opressores e uma identidade de oprimidos baseada em algum status social distintivo, como gênero, etnia ou tipo de civilização. O identitário está na política porque há uma iniquidade estrutural em que a identidade X é o lado mais fraco que precisa ser representado —ou a injustiça será perpétua.

As identidades podem ser muitas, por isso a política de identidade é tão amplamente aplicada que pode abranger tanto movimentos de mulheres, negros e LGBTQIA+ quanto separatistas, nacionalistas e os novos racistas e xenófobos da extrema direita. Usam táticas e retóricas identitárias o Black Lives Matter e os antirracistas brasileiros, mas também o neofascista Pegida [acrônimo em alemão para Patriotas Europeus Contra a Islamização do Ocidente] e o "malafaismo", essa infame posição que consiste em camuflar a militância contra os direitos dos homossexuais e a liberdade das mulheres como luta pelos valores de uma minoria religiosa.

Por outro lado, podem se gabar de representar um dos casos mais bem-sucedidos de automarketing na história do ativismo.

Primeiro, conseguiram convencer de que não oferecem um método dentre outros, mas são o único caminho possível para a luta por justiça quando se trata de minorias. O que é falso, vez que muitas das lutas de minorias já haviam alcançado patamares importantes com outros métodos e outras premissas décadas antes que a ideia de política de identidade surgisse. As sufragistas não eram identitárias, as premissas universalistas de Martin Luther King Jr. e Nelson Mandela certamente seriam incompatíveis com o molde identitário. Hoje, porém, gerações inteiras não conseguem imaginar qualquer alternativa política se não a partir das táticas e das premissas do identitarismo. Um sucesso de autopromoção.

Além disso, a sua tática defensiva é digna de patente e consiste em se confundir com a minoria representada, usando-a como escudo para se blindar de críticas e calar divergentes. E, então, manipular a empatia do seu segmento ideológico pela identidade em questão como força de contra-ataque.

Fazem isso por meio da distribuição permanente de condenações dos divergentes. Todo crítico será acusado de estar praticando o ato opressor fundamental daquela identidade: racismo ou cristofobia, tanto faz. Sentença expedida, o identitário aciona os aliados no seu segmento ideológico. Se for de esquerda, usará a massa progressista, que saltará como se o bastião iluminista estivesse em chamas diante de um fascista, e não de um crítico, exercendo uma das funções mais sagradas da esquerda iluminista: examinar, duvidar, rediscutir premissas e verdades. Se for de direita, recorrerá aos conservadores, que não hesitarão em vestir a armadura de guerreiros da justiça em mais uma cruzada contra a cristofobia. Fantástico truque de propaganda.

Claudio Liz

A quem serve a oposição entre judeus e negros?

Compartilhamos as mesmas lutas, ontem e hoje

No debate público sobre relações raciais, não poucas vezes judeus e negros foram colocados em campos opostos por diversos motivos e circunstâncias históricas. A frequente associação entre a condição judaica e a branquitude revela a força da ideologia do embranquecimento em nosso país.

Reiteradamente o imaginário que associa os judeus à branquitude é mobilizado para legitimar discursos com tonalidades racistas, fascistas e até mesmo nazistas. No campo da extrema direita, "os judeus" têm sido evocados para dizer "nós não somos nazistas, temos judeus junto com a gente" —como tem recorrentemente acontecido nos discursos bolsonaristas. Ao dissociarmos as lutas antirracistas de judeus a negros deixamos de aprender o que é essencial, uma vez que, em diferentes circunstâncias e articulações, negros e judeus compartilharam as mesmas lutas, no passado e no presente.

Alguns exemplos evidenciam as alianças tecidas entre judeus e o movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos. Uma parcela expressiva dos advogados de defesa dos militantes afro-americanos durante os anos 1960 era composta por ativistas como Abraham Joshua Heschel, que marchou de braços dados com Martin Luther King Jr. em março de 1965; ou por Andrew Goodman, assassinado pela Ku Klux Klan em 1964 pelo apoio ao movimento pelos direitos civis dos negros.

No Brasil não tem sido diferente. Aqui também a luta antirracista foi abraçada por setores progressistas da comunidade judaica há décadas. A violência histórica contra terreiros e religiosidades africanas e indígenas, alvos de vandalismo e do terrorismo fundamentalista, e o racismo religioso também atingem judeus praticantes e não praticantes, afetando igualmente crianças e jovens no ambiente escolar.

O artigo publicado por Antonio Risério nesta **Folha** ("Racismo de negros contra brancos ganha força com identitarismo", 16/1) faz uma seleção arbitrária de manifestações antissemitas, partindo de episódios pontuais. Ele recorre à existência de um antissemitismo negro como demonstração da sua "tese" sobre o racismo reverso (racismo de negros contra brancos). Contudo, convém lembrar que o racismo produz desigualdades que afetam dimensões da vida social e dos indivíduos de maneira diversa. É importante reforçar as distinções entre preconceito racial, discriminação racial e racismo.

O antissemitismo no Brasil se manifesta sob a forma de preconceito racial, reduzindo a diversidade interna à suposição de qualidades ou vícios morais inatos por sermos judeus. Sim, o ataque antissemita pode vir de todos, e isso inclui brancos e negros, mas não podemos dizer que tal fenômeno seria da mesma ordem do racismo antinegro. Ou seja, o preconceito que sofremos, que certamente tem conotação racial e religiosa, não se transforma no Brasil numa desigualdade ou perda de direitos; diferentemente do que ocorreu na Alemanha nazista, onde o antissemitismo estruturou as ações do Terceiro Reich.

A compreensão de Risério sobre racismo ignora estranhamente que o racismo se define por emular relações hierárquicas e assimétricas, relações construídas e sedimentadas historicamente para que os indivíduos ocupem lugares diferentes, superiores ou inferiores, na estrutura social. Ao sugerir uma falsa simetria de posições sociais, o autor estabelece equivalências implausíveis entre agressões individuais e casos isolados com estruturas de poder econômico, político e jurídico. Exatamente por isso vemos a necessidade de diferenciar os atos de racismo, de preconceito racial, de injúria racial e de discriminação.

Consideramos a polêmica enviesada, sobretudo no atual contexto de acirramento ideológico e polarização política. A luta contra o antissemitismo é também uma luta antirracista. Quem luta contra o antissemitismo, mas não defende os grupos sociais racialmente discriminados (indígenas e negros), não amplia o debate democrático, apenas polemiza. Em um país onde em média 75 jovens negros são assassinados por dia e que negros, pardos e indígenas compõem 75% das pessoas que vivem em situação de pobreza, nós, Judeus Pela Democracia - São Paulo, afirmamos nossa posição antirracista em sintonia com os movimentos negros brasileiros que denunciam, há décadas, os efeitos perversos do racismo estrutural em nosso país.

André Vereta Nahoum, Benjamin Seroussi, Breno Benedykt, Clarisse Goldberg, Iara Rolnik, Iris Kantor, Lia Schucman, Marcelo Semiatzh, Maurice Jacoel, Patricia Tolmasquim, Raquel Rolnik e Thais Lancman
assinam este artigo em nome dos Judeus pela Democracia – São Paulo

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

ASSUNTO **O QUE VOCÊ, LEITOR DA FOLHA, DIRIA PARA AS CRIANÇAS QUE ESTÃO INDO SE VACINAR?**

Vocês nos representam!
Miguel Picoli (Morungaba, SP)

*

Vão sem medo, felizes e saibam que muitos cientistas trabalharam demais para que esse dia chegasse.
Renata Rodrigues Bonito Todor (São Paulo, SP)

*

Uma criança que se vacina é como um super-herói ou super-heroína, porque está protegendo as pessoas e o mundo contra a Covid.
Juliano Tonial (Porto Alegre, RS)

*

Vacinem-se, brasileirinhos! O nosso Brasil quer vocês saudáveis e felizes.
Arlete Dias de Moraes (Curitiba, PR)

*

Parabéns pela coragem e determinação de se vacinar. A transformação do mundo passa por atos como esse.
Hosaná dos Santos Dantas (São Paulo, SP)

*

Atenção meninada que está indo se vacinar, é muito bom que isso esteja acontecendo. Vacinar é bom e evita que tenham complicações. Do mesmo modo que já tomaram outras vacinas em sua vida, esta é apenas mais uma. E é importante que levem consigo isto: vacina é tudo de bom! Abração pro 6. ;-)
Luís Cláudio Lopes de Araújo (Brasília, DF)

*

Crianças do meu Brasil. Vocês estão fazendo a diferença neste momento tão difícil. Não desistam, vacinem-se! Só a vacina irá trazer um futuro melhor para todos. Vocês são o futuro; a ciência é o futuro. Juntos vocês farão uma pátria forte, cidadã e próspera.
Thiago Holanda (Berlim, Alemanha)

*

O futuro são vocês, crianças. Nós, seus pais, tios, primos mais velhos e avós, já nos vacinamos e precisamos que vocês deixem que o papai e a mamãe os levem para vacinar. Vocês são o sonho de um país justo e bom para todas e todos.
Daniel Paulo de Carvalho (Campinas, SP)

*

Adultos às vezes falam coisas que vocês, crianças, não compreendem. Vocês sabem que vacinar é uma coisa que se faz desde criança. Por isso, se um adulto lhes disser que vacina contra Covid faz mal, não se calem. Avisem o papai e a mamãe.
Jailson Bezerra (Brasília, DF)

*

Papai tomou, meu amor.
Carlos Alberto dos Santos (Salvador, BA)

*

Vão lá, que é apenas uma picadinha de nada, mas que os protegerá como um super menino e uma super menina. E vocês poderão encontrar os amiguinhos, ir para escola, jogar bola, andar de carrinho de rolimã. E viva a saúde!
Marcos Barbosa (São Paulo, SP)

*

Olá, aqui quem fala é alguém que já tomou a terceira dose da vacina contra a Covid-19 e posso dizer que estou muito bem! Não tenha medo da agulha, ela é menor do que foi a minha; apenas relaxe o braço.
Calebe Souza (Mogi das Cruzes, SP)

*

Prepare o braço e depois vamos tomar sorvete.
Rafael Moraes (João Monlevade, MG)

*

A primeira razão para tomar a vacina é a vida. Viver é muito bom: correr, jogar bola, brincar de boneca, ir à escola e encontrar os amigos. E a vacina garantirá que vocês poderão fazer isso com mais segurança. A segunda razão é que vocês são a esperança de um mundo mais justo e bonito no futuro, e essa não será uma tarefa fácil. A vacina permitirá que vocês cheguem lá mais saudáveis e dispostos.
Pedro Rangel Soares (Rio de Janeiro, RJ)

*

Crianças vocês são vida, alegria e esperança do Brasil. Tomem a vacina e mostrem que vocês são corajosas e inteligentes e que querem um futuro melhor do que o pressente.
Denis Jordan Moraes Soloneto dos Santos (Sarandi, RS)

*

Para garantir a sua segurança e a das pessoas que você ama, é importante se vacinar.
Karina Carvalho (Marília, SP)

*

Vacinem-se. Vocês são o futuro deste país, e é preciso que estejam saudáveis.
Rosilda Souza (São Paulo, SP)

*

Estimadas crianças: não sejam como Bolsonaro, que prefere a contaminação à vacina; não sejam como o ministro Queiroga, que questiona estudos já comprovados; não sejam como os que insultam e xingam. Sejam como os médicos e os trabalhadores da saúde. Sejam como todos aqueles que tiveram a coragem de receber uma agulhada.
Fernando Vasconcelos (João Pessoa, PB)

*

Eu me vacino, você se vacina e salvamos todos os que amamos.
João Wagner Galuzio (São Paulo, SP)

Temas mais comentados pelos leitores no site
De 15 a 21.jan - Total de comentários: 15.890

826	Racismo de negros contra brancos ganha força com identitarismo (Ilustríssima) **16.jan**
299	Afastamento de militares de Bolsonaro é sinalização a Lula (Poder) **15.jan**
272	Valeu, **Folha**! (Catarina Rochamonte - Opinião) **16.jan**

OUTROS ASSUNTOS

Pandemia

"Todos os programas adotados no Brasil na pandemia deram certo, diz Guedes" (Mercado, 21/1). O combate à pandemia deu tão certo que somos 2,7% da população mundial mas temos quase 12% das mortes.
José Carlos Betoni (Brasília, DF)

*

Deu tão certo que muitos brasileiros agora trocam carne para ossos.
Pierre Laville (Salvador, BA)

*

Sim, no Brasil imaginário.
Paolo Valério Caporuscio (São Paulo, SP)

Força-tarefa

"Deltan recebe R$ 191 mil de férias ao se desligar do Ministério Público" (Poder, 21/1). Dinheiro! queria mesmo era o fundo de R$ 1 bilhão. Como não deu certo, vai tentar a vida na política.
Cristina Dias (Curitiba, PR)

Diplomacia

"Embaixadores pedem a Temer que ajude a restabelecer relação do Brasil com o mundo" (Painel, 21/1). Não haveria na nação pessoas mais qualificadas, senhores embaixadores?
Paulo Astor Soethe (Curitiba, PR)

poder

PAINEL | Fábio Zanini

painel@grupofolha.com.br

Alvo vermelho

O governador João Doria (PSDB) definiu como estratégia de campanha, ao menos no início, centrar artilharia em Lula (PT), mais até do que em Jair Bolsonaro (PL). A avaliação é que é preciso iniciar de imediato o processo de desconstrução do petista, que reina nas pesquisas e pode até ganhar no primeiro turno. O rol de críticas é conhecido: recessão, mensalão, apoio a ditaduras e Lava Jato, citando sempre que as vitórias judiciais do ex-presidente foram por questões processuais, não de mérito.

TOM MENOR Com relação a seu ex-padrinho Geraldo Alckmin, possível vice do petista, Doria será mais cuidadoso. Mas não deixará de acusá-lo de "endossar um corrupto" e dizer que não há como separar o velho Lula do atual.

START Em abril, já fora do cargo, o tucano iniciará sua pré-campanha pelo Vale do Jequitinhonha, no norte de MG, que tem altos níveis de pobreza. Ele usará como exemplo o Vale do Ribeira, onde o governo diz ter elevado o índice de desenvolvimento em 30%. Depois, irá à Bahia, estado que para ele tem forte simbolismo, terra de seu pai.

SÓ PRA CONTRARIAR Estrela da campanha de Ciro Gomes em 2018, a promessa de tirar milhões de endividados do SPC (Serviço de Proteção ao Crédito) voltou de forma discreta. O tema mereceu apenas duas frases no longo discurso de lançamento da pré-campanha do pedetista na sexta (21).

ONDE PEGA Para a ala dominante do PSOL, o programa de governo de Lula será o fator fundamental na definição de apoio ao ex-presidente, mais até do que a presença ou não de Alckmin na chapa.

É A VIDA O partido começa em fevereiro a discutir um programa para apresentar ao PT, com pontos como revogação de teto de gastos, forte agenda ambiental e revisão de reformas de Temer e Bolsonaro. Se forem incorporados, o PSOL está disposto a tolerar a presença do ex-tucano como neoaliado.

MARCAÇÃO CERRADA Em um grupo de WhatsApp de apoiadores, Sergio Moro (Podemos) ironizou artigo publicado na **Folha** na sexta (21) por ex-secretários do Ministério da Justiça em governos do PT, no qual atacam propostas do ex-juiz para reformar o Judiciário.

NA LATA "Bom foi o Ministério da Justiça durante o governo do PT. Corrupção se espalhou, assassinatos explodiram, crime organizado cresceu", escreveu o ex-ministro.

DEIXA DISSO Membros da direção do PT tentam convencer Luiz Inácio Lula da Silva a abrir mão do compromisso de indicar sempre o mais votado na lista tríplice para diversos cargos, sobretudo o de procurador-geral da República.

PENSA BEM O argumento é que é preciso ter mais flexibilidade nas opções, para não correr o risco de escolher autoridades que depois possam causar dores de cabeça ao partido.

TRADIÇÃO O ex-presidente, no entanto, resiste aos apelos, dizendo que sempre adotou a prática de nomear o mais votado quando esteve no poder e que não pretende mudá-la em um novo mandato.

INSINUAÇÃO Advogada de Jair Bolsonaro, Karina Kufa diz que o ex-ministro Abraham Weintraub agiu de má fé ao perguntar, numa rede social, sobre o destino dos recursos do Aliança, partido que seria criado pelo grupo do presidente.

CABO DE GUERRA Segundo ela, a agremiação não recebeu depósitos na conta que controlava como tesoureira porque nem mesmo chegou a ser constituído um partido.

INSOLÚVEL A rixa é mais um exemplo de divisão entre apoiadores do presidente, às vésperas do início da campanha eleitoral. Em geral, as brigas dividem a ala ideológica e setores mais pragmáticos, como o centrão. Na direita, já há quem preveja um racha permanente.

REFORÇO O Conselho Estadual de Saúde da Bahia, órgão vinculado ao Conselho Nacional de Saúde, publicou recomendação solicitando que o governo Rui Costa (PT) adote medidas mais firmes para o combate à pandemia no estado.

PASSAPORTE A instância pede que o governo da Bahia exija comprovante de vacinação em hotéis, consultórios médicos, academias e shopping centers, entre outros locais, e aponta uma suposta inação da gestão estadual no momento em que cresce a ômicron.

TIROTEIO

"Em vez de chamar o Meirelles, Ciro vai taxar o Meirelles, se for eleito presidente da República

De Antonio Neto, presidente do PDT de São Paulo, sobre a proposta do candidato Ciro Gomes (PDT) de taxar as grandes fortunas

com Guilherme Seto e Fabio Serapião

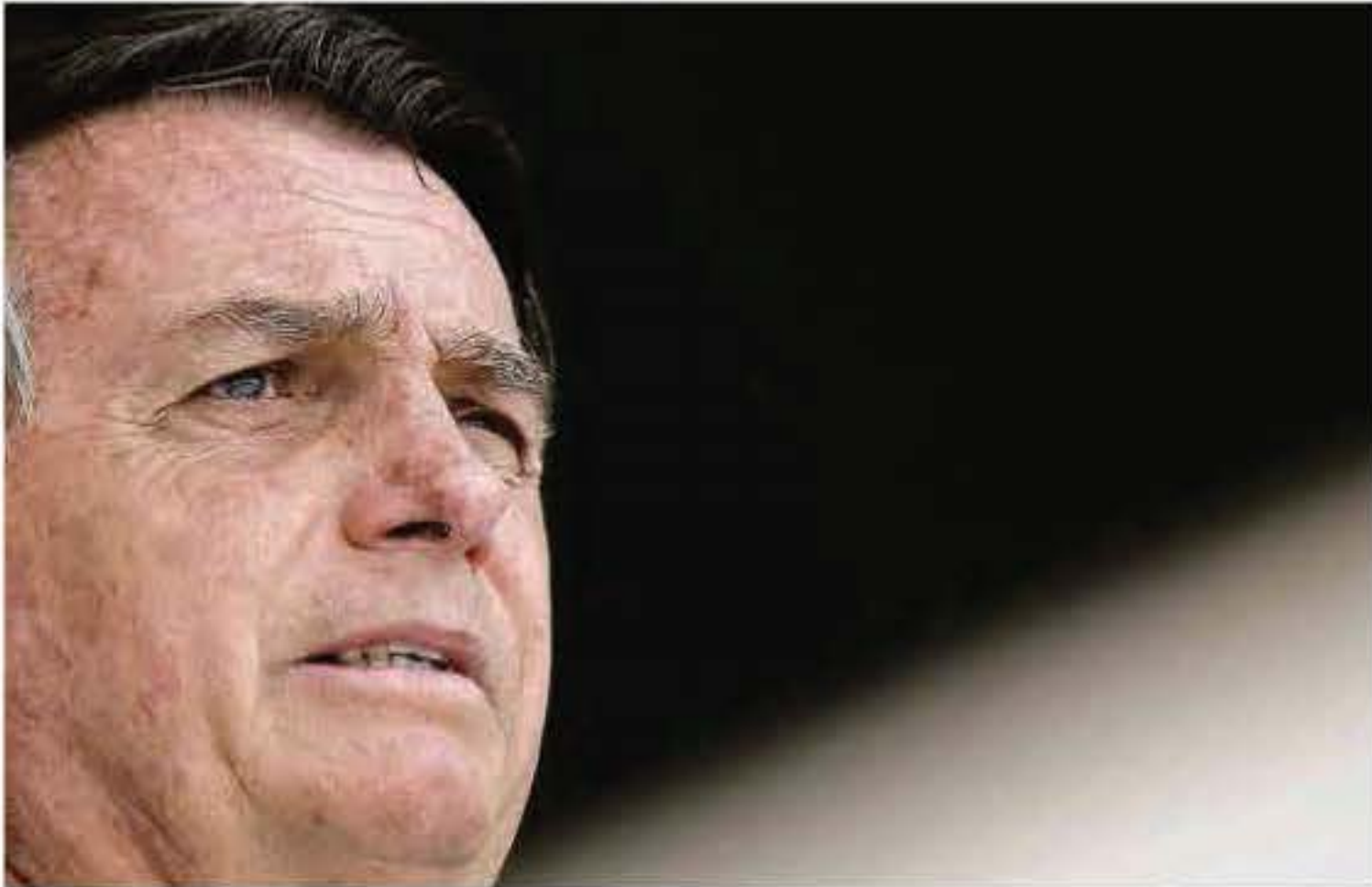
GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL	Digital Ilimitado	Digital Premium
DO 1º AO 3º MÊS	R$ 1,90	R$ 1,90
DO 4º AO 12º MÊS	R$ 9,90	R$ 9,90
A PARTIR DO 13º MÊS	R$ 29,90	R$ 39,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa seg. a sáb.	Venda avulsa dom.	Assinatura semestral* Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R$ 5	R$ 7	R$ 827,90
DF, SC	R$ 5,50	R$ 8	R$ 1.044,90
ES, GO, MT, MS, RS	R$ 6	R$ 8,50	R$ 1.318,90
AL, BA, PE, SE	R$ 9,25	R$ 11	R$ 1.420,90
Outros estados	R$ 10	R$ 11,50	R$ 1.764,90

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)
358.659 exemplares (novembro de 2021)

O presidente Jair Bolsonaro durante cerimônia no Planalto Adriano Machado-16.dez.21/Reuters

Bolsonaro investe em comparações com Dilma para desgastar Lula

Avaliação de aliados é que a campanha do atual presidente não pode se converter em comparação com as gestões do petista

Ricardo Della Coletta, Mateus Vargas e Marianna Holanda

BRASÍLIA O presidente Jair Bolsonaro (PL) deve investir cada vez mais em comparações de seu mandato com o governo Dilma Rousseff (PT), como parte de sua estratégia eleitoral contra o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

De acordo com interlocutores, o plano é agir para ressuscitar os anos Dilma na memória do eleitorado e acenar para um público que se mobilizou pelo impeachment da petista ao longo de 2015.

O plano já tem sido colocado em prática pelo mandatário em declarações recentes: ressaltar índices negativos registrados na administração da petista para defender dados adversos divulgados em seu próprio governo.

Com essa essa ação, Bolsonaro também quer evitar que o PT transforme a campanha presidencial numa comparação dos oito anos de Lula no poder com o atual presidente. Lula deixou o Palácio do Planalto em 2010 com altas taxas de aprovação e baixo desemprego. A ideia de Bolsonaro é reforçar que o período petista no poder também compreende a gestão Dilma e que a recessão iniciada em seu mandato tem reflexos até hoje.

A avaliação de aliados de Bolsonaro é que o PT vai tentar esconder a crise econômica desencadeada no governo da sucessora de Lula e que é preciso evitar que a gestão Dilma não esteja presente no debate eleitoral.

Em entrevista a uma rádio do Espírito Santo na segunda (17), Bolsonaro investiu contra a administração da petista.

"[Em] 2014, 2015, o Brasil perdeu 2,5 milhões de empregos. Quando se fala emprego, é com carteira assinada, que tem um controle por parte de órgãos do governo federal. E não teve pandemia, não teve nada. Era o governo do PT, da senhora Dilma Rousseff", disse Bolsonaro.

No dia seguinte, em conversa com apoiadores, ele insistiu no argumento.

"Deus nos salvou do socialismo. Garotada, que em grande parte apoia, não sabe o que foi este governo aqui, fica gritando aquele papo furado, falando de inflação. Inflação, sim, tem inflação. O mundo todo está com inflação. Tivemos inflação de 10% com a Dilma, não teve pandemia, nada. Nós tivemos 10% com pandemia", afirmou.

A referência ao socialismo não é por acaso. Auxiliares afirmam que um dos motes da campanha deve ser tentar repetir a fórmula já empregada em 2018: tachar seus adversários, da centro-direita à esquerda, de comunistas e socialistas.

Em 19 de janeiro, houve nova estocada em Dilma. "Eu decidi disputar a Presidência depois da eleição da Dilma. Poxa vida, alguém tem de fazer alguma coisa. Era um deputado, para ser educado, do baixo clero", afirmou.

Na semana anterior, ele já havia destacado a inflação registrada durante o mandato de Dilma para se defender das críticas pela alta dos preços de 2021 medida pelo IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo). Nos 12 meses do ano passado, o IPCA acumulou variação de 10,06%.

"Olha só, se não me engano em 2014 ou 2015 a inflação foi de 10% também. Me aponte qual crise aconteceu nesses dois anos? Não teve crise nenhuma. Nós tivemos aqui a questão da Covid", disse Bolsonaro na ocasião.

Assessores presidenciais destacam que a inflação é um dos principais obstáculos para a reeleição de Bolsonaro.

Nesse sentido, ele pretende endossar uma PEC (Proposta de Emenda à Constituição) que atropela a LRF (Lei de Responsabilidade Fiscal) e permite, sem necessidade de compensação, o corte temporário de tributos sobre combustíveis e energia elétrica.

O presidente busca terceirizar as responsabilidades pela inflação. Ele tem dito que o aumento de preços ocorre no mundo todo e que, no Brasil, a culpa é de governadores que adotaram quarentenas para conter a Covid-19.

Bolsonaro é vetor de desinformação sobre a pandemia e afirma que o ideal era derrubar as restrições de circulação, ainda que a doença tenha matado mais de 620 mil pessoas no Brasil.

O atual presidente é o segundo colocado nas pesquisas para eleição ao Planalto deste ano, atrás de Lula. Em eventos recentes, Bolsonaro também tem apontado como méritos de sua gestão a oposição a grupos que apoiam as candidaturas petistas, como o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra).

> "[Em] 2014, 2015, o Brasil perdeu 2,5 milhões de empregos. Quando se fala emprego, é com carteira assinada, que tem um controle por parte de órgãos do governo federal. E não teve pandemia, não teve nada. Era o governo do PT, da senhora Dilma Rousseff
>
> **Jair Bolsonaro** em entrevista a uma rádio de Espírito Santo, na segunda (17)

"Todos devem se lembrar que tínhamos algumas dificuldades no passado. Por exemplo, a atuação do MST. Nós praticamente anulamos as ações do MST", disse o presidente na segunda, em evento com representantes do agronegócio.

Para o líder do governo na Câmara, Ricardo Barros (PP-PR), Bolsonaro sabe das fragilidades a serem exploradas contra o PT por já ter disputado um segundo turno com o partido — contra Fernando Haddad, em 2018.

"O presidente Bolsonaro disputa a eleição contra aqueles candidatos que se apresentarem. Como já foi ao segundo turno com o PT, ele sabe exatamente as fragilidades a serem exploradas contra o seu adversário [Lula]. Eu vejo que há uma lógica à comparação do mundo real, dos fatos concretos, de como as coisas aconteceram", afirmou à **Folha**.

A estratégia bolsonarista ocorre em meio a sinalizações do PT de que Dilma deve permanecer em segundo plano na campanha. O partido ainda discute que papel dar à ex-presidente na corrida eleitoral.

Recentemente, um dos vice-presidentes do partido, Washington Quaquá, disse que Dilma não tinha mais relevância eleitoral. Ela tampouco foi convidada para o jantar que sacramentou a aproximação entre Lula e Geraldo Alckmin (ex-PSDB), possíveis aliados em uma chapa presidencial.

Em 2016, ao ler voto favorável ao impeachment da Dilma em votação na Câmara, o então deputado Bolsonaro fez apologia ao torturador Brilhante Ustra.

A ex-presidente foi torturada durante a ditadura militar. O voto foi repudiado por diversas instituições, como a OAB (Ordem dos Advogados do Brasil).

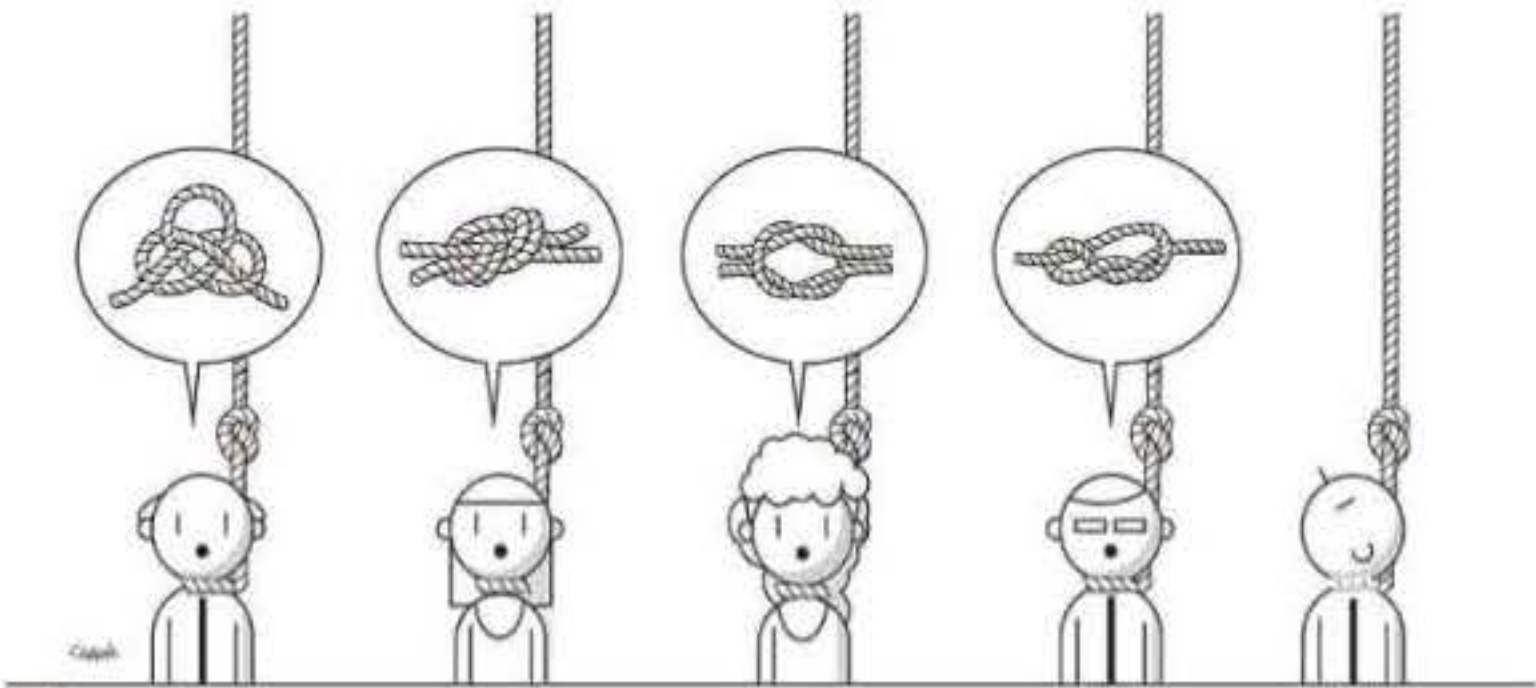
"Perderam em 64. Perderam agora em 2016. Pela família e pela inocência das crianças em sala de aula, que o PT nunca teve. Contra o comunismo, pela nossa liberdade, contra o foro de São Paulo, pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff", disse Bolsonaro.

Morto em outubro de 2015, Ustra foi chefe do DOI-Codi em São Paulo, órgão de repressão política, e o primeiro militar condenado pela Justiça como torturador.

OMBUDSMAN

folha.com/ombudsman
ombudsman@grupofolha.com.br

Ombudsman tem mandato de um ano, com possibilidade de renovação, para criticar o jornal, ouvir os leitores e comentar, aos domingos, o noticiário da mídia. Tel.: 0800-015-9000; fax:(11) 3224-3895

Carvall

Os nós górdios da Folha

Jornal entra em conflito com seus profissionais em discussão sobre racismo

José Henrique Mariante

A **Folha** *celebra seu centenário, mas o jornal que conhecemos, o do Projeto Folha e do papel decisivo no processo das Diretas Já, começou bem depois, nos anos 1980, quando este diário se projetou como o mais importante do país. Sou de uma geração que assistiu adolescente a essa transformação e percebia a* **Folha** *como uma espécie de farol nas trevas de um país irrelevante, inculto e incompleto.*

Seus princípios editoriais, fundamentais naquele momento de mudanças sociais e políticas profundas, ganharam corpo, mas tiveram que ser renovados com o tempo, ainda que alguns preceitos tenham sido apenas reiterados, como o da defesa intransigente da liberdade de expressão.

Na última atualização, em 2019, uma política de diversidade foi acrescentada. O jornal reconhecia "a importância de desenvolver um ambiente plural não só em sua Redação mas na empresa como um todo". "Tornando sua própria equipe mais heterogênea, a **Folha** *espera ampliar os seus horizontes e diversificar também a sua base de leitores", dizia o documento. Assim foi feito, com a criação de uma editoria de diversidade, a contratação de colunistas e a realização de iniciativas como o programa de trainees para profissionais negros, já em sua segunda edição.*

O preâmbulo histórico se faz necessário diante dos eventos ocorridos na última semana. A publicação de um texto de Antonio Risério, no sábado (15), provocou reações em cadeia e uma inédita crise no jornal.

No espaço de poucos dias, uma carta assinada por quase 200 jornalistas da empresa contra a veiculação do artigo pela **Folha** *vazou e foi tornada pública por um concorrente. A reação dura do diretor de Redação, noticiada em reportagem do próprio jornal, foi tomada como ameaça aos profissionais da casa e criticada sem meias palavras por um de seus colunistas.*

Manifestação de jornalista contra o próprio jornal não é algo incomum na Europa e nos EUA. No Brasil, em geral, ocorre atrelada a disputas trabalhistas. É difícil, no entanto, encontrar algo parecido na história recente da **Folha***. Muitas disputas entre repórteres e redatores e o comando do jornal aconteceram, porém nunca de maneira tão explícita e ruidosa. O jornal adora abrigar uma polêmica, costuma-se dizer. A verdade é que ele próprio virou uma.*

Não precisava ter sido assim, a começar pela seleção do artigo. Se o jornal acha importante discutir a questão identitária, a ponto de voltar ao assunto reiteradamente, seria saudável variar os analistas. Risério não parece ser a única voz crítica ou a mais importante. Pelo contrário, vem se notabilizando como mero polemista, não apenas na **Folha***, mas também em outros veículos, como o Estadão, onde igualmente obtém espaço frequente.*

Ainda que o autor fosse inevitável, não é preciso ser especialista para intuir quando um título vai dar problema ou, no caso, muito problema: "Racismo de negros contra brancos ganha força com identitarismo". Tal tipo de conteúdo demanda antídotos de edição. O mais simples deles é publicar, simultaneamente, um artigo de oposição ou texto didático sobre o assunto — a era Bolsonaro e o negacionismo aplicado à pandemia tornaram essa prática ainda mais rotineira.

De volta aos princípios editoriais do jornal, como descrito no item sobre pluralidade, é preciso "registrar com visibilidade compatível pontos de vista diversos implicados em toda questão controvertida ou inconclusa".

O jornal fez isso nos dias seguintes, mas esse outro lado à prestação gerou acusações de ter montado uma estratégia por audiência. Quando um artigo provoca a publicação de muitos textos contrários por necessidade de equilíbrio, e foram vários desta vez, resta evidente o que se passou.

Em outubro, quando outro episódio em torno do antropólogo também provocou forte reação de colunistas e leitores, esta coluna advertiu que a dúvida não era mais se a **Folha** *tinha colunistas e colaboradores racistas, mas se o racismo não estava no próprio jornal. "A* **Folha** *é racista?", título do artigo, foi uma das perguntas mais frequentes na caixa de entrada do ombusdman nessa última semana.*

Indagava-se também se o jornal esperava algo diferente de uma Redação que a própria empresa faz força para tornar mais diversa. Parte de seus jornalistas está dizendo claramente que a ampliação de horizontes preconizada por seu projeto editorial em 2019 já é realidade. Outra percepção sobre o racismo parece o efeito mais óbvio desse processo.

Opô-lo simplesmente à liberdade de expressão é se deixar cair em armadilha, dessas que figuras como Bolsonaro adoram instalar em redes sociais.

Nós górdios, como se sabe, demandam reflexão e ocultam soluções simples depois de parecerem insuperáveis.

A **Folha** *tem uns tantos para desatar. É preciso calma.*

Lula vai atrás de figuras históricas do PSDB e fala em mutirão para governar

Segundo aliados, petista diz que, se vencer eleição, encontrará país pior do que recebeu de FHC

Ranier Bragon e
Catia Seabra

BRASÍLIA E RIO DE JANEIRO Quase 20 anos após vencer as eleições que o levaria ao seu primeiro mandato presidencial, Luiz Inácio Lula da Silva, 76, busca a volta ao poder tendo ao seu lado boa parte do PT de 2002, mas patrocina uma tentativa de trazer para seu entorno políticos de centro e centro-direita, entre eles, figuras históricas do —por décadas— rival PSDB.

Muito mais do que representar uma nova Carta ao Povo Brasileiro, a possível composição com o ex-tucano Geraldo Alckmin é a face mais visível da convicção de Lula, dizem, de que tão importante quanto a vitória é garantir um arco de apoio político suficiente para governar.

Na sexta (21), Lula encontrou-se com o ex-senador e ex-ministro Aloysio Nunes Ferreira, figura emblemática para o PT por ter sido vice de Aécio Neves (PSDB) na eleição de 2014 e por ter integrado, depois, as fileiras da articulação política que resultou no impeachment de Dilma Rousseff, em 2016.

Foi a segunda vez que eles se reuniram em pouco mais de de dois meses.

Segundo o tucano, Lula listou o que, na sua opinião, são retrocessos produzidos pelo governo Bolsonaro e defendeu a colaboração suprapartidária, à exceção da extrema-direita, para superação desses desafios.

"Ele disse o seguinte: 'Se eu for candidato, e se eu for eleito, preciso de um mutirão para governar'", afirmou Aloysio. Ainda segundo ele, Lula não falou em alianças eleitorais. Mas na reconstrução de um espírito colaborativo.

No encontro, a convite de Lula, os dois lembraram momentos em que PT e PSDB se uniram em torno de uma agenda convergente, como na política de transferência de renda, no Código Florestal e no Marco Civil da Internet.

Após uma hora e meia de conversa, o ex-senador manifestou-se a favor da chapa Lula-Alckmin para a corrida presidencial. De acordo com o tucano e também com petistas, Lula tem dito que, se voltar ao poder, terá pela frente a administração de um país em condições mais desafiadoras do que recebida de Fernando Henrique Cardoso em 2003.

E que, para governar, é imprescindível ter uma base sólida e canais abertos com parlamentares da oposição.

Além de Aloysio, Lula já se encontrou com FHC —quando trocaram afagos mútuos—, com o ex-governador de Goiás Marconi Perillo, e com os ex-senadores Arthur Virgílio (AM) e Tasso Jereissati (CE).

Em uma deferência, Lula foi à casa de FHC, em São Paulo, e ao escritório de Tasso, em Fortaleza. Outros encontros aconteceram em campos neutros, como a casa ou escritórios de amigos em comum.

A grande maioria dos políticos que criaram PT e PSDB militaram contra a ditadura militar. Os tucanos surgiram de uma dissidência do MDB, partido de oposição ao regime. Na redemocratização, houve um ensaio de aproximação entre as duas siglas, mas não prosperou.

Com isso, petistas e tucanos acabaram se tornando rivais e polarizaram as eleições nacionais de 1994 a 2014, com duas vitórias do PSDB (1994 e 1998) e quatro do PT (2002, 2006, 2010 e 2014).

"Eu sou dos que sempre defenderam que foi um azar histórico, na retomada da democracia, se contraporem PT e PSDB. As duas novidades pós-governo militar foram PT e PSDB", afirmou no final de dezembro, em entrevista à **Folha**, o ex-ministro, ex-governador da Bahia e hoje senador Jaques Wagner.

Ele é um dos defensores da chapa Lula-Alckmin: "Quem quiser montar uma chapa competitiva terá que montar uma chapa em que presidente e vice sejam complementares. Eu entendo que o Alckmin é uma possibilidade porque ele é complementar ao Lula. Não se faz sanduíche de pão com pão, tem que botar um recheio".

Além da busca de alianças e apoios mais ao centro, Lula tem orientado seus emissários a tentar ao máximo fechar federações com siglas de esquerda, como PSB, PC do B e PSOL. De acordo com aliados, Lula diz que esse novo modelo de união, que exige atuação conjunta por ao menos quatro anos, é mais desejável do que coligações eleitorais, que podem ser desfeitas a qualquer momento.

Vinte anos depois de conseguir seu primeiro mandato presidencial, Lula tem em seu círculo mais próximo várias pessoas que já figuravam com destaque na campanha de 20 anos atrás —muitos, assim como Lula, estão na casa dos 60 e 70 anos de idade.

Um dado significativo é que o PT cresceu nos anos 1980 e 1990 bastante identificado com a juventude. Hoje a bancada de deputados federais da sigla é a mais velha da Câmara, na média (58 anos).

"Um problema que toda esquerda brasileira enfrenta é uma necessidade de renovação na faixa dos 20 e 30 anos. A gente tem poucas pessoas com destaque mais amplo. A nossa bancada, quando entrei na bancada federal, era a mais jovem da Câmara", diz o ex-ministro e ex-presidente do PT Ricardo Berzoini, 61.

Jaques Wagner tem opinião semelhante: "Eu sou um cara quase obsessivo com negócio de renovação. Nada contra a terceira idade, até porque eu estou nela, mas acho que não podemos ficar dependendo só de uma geração. Tem que puxar a moçada. Acho que o PT precisa cuidar disso, está cuidando menos do que deveria, na minha opinião", diz ele.

Aos 70 e prestes a disputar novo mandato como governador da Bahia, ele brinca, fazendo uma comparação com empresas: "Eu acho que a gente, a moçada da terceira idade, deveria ir para o 'Conselho de Administração', para opinar".

O documentário "Entretatos", que acompanhou a campanha de Lula na reta final da eleição de 2002, tem uma cena simbólica que mostra a porta se fechando para uma primeira reunião decisiva entre o núcleo mais próximo do petista, ainda no hotel de São Paulo em que ele assistiu à sua vitória sobre José Serra (PSDB) no segundo turno.

Na sala estavam sete pessoas, além de Lula. Duas delas já morreram --Marisa Letícia, mulher de Lula, em 2017, aos 66 anos, em decorrência de um AVC, e Luiz Gushiken, em 2013, vítima de câncer, aos 63.

Dos outros cinco, um caiu em desgraça dentro do PT. Antonio Palocci, que seria ministro da Fazenda do governo Lula e da Casa Civil do governo Dilma, rompeu com a sigla após ser preso e se tornar um dos delatores da Lava Jato.

Os outros quatros, todos acima dos 65 anos hoje, permanecem no PT, três deles em postos de comando e com certa proximidade a Lula.

Aloizio Mercadante (eleito senador em 2002; viria a ser ministro da Ciência e Tecnologia, Casa Civil e Educação nos governos Dilma), 67, hoje preside a Fundação Perseu Abramo, o órgão de estudos e pesquisas do PT. Ele não foi ministro do governo Lula e é visto com desconfiança por setores do PT, que o consideram em "estágio probatório". Ele é apontado como um dos responsáveis pelo lançamento de Dilma à reeleição ao invés de ceder lugar para Lula.

Gilberto Carvalho (chefe de gabinete da Presidência na gestão Lula e secretário-geral da Presidência na gestão Dilma), 71, é diretor da Escola Nacional de Formação Política do partido. Luiz Dulci (ministro da Secretaria-Geral da Presidência nas gestões Lula), 66, é membro da Executiva nacional do PT. Ele ainda hoje participa das reuniões com Lula.

O sétimo integrante da primeira reunião formal de Lula eleito em 2002, José Dirceu, 75, se tornaria ministro da Casa Civil, mas saiu no escândalo do mensalão (2005). Ele sofreu condenações e prisões no mensalão e na Lava Jato e foi solto em 2019 após o STF voltar atrás em entendimento que determinava o cumprimento da pena após julgamento do caso em segunda instância.

Atualmente participa informalmente das discussões internas do PT. Em entrevista em dezembro a Breno Altman, do site Opera Mundi, Dirceu fez várias considerações sobre campanha e um possível futuro novo governo.

Entre elas, a de que "Lula e o PT precisam de uma política mais ampla que a esquerda para derrotar o bolsonarismo e governar o país" (falando sobre a aliança com Alckmin) e de que o programa de eventual governo tem que se contrapor ao das duas últimas gestões —"O programa nosso será, no fundo, um contraprograma a tudo o que foi feito pelo Temer e pelo Bolsonaro. É só contrapor cada reforma previdenciária, trabalhista ou administrativa que tentaram, teto de gasto, regra de ouro, essa política de concentração de renda e riqueza do país".

De fora daquela reunião no hotel de São Paulo, mas já com militância de destaque no PT e ainda hoje no círculo próximo de Lula, estão, entre outros, Rui Falcão, 78 —que presidiu a sigla em 2011 e 2017 e hoje é membro da Executiva Nacional—, e Paulo Okamotto, 65, amigo de longa data do ex-presidente e fundador do Instituto Lula.

Dos nomes novos que surgiram pós-2002, o principal é o de Fernando Haddad, 58, que despontou para o primeiro time do PT após comandar o ministério da Educação nos governos Lula e Dilma. Muitas vezes chamado de "o mais tucano dos petistas", Haddad é um dos responsáveis pela aproximação com o PSDB.

Ele foi escolhido por Lula para ser candidato a prefeito de São Paulo em 2012 (ganhou) e a presidente em 2018 (perdeu). Hoje é o nome do partido para o governo de São Paulo.

Gleisi Hoffmann (senadora e ministra da Casa Civil na gestão Dilma), 56, ganhou destaque por sua atuação à frente do PT no período da prisão de Lula. Ela preside o PT desde 2017 e é uma das pessoas mais influentes junto ao ex-presidente.

Lula faz reunião com seus aliados mais próximos em um hotel de São Paulo, no dia em que foi eleito presidente da República, em 2002 Reprodução/TVT/documentário Entreatos

O núcleo próximo a Lula em 2002 e onde está cada um hoje, 20 anos depois

1. **Aloizio Mercadante**
Eleito senador em 2002, viria a ser ministro da Ciência e Tecnologia, Casa Civil e Educação nos governos Dilma. Hoje preside a Fundação Perseu Abramo, o órgão de estudos e pesquisas do PT

2. **Luiz Gushiken**
Viria a ser ministro da Secretaria de Comunicação de Governo na gestão Lula. Morreu em 2013, vítima de câncer, aos 63 anos

3. **Gilberto Carvalho**
Viria a ser chefe de gabinete da Presidência na gestão Lula e secretário-geral da Presidência na gestão Dilma; é hoje chefe de gabinete da presidência do PT e diretor da Escola Nacional de Formação Política do partido

4. **Luiz Dulci**
Viria a ser ministro da Secretaria-Geral da Presidência nas gestões Lula. Hoje é membro da Executiva nacional do PT

5. **Marisa Letícia**
Mulher de Lula, morreu em 2017, aos 66 anos, em decorrência de um AVC

6. **Antonio Palocci**
Viria a ser ministro da Fazenda do governo Lula e da Casa Civil do governo Dilma. Rompeu com o partido após ser preso e se tornar um dos delatores da Lava Jato

7. **José Dirceu**
Viria a ser ministro da Casa Civil no governo Lula. Sofreu condenações e prisões nos escândalos do mensalão e da Lava Jato. Foi solto em 2019 após o STF voltar atrás em entendimento anterior que determinava o cumprimento da pena após julgamento do caso em segunda instância. Atualmente participa informalmente das discussões internas do PT

Outros integrantes do núcleo próximo a Lula

- **Fernando Haddad**
Ministro da Educação nos governos Lula e Dilma, foi escolhido por Lula para ser candidato a prefeito de São Paulo em 2012 (ganhou) e a presidente em 2018 (perdeu). Hoje é o nome do partido para o governo paulista

- **Celso Amorim**
Ministro das Relações Exteriores no governo Lula e da Defesa no governo Dilma, é hoje uma das referências do petista para assuntos internacionais

- **Franklin Martins**
Ministro-chefe da Secretaria de Comunicação da Presidência no governo Lula, coordena hoje a comunicação do PT e da pré-campanha de Lula

- **Gleisi Hoffmann**
Senadora e ministra da Casa Civil na gestão Dilma, hoje preside o PT e é uma das pessoas mais próximas a Lula

- **Emídio de Souza**
Deputado estadual, ex-tesoureiro do partido e ex-prefeito de Osasco

- **Rui Falcão**
Deputado federal e presidente do PT de 2011 a 2017

- **Paulo Okamotto**
É próximo a Lula há décadas, e permanece assim. Um dos fundadores do Instituto Lula, atualmente integra sua diretoria

- **José Guimarães**
Deputado federal e integrante da executiva nacional do PT

- **Jaques Wagner**
Ex-governador da Bahia, hoje senador e nome do PT para o governo da Bahia

> Ele disse o seguinte: Se eu for candidato, e se eu for eleito, preciso de um mutirão para governar
>
> **Aloysio Nunes Ferreira**
> após encontro com Lula

> Um problema que toda esquerda brasileira enfrenta é uma necessidade de renovação na faixa dos 20 e 30 anos. A gente tem poucas pessoas com destaque mais amplo
>
> **Ricardo Berzoini**
> ex-ministro e ex-presidente do PT

> Eu sou dos que sempre defenderam que foi um azar histórico, na retomada da democracia, se contraporem PT e PSDB. As duas novidades pós-governo militar foram PT e PSDB
>
> **Jaques Wagner**
> em entrevista em dezembro

Ex-colega de Dilma fala em livro de vida na prisão durante ditadura

Ana Maria Ramos Estevão aborda convivência na cadeia e culpas em 'Torre das Guerreiras'

Felipe Bächtold

SÃO PAULO Décadas se passaram até que a professora universitária Ana Maria Ramos Estevão conseguisse vir a público expor o que viveu durante o regime militar.

O relato pessoal dela de perseguições, companheirismo na cadeia e torturas durante o auge da repressão está no livro "Torre das Guerreiras e Outras Memórias", lançado pela editora 106.

Ana Maria, hoje com 73 anos, foi colega de cela no presídio Tiradentes, em São Paulo, da ex-presidente Dilma Rousseff e de outras militantes. Dilma ficou presa no local por quase três anos. Ana Maria esteve lá detida por sete meses.

O título do livro ironiza o apelido "torre das donzelas" dado por presos homens à ala feminina do presídio, tido pela autora como conotação machista.

Nordestina, de origem pobre, aluna do curso de serviço social, a autora tinha atuação, dentro do movimento estudantil, no apoio logístico a integrantes da ALN (Ação Libertadora Nacional), um dos principais grupos da luta armada no período.

As descrições das torturas sofridas logo após a prisão estão entre as partes mais impactantes do relato. Ana Maria diz que sofreu choques elétricos por períodos em que não consegue dimensionar por ter perdido a noção de tempo. "Deus não existe na tortura, ficamos sós, completamente. Solidão pior que a da morte."

Em um dos trechos, expressa a culpa que a afligiu por anos pelo fato de ter mencionado em interrogatório uma amiga. Mas entende que é "cruel e perverso" esperar atitude heroica de quem foi submetido a tal sofrimento.

No depoimento, diz que reconheceu em uma das ocasiões o à época major Carlos Alberto Brilhante Ustra, chefe de uma das unidades da repressão, frequentador da Igreja Metodista, assim como ela. O oficial, que morreu em 2015, voltou ao noticiário político nos últimos anos ao ser elogiado pelo presidente Jair Bolsonaro, que é capitão reformado do Exército.

Foi Ustra, diz Ana Maria, quem deu a ordem para que uma sessão de pau de arara cessasse porque a torturada era fraca e "não resistiria". Os militares perceberam posteriormente, segundo a autora, que havia outros alvos com potencial de informações muito maior.

O livro também menciona o caso do ativista Márcio Toledo, que foi morto por companheiros de guerrilha na época em que ela já estava presa, e diz que a atitude foi enfaticamente criticada pelos demais militantes.

Protesto de familiares de presos políticos no lado de fora do presídio Tiradentes, em SP, em 1968, ainda antes do AI-5 Folhapress

> Deus não existe na tortura, ficamos sós, completamente. Solidão pior que a da morte
>
> **Ana Maria Ramos Estevão**
> no livro "Torre das Guerreiras"

> Seu tom de voz era invariavelmente professoral e de comando, mesmo quando a gente não estava discutindo política
>
> sobre Dilma

A justificativa dada para a morte, conta ela, eram "questões de segurança", por Toledo cogitar abandonar a luta armada.

"Não deveria ter sido difícil aceitar que algumas pessoas não tinham estrutura emocional para militar daquela maneira e que elas podiam mudar de ideia, simplesmente reconhecer suas limitações."

Ela conclui: "De todas as culpas que carregamos, essa é a pior porque é coletiva, não tem perdão". Antes da prisão, Ana Maria havia convivido com Carlos Eugênio Sarmento da Paz, conhecido como Clemente, um dos líderes da ALN e que morreu em 2019.

Outro ponto alto do depoimento é a descrição do dia a dia dos presos políticos na "torre", quase todas jovens na faixa dos 20 e poucos anos. O presídio, antiga cadeia de escravos fugitivos no século 19, foi demolido nos anos 1970.

Ana Maria fala de revistas nas celas feitas de surpresa de madrugada, da preocupação com colegas grávidas e do envio de recados, para visitantes, escondidos em peças de artesanato produzidas pelas detentas.

Diz que havia o hábito de cantar o tempo todo. "Por tristeza, para avisar das novidades, quando alguém chegava, quando alguém saía".

Recorda também de intensa "conversa" com os homens da ala vizinha graças a uma parede nos banheiros na qual trocavam mensagens em código Morse.

Ao falar da convivência com as companheiras de cela, lembra que uma delas, Heleny Guariba, sumiria meses depois e hoje é considerada desaparecida política do regime.

A ex-presidente Dilma aparece esporadicamente nos relatos. É descrita como estudiosa e com bom humor para inventar apelidos para todas as integrantes da ala. "Seu tom de voz era invariavelmente professoral e de comando, mesmo quando a gente não estava discutindo política."

No prefácio, Dilma afirma que a ex-colega conseguiu encontrar pequenas alegrias e motivos para acreditar na humanidade "quando a rotina era a banalidade do mal".

O vínculo formado com as companheiras foi tal que, diz a autora, em "ironia das ironias", ela se sentia protegida e feliz na cadeia. Uma das colegas se tornaria sua orientadora em mestrado na USP.

Ana Maria voltou a ser presa em duas ocasiões, em 1972 e 1973. Sentindo-se ameaçada, imaginando que seria novamente alvo da repressão por seus muitos contatos entre militantes de esquerda, passou um período na Europa graças a uma bolsa de estudos.

Parte do relato também analisa as sequelas das situações dramáticas que viveu. Conta a autora que sofria "ataques de mudez" e que por anos rejeitava ter qualquer conversa sobre política. "Uma dor congelada e não enfrentada permanece doendo", diz no livro.

Torre das Guerreiras e Outras Memórias
Autor Ana Maria Ramos Estevão
Editora 106
Preço R$ 52,90 - (192 páginas)

Bolsonaro minimiza número de mortes de crianças por Covid-19

Artur Rodrigues e Géssica Brandino

ELDORADO (SP) E MOGI DAS CRUZES (SP) Em manhã com clima de campanha eleitoral, o presidente Jair Bolsonaro (PL), neste sábado (22), voltou a minimizar o número de mortes de crianças por Covid e criticou o governo Lula.

Um dia após o enterro da mãe, Olinda, 94, Bolsonaro saiu da casa da família, em Eldorado, interior de SP, e passou mais de uma hora conversando com jornalistas e moradores da cidade.

Ele voltou a defender remédios sem eficácia contra a Covid e disse que o número de mortes de crianças pela doença é insignificante.

De acordo com dados do Sistema de Vigilância Epidemiológica da Gripe (SIVEP-Gripe), desde o começo da pandemia até 6 de dezembro de 2021, foram registradas 301 mortes de crianças entre 5 e 11 anos por Covid.

"Ninguém ouviu dizer que estava precisando de UTI infantil. Não teve. Não tivemos. Eu desconheço criança baixar no hospital. Algumas morreram? Sim, morreram. Lamento, profundamente, tá. Mas é um número insignificante e tem que se levar em conta se ela tinha outras comorbidades."

O presidente disse que o uso da ivermectina teria salvo centenas de milhares de pessoas. A droga não deve ser usada para tratar ou evitar a Covid-19, disse a FDA (agência de alimentos e medicamentos dos EUA)

O presidente aproveitou para rebater críticas da oposição à sua gestão. E adotou a estratégia de comparar sua gestão com a do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), que lidera as pesquisas eleitorais para presidente.

"Quando se fala 'no meu governo se comia melhor'... O Lula governou sem teto [de gastos]. Podia gastar à vontade", disse, afirmando que o Bolsa Família hoje é maior do que na época de Lula.

Bolsonaro citou também a corrupção na Petrobras no governo do adversário. "Agora querem que o ladrão volte à cena do crime, pelo amor de Deus?", disse. "Vocês querem a volta da ideologia de gênero? Querem o loteamento de ministérios? Olha o padrão dos meus ministros e os anteriores."

Juliana Freire

Lula expôs uma plataforma, à sua maneira

Três momentos resumem três horas de palanque

Elio Gaspari

Jornalista, autor de cinco volumes sobre a história do regime militar, entre eles "A Ditadura Encurralada"

Na quarta-feira (19), Lula deu uma entrevista de três horas a jornalistas. Não foi exatamente uma entrevista, mas uma sucessão de pequenos discursos. Afora uma introdução, um deles durou mais de dez minutos.

O jornalista perguntava sobre a amplitude de suas alianças políticas e, no meio da resposta, ele dizia que Jair Bolsonaro não sabe comer camarão. Esse é seu estilo, à vontade no palanque, travado ou parabólico diante de perguntas diretas.

Mesmo assim, Lula foi revelador. Sua primeira frase teve um jeito de bordão, com essência reveladora: é preciso, em primeiro lugar, "colocar o pobre no orçamento e, em segundo lugar, colocar o rico no Imposto de Renda". Num outro momento defendeu a isenção para quem ganha até cinco salários mínimos.

A maioria das perguntas relacionavam-se com a possibilidade de ele vir a ter como companheiro de chapa o ex-governador paulista Geraldo Alckmin e numa das respostas Lula foi revelador. Prevendo um Brasil melhor, reconstruído. A ideia seria essa, se não, "pede a conta e vai embora, deixa a Gleisi (presidente do PT) livre para indicar outro":

"É pra fazer esse país que eu preciso construir uma relação política mais ampla que o PT, e não mais à esquerda, mas ao centro e, se for o caso, até com setores, sabe, de centro-direita.(...) Eu sei a diferença entre falar e fazer".

A entrevista estava no final quando Lula mostrou a nova carta: "Eu não vou fazer com eles o que fizeram comigo." Chamou Sergio Moro de "canalha", mas deixa pra lá.

"Este país precisa de muita solidariedade, muito carinho, muita alegria.(...) Vou fazer uma campanha leve, uma campanha simpática. (...) Não vou ficar respondendo mentira do Bolsonaro."

Há algo de "Lulinha, paz e amor" na promessa. A ver.

Lula seguiu a velha receita: deu xeque-mate nos petistas que o criticam dizendo-lhes que podem procurar outra liderança. Como desde a fundação do partido ela não apareceu, nem ele ajudou para que ela aparecesse, a carta é e será Lula.

Palanque e debate

Lula saiu da entrevista para um almoço com os jornalistas e nele criticou o modelo dos debates entre candidatos: "não funciona".

Sua restrição está no limite de tempo: um minuto para a pergunta, dois para a resposta, outros dois para a réplica e para a tréplica.

Pode ser pouco, mas não há modelo que possa transformar debate em palanque.

Convergência

Lula e Geraldo Alckmin têm a mesma opinião a respeito daqueles que não concordam com a possibilidade de uma aliança entre os dois: são românticos.

Fala Rui Falcão

Rui Falcão, ex-presidente do PT, é um veterano militante do partido e no período em que os companheiros estiveram no governo federal não se lambuzou (expressão do senador Jacques Wagner, do PT da Bahia).

Numa entrevista ao repórter Ranier Bragon, ele criticou a presença de Geraldo Alckmin na chapa de Lula, dizendo o seguinte:

"Primeiro porque temos um programa de reconstrução e transformação do país, como a Fundação Perseu Abramo vem trabalhando.

Segundo, o Alckmin é a contradição a tudo isso que fizemos e pretendemos fazer.

Terceiro, dá uma sinalização muito negativa para uma campanha que tem que ser aguerrida, mobilizada e com a construção de comitês de defesa da eleição do Lula que permaneçam depois como comitês de apoio do programa de transformação."

Combater a aliança com Alckmin é uma coisa, defender "comitês de apoio do programa de transformação" é bem outra.

Briga na direita

Pode-se dizer de tudo contra a esquerda, mas as brigas internas do PT se parecem com discussões de lordes, se comparadas aos bate-bocas dos bolsonaristas.

Registre-se que Abraham Weintraub, alvo e personagem dos últimos arrufos, foi considerado um profissional adequado para o ministério da Educação. Não o estão tratando como tal.

Arrogância

Os advogados que aconselharam a plataforma Telegram a deixar sem resposta quatro mensagens do Tribunal Superior Eleitoral tiveram uma má ideia.

Divergência é uma coisa, malcriação é outra. O Telegram tem sede em Dubai e tornou-se abrigo para disseminação de patranhas odiosas.

Mesmo ministros que simpatizavam com o direito da plataforma constrangeram-se com a arrogância da turma.

A Telegram não tem endereço no Brasil, enquanto seus concorrentes o têm e colaboraram sempre que foram solicitados.

Ninguém deve se esquecer que na ponta da vigilância contra a poluição do debate eleitoral estará o ministro Alexandre de Moraes. Ele não virá para brincadeiras.

Prorrogação

Se não bastassem os penduricalhos da magistratura, alguns presidentes de Tribunais de Justiça em fim de mandato flertam com a ideia de prorrogar os seus mandatos. Argumentam que a pandemia prejudicou suas gestões.

Ao saber disso, Eremildo, o idiota, propõe:

1- Que sejam devolvidos os impostos pagos por pessoas que perderam seus empregos.

2- Que seja criada uma Bolsa Covid, para beneficiar as famílias que perderam seus chefes para a doença.

3- Que sejam prorrogados os contratos de trabalho de todos os profissionais de saúde recrutados em caráter emergencial.

4- Que seja criado um fundo para custear a produção de bustos de bronze, homenageando os presidentes de tribunais durante a duração da pandemia.

5- Que a profissão de idiota seja regulamentada.

Suprema Corte é suprema

Para quem acha que os ministros da Suprema Corte americana vivem encoleirados às posições dos presidentes que os nomearam:

Donald Trump recorreu à Corte para que não fossem divulgadas as comunicações internas da Casa Branca durante a insurreição de 6 de janeiro de 2021. Perdeu de 8x1 e o único voto a seu favor veio de Clarence Thomas, nomeado por George Bush 1º.

Os três juízes nomeados por Trump votaram com o Direito.

A papelada tem tudo para deixar Trump em maus lençóis porque uma banda do seu governo se deu conta do desastre que o presidente incentivou.

Coincidências

Elza Soares morreu no mesmo dia de Garrincha, com quem viveu. No mesmo 20 de janeiro, em 1917, Donga registrou seu samba "Pelo Telefone", um dos primeiros do gênero e certamente o primeiro a cuscar o carimbo.

Corrida aos cargos

Bolsonaristas engravatados mostram-se ansiosos e começaram a acelerar suas corridas a cargos vitalícios.

No Judiciário, o número de telefone mais procurado pelos postulantes é o do ministro Nunes Marques.

Evangélicos querem Damares candidata ao Senado no Amapá contra Alcolumbre

Ministra seria aposta de grupo contra senador; Bolsonaro a convidou para concorrer em São Paulo

Renato Machado e Julia Chaib

BRASÍLIA Última ministra do núcleo ideológico ainda no governo, Damares Alves (Mulher, Família e Direitos Humanos) entrou nos planos do Palácio do Planalto para aumentar a representação bolsonarista no Senado, Casa que impôs derrotas seguidas ao presidente Jair Bolsonaro (PL) e que barrou a sua chamada pauta de costumes.

Ainda resta indefinido, porém, o estado onde a ministra vai lançar sua candidatura. Bolsonaro a convidou para tentar se eleger por São Paulo, mas aliados relatam problemas na composição de chapas, desagradando outros bolsonaristas. A outra alternativa seria o Amapá, em uma grande articulação dos evangélicos para dar o prometido troco no senador Davi Alcolumbre (DEM-AP).

O parlamentar trabalhou contra a aprovação de André Mendonça, ex-advogado-geral da União, para uma vaga no STF (Supremo Tribunal Federal), e acabou derrotado.

Mendonça foi indicado à vaga na corte, e Alcolumbre recebeu em troca uma promessa de evangélicos de que dificultariam sua eleição no estado. O senador deverá tentar mais um mandato de oito anos nesta eleição.

Após a saída de Abraham Weintraub (Educação), Ernesto Araújo (Relações Exteriores), Ricardo Salles (Meio Ambiente), Damares Alves se tornou o bastião do conservadorismo ideológico no governo.

Suas falas e posições contra identidade de gênero, em defesa da família, entre outros assuntos, são ainda apontadas como um elemento de coesão entre o governo e seus militantes, após as mudanças nos ministérios, em particular a chegada do centrão.

Aliados dizem que Damares está muito entusiasmada com a possibilidade de disputar a eleição, mas segue a indefinição sobre o estado em que disputaria a vaga —nas eleições de 2022, haverá apenas uma vaga de senador por estado.

Está em aberto também o partido ao qual ela se filiaria. Damares estava em conversas avançadas com o Republicanos. Mas o PP depois passou a cortejá-la. Segundo integrantes desses partidos, porém, a ministra oscila muito em relação à pretensão política e à legenda à qual pretende se filiar.

Bolsonaro dá sinais conflitantes sobre sua posição. Em entrevista a uma rádio, chegou a afirmar que a convidou a concorrer em São Paulo, na mesma articulação que terá como nome ao governo do estado o do ministro da Infraestrutura, Tarcísio Gomes de Freitas. A ministra ainda não respondeu ao convite.

Em transmissão em suas redes sociais, na quinta (20), disse que Damares está "mais apaixonada pelo Amapá do que por São Paulo". A ideia de Damares ser candidata em São Paulo partiu do próprio Bolsonaro, que busca uma candidatura competitiva para compor a chapa de Tarcísio.

A proposta irritou a deputada estadual Janaina Paschoal (PSL), que quer ser candidata ao Senado e tem o apoio de líderes do centrão para isso.

O próprio Tarcísio vê com simpatia a candidatura de Damares, por avaliar que ela tem carisma e potencial de votos.

Mas também são cogitados os nomes de Janaina e do ex-presidente da Fiesp (Federação das Indústrias de São Paulo) Paulo Skaf para concorrer ao Senado ao lado de Tarcísio.

Hoje, porém, quem conversa com a ministra a vê mais disposta a entrar na disputa pelo Amapá. Damares tem domicílio eleitoral em São Paulo, mas pode alterá-lo até abril.

No Amapá, a candidatura de Damares seria uma aposta para tirar do cenário político de Brasília o ex-presidente do Senado, Davi Alcolumbre.

O político amapaense entrou em rota de colisão com os evangélicos ao segurar por quase quatro meses a sabatina na CCJ (Comissão de Constituição e Justiça) de André Mendonça, o nome "terrivelmente evangélico" que Bolsonaro indicou para uma vaga no STF.

Lideranças evangélicas em todo país alertaram que iriam retaliar Alcolumbre, que busca a reeleição no Senado. Chegaram a pedir que os fiéis transferissem o seu título para o Amapá.

"Se quer derrotar Alcolumbre, Damares não é a receita mais eficiente. Mas, se ela acha que tem condições, será bem-vinda. Acho que seria um bom teste eleitoral para ela, para ver qual seu potencial nas urnas", afirmou o líder da oposição no Senado, Randolfe Rodrigues (Rede-AP), também apontado como pré-candidato ao governo do Amapá.

Políticos amapaenses lembram que não é tradição no estado escolher paraquedistas, nomes de outras localidades que buscam se eleger no Amapá. Uma das exceções foi o ex-presidente da República e ex-senador José Sarney (MDB-AP), cuja base política é o Maranhão. Também não foi aceita a frase recente de Damares, que disse amar os seus "indiozinhos do Amapá".

"Estou orando, presidente? A minha vida é dirigida por Deus. Mas eu confesso que amo o Amapá. Eu amo meus indiozinhos do Amapá!", escreveu a ministra em sua rede social, ao lado de uma foto da entrevista dada por Bolsonaro, na qual a legenda cita o convite a disputar por SP.

A frase incomodou eleitores, que se manifestaram nas redes sociais, lembrando que menos de 5% da população amapaense é indígena.

A candidatura no Amapá se daria na mesma chapa do atual vice-governador Jaime Nunes (Pros), que define por qual legenda se lançará para tentar comandar o estado.

Políticos amapaenses afirmam que Nunes está se empenhando nessa articulação com Damares, de forma a receber um apoio mais direto de Bolsonaro.

Aliados de Alcolumbre estão acompanhando atentos à articulação da ministra. A família do senador já vem de uma derrota nas eleições municipais de 2020, quando seu irmão Josiel Alcolumbre perdeu a prefeitura de Macapá após liderar a maior parte do tempo.

Um apagão no período que antecedeu a eleição contribuiu para o desgaste do candidato, apesar das ações de Alcolumbre e do governo federal para restabelecer a energia —governo e congressista estavam em sintonia maior, na época, quando ele era presidente do Senado.

Na semana passada, em entrevista ao bispo Fábio Sousa (PSDB-GO), a ministra disse que ficou impressionada com a receptividade que Bolsonaro teve em uma viagem ao Amapá e que viu imagens de pessoas que viajaram para ver o presidente.

"Quando eu vi aquelas imagens, eu escrevi: 'Agora eu sei qual é o estado que serei senadora'. Mas era brincadeira... Pegaram como uma verdade e me lançaram como candidata. E vou dizer para você que estou gostando dessa ideia", afirmou Damares.

APRESENTA

EstúdioFOLHA

Tratamento de ponta contra **câncer** exige **equipe multidisciplinar**

Terapias de última geração se somam a profissionais de diversas áreas e ao conceito de ter sempre o paciente no centro de tudo para obter melhores resultados

Um diagnóstico de câncer transforma a vida de todo paciente. Segue-se a ele uma infinidade de exames e, na maioria dos casos, cirurgia, quimioterapia, radioterapia e outra série de exames e procedimentos. Muitas vezes o paciente e seus familiares se sentem perdidos, quase invisíveis no meio dos protocolos.

Por outro lado, o tratamento do câncer é uma das áreas da medicina que mais evoluiu nos últimos anos. A oncologia passou por avanços científicos impressionantes nas últimas décadas, que transformaram muitos tipos de câncer em doenças crônicas.

Vale lembrar que o câncer é o nome genérico para um grupo de mais de 200 doenças. Elas têm um ponto comum: começam com o crescimento e multiplicação anormal e descontrolado das células. Com o envelhecimento da população e o aumento da expectativa de vida, a tendência é de aumento no número de casos de câncer, no Brasil e no mundo.

Ao longo da vida, um a cada cinco homens e uma a cada seis mulheres sofrerão com a doença, de acordo com o Globocan 2018, estudo da Agência Internacional para a Pesquisa do Câncer.

Como lidar com esse cenário? O modelo tradicional das últimas décadas e que continua a ser aplicado em vários lugares é, diante da suspeita de câncer, o paciente procura um oncologista, que o direciona para a biópsia com um cirurgião e, confirmado o diagnóstico, há encaminhamento para tratamento.

O Samaritano, hospital da Rede Americas, adota o modelo cancer center, que permite o diagnóstico, o tratamento e a reabilitação em um só lugar. Como uma orquestra, entra em cena uma equipe multidisciplinar que inclui desde oncologistas-clínicos e cirurgiões oncológicos até psicólogos.

"O atendimento personalizado e o suporte multidisciplinar do Samaritano estão entre os nossos diferenciais", afirma Cynthia Lemos, oncologista do hospital. "Nosso atendimento multidisciplinar inclui oncologistas especialistas, enfermeira navegadora, enfermagem especializada, nutricionista, psicólogo, terapeuta ocupacional, fisioterapeuta, fonoaudiólogo, concierge dedicado à oncologia (para que a jornada do paciente no hospital seja mais breve e mais fácil), coach oncológico, farmácia clínica, serviço social e terapia ocupacional."

Segundo Cynthia, o serviço de coaching oncológico, comum no exterior, é oferecido por poucos hospitais no Brasil. "Esse profissional ajuda o paciente a lidar com a doença. O atendimento é individual. Se o paciente precisa parar de fumar, por exemplo, o coach faz um planejamento e ajuda a definir metas para que o objetivo seja atingido. Os resultados têm sido muito positivos, assim como o feedback dos pacientes", afirma Priscila Mendes Paiva, enfermeira responsável pela área de oncologia do Samaritano.

E completa: "A oncologia está intimamente ligada ao estilo de vida. Temos evidências de que hábitos saudáveis, como praticar atividade física regular e ter uma alimentação equilibrada, diminuem os riscos de recidiva e melhoram a resposta ao tratamento."

Cynthia afirma que a proposta desse atendimento humanizado, centrado no paciente, implica olhar cada um não como doente mas com o objetivo de promover a saúde. "Mesmo que o paciente esteja tratando uma doença metastática, adotar hábitos mais saudáveis vai ajudar a melhorar a qualidade de vida. E o coach tem um papel importante nesse processo."

As duas especialistas destacam também a importância do papel da enfermeira navegadora para a jornada do paciente. "Ela acompanha a pessoa do início ao fim do tratamento e, eventualmente, no pós-tratamento. Além de dar apoio e suporte para o paciente e para a família, ela é a referência da equipe multidisciplinar e da equipe médica, fazendo a interface com esse grupo de profissionais", explica Priscila.

O Samaritano conta com três enfermeiras-navegadoras: uma para oncologia, hematologia e transplante de medula óssea (TMO), uma para tumores sólidos em adultos e uma para a pediatria e TMO pediátrico.

"Elas preparam os pacientes para os exames e procedimentos que os deixam mais temerosos, como cirurgia, biópsia de medula óssea e o próprio transplante de medula. Visitam os pacientes diariamente nas unidades de internação e dão todo o suporte necessário", completa.

ONCOLOGIA DE PRECISÃO

Além de oferecer os tratamentos oncológicos de ponta, como terapia alvo e imunoterapia, outros pontos de destaque na oncologia do Samaritano são o corpo clínico altamente especializado, o serviço de radiologia intervencionista e de oncogenética.

O departamento de oncologia realiza encontros semanais, chamados de tumor boards, com discussões de casos clínicos com a equipe médica multidisciplinar (patologistas, radiologistas, radioterapeutas).

"Cada especialidade tem o seu tumor board específico semanal. Dentro do corpo de oncologistas clínicos, usamos o modelo de subespecialistas: no caso de um câncer de mama, por exemplo, a paciente será atendida por um médico com essa expertise. Isso garante uma qualidade muito maior de atendimento e um desfecho melhor", diz Cynthia.

A radiologia intervencionista representa um avanço na oncologia, pois possibilita fazer biópsias direcionadas por métodos de imagem, como tomografia ou ultrassonografia, sem a necessidade de cirurgia. Possibilita também a destruição de células tumorais agindo diretamente no tumor, com maior poder de penetração e assertividade e com menores danos aos tecidos saudáveis adjacentes.

A oncogenética estuda os aspectos moleculares, celulares, clínicos e terapêuticos das síndromes de predisposição ao câncer. Ela pesquisa o impacto de mutações hereditárias na incidência e biologia dos tumores e tem como principal objetivo identificar o risco aumentado de desenvolver câncer devido às características genéticas e ajudar a reduzir esse risco. "A oncologia depende de uma cadeia muito complexa de habilidades, profissionais e recursos. E nós reunimos tudo isso", afirma Cynthia.

O CÂNCER NO BRASIL E NO MUNDO

Câncer é o principal problema de saúde pública no mundo e já está entre as quatro principais causas de morte prematura (antes dos 70 anos de idade) na maioria dos países

O câncer no Brasil

País deve registrar cerca de

625 mil novos casos de câncer para cada ano do triênio 2020/2022

TIPOS MAIS INCIDENTES:

- Pele não-melanoma
- Mama
- Próstata
- Cólon e reto
- Pulmão
- Estômago

Fonte: Instituto Nacional do Câncer (Inca)

O câncer no mundo

18 mi de casos de câncer (2018)

27 mi de casos de câncer estimados (2030)

Fonte: Organização Mundial da Saúde (OMS)

60% é a estimativa de aumento de novos casos de câncer no mundo nas próximas duas décadas

SAMARITANO TEM CENTRO DE EXCELÊNCIA EM ONCOLOGIA

Núcleo de Oncologia do Samaritano

Certificação de qualidade pela *Joint Commission International*

Atendimento clínico e cirúrgico em oncologia pediátrica e adulta

- Unidade de oncologia e quimioterapia
- Unidade de transplante de medula óssea
- 35 leitos exclusivos para onco-hematologia

Áreas de atuação

- Oncologia clínica
- Oncologia pediátrica
- Neurocirurgia
- Cirurgia de cabeça e pescoço
- Tumores no tórax e vias aéreas
- Tumores nos ossos
- Tumores urológicos
- Tumores gástricos
- Tumores femininos
- Tumores dermatológicos
- Doenças hematológicas (leucemias e linfomas)

DIFERENCIAIS

Coaching oncológico
Coach especializado, que ajuda o paciente a lidar com a doença

Enfermeira navegadora
Acompanha o paciente do início ao fim do tratamento e, eventualmente, no pós-tratamento. Dá apoio e suporte para o paciente e família e faz a interface deles com a equipe multidisciplinar e a equipe médica

Atendimento personalizado, oncologia de precisão e oncogenética
Oferece terapias direcionadas às alterações genéticas e moleculares de cada paciente, como terapia-alvo e imunoterapia

Radiologia Intervencionista
Realiza procedimentos diagnósticos e terapêuticos de maneira menos invasiva, sem cirurgias

Diagnóstico: por agulha ou punção, o especialista faz a biópsia direcionada por métodos de imagem, como tomografia ou ultrassonografia. **Terapias locais:** permitem a destruição de células tumorais, agindo diretamente no tumor, com maior poder de penetração e assertividade e com menores danos aos tecidos saudáveis adjacentes

Farmácia Oncológica
Atua em parceria com a equipe médica para garantir a eficiência e a qualidade do tratamento específico para cada paciente

Quimioembolização
Quimioterapia com agulha, feita diretamente na lesão tumoral

Quimioterapia intra-arterial
Procedimento realizado por micronavegação, com uso de um microcateter introduzido, normalmente, na virilha e posicionado em uma artéria do olho, por onde é administrada a quimioterapia

Radioablação
Terapia dirigida para destruição das células tumorais

Radioembolização
Um tipo de radioterapia intra-arterial e seletiva que entrega a radiação por cateterismo diretamente nas células doentes

Ablação percutânea de lesões
Destruição de células tumorais por meio de aplicações de energia térmica

Preto no branco

Reações ao texto de Risério trouxeram os raríssimos ares de debate público

Janio de Freitas
Jornalista

*Viva a turbulência causada pelo antropólogo Antonio Risério ao defender, na **Folha**, a existência de racismo de negros contra os brancos. As reações trouxeram os raríssimos ares de debate público. Ainda que desequilibrado nas partes divergentes, feito mais de acusações do que argumentos e com um desvio temático não menos trovejante.*

Os negros do Brasil têm todo o direito, ainda por hoje e não pelos antepassados, aos piores sentimentos em sua avaliação dos brancos. Tal como os negros dos Estados Unidos e da África, além de numerosas comunidades menores. Por isso, creio, no quesito racismo negro seria necessário, antes de tudo, definir-lhe com nitidez a essência. Ficar no "neorracismo identitário" é genérico demais, fluido demais para sustentar uma caracterização moral e cultural tão pesada.

O ressentimento e a raiva, por exemplo, induzidos pela discriminação e por tantas formas de opressão humilhantes, não são necessariamente racismo. Não seria raro nem difícil reconhecer-lhes até uma defesa instintual e humanamente sadia. Ao passo que o racismo teria componentes mais elaborados na formação e na manifestação.

O debate reativo a Risério mostra mais uma vez quanto o racismo brasileiro, que não se limita ao negro, é tema incendiário. E também mostra o avanço negro, instigado pela Constituição de 88, em muitos espaços e sonoridades. Para a "elite" negra, a desigualdade adquiriu características próprias, em nada compartilhadas pelos demais. A estes milhões, eventuais apoios são de pioneiros, a exemplo de Luiza Trajano e seu magazine.

É deplorável, por isso, que não haja dos já vitoriosos mais do que a persistência na crítica e nas acusações de racismo, sem ação efetiva de luta contra o racismo econômico e social. Para um exemplo que representa todos, a menor remuneração a negros por serem negros, declarada até por meios oficiais, é tão instituída quanto monstruosa — uma deformação não apenas socioeconômica, mas também da qualidade humana de quem a pratica.

A aspereza de algumas reações a Risério e a outros comentaristas não foi de debate. O problema é grave demais, enraizado demais, tem dimensões e complexidade demais. É compreensível que se preste a extravasar ímpetos reprimidos. O racismo está entre os males que exigem mesmo um enfrentamento vigoroso, furioso até, o velho e esquecido vai-ou-racha de tantos passos civilizatórios. Mas não é preciso que alguns mal-entendidos fiquem pelo caminho.

Reconheço-me como crítico inconveniente, desde sempre, de todos os jornais que conheci. Não me contive nessa atitude, nem dela me arrependo, por entendê-la em todos os sentidos essencial a uma atividade dada a não fazer o que cobra. Pouco caprichosa e presa a vícios caquéticos. Na grande maioria do jornalismo mundo afora, o leitor/espectador é entidade de interesse secundário, ou menos. Há um estranho prazer em ser jornalista, não como o do médico ou do arquiteto. E, em todas as línguas, esse prazer parece bastar-nos.

*A publicação me pareceu correta. Várias críticas atribuíram-na à busca de sensacionalismo pela **Folha**. Desde muito tempo, a **Folha** tem, sim, uma queda por polêmicas e questões com potencial sensacionalista. É fruto da ideia de que assim afirma independência e neutralidade aos olhos dos leitores. É engano. O resultado comum das polêmicas é satisfação de um lado compensada pelo desagrado do outro. Na **Folha**, a neutralização mútua tem ficado bem à vista em manifestações de leitores.*

*No caso do artigo de Risério, é certo que não houve intenção viciosa. Já porque o texto não oferecia o conveniente para tanto. Seu título no jornal foi até anódino, "Neorracismo identitário". O sensacionalismo precisa de um título atraente ou, no mínimo, acessível ao leitor, digamos, médio. Não do teor acadêmico adotado, universitário, que há bastante tempo é outro desentendimento da **Folha** com o jornalismo.*

*Diretor de Redação, Sérgio Dávila ficou confundido com o cargo, ou com a maneira como, a seu ver, deve exercê-lo. Dávila recebeu pronta a inflexão da **Folha** — decisão empresarial — para os limites do centro-direita. Se o jornal ali está em quarentena, por um equívoco analítico e de composição da equipe, ou se ali está para ficar, não foi definido. Mas o reconhecimento desse erro estratégico, que renegou a busca de equilíbrio consagradora do jornal, não inclui tolerância com o racismo, qualquer racismo. Nem com outros horrores do gênero.*

*Tem havido alguma censura interna, sim, seletividade ideológica, idiossincrasias, coisas que prejudicam mais o jornal do que as vítimas. Mas antecedem Sérgio Dávila, que, a ser criticado, pode sê-lo por não ter atacado (ainda?) essa realidade. Às vezes, até por defendê-la como convém ao seu cargo. Assim é a minha visão, da **Folha** que conheço há mais de 40 anos, de uma pessoa que conheço há quase outro tanto, e deste momento admirável.*

*A turbulência decorrente do tal artigo é muito benfazeja. Fez transbordarem conceitos e sentimentos reprimidos, abertura para mais. Fará bem aos leitores. E fez um bem incalculável ao jornalismo brasileiro: o manifesto com cerca de 200 signatários da **Folha**, questionando os espaços dados a posições racistas e outras de semelhante indignidade, as escolhas de colaboradores de vezo antidemocrático, já é um marco, como disse Cristina Serra, tão brilhante. Os manifestantes vêm dizer que são jornalistas com vida, são gente, não são robôs. São pessoas, são jornalistas que querem jornalismo. E querem a **Folha** viva como **Folha**. Sua atitude lúcida e corajosa é um despertar luminoso.*

| DOM. Elio Gaspari, Janio de Freitas | **SEG. Celso Rocha de Barros** | TER. Joel P. da Fonseca | QUA. Elio Gaspari | QUI. Conrado H. Mendes | SEX. Reinaldo Azevedo, Angela Alonso, Silvio Almeida | SÁB. Demétrio Magnoli

Governadores usam obras para fornecer água como ativo eleitoral

Gestores estaduais do Nordeste intensificam ações hídricas para ampliar popularidade

José Matheus Santos

RECIFE Na busca pela ampliação da popularidade para as eleições de 2022, governadores do Nordeste intensificaram nos últimos meses anúncios e inaugurações de obras ligadas à segurança hídrica.

A ampliação do fornecimento de água é um dos maiores desejos do eleitorado da região. Houve inaugurações de obras concluídas, vistorias ou novas promessas de entregas, como construção de adutoras e ampliação do abastecimento de água por meio das companhias estaduais responsáveis pelo setor.

"Esse é o tipo de ação preferida dos governadores porque, além do desemprego e segurança pública, a falta de água é apontada em pesquisas no Nordeste como um dos principais problemas para a população", afirma o cientista político Adriano Oliveira, da UFPE (Universidade Federal de Pernambuco).

Em Solânea (PB), pessoas fazem filas com baldes para encher seus reservatórios Divulgação/Prefeitura de Solânea

O governador da Paraíba, João Azevêdo (Cidadania), fez périplo por cidades do interior ligado ao abastecimento de água. Esteve na última semana de novembro na cidade de Monteiro, na região do Cariri, para fazer uma vistoria na estação de tratamento do Sistema Rigideira, que faz parte do sistema de abastecimento da região.

Cerca de 900 famílias serão contempladas quando o projeto for concluído, mas o governador já indicou a possibilidade de ampliação para 1.200 famílias. Ao todo, são investidos mais de R$ 20,2 milhões na obra, que é realizada em parceria com o governo federal.

Apesar de o número ser aparentemente pequeno em relação ao eleitorado da Paraíba, a medida pode se converter em ativo eleitoral, já que, além de populares, a ampliação poderá beneficiar comércios locais.

O cientista político Adriano Oliveira afirma que é a inauguração efetiva de obras ligadas aos recursos hídricos o que mais rende dividendos eleitorais. "Anúncios de obras podem trazer retorno eleitoral, mas o que vai garantir esse retorno é a entrega da obra, ou seja, a chegada da água na torneira. Não adianta apenas anunciar, porque isso gera uma expectativa, e pode trazer um retorno eleitoral, mas não é uma garantia", diz.

Em paralelo, o governador da Paraíba aproveitou para firmar posicionamento em defesa da segurança hídrica. Recentemente, após visita ao ministério do Desenvolvimento Regional, o gestor cobrou a implantação de uma adutora para levar água ao brejo paraibano, região com mais de 115 mil habitantes.

João Azevêdo vai tentar a reeleição em 2022 e quer fazer um contraponto ao governo federal, chefiado pelo presidente Jair Bolsonaro (PL), com alta rejeição no Nordeste.

Querendo eleger o sucessor, o governador da Bahia, Rui Costa (PT), entregou no novembro, na cidade de Ubaíra, uma obra de captação alternativa para o sistema de abastecimento de água da cidade e de municípios vizinhos.

Durante as inaugurações, é comum o governador e seus aliados fazerem menções ao senador Jaques Wagner (PT-BA), antecessor de Rui no governo da Bahia e que é pré-candidato ao posto em 2022.

A governadora do Rio Grande do Norte, Fátima Bezerra (PT), que vai tentar a reeleição em 2022, lançou no final de outubro um plano estadual para atenuar os efeitos da seca. No evento, foram anunciados como prioridade a instalação e perfuração de poços, fornecimento de benefício emergencial para os mais afetados e ampliação do abastecimento.

O estado é um dos mais afetados pela seca, com mais de 95 cidades em situação grave, de acordo com dados de novembro do Monitor das Secas, levantamento coordenado pela Agência Nacional das Águas.

> Esse é o tipo de ação preferida dos governadores porque, além do desemprego e segurança pública, a falta de água é apontada em pesquisas no Nordeste como um dos principais problemas para a população
>
> **Adriano Oliveira**
> cientista político da Universidade Federal de Pernambuco

Aliados da governadora Fátima Bezerra têm usado anúncios para fazer críticas ao governo federal, impulsionados por uma razão peculiar. Isso porque o ministro do Desenvolvimento Regional é o potiguar Rogério Marinho, que deverá disputar o Senado nas eleições de 2022 no palanque de oposição ao PT do Rio Grande do Norte.

Marinho se apresenta como o responsável por levar a água da transposição do Rio São Francisco ao interior do Rio Grande do Norte. Ele deverá usar a entrega da expansão para o território potiguar durante a propaganda eleitoral.

No Maranhão, o governador Flávio Dino (PSB) fez a entrega de abastecimento de água de Vargem Grande, uma das maiores cidades do estado. A medida beneficiará cerca de 40 mil pessoas, segundo estimativa do governo estadual. Um dos maiores desafetos do presidente Jair Bolsonaro, Dino é pré-candidato ao Senado.

A situação não é diferente para o governador do Ceará, Camilo Santana (PT), também cotado para a disputa do Senado. O petista posou para fotos segurando mangueira com água enquanto anunciava um pacote de medidas para fortalecer o abastecimento em Aquiraz, na região metropolitana de Fortaleza.

Apesar de estar próxima à capital cearense, a cidade de mais de 80 mil habitantes recebe intervenções para fortalecer o abastecimento de água. A presença do governador em anúncios similares em outras cidades da Grande Fortaleza deve se intensificar nos próximos meses, segundo interlocutores.

Em Pernambuco, o governador Paulo Câmara (PSB), que almeja eleger um sucessor do mesmo partido, já percorreu todas as regiões do estado desde setembro. Os maiores focos de obras ligadas ao abastecimento de água estão no sertão e no agreste, região mais atingida pela seca no estado.

A medida faz parte de uma estratégia para se contrapor ao grupo político do senador Fernando Bezerra Coelho (MDB-PE), líder do governo Bolsonaro no Senado Federal até meados de dezembro. Na eleição de 2014, quando se elegeu pelo PSB, um dos slogans de campanha de FBC, como é conhecido em âmbito local, era "o senador das águas".

Bezerra Coelho usava como discurso as realizações durante o período em que chefiou o Ministério da Integração Nacional no primeiro governo de Dilma Rousseff (PT). Ele é o principal articulador político da candidatura do filho, Miguel Coelho, prefeito de Petrolina, a governador.

No dia 23 de novembro, o governador Paulo Câmara teve uma reunião com representantes do Banco Mundial para articular a captação de verbas para recursos hídricos em áreas rurais do estado.

O governo de Pernambuco também melhorou a capacidade para aquisição de empréstimos. Aliados de Paulo Câmara relatam que recursos serão direcionados para a mitigação da estiagem, sobretudo no sertão, para se opor ao grupo dos Coelhos.

Integrantes da Marinha mexicana fazem patrulha em praia de resort na zona turística de Cancún, como parte do plano de segurança elaborado pelo governo local Paola Chiomante - 5.dez.21/Reuters

Alta do turismo em Cancún atrai disputa de cartéis e máfia estrangeira

Assassinatos em áreas turísticas levam a reforço da segurança em praias movimentadas

Rafael Balago

CANCÚN Entre a areia quase branca e o mar muito azul, dois soldados passavam a cada dez minutos, com armas enormes em punho. Ninguém parecia se importar, porém. As dezenas de turistas aproveitavam a tarde na praia Lagarto, em Cancún como se os agentes não estivessem ali.

Militares patrulhando praias não são novidade no México, mas houve um reforço na segurança em dezembro, com a criação de um Batalhão de Segurança Turística, depois de crimes em áreas turísticas.

Em outubro, uma alemã e uma indiana morreram em um restaurante em Tulum. Segundo as autoridades, um grupo armado invadiu o local para matar rivais, e a troca de tiros as atingiu. Em novembro, atiradores chegaram de lancha e mataram dois homens em Puerto Morelos. A perseguição começou na praia e adentrou um resort, com turistas correndo para se esconder.

Na ocasião, um hotel foi acusado de gerar o problema por ter dado a um hóspede, a pedido dele, o contato de um traficante ligado a um cartel diferente do que atuava na região. O empreendimento nega.

Nesta sexta (21), dois canadenses morreram baleados depois de uma discussão em um resort na Riviera Maya. Segundo as investigações, uma arma foi disparada em meio a uma discussão entre hóspedes no hotel Xcaret —o suspeito e as vítimas têm antecedentes criminais no Canadá. O local disse que o incidente é isolado.

Nos casos anteriores, as autoridades apontaram que os tiroteios foram motivados por brigas entre grupos rivais para controlar pontos de venda de drogas. "Membros dos cartéis ficam em lanchas vigiando a atuação de seus traficantes nas praias, para não deixar que membros de outras organizações atuem ali", explica Eduardo Guerrero, consultor de segurança pública que já atuou no governo. "Há muita instabilidade, os grupos pequenos estão sempre evitando serem absorvidos."

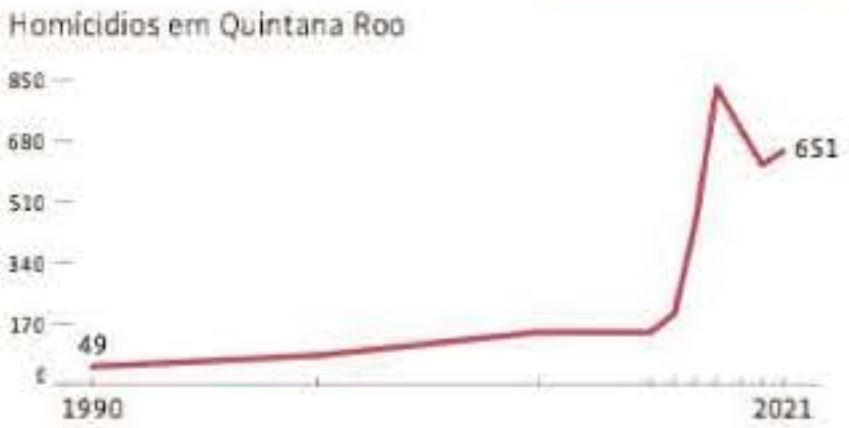
Guerrero avalia que as eleições do ano passado impactaram na alta de violência. "Os novos prefeitos mudam o comando na área de segurança, e isso mexe com pactos entre autoridades e criminosos."

Para Luis Sánchez Díaz, pesquisador da ONG Causa en Común, os cartéis podem querer influir em eleições mesmo que não tenham acordos diretos com os políticos. "Um candidato que promete combate mais aberto ao crime pode trazer mais problemas do que outro que não destaca isso nas propostas", comenta.

No estado de Quintana Roo, que inclui Cancún, Tulum e outras cidades turísticas, ao menos seis grupos brigam por espaço e novos negócios. A região tem crescido bastante: desde 2016, foram abertos cerca de 20 mil novos quartos de hotéis, e a oferta se aproxima de 120 mil. Vários condomínios fechados estão sendo erguidos, e o governo federal planeja inaugurar, no fim de 2023, o trem Maia, que irá conectar as cidades litorâneas.

"Em Tulum, há um subtipo de turismo peculiar: milionários dos EUA meio 'hippies'. São despreocupados com a aparência, mas têm muito dinheiro e demandam drogas caras. Muitos são aposentados e buscam serviços sexuais de gente jovem", diz Guerrero.

Tulum tem a maior taxa de homicídios da região: 133 por 100 mil habitantes (no estado de São Paulo, ela foi de 7,3 em 2020). Quintana Roo vive uma alta de mortes violentas desde 2017, e a maioria dos crimes ocorre a poucos quilômetros de áreas turísticas.

Apesar do aumento do efetivo policial, a venda de drogas prossegue de forma aberta. Na Quinta avenida, em Playa del Carmen, "coca y marijuana" são oferecidas à luz do dia. Vendedores se aproximaram da reportagem da **Folha** três vezes em cinco minutos —uma delas segundos após a passagem de uma viatura, na qual um agente armado ia na caçamba com fuzil na mão.

À noite, em duas das principais baladas de Cancún, a cena se repetiu nos banheiros. Um vendedor em geral fica a postos e aborda quase todos os frequentadores que entram.

"Muitos locais viram que poderiam lucrar com isso. Mas há casos em que comerciantes são coagidos a aceitar a presença do tráfico", diz Guerrero.

Como medida de restrição pela pandemia, as grandes baladas têm fechado mais cedo, por volta de 23h. Mas a festa continua na madrugada nas ruas de trás. Há turistas de muitas partes do mundo, incluindo grupos de americanos que se embebedam sem freios.

Segundo o jornal The Washington Post, autoridades de Quintana Roo tiveram reuniões com os consulados dos EUA e de outros países para pedir que orientassem seus cidadãos que é ilegal comprar drogas no México.

"Turistas precisam ter consciência dos efeitos que suas demandas têm sobre as comunidades locais", diz Christian Ascensio, pesquisador de violência na Universidade Nacional Autônoma do México. "Muitas vezes se promove um turismo 'amuralhado': o viajante chega do aeroporto, pega um traslado e fica a viagem toda sem sair do resort."

As diárias nesses locais, com refeições incluídas, podem superar os US$ 500 (R$ 2.700).

Na estrada que liga Cancún a outras praias, o cenário é outro. A ida a Playa del Carmen leva cerca de uma hora, e no trajeto, a **Folha** viu raros carros de polícia. "Uma viatura nos parou na estrada, disse que nosso carro estava irregular", disse Avril Adams, 26, que viajou de Toronto, no Canadá, com dois amigos, e dirigia um carro alugado. "Falaram que poderíamos pagar ali e ir. Perguntaram o quanto tínhamos. Demos US$ 18 de propina e nos liberaram."

Embora o valor (cerca de R$ 100) seja baixo para um turista americano, equivale a dois dias de trabalho com salário mínimo no México. Em fóruns como o Trip Advisor, turistas relatam ter deixado até US$ 200 (R$ 1.090) com policiais após serem parados nas estradas. A Secretaria de Segurança Pública de Quintana Roo não quis se pronunciar.

A consolidação de Cancún como principal destino turístico mexicano é recente: o lugar era uma vila de pescadores até os anos 1970, quando hotéis começaram a ser construídos. O setor cresceu até que, em 2019, o estado recebeu 15 milhões de viajantes —naquele ano, antes da pandemia, o setor rendeu US$ 14 bilhões a Quintana Roo.

O número de turistas caiu quase à metade em 2020, mesmo com o México tendo mantido fronteiras abertas durante a pandemia. No ano passado houve uma recuperação, e 12,5 milhões de pessoas foram à região. A cifra representa metade do total de viajantes que visitou o México no ano.

Dos empregos perdidos na pandemia, 80% foram recuperados, segundo a secretaria de Turismo local. O estado tem 1,8 milhão de habitantes.

O crescimento, porém, tem atraído os grupos criminosos. Na última década, uma máfia romena se estabeleceu na região e chegou a faturar US$ 70 milhões por ano só com fraudes bancárias, segundo as autoridades. Os bandidos instalavam equipamentos para clonar cartões de crédito em caixas eletrônicos nas áreas turísticas. Parte do dinheiro ilícito era investida em imóveis.

Florian Tudor, o Tubarão, apontado como líder da máfia, foi preso em maio. Investigações apontam que relações com políticos ajudavam a quadrilha a seguir impune.

Especialistas apontam que as saídas para conter a violência passam por aumentar a presença do Estado, melhorar as condições de trabalho da polícia e combater a impunidade. "Há muitos casos em que a população faz queixas de extorsão e nada acontece. E também de gente que ficou presa por vários anos sem ter uma sentença", comenta Sánchez, da Causa en Común.

O maior risco para Cancún é ter o destino de Acapulco, que passou a ser evitada por turistas após confrontos de gangues nos anos 1990 e 2000. Antes disso, o balneário no Pacífico atraía celebridades, era destino de milionários e foi destaque em um especial do seriado "Chaves", reprisado por muitos anos na América Latina. Hoje, não se sabe se os personagens se sentariam na areia sob o pôr do sol.

Violência em Cancún

Fontes: MUCD, Secretaria de Segurança do México e Universidade Johns Hopkins

Líder de milícia lidará com migrantes na Líbia

Nomeado para órgão que fiscaliza centros de detenção administrou prisão alvo de denúncias de crimes contra detentos

Ian Urbina

WASHINGTON O governo líbio nomeou como novo diretor de fiscalização da imigração um líder de milícia que já esteve a frente de uma das prisões de migrantes mais infames do país, onde estupros, espancamentos e extorsão eram comuns. Mohamed al-Khoja foi confirmado em 23 de dezembro como o próximo chefe da Diretório de Combate à Migração Ilegal (DCIM), onde será responsável por supervisionar os cerca de 15 centros de detenção de migrantes da Líbia.

As autoridades líbias, com a ajuda de financiamento vindo da União Europeia, usam essas instalações para deter dezenas de milhares de migrantes a cada ano, a maioria capturada enquanto tenta atravessar o Mediterrâneo em balsas superlotadas. As prisões são o resultado dos esforços da UE para conter o fluxo de migrantes da África e do Oriente Médio que chegam às costas europeias.

Há anos, a UE tem enviado milhões de euros para a Líbia para treinar e equipar a Guarda Costeira do país, que na verdade serve como uma força terceirizada pela Europa para impedir migrantes de cruzarem o Mar Mediterrâneo.

Em um momento em que defensores de direitos humanos, legisladores e pesquisadores europeus, africanos e do Oriente Médio apelam cada vez mais à UE para reconsiderar o seu envolvimento com os abusos dos direitos humanos que ocorrem na Líbia, a recente nomeação de Al-Khoja é especialmente digna de nota. Durante anos, ele administrou a prisão de Tariq al-Sikka em Trípoli, um lugar onde inúmeros relatórios documentaram crimes contra os milhares de migrantes detidos lá.

"Sua nomeação exemplifica o padrão de impunidade na Líbia, que vê indivíduos suspeitos de envolvimento em crimes sob a lei internacional serem nomeados para cargos de poder onde podem repetir essas violações, em vez de enfrentar investigações", diz Hussein Baoumi, pesquisador da Anistia Internacional. A organização documentou repetidamente as violações de direitos humanos em Tarik al-Sikka, incluindo detenção arbitrária, tortura e trabalho forçado durante a liderança de Al-Khoja.

Outras organizações chegaram a conclusões semelhantes. Em 2019, a Iniciativa Global Contra o Crime Organizado Transnacional concluiu que ele havia usado o centro de detenção de migrantes como base para treinar os combatentes de sua milícia.

Os migrantes detidos em al-Sikka foram usados —em clara violação do direito internacional— para limpar e armazenar armas e munições, de acordo com um relatório de 2019 da Human Rights Watch. Uma equipe da agência Associated Press em 2019 informou que Al-Khoja estava por trás de um esquema multimilionário para desviar para sua milícia o dinheiro destinado a alimentar migrantes em uma instalação da ONU em Trípoli.

Neste ano, a Anistia Internacional entrevistou migrantes detidos em al-Sikka que disseram ter sido recrutados para trabalhos forçados, como construção e trabalho agrícola.

Outro relatório da Anistia Internacional de 2020 sobre as condições nas instalações de Tariq al-Sikka que ele administrava incluía o relato de um migrante que viu dois amigos morrerem de tuberculose por falta de cuidados adequados. Migrantes detidos lá também foram usados para construir um abrigo para cavalos pertencentes a Al-Khoja, de acordo com reportagem do The Guardian produzida no ano passado por Sally Hayden.

"Sua nomeação sugere que o sistema abusivo dos centros de detenção, que se baseia em violência e extorsão, continuará sem nenhuma esperança de reforma", disse Wolfram Lacher, pesquisador sobre a Líbia no Instituto Alemão de Assuntos Internacionais e de Segurança em Berlim.

As Nações Unidas já disseram que "crimes contra a humanidade" estão ocorrendo nesses centros de detenção, cuja população continua crescendo. Em 2021, 32.425 pessoas foram capturadas no mar pela Guarda Costeira da Líbia, muitas vezes com a ajuda da agência de fronteira da União Europeia, que voa com drones e aviões de vigilância sobre o Mediterrâneo para localizar os refugiados em fuga.

Uma vez de volta à Líbia, muitos desses migrantes acabam detidos arbitrariamente. Recentemente, as autoridades líbias invadiram com violência dois acampamentos de migrantes que protestavam, um dos quais estava em frente à sede do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados, detendo mais de 600 migrantes e transferindo a maioria deles para um centro de detenção chamado Ain Zara, que faz parte dos centros que Al-Khoja irá agora supervisionar.

O Comitê Internacional de Resgate disse que estava tratando vários migrantes feridos após o ataque, incluindo uma pessoa ferida a bala.

Uma investigação do The Outlaw Ocean Project, publicada no Brasil em parceria com **Folha**, detalhou como até o dinheiro europeu destinado a tornar essas prisões mais humanas vem sustentando o que se tornou um gulag de instalações sombrias e sem lei. A investigação mostrou como o dinheiro da UE paga tudo, desde os ônibus que transportam migrantes capturados no mar do porto às prisões até os sacos de cadáveres usados para aqueles que perecem no mar ou enquanto estão detidos.

A União Europeia há muito reconhece os horrores que acontecem nas prisões de migrantes que suas políticas ajudaram a produzir, mas pouco fez para alterar essas políticas ou responsabilizar os agressores na Líbia. A nomeação de Al-Khoja lança ainda mais dúvidas sobre a capacidade ou a vontade de a UE exercer controle sobre o sistema de detenção que ajudou a criar. Essas instalações estão cheias de migrantes em grande parte devido ao trabalho da Guarda Costeira da Líbia.

Financiada pelo bloco europeu, ela recebe ajuda considerável de drones e aviões de vigilância operados pela Frontex, a agência de fronteira que patrulha a região do mar Mediterrâneo e relata as coordenadas de balsas de migrantes para as autoridades líbias.

O próprio DCIM também é um benfeitor direto dos fundos da UE. Em 2019, por exemplo, a agência recebeu 30 veículos Toyota Land Cruisers especialmente modificados para interceptar migrantes no deserto do sul da Líbia. O dinheiro da União Europeia também comprou 10 ônibus para que a DCIM enviasse migrantes capturados para as prisões.

Mark Micallef, especialista em Líbia da Iniciativa Global Contra o Crime Organizado Transnacional, disse que não seria sensato ou ético retirar dinheiro da UE das muitas organizações de ajuda humanitária que trabalham com migrantes em centros de detenção líbios. Ele acrescenta que as autoridades da UE podem não ter muito controle sobre o que acontece nas prisões de migrantes na Líbia, mas poderiam pressionar o governo líbio ao vincular o apoio financeiro à Guarda Costeira a melhorias nessas prisões que pudessem ser comprovadas.

No entanto, a União Europeia parece estar se movendo na direção oposta. No início de dezembro, o bloco enviou à Líbia terminais de computador e rádio de última geração para equipar um centro de comando responsável pela interceptação de migrantes no Mediterrâneo. Também comprometeu em dezembro mais 1,2 milhão de euros (R$ 7,5 milhões) de ajuda para peças de reposição para dois barcos de alta velocidade usados pela Guarda Costeira da Líbia.

Em meados de dezembro, o presidente francês, Emmanuel Macron, pediu que a Frontex receba poderes de emergência, argumentando que o futuro da Europa depende de sua capacidade de controlar suas fronteiras. Seus comentários vieram dois dias depois que mais de duas dúzias de imigrantes se afogaram durante uma tentativa de travessia do Canal da Mancha.

Um dos problemas mais difíceis na Líbia é que o governo central exerce apenas controle nominal sobre as milícias, de acordo com um relatório de 2020 da Iniciativa Global Contra o Crime Organizado Transnacional. "Funcionários do governo são forçados a formalizar acordos de poder ad hoc com base em qualquer grupo armado que tenha vantagem marcial em uma determinada área", diz o relatório.

"Isso cria efetivamente caminho para que indivíduos envolvidos no crime organizado armado, como Al-Khoja e outros, se tornem parte do aparato oficial do Estado, seja militar, inteligência ou governo."

Federico Soda, funcionário de alto escalão na Líbia da Organização Internacional para Migração da ONU, que usou milhões em fundos da UE para assistência médica e outras para migrantes detidos na Líbia, disse que esperaria para ver se a nomeação de Al-Khoja duraria antes de comentar. Perguntado sobre o assunto, Peter Stano, porta-voz da UE, disse não ter certeza da nomeação e, citando os feriados de fim de ano, disse que não comentaria até que "a vida profissional normal retorne".

Anteriormente sob a direção de Mabrouk Abd Al-Hafiz, o DCIM havia nos últimos anos fechado as prisões de migrantes mais problemáticas, apenas para vê-las reabertas ou outras surgirem em seu lugar. Organizações humanitárias, assim como algumas autoridades líbias, admitiram que a agência não tem controle total das prisões, que são quase todas administradas por uma ou outra milícia do país.

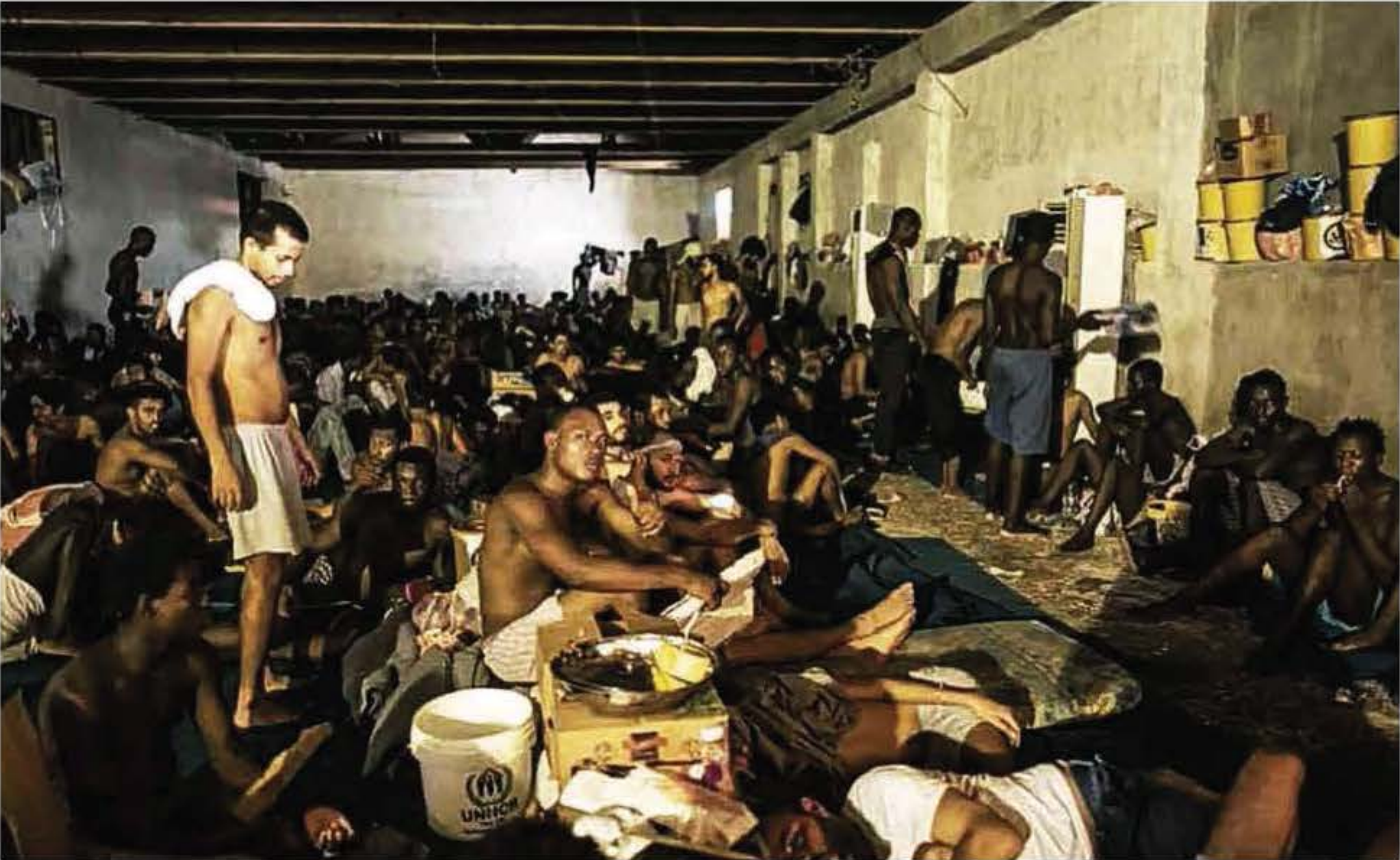
Em diversas entrevistas, Al-Hafiz disse que existe corrupção tanto entre as milícias que administram as prisões quanto na Guarda Costeira da Líbia. Al-Khoja serviu como vice de Al-Hafiz por vários anos, embora houvesse relatos de que este havia tentado, sem sucesso, expulsá-lo de sua posição no Diretório de Combate à Migração Ilegal.

Apesar da nomeação de Al-Khoja e da reação negativa entre pesquisadores e defensores dos direitos humanos, a ministra das Relações Exteriores líbia, Najla Mangoush, redirecionou a atenção para a Europa.

De acordo com a chancelaria, a Líbia se cansou de fazer a vontade da Europa no controle da migração, mas a titular da pasta também nega a ideia de que seu país tenha sido culpado de maltratar imigrantes sob sua custódia. "Por favor, não aponte o dedo para a Líbia", disse ela, "e nos retrate como um país que abusa e desrespeita os refugiados".

> Sua nomeação [de Mohamed Al-Khoja] sugere que o sistema abusivo dos centros de detenção, que se baseia em violência e extorsão, continuará sem nenhuma esperança de reforma
>
> **Wolfram Lacher**
> pesquisador sobre a Líbia no Instituto Alemão de Assuntos Internacionais e de Segurança

Entenda a série

Este texto faz parte de uma série produzida por The Outlaw Ocean Project, cujo diretor é Ian Urbina, em parceria com a **Folha**. O especial examina a colaboração da UE com a Líbia na detenção de migrantes que tentam chegar à Europa. O Outlaw Ocean Project, organização jornalística sem fins lucrativos com base em Washington, tem como foco problemas ambientais e de direitos humanos que ocorrem em alto-mar.

Detidos em cela da prisão Tariq Al-Sikka, em Trípoli, lugar onde inúmeros relatórios documentaram crimes contra milhares de migrantes detidos Giulia Tranchina

Brasil e China arrastam negociação e não renovam compromissos de parceria

Impasse impede renovação dentro do prazo de planos que balizam relações; Itamaraty destaca dificuldades impostas pela pandemia

Ricardo Della Coletta

BRASÍLIA Com conversas que se arrastam desde 2019, os governos de Brasil e China não conseguiram renovar a tempo os dois principais documentos que definem as diretrizes e as prioridades das relações bilaterais. Venceram em dezembro tanto o Plano Decenal de Cooperação Brasil-China como o Plano de Ação Conjunta —com validade de cinco anos— assinados entre os dois países em 2012 e 2014, respectivamente.

Enquanto o Plano Decenal traz princípios comuns que devem reger a parceria, o documento quinquenal é mais detalhado. Ele reúne metas e indica interlocutores em diversas áreas, como agricultura, ciência e tecnologia, cooperação financeira e educação, entre outros. Ambos os documentos servem de bússola para orientar a relação bilateral a longo prazo.

As metas no Plano de Ação Conjunta que acaba de vencer incluem estimular visitas de autoridades e trabalhar em conjunto certos temas em organismos internacionais. O texto define ainda o objetivo de estimular a participação de empresas chinesas em licitações no Brasil e garantir a troca de informações de medidas fitossanitárias para evitar a retenção desnecessária de mercadorias nos portos.

Embora o fim da validade dos textos não tenha maiores efeitos práticos, o fracasso da diplomacia em atualizá-los até o fim do ano passado é um reflexo simbólico do esfriamento das relações sino-brasileiras em boa parte do mandato do presidente Jair Bolsonaro (PL).

De acordo com interlocutores, diferentes fatores contribuíram para que os dois governos chegassem ao fim de 2021 sem um consenso sobre o que deveria constar nos novos documentos: a pandemia da Covid-19 e a realização —por exigência chinesa— de praticamente todas as reuniões em ambiente virtual; o imenso aparato burocrático de Pequim, que exige múltiplas aprovações em diferentes instâncias na negociação de documentos; e os sucessivos atritos que marcaram as relações bilaterais até a demissão do ex-ministro Ernesto Araújo (Relações Exteriores).

As consultas internas e a troca de propostas coincidiram com alguns dos momentos mais tensos do relacionamento do Brasil com seu maior parceiro comercial.

No início de 2020, por exemplo, o deputado federal Eduardo Bolsonaro (PSL-SP), filho do presidente, publicou um texto comparando a Covid-19 ao acidente nuclear de Tchernóbil (1986), na antiga União Soviética. Na publicação, o parlamentar ainda afirmou que o regime chinês tinha responsabilidade pela disseminação da doença.

> **Os chineses entendem muito bem que nas relações há um discurso e uma realidade. Em momento algum o comércio Brasil-China foi prejudicado por questões não comerciais**
>
> **Luiz Augusto de Castro Neves**
> presidente do CEBC, sobre o histórico de ataques contra Pequim

A manifestação gerou reação do embaixador da China em Brasília, Yang Wanming, que a classificou de "insulto maléfico" e acusou Eduardo de ter contraído um "vírus mental". O episódio não foi isolado.

Em diferentes ocasiões, o próprio presidente Bolsonaro endossou a tese de que o coronavírus teria sido criado num laboratório chinês e fustigou o país asiático para criticar o imunizante Coronavac —trunfo político de um de seus adversários, o governador de SP, João Doria (PSDB).

Ernesto Araújo, por sua vez, chegou a pedir a Pequim a substituição do embaixador chinês no Brasil. Ele foi ignorado. De acordo com pessoas que acompanham o tema, o clima de conflagração que só passou a ser revertido com a chegada do novo chanceler, Carlos França, respingou no calendário de negociações dos dois planos no âmbito da Cosban (Comissão Sino-Brasileira de Alto Nível de Concertação e Cooperação).

Interlocutores destacam que, nos pontos mais baixos da relação, houve prejuízos sobre o fluxo de informação que trafega entre Brasília e Pequim, com reflexos também nas conversas que ocorriam na Cosban. O órgão é o principal mecanismo de coordenação institucional da relação Brasil-China, liderado pelo vice-presidente Hamilton Mourão (PRTB) e pelo número 2 do regime chinês, Wang Qishan.

Os governos do Brasil e da China continuam discutindo os documentos, de qualquer forma. Também está sobre a mesa uma tentativa de reformulação da estrutura da própria Cosban, mas o tema enfrenta resistência dos chineses. O objetivo é tentar fazer as negociações avançarem para que o impasse não afete a realização, ainda no primeiro semestre, de uma reunião planejada entre os vices.

O encontro virtual ainda não está agendado, mas interlocutores temem que sua não realização venha a representar mais um sinal negativo nas relações sino-brasileiras.

A janela de oportunidade para tentar salvar a reunião da Cosban é curta. No Brasil, as eleições presidenciais devem mobilizar o calendário de autoridades a partir do segundo semestre; enquanto isso, os chineses já estão em fase de preparativos do 20º Congresso Nacional do Partido Comunista Chinês, marcado para o mês de outubro.

Presidente do CEBC (Conselho Empresarial Brasil-China), o diplomata Luiz Augusto de Castro Neves explica que o Plano Decenal e o Plano de Ação Conjunta "visam a uma ordem de prioridades" na relação bilateral e, essencialmente, "balizam o governo e servem de orientação para a iniciativa privada".

Ex-embaixador do Brasil na China, ele credita o atraso exclusivamente aos efeitos da pandemia e não vê um possível componente político na não renovação dos planos.

"Os chineses entendem muito bem que nas relações há um discurso e uma realidade. Em momento algum o comércio Brasil-China foi prejudicado por questões não comerciais", afirmou, ao ser questionado sobre o histórico de ataques do presidente Bolsonaro e seus aliados contra Pequim.

Procurado pela **Folha**, o Itamaraty informou que um dos resultados da última reunião de alto nível da Cosban foi uma determinação para o início de "discussões para aprimorar a estrutura" do mecanismo e "preparar novo documento para orientar as relações bilaterais". A reunião ocorreu em maio de 2019, em Pequim, e teve a participação de Mourão e Wang Qishan.

O Brasil enviou a primeira proposta de reestruturação em dezembro de 2020, ainda segundo a pasta. A última contraproposta chinesa foi recebida em janeiro de 2022.

O ministério destacou também que as negociações dos dois planos envolvem temas que vão de "política, economia e comércio" a "infraestrutura, agricultura, cultura, tecnologias da informação e cooperação espacial", entre outros.

"Em processo dessa envergadura, é natural que o prazo de avaliação pelos órgãos técnicos de parte a parte seja longo. Nas circunstâncias atuais de pandemia, o processo tem-se alongado ainda mais, sobretudo em decorrência da impossibilidade de encontros presenciais", justificou a chancelaria em nota.

"Em temas que por vezes implicam sensibilidades internas, reuniões face a face permitiriam maior celeridade no intercâmbio de percepções. O processo negociador segue em 2022, por meio de reuniões virtuais, e o Brasil espera concluí-lo com a máxima brevidade." O Itamaraty também afirmou que não compartilharia detalhes das negociações em curso.

+ RELEMBRE ATAQUES DO GOVERNO À CHINA

'Tecno-totalitarismo'
Em um painel virtual de debate do Fórum Econômico Mundial do ano passado, o ex-chanceler Ernesto Araújo disse que o Brasil de Bolsonaro quer uma aliança com "parceiros democráticos" para barrar a ascensão do "tecno-totalitarismo" de países com "diferentes modelos de sociedade" —ou seja, a China.

'Chinês inventou o vírus'
O ministro da Economia, Paulo Guedes, disse, em abril de 2021, que "o chinês inventou o vírus" da Covid. "O chinês inventou o vírus e a vacina dele é menos efetiva que a do americano. O americano tem cem anos de investimento em pesquisa. Então os caras falam: 'Qual o vírus? É esse? Tá bom'. Decodifica, tá aqui a vacina da Pfizer."

Carlos Reyes/AFP

PERU TEM EMERGÊNCIA AMBIENTAL POR ÓLEO VAZADO APÓS TSUNAMI

O governo peruano declarou neste sábado (22) emergência ambiental na área atingida pelo vazamento de 6.000 barris de petróleo há uma semana, uma das consequências de um tsunami causado por uma erupção vulcânica na região de Tonga, no oceano Pacífico. Com a medida, que valerá por 90 dias úteis, as autoridades pretendem realizar "trabalhos de recuperação e remediação" na área atingida. O incidente deixou pássaros mortos ou cobertos de óleo, incapazes de voar, e os pescadores estão impossibilitados de trabalhar. O óleo teria vazado no processo de descarga de uma embarcação da empresa espanhola Repsol na refinaria La Pampilla, em Ventanilla, 30 quilômetros ao norte de Lima, devido à violência das ondas que atingiram a costa peruana após a erupção do vulcão submarino em Tonga.

Chefe da Marinha alemã cai após causar mal-estar com Ucrânia

BERLIM | REUTERS O chefe da Marinha alemã, Kay-Achim Schönbach, pediu demissão neste sábado (22) após declarações suas sobre a crise envolvendo a Rússia e a Ucrânia deflagrarem uma tensão diplomática entre Berlim e Kiev.

O militar havia defendido Vladimir Putin, dizendo que o presidente russo só quer ser tratado de igual para igual pelo Ocidente. Em um debate realizado por um think tank indiano, ele ainda afirmou que a península da Crimeia, anexada por Moscou após um conflito em 2014, "nunca voltará" ao controle ucraniano.

A fala repercutiu primeiro na imprensa local, para depois abrir um atrito com a Ucrânia e gerar reações também na própria Alemanha. A chancelaria de Kiev chamou o comentário de decepcionante e pediu que o governo de Olaf Scholz o repudiasse.

A Defesa alemã, então, emitiu uma nota para esclarecer que a fala de Schönbach não refletia a posição da pasta ou do governo. O vice-almirante depois tuitou que aquelas eram opiniões pessoais e pediu desculpas pelo que chamou de comentários impulsivos. Horas depois, se demitiu.

"O que Putin realmente quer é respeito. E, por Deus, não custa nada. É fácil dar a ele o respeito que ele pede —e provavelmente merece", disse Schönbach no debate transmitido no YouTube. "A península da Crimeia já era, não volta nunca mais [ao controle ucraniano]. Isso é um fato."

Esse mal-estar se dá em um momento especialmente tenso da relação entre Rússia e Ucrânia e após a Alemanha participar ativamente de esforços diplomáticos para tentar apaziguar os ânimos.

A raiz do conflito atual foi o deslocamento, por Putin, de 100 mil soldados para uma região próxima à fronteira ucraniana. A ação foi vista pelo Ocidente como indicativo de uma possível invasão —semelhante à que se deu em 2014, quando Moscou anexou a Crimeia.

A Rússia diz que não há intenção de atacar o vizinho, mas afirma que poderia adotar ações militares caso o Ocidente não atenda às suas demandas —que incluem a garantia de que países como a Ucrânia não integrarão a Otan.

A Alemanha é especial interessada na situação por causa do gasoduto Nord Stream 2, que liga o país à Rússia e ainda não teve a operação iniciada.

Ele foi uma das cartas colocadas na mesa por autoridades alemãs nesta semana. Tanto a ministra das Relações Exteriores Annalena Baerbock (em encontro com o chanceler russo, Serguei Lavrov) quanto Scholz (que se reuniu com o secretário-geral da Otan) disseram que Berlim sabe que o custo de defender a Ucrânia no caso de uma invasão russa será grande —e todos estão dispostos a pagá-lo, via sanções, por exemplo.

Apesar disso, há fricções entre alemães e ucranianos. Neste sábado mesmo, o chanceler Dmitro Kuleba já havia reclamado no Twitter de uma negativa de Berlim para o envio de armas a Kiev, ressaltando que "a unidade do Ocidente em relação à Rússia é mais importante que nunca".

O Reino Unido, por exemplo, anunciou nesta semana ter iniciado o fornecimento de armamentos antitanque.

Neste sábado, aliás, citando a inteligência britânica, a secretária de Relações Exteriores Liz Truss abriu nova frente de acusação contra Moscou, dizendo que Putin tem articulado em prol de Ievguêni Muraiev, pré-candidato presidencial, para ter no poder na Ucrânia um líder alinhado a ele.

Os americanos classificaram o possível movimento como preocupante. Truss deve ir a Moscou para se reunir com o chanceler russo em fevereiro.

Na sexta, o secretário de Estado dos EUA Antony Blinken esteve com Lavrov e concordou em enviar respostas formais às demandas do Kremlin.

mercado

Luz cara faz 22% atrasarem conta para comprar comida

Energia já consome metade do orçamento de 25% dos mais pobres, diz pesquisa

Julio Wiziack

BRASÍLIA A catadora de latinhas Valquíria Cândido da Silva, 47, mora em uma casa pequena no Grajaú (zona sul de SP), com o marido e quatro filhos. Com renda familiar de R$ 2.000, ela teve de deixar de pagar a conta de luz para fazer a compra de alimentos do mês.

A fatura de energia, que antes da pandemia não passava de R$ 60, bateu R$ 370 neste mês. A de água saltou de R$ 30 para R$ 200.

"Não tive escolha. A conta não para de subir e está tão alta que tive de adiar o pagamento para poder ter o que comer em casa", disse Valquíria.

"Não paguei a água e cortei outros gastos também, como roupa e lazer. Trabalho para as contas. Os meninos estão na escola, temos gastos com eles, e, por isso, estou economizando em quase tudo."

Nos planos está a construção de um fogão a lenha para evitar pagar mais de R$ 100 por um botijão de gás. Também entrou no radar a captação de água de chuvas para lavar roupas e tomar banhos de bacia.

Valquíria faz parte do grupo de 22% dos brasileiros que, diante da disparada das tarifas de energia e água, têm trocado o pagamento da conta de luz pela compra de alimentos básicos, como arroz e feijão.

É o que mostra pesquisa feita pelo Ipec para o iCS (Instituto Clima e Sociedade). Entre 11 e 17 de novembro de 2021, o instituto entrevistou 2.002 pessoas com 16 anos ou mais em todas as regiões do país.

O levantamento mostrou que o aumento da energia comprometeu, em média, metade do orçamento de um quarto dos brasileiros de baixa renda (até cinco salários mínimos —hoje, R$ 6.060).

A energia corroeu ao menos 25% dos vencimentos de metade da população brasileira.

No geral, 4 entre 10 brasileiros reduziram despesas deixando de comprar roupas, sapatos e eletrodomésticos para arcar com a luz. A população de baixa renda é a que mais contribuiu com o resultado.

Os cortes de despesas foram mais severos no Nordeste e no Centro-Oeste, onde 1 em cada 4 habitantes (28% e 27%, respectivamente) postergou o pagamento para ir ao supermercado.

Em Brasília, Ivânia Souza Santos, 38, ainda não sabe como conseguirá pagar a luz. Desempregada, ela, o marido e três filhos pequenos moravam em uma ocupação próxima ao Planalto, mas foram expulsos com outras famílias.

Com o auxílio mensal de R$ 600 pago pelo governo do Distrito Federal, ela alugou um apartamento pequeno —quarto e sala— de um prédio em Itapuã, bairro afastado da capital federal.

No edifício, três unidades compartilham um mesmo medidor de luz e dividem as despesas. "Em outubro, o governo parou de pagar e, agora, não tenho como quitar essa conta", afirma Ivânia.

Ela diz ter pedido um empréstimo a uma amiga para saldar o aluguel. "Com o que sobrou, comprei mantimentos. A conta de luz está atrasada."

O fornecimento só não foi interrompido porque os demais apartamentos realizaram o pagamento e Ivânia ficou como devedora dos moradores.

A energia subiu demais porque a falta de chuva, que fez o ano de 2021 entrar para a história como o mais seco dos últimos 91 anos, reduziu o volume de água nas hidrelétricas.

Por isso, desde o início de 2021, o governo autorizou com mais regularidade a contratação de energia produzida por termelétricas movidas a diesel, carvão e outros combustíveis fósseis, que cobraram mais de R$ 2.000 o MWh (megawatt-hora), quase dez vezes o preço de referência.

O governo também permitiu a importação de energia por preços similares.

O resultado dessa política para o consumidor foi uma alta na tarifa duas vezes acima da inflação medida pelo IPCA, de acordo com o iCS.

Os cálculos, segundo o físico Roberto Kishinami, coordenador sênior de energia do instituto, não levaram em conta as bandeiras tarifárias e as medidas para contornar a crise hídrica que, em ano eleitoral, serão deixadas como herança para o próximo governo.

Continua na pág. A16

Ivânia Souza Santos, desempregada no DF que não tem dinheiro para pagar a conta de luz Pedro Ladeira/Folhapress

PAINEL S.A. | *Joana Cunha*

painelsa@grupofolha.com.br

Claudio Lottenberg

Podemos ter instrumentos para minimizar o impacto econômico da pandemia

SÃO PAULO Diferentemente do cenário do início da pandemia, hoje, o país tem mais condições de encontrar instrumentos para mitigar o impacto econômico desta nova fase da Covid, com a onda de afastamentos de trabalhadores contaminados.

É a opinião do médico Claudio Lottenberg, que avalia que o debate sobre o autoteste, cuja liberação foi adiada pela Anvisa na semana passada, pode contribuir para a saúde pública, desde que haja algum tipo de monitoramento.

*

Essa nova fase da pandemia traz sinais de que vai acabar? Completamos um ano de vacinação. Uma pandemia deve evoluir, como aconteceu com outras, para o estado de uma endemia. É um processo evolutivo que vai permitindo que a manutenção do vírus exista sem grandes consequências no contexto da convivência da sociedade.

A gente não consegue ainda responder se está de fato nessa condição de equilíbrio. Fora isso, temos que comemorar que conseguimos aprender muita coisa em pouco tempo, como a velocidade com a qual produzimos vacinas. Mas acho que ainda estamos em um cenário muito desafiante.

Hoje, há um impacto forte na economia pela falta de mão de obra. Isso ainda está grave? Sim. Vivemos uma desorganização das cadeias produtivas. Tem um desacerto entre oferta e demanda, falta de insumos, inflação, desafios importantes para autoridades em todos os países.

No médio prazo, em termos de atividade econômica, vamos ter novos padrões comportamentais, diminuição do fluxo de pessoas. As empresas de tecnologia saem ganhando. As demais, a gente não sabe.

Lá no começo da pandemia, alguns empresários e o presidente diziam que era melhor não fechar o comércio nem restringir a circulação para alcançar a chamada imunidade de rebanho. Hoje, tem vacina e a ômicron, mais fraca, mas ainda há impacto na economia. É uma amostra de que lá atrás também haveria forte abalo econômico? O que a gente teria assistido seriam cadáveres espalhados pela rua, porque a gente não tinha infraestrutura hospitalar suficiente para a complexidade.

Hoje, o cenário é diferente, temos um conhecimento mais profundo sobre o vírus, temos uma capacidade de testagem, que está sendo colocada sob pressão, mas é muito melhor do que há dois anos.

Neste momento, acho que podemos ter instrumentos que nos ajudem a minimizar esse impacto na economia. Esse vírus é menos agressivo e tem-se uma capacidade de testagem diferente da anterior.

O que pensa sobre a discussão para liberar o autoteste? Se ele for usado dentro de uma ferramenta de saúde pública, não sobre a lógica individual, em que a pessoa faz o autoteste e interpreta como bem entende, é uma coisa. Sobre saúde pública, é outra.

Portugal, por exemplo, está tendo autoteste. Tem uma estação de teste em cada esquina como se faz em casa. Se o autoteste deu negativo, e a pessoa tem ainda alguns sintomas, faz o PCR. Se deu positivo, fica isolada.

O autoteste seria muito bom se houvesse um casamento com a autoridade sanitária em que as pessoas tivessem um monitoramento no sentido de entender como se faz o autoexame, soubessem como usar e ele fosse de boa qualidade. Senão, pode representar um risco dentro do conceito de saúde pública.

Seu nome é cotado pela ala do DEM no União Brasil como sugestão de vice do Rodrigo Garcia para o governo de São Paulo, mas teria que competir com o vereador Milton Leite, presidente da Câmara de SP. Tem essa chance? Não é a primeira vez que eu vejo o meu nome sendo lembrado para ocupar posições na estrutura formal pública política brasileira.

Evidentemente que eu tenho um traçado histórico que, provavelmente, mobilize a sociedade para uma iniciativa dessa natureza. Não tive nenhuma conversa nessa frente. Não descarto uma possibilidade de poder participar disso. A única coisa é que eu acho que ainda é muito cedo para tomarmos decisões.

O sr., que é próximo do Doria, como vê o cenário eleitoral com possibilidade ainda forte de Lula ganhar? Estamos a 11 meses do cenário eleitoral. É verdade que as pesquisas mostram dois candidatos demonstrando maior vitalidade em suas candidaturas, Lula e Bolsonaro. Esse é um quadro definitivo? Eu acho que a história mostra que não é assim que se comportam as eleições.

A campanha começa a partir de março. As duas candidaturas são fortes e existe um desenho para uma terceira via.

O sr. está acompanhando esse movimento da UnitedHealth para sair do Brasil? Não participo da empresa já há três anos. Não tenho acesso nenhum. Me desliguei do grupo, portanto, o que estou acompanhando é o que sai pela mídia.

Mas como avalia? Vê nisso algum sinal do olhar do investidor estrangeiro sobre o Brasil? O que eu vejo: existem problemas particulares de uma companhia, que não necessariamente podem se traduzir em uma leitura acerca de investidores dentro do mercado brasileiro.

Acho que seria arriscado tomar um exemplo em particular e generalizar dentro de uma visão de uma perspectiva do que pode representar o país. Acho que o Brasil é um país de muito espaço, particularmente em relação à saúde. Tem um mercado enorme para ser ocupado.

Raio-X
Presidente do Conselho Deliberativo da Sociedade Beneficente Israelita Brasileira Albert Einstein, do Instituto Coalizão Saúde (ICOS) e da Confederação Israelita do Brasil (Conib). É visiting professor da Universidade de Harvard (EUA) e membro da Academia de Medicina de São Paulo. Foi presidente da UnitedHealth Group Brasil

Luz cara faz 22% atrasarem conta para comprar comida

Continuação da pág. A15

Em valores médios, a luz (tarifa mais impostos) subiu 1,32 vez mais que o IPCA durante os oito anos do governo Luiz Inácio Lula da Silva; 1,1 vez ao longo da gestão da ex-presidente Dilma Rousseff; 2,4 vezes sob Michel Temer e 2 vezes no governo Bolsonaro.

Nos cálculos não foram incluídos custos com todas as bandeiras tarifárias nem custos extras sobre a conta gerados pela crise hídrica. Bolsonaro deixará um passivo superior a R$ 140 bilhões a ser repassado para os consumidores em 2023.

Para os especialistas, o peso dessa política será maior para as famílias mais pobres. "Para os mais ricos, a conta, mesmo subindo mais do que a inflação, não compromete a renda familiar", disse Kishinami.

Em debate recente promovido pelo iCS, a economista Paula Bezerra, doutora em planejamento energético pela Coppe-UFRJ, afirmou que os 10% dos brasileiros mais ricos consomem 2,5 vezes mais energia que os 10% mais pobres.

Entretanto, para os mais abastados, a conta representa 2% do orçamento familiar. Entre os menos favorecidos, pode comprometer até metade da renda.

Essa desproporção deve piorar diante da aprovação da lei que abriu o mercado para a geração distribuída, mecanismo que permite instalar placas solares ou unidades geradoras em cada domicílio com a previsão de abatimento na conta caso o gasto seja inferior à produção de cada residência.

Como esses equipamentos exigem investimentos, será uma solução para que os consumidores de renda mais alta gerem sua própria energia, escapando dos custos da rede elétrica das distribuidoras. Ou seja: com menos consumidores de maior poder aquisitivo rateando os custos do sistema elétrico nacional, haverá uma sobrecarga ainda maior sobre os mais pobres.

A saída para evitar a indigência energética, segundo diversos especialistas do setor, é criar um programa de tarifa progressiva. "Esse é um fator de injustiça que precisa ser corrigido", disse Kishinami.

Esses técnicos defendem tarifas diferenciadas balizadas pelo ganho mensal das famílias. Existem propostas do gênero no Congresso, mas seguem paradas há duas décadas.

A tarifa social foi um feito nesse sentido, mas já não se mostra suficiente. "Ela trava o consumo em 30 kWh [quilowatt-hora] por mês", disse Paula Bezerra.

"Essa taxa só comporta luz e um refrigerador eficiente. Como na maioria desses lares a geladeira não funciona direito, [boa parte da baixa renda] não cai nessa faixa", afirmou.

Uma reforma do setor elétrico para corrigir essas distorções é uma necessidade urgente, afirma o ex-diretor do ONS (Operador Nacional do Sistema) Luiz Barata, já que as dificuldades do consumidor de baixa renda são imediatas e não justificam planos que só olhem para o longo prazo.

O MME (Ministério de Minas e Energia) afirmou que a discussão sobre um novo modelo de tarifas está no projeto que trata da modernização do sistema elétrico e que os mais pobres não participaram do rateio do aumento de custos de geração.

Por meio de sua assessoria, a pasta disse que a, partir deste ano, a tarifa social será concedida automaticamente.

"Não será mais necessário solicitar à distribuidora", disse o ministério.

"Atualmente, cerca de 12,3 milhões de famílias no Brasil recebem a tarifa social. Estimativas apontam que existam mais 11,5 milhões de famílias em condições de usufruir dos descontos."

Zanone Fraissat/Folhapress

> **Não tive escolha. A conta [de luz] não para de subir e está tão alta que tive de adiar o pagamento para poder ter o que comer em casa**
>
> **Valquíria Cândido da Silva** catadora de latinhas que mora no Grajaú (zona sul de SP) com o marido (na foto) e quatro filhos

Energia mais cara compromete até 50% da renda de 4 em 10 famílias de baixa renda

De onde sai o dinheiro para pagar a conta mais cara
Em % do total*

Redução ou fim de compras de **bens de consumo** (roupas, sapatos, eletroeletrônicos etc.)

Redução ou fim de compras de **alimentos básicos**

Redução ou fim de compras de **artigos de limpeza**

Redução ou fim de compras de produtos de **higiene e beleza**

Atraso no pagamento de **outras contas básicas**, como água e gás

Redução ou fim de compras de **remédios**

Atraso no pagamento de **aluguel, condomínio ou prestação de casa própria**

Mais ricos consomem mais
Proporção é de 2,5 vezes acima do gasto mensal médio dos mais pobres
Média mensal de consumo, em kWh

2%
É o peso da energia no orçamento familiar dos 10% mais ricos

9%
É a média dos brasileiros que não pagam em dia a conta de luz.
O índice sobe para **12%** na região Norte.
Sul e Sudeste empatam com **10%**. No Centro-Oeste é **7%**

28%
Não tomaram nenhuma medida para arcar com os custos elevados das contas de luz

*Pesquisa de opinião com mais de 2.000 entrevistados; resultado ultrapassa 100% porque as respostas foram de múltipla escolha
Fonte: Instituto Clima e Sociedade

Gasolina demagógica dá dinheiro a rico

Governo vai fazer dívida e pagar juros a ricos para tentar baratear combustíveis

Vinicius Torres Freire

Jornalista, foi secretário de Redação da Folha. É mestre em administração pública pela Universidade Harvard (EUA)

Bolsonaro pretende aumentar a dívida do governo a fim de diminuir os preços de gasolina e diesel. Quer zerar a cobrança de PIS/Cofins. Como não deve compensar esse benefício com cobrança maior de outros impostos, perderia uns R$ 52 bilhões por ano de receita.

Se toma empréstimo, paga juros: uns R$ 6 bilhões no primeiro ano. É parte do dinheiro que os ricos, que têm reservas financeiras, vão levar com a demagogia. Apenas parte. Caso os preços caiam, ricos e remediados vão se beneficiar também da redução de impostos sobre gasolina e diesel.

No final do ano, o Auxílio Brasil terá perdido poder de compra, por causa da inflação. Suponha-se que o valor do auxílio seja mesmo de uns R$ 430 por mês, na média. Em dezembro, a inflação terá comido valor suficiente para comprar um saco de 5 kg de arroz e mais uns trocados. Supõe-se aqui que a variação do IPCA seja de 5% em 2022; até junho, deve rodar na casa anual de 9%.

Por falar em pobres, note-se que gás de cozinha não paga PIS/Cofins. Até novembro, o consumo desse produto, GLP, era menor do que em 2020. Mas o consumo de gasolina aumentava quase 10% (o aumento médio do preço foi de 49%). Quem parece estar sofrendo mais?

Com menos imposto, gasolina e diesel vão ficar mais baratos? Depende.

Os preços variam de modo selvagem pelo país. Na média de dezembro, o litro do diesel poderia custar entre R$ 4 e R$ 7, arredondando, segundo a ANP. A gasolina comum, entre R$ 5,3 e R$ 8. É difícil prever como o desconto do imposto chegaria aos postos de cada região, até porque há mais fatores a influenciar o preço de revenda.

A depender do jeitão do mercado, a redução de impostos pode ter maior ou menor impacto. Isso depende de concentração (ou de cartel, de arranjos), da reação do consumo à variação de preços ou até de expectativas de inflação e situação das margens dos envolvidos no negócio. Em resumo, parte da redução de impostos pode ser apropriada por alguém na cadeia de combustíveis.

De que valores se trata? De imposto no valor de R$ 0,69 por litro de gasolina, que em dezembro custava em média R$ 6,7 no país. De R$ 0,33 por litro de diesel, que custava em média R$ 5,40. No preço da gasolina, se tudo desse certo e nada mais mudasse, a redução de preço de revenda seria, pois, de 10%; no diesel, de 6%.

O petróleo encareceu 50% no ano passado. Neste ano, 12%. Vai aumentar mais? Em se tratando de petróleo e dólar, os chutes são variados e costumam estar bem errados. O bancão Goldman Sachs prevê barril a US$ 100 no terceiro trimestre e em US$ 96 na média do ano. Outros analistas ouvidos na praça, porém, estimam preço médio próximo de US$ 80.

Mas a oferta está apertada, por decisão da Opep e da Rússia, por incapacidade de alguns produtores de fornecerem o combinado, risco de confusão na Ucrânia e, estruturalmente, baixo investimento na produção (por causa também da transição verde).

Para grandes bancos brasileiros, na média do ano o dólar deve ficar um tico mais barato do que na média de dezembro, mas sabe-se lá. Mesmo com estabilidade na média, o dólar pode ficar salgado até a eleição.

Em resumo, uma variação pequena do preço do petróleo pode jogar no vinagre a redução de impostos do governo.

Subsídios podem fazer sentido, em certos casos, sempre pensando primeiro nos mais pobres. Mas vai se dar dinheiro aos mais ricos a fim de subsidiar o consumo de um produto poluente e decadente. O governo vai avacalhar ainda mais a lei fiscal. Tudo isso por demagogia eleitoreira, que talvez não faça nem efeito prático de curto prazo.

vinicius.torres@grupofolha.com.br

Domésticas têm corte na renda e desemprego

Categoria convive com informalidade maior e alta nas reclamações de assédio; 27% foram demitidas, diz pesquisa

Suzana Petropouleas

Marli Silva, 45, foi demitida do emprego sem registro que tinha como babá, no início da pandemia; hoje cobre folgas aos finais de semana Karime Xavier/Folhapress

SÃO PAULO Rosângela dos Santos, Marli Silva e Damaris Paes compartilham a mesma profissão e as mesmas dificuldades: as três trabalhadoras domésticas perderam o emprego durante a pandemia e enfrentam piora em suas condições de trabalho e renda, mesmo após a flexibilização do distanciamento social proporcionada pelo avanço da vacinação.

A realidade das mulheres não é exceção entre a categoria. Levantamento da marca de limpeza Veja com a Plano CDE, divulgado no fim de dezembro, mostrou que 27% das trabalhadoras domésticas brasileiras foram demitidas durante a pandemia. Cerca de 40% continuaram a trabalhar, expondo-se aos riscos de contaminação pela Covid-19.

Uma minoria, 16%, pôde se isolar em casa e seguir recebendo o salário dos empregadores. A medida foi incentivada por uma campanha da Fenatrad (Federação Nacional de Trabalhadoras Domésticas), para que as trabalhadoras não se expusessem ao vírus no transporte público e nas casas das famílias contratantes, nos períodos de maior contágio. Ganhou força ainda em março de 2020, quando uma doméstica contaminada após contato com a patroa tornou-se a primeira vítima do vírus no Rio de Janeiro. "Mas a adesão foi mínima", diz Luiza Baptista, coordenadora-geral da Fenatrad.

Mesmo as beneficiadas pela decisão das famílias de manter os pagamentos enfrentaram dificuldades ao retornarem ao trabalho presencial.

Moradora de Salvador e doméstica desde os 14, Rosângela, 33, foi surpreendida pela exigência de que trabalhasse aos finais de semana para compensar as horas pagas não trabalhadas durante os seis meses iniciais da pandemia.

"Não tinha sido combinado antes. Quando disse que não podia, o tratamento mudou completamente. Fui muito humilhada", diz. O caso foi parar na Justiça do Trabalho, e Rosângela está desempregada desde então.

Dados da Pnad, do IBGE, mostram que o desemprego, o aumento da informalidade e a perda de renda atingiram duramente a categoria nos dois anos de pandemia. Cerca de 6,4 milhões de brasileiros trabalhavam em serviços domésticos no Brasil em 2019 —92% eram mulheres, e 65%, negros. Ao final de 2020, após 1,5 milhão de demissões, a força de trabalho contratada foi reduzida para 4,9 milhões.

As contratações foram retomadas em 2021, mas ainda estão distantes do patamar anterior. Em outubro, o país contabilizou 5,5 milhões de brasileiros ocupados no trabalho doméstico —4,1 milhões sem carteira assinada.

Os registros em carteira cresceram de 1,2 milhão para 1,3 milhão nos 12 meses anteriores. Mas o rendimento médio de registradas e informais caiu no período: de R$ 979 no trimestre de agosto a outubro de 2020 para R$ 929 no mesmo trimestre de 2021.

Em São Paulo, o piso da categoria é R$ 1.296,32 ao mês, para 44 horas de jornada semanal. Diárias variam de R$ 100 a R$ 200, a depender da região e do tamanho da casa.

A queda nos postos de trabalho e nos salários foi acompanhada por aumento no custo de vida, em razão da inflação, redução nos momentos de lazer e convívio social e pela ampliação das exigências e da sobrecarga.

A pesquisa de Veja e Plano CDE, que ouviu 522 trabalhadoras em todo o Brasil, mostra que diaristas que fazem faxina tiveram menor frequência de diárias contratadas, o que levou à queda na renda e maior carga de limpeza acumulada a ser feita.

As trabalhadoras relatam ainda a incorporação de novas obrigações na rotina de trabalho pandêmica, como o requisito de banho e troca de roupa obrigatória na chegada aos postos de trabalho, higienização de todas superfícies tocadas e, em diversos casos, custeio de equipamentos de proteção como máscara e álcool em gel do próprio bolso.

Relatos de assédio moral e sexual e exposição a "testes de confiança" (em que o empregador filma a funcionária sem autorização ou deixa dinheiro à vista para testar sua honestidade, por exemplo) tornaram-se queixas mais comuns na pandemia, diz a pesquisa.

Marli Silva, 45, foi dispensada da família em que trabalhava como babá, sem registro, assim que a crise sanitária eclodiu. Após meses à procura de um novo posto, passou a cobrir a folga de colegas aos finais de semana, em diferentes casas. Em uma delas, soube por outro funcionário que a família e as crianças estavam com Covid-19.

"Eles estavam precisando muito de alguém para cuidar da família deles, mas não tiveram nenhum cuidado com a minha", diz ela, que tem uma filha com doença rara e marido com câncer. Ambos fazem parte do grupo de risco para a Covid-19. Marli passou a se isolar após os turnos e se diz aliviada por ter encontrado nova empregadora, que a manteve afastada quando o exame das crianças foi positivo.

Janaína Mariano, presidente do Sindoméstica (Sindicato das Empregadas e Trabalhadoras Domésticas da Grande São Paulo), diz que a maioria dos conflitos em que a entidade foi acionada na pandemia caracteriza-se por fraudes relacionadas à medida provisória 936, que criou o Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e da Renda.

"São empregadores que fizeram contratos de redução ou suspensão da jornada da funcionária, mas mantiveram-nas trabalhando integralmente e usaram o valor repassado pelo governo, originalmente destinado à funcionária para compensar sua perda de renda com a redução da jornada, para pagar o salário", diz.

Segundo a dirigente, o dinheiro público do benefício destinado à redução da jornada era usado para baratear, ao empregador, a manutenção da funcionária em jornada integral. Os casos foram judicializados e são investigados.

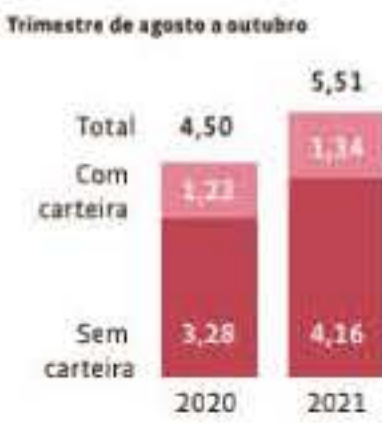
Apesar das dificuldades geradas pela pandemia e que fragilizaram ainda mais o trabalho da categoria, 56% das domésticas ouvidas no levantamento nacional disseram ter boa relação com os patrões.

"Com o atual cenário econômico, muitos empregadores também perderam seus postos de trabalho e tiveram que dispensar as domésticas, que enfrentam agora o desemprego e informalidade."

Damaris Paes, 53, trabalhava havia cinco anos na casa de uma família americana na Vila Mariana, na zona sul de São Paulo. Cuidava do menino da família e auxiliou com a limpeza quando a faxineira foi dispensada. "Sempre gostei de trabalhar de doméstica e a família era ótima comigo", diz.

Como ficou sem trabalho depois que sua empregadora voltou aos EUA, ela fez uma pausa. Hoje Damaris busca outra vaga e faz tratamento para a coluna, fragilizada pelo trabalho físico da atividade, que exerce desde os dez anos.

"Mas sei que poder parar não é uma opção para a maioria das colegas. A crise afetou muito nosso trabalho. As famílias querem alguém, mas, para a gente, não está valendo a pena", afirma.

Trabalho doméstico na pandemia

Demissões durante a pandemia, em %

Fontes: PNAD-Contínua/IBGE e Plano CDE/Reckitt

Centro de visitantes da reserva Guaricica, no litoral do Paraná; projeto de multinacionais permite que empresas invistam na conservação de áreas para neutralizar emissões de carbono

Empresas buscam vitrine na mata atlântica

Mercado voluntário de carbono dá chance de sobrevida a projetos de conservação e restauro de florestas nativas

Clayton Castelani

SÃO PAULO Na esteira do esforço de relações públicas de empresários que querem se afastar da pecha de negligentes climáticos, um projeto pioneiro de investimento privado na conservação e restauro de florestas nativas da mata atlântica está ganhando sobrevida no Sul do Brasil, no Paraná.

Seu lançamento ocorreu há duas décadas, bem antes de a agenda ambiental entrar na lista de prioridades no mundo dos negócios com a incorporação de termos como ESG (sigla em inglês para designar boas práticas ambientais, sociais e de governança).

Em 1999, três multinacionais decidiram aportar US$ 18 milhões (R$ 102 milhões, sem considerar a correção da inflação) em um projeto de manutenção de mata nativa no litoral norte daquele estado.

Motivadas pelo tratado internacional de redução de gases que causam o efeito estufa, assinado dois anos antes em Kyoto, no Japão, American Electric Power, Chevron e General Motors decidiram compensar no Brasil suas emissões de CO_2 (dióxido de carbono). Na época, já miravam o incipiente mercado de crédito de carbono.

Sem a participação dos Estados Unidos e com problemas regulatórios no comércio de crédito de carbono entre países, o Protocolo de Kyoto virou letra morta. Só recentemente, graças a acordos firmados na COP26, a conferência do clima realizada em 2021 na Escócia, a proposta colocada em marcha no Japão tem chances de avançar.

Lá atrás, porém, frustradas, as companhias desistiram de incorporar as reservas naturais paranaenses aos seus programas de compensação.

No entanto, as multinacionais mantiveram o investimento no parque, gerido pela SPVS (Sociedade de Pesquisa em Vida Selvagem). O fundo permite até hoje a manutenção de 19 mil hectares de mata atlântica distribuídos em três reservas naturais nos municípios de Guaraqueçaba e Antonina.

Constituídas por meio da compra de fazendas outrora destinadas à criação de búfalos, as reservas Papagaio-de-cara-roxa, Guaricica e das Águas podem estocar ao longo de 40 anos (tempo inicial estimado para o projeto) cerca de 4 milhões de toneladas de CO_2 retiradas da atmosfera por meio da fotossíntese de suas árvores e solo.

O volume equivale a aproximadamente a metade do gás carbônico gerado anualmente por Curitiba.

O valor remanescente do fundo é suficiente para os próximos cinco anos, aproximadamente, de gestão dos três parques. A expectativa de captação de novos recursos para manutenção e expansão das reservas, porém, ganha impulso com o amadurecimento, nos últimos anos, do mercado de VERs (sigla em inglês para Reduções Voluntárias de Emissões), segundo Clóvis Borges, diretor-executivo da SPVS.

Esse comércio voluntário, criado de forma paralela e em meio aos tropeços do mercado regulado entre países signatários do Protocolo de Kyoto, permite que empresas neutralizem suas emissões e negociem entre si sumidouros de carbono excedentes.

"O que eu tenho recebido de contato com empresas é quase uma corrida", diz Borges. "Há uma perturbação no mercado em relação às cobranças [por neutralização de carbono nas cadeias de suprimentos de grandes empresas]. O posicionamento ambiental estratégico tem a ver com ganhar ou perder uma concorrência."

A incorporadora Altma é um exemplo de empresa que vê oportunidades nesse novo posicionamento. Investiu R$ 300 mil na conservação, por cinco anos, de uma porção de 50 mil metros quadrados da Reserva Natural das Águas, em Antonina.

Para tomar a decisão, a Altma considerou a boa recepção dos moradores do primeiro edifício de apartamentos residenciais de Curitiba com emissões de CO_2 totalmente neutralizadas do país.

Suficiente para compensar 2.600 toneladas de dióxido de carbono produzidas pela obra, incluindo a extração de matérias-primas e transporte dos materiais, o aporte acelerou as vendas do empreendimento.

Quatro meses após o lançamento, 65% das 32 unidades foram vendidas.

"Esperávamos estar com 20% de vendas", afirma Gabriel Falavina, diretor de desenvolvimento imobiliário da Altma.

"Nos surpreendemos com o mercado de clientes que valorizam isso. A gente já consegue identificar um nicho que, no processo de compra do imóvel, não olha só localização, metragem e preço, mas também se o projeto corresponde aos seus valores", diz Falavina.

No caso das reservas da SPVS, novos contratos de compensação são viáveis porque as multinacionais que viabilizaram o projeto abriram mão de reivindicar os créditos gerados pela floresta.

Outros cerca de 20 mil hectares de propriedades rurais no entorno têm potencial de aquisição para a conversão em áreas de preservação e reflorestamento.

A sobrevivência do ecossistema local, porém, precisa de mais espaço e investimento. Depende da multiplicação de projetos semelhantes na área conhecida como Grande Reserva Mata Atlântica. Com mais de 2 milhões de hectares em uma faixa litorânea de floresta entre os estados de São Paulo, Paraná e Santa Catarina, a Grande Reserva é o último remanescente contínuo do bioma.

Esse é o tamanho do potencial para a geração de negócios que envolvem a neutralização e a emissão de créditos de carbono e a promoção de diversificados negócios e serviços ambientais nesse trecho de mata atlântica, diz Borges.

Bromélia na reserva Guaricica, gerida pela SPVS (Sociedade de Pesquisa em Vida Selvagem) Fotos Karime Xavier/Folhapress

Reservas Naturais da SPVS

> Há uma perturbação no mercado em relação às cobranças [por neutralização de carbono nas cadeias de suprimentos de grandes empresas]. O posicionamento ambiental estratégico tem a ver com ganhar ou perder uma concorrência
>
> **Clóvis Borges**
> diretor-executivo da SPVS

Movimentos semelhantes em outras partes do país são observados por ativistas como uma oportunidade para que o bioma seja vitrine para a atuação do setor corporativo no combate ao aquecimento global.

Nessa direção, a pressão gerada pela emergência climática sobre empresas de diversos portes e segmentos começa a se refletir em números.

Entre 2019 e 2021, o programa voluntário de reflorestamento da SOS Mata Atlântica avançou 79% em áreas de plantio de mudas, que passaram de 119 para 213 hectares por ano.

Ainda sem fazer frente ao ímpeto desmatador, o projeto também serve de termômetro para medir a temperatura dos investimentos privados para conservação do bioma, cujos fragmentos se estendem por 17 estados que concentram 70% do PIB (Produto Interno Bruto) do país.

Com os holofotes do mundo corporativo direcionados à questão do clima, a floresta que está no quintal das maiores metrópoles brasileiras tem potencial para projetos ambientais valiosos para o empresariado porque está ao alcance dos olhos de clientes, fornecedores e funcionários, segundo Luís Fernando Guedes Pinto, diretor de conhecimento da SOS Mata Atlântica.

"É natural que as empresas queiram neutralizar suas emissões mais perto do seus negócios, dos seus clientes. Isso realmente está acontecendo em uma velocidade maior."

O engajamento empresarial impulsionado pela pauta climática mostra força até mesmo fora dos segmentos mais visados pela opinião pública, como o agronegócio e grandes conglomerados industriais.

Após uma campanha de doação de mudas destinadas ao reflorestamento para funcionários no primeiro semestre, posteriormente estendida a clientes, a empresa do ramo de coberturas de lona e aço Tópico Galpões verificou sinais de fortalecimento na relação com o seu público.

Entre alguns clientes, o brinde verde virou vantagem competitiva. Duas grandes empresas dos setores de mineração e indústria, que têm metas de neutralização, quiseram conhecer o projeto para uma pesquisa de mercado sobre práticas sustentáveis nas suas respectivas cadeias produtivas.

"Para essas empresas, foi uma surpresa ver uma iniciativa que colabora com seus programas de neutralização vir de baixo para cima, partindo de uma empresa de médio porte como a nossa", diz Arthur Lavieri, presidente da Tópico.

Os primeiros cinco meses do projeto resultaram no plantio de 2.360 brotos de espécies nativas da mata atlântica, que reflorestaram mais de 14 mil metros quadrados de área —dois campos de futebol— no entorno de reservatórios do Sistema Cantareira, na Grande São Paulo.

Para 2022, a empresa planeja a neutralização das suas emissões através do plantio de mais 4.000 mudas certificadas, produção de energia solar por meio de películas fotovoltaicas instaladas nas lonas que revestem galpões que ela fabrica e aluga e pela contratação de transportadores que deem preferência à utilização de biocombustíveis.

Apesar de animadores, os projetos voluntários de conservação são parte de uma caminhada em que, para cada passo à frente, dão-se dois para trás.

O Atlas da SOS Mata Atlântica, que compila dados da fundação e do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, apontou a perda de 13 mil hectares de florestas nativas do bioma entre 2019 e 2020. São 130 quilômetros quadrados de desflorestamento, que, para comparação, equivalem a mais da metade (60%) da área de Recife (PE).

No período reportado no relatório, o desmatamento dobrou em 10 dos 17 estados abrangidos pelo bioma.

"A mata atlântica tem potencial para grandes projetos de reflorestamento. Somente para cumprir o Código Florestal, seria necessário restaurar 5 milhões de hectares. Isso é maior do que o estado do Rio de Janeiro", diz Guedes, da SOS Mata Atlântica.

"Isso é apenas para recuperar florestas nas beiras de rios, que fixam carbono, mas não geram uma economia de produtos florestais. Podemos ter mais 10 milhões de hectares para gerar negócios. O potencial é enorme, mas os projetos ainda são pequenos."

Empresa do Simples Nacional terá até 31 de março para regularizar dívidas

Prorrogação dará tempo ao Congresso para derrubar veto ao Refis, que beneficiará pequenas

Idiana Tomazelli

BRASÍLIA O Comitê Gestor do Simples Nacional decidiu na sexta-feira (21) prorrogar, até 31 de março, o prazo para que as empresas regularizem suas dívidas e se mantenham no regime simplificado, com carga tributária menor.

O prazo para as companhias fazerem a adesão, por sua vez, está mantido em 31 de janeiro.

A medida faz parte do pacote negociado pelo governo Jair Bolsonaro (PL) com parlamentares, após o chefe do Executivo ter vetado —a contragosto— a lei que instituiria um amplo programa de renegociação de dívidas de pequenos negócios.

Com a postergação da data-limite para regularização de débitos, o Congresso Nacional terá tempo para derrubar o veto e restabelecer o Refis (programa de refinanciamento de débitos tributários), aprovado no ano passado com amplos descontos às micro e pequenas empresas.

O presidente queria sancionar o programa, mas foi desaconselhado por auxiliares para evitar descumprir a lei eleitoral.

A legislação proíbe a concessão de benefícios em ano de eleições, e há controvérsia se um Refis se encaixaria nesse dispositivo. A decisão final do Planalto foi a de não correr riscos.

O veto ao Refis do Simples abriu uma crise dentro do governo e irritou o Congresso, onde lideranças haviam dado amplo apoio à medida.

A proposta também havia recebido parecer contrário do Ministério da Economia, devido à ausência de medidas de compensação à renúncia fiscal, que seria de R$ 1,2 bilhão no âmbito da Receita Federal e de R$ 489 milhões na PGFN (Procuradoria-Geral da Fazenda Nacional).

Bolsonaro reconheceu em entrevistas que o embate entre as equipes política e econômica gerou mal-estar.

"Fui obrigado a vetar a renegociação das dívidas das pequenas e microempresas. Isso logicamente teve um estresse entre eu e a equipe econômica, no bom sentido", afirmou o presidente em 10 de janeiro. Dias antes, chegou a dizer que a pasta de Paulo Guedes "deixa a desejar".

Desde o veto, Bolsonaro ordenou a seus auxiliares que encontrem uma solução para as dívidas das empresas menores. O presidente tem encorajado a derrubada do veto.

Relator do Refis na Câmara, o deputado Marco Bertaiolli (PSD-SP) afirma que a prorrogação do prazo de regularização abre caminho para a articulação dos parlamentares. Segundo ele, o esforço agora é para que o presidente do Congresso, senador Rodrigo Pacheco (PSD-MG), convoque sessão em fevereiro para apreciação do veto.

"Não tenho dúvida nenhuma de que isso será feito em fevereiro, ainda mais com essa sinalização do Ministério da Economia de que eles esperam a derrubada do veto ao Refis", diz Bertaiolli.

A lei do Refis do Simples prevê condições mais favoráveis de negociação de dívidas. As micro e pequenas empresas pagariam uma entrada de 1% a 12,5% do valor da dívida, conforme o grau de perda de receitas durante a crise provocada pela pandemia.

Elas teriam descontos entre 65% e 90% nos juros e multas e de 75% a 100% nos encargos e honorários advocatícios, também de acordo com o impacto da crise em seus caixas.

Companhias que não tiveram nenhuma perda, ou até ampliaram as receitas, durante a crise também poderiam aderir ao programa aprovado pelo Congresso. Todas as dívidas entram na negociação, inclusive aquelas que tramitam na Receita Federal.

Em 11 de janeiro, na tentativa de aplacar críticas, o governo editou portaria para renegociar dívidas de empresas do Simples com a PGFN.

As companhias têm até 31 de março para aderir à negociação. Quem optar pela modalidade precisará pagar entrada de 1% do valor negociado, em até oito parcelas.

Aposentados receberão R$ 960 milhões em atrasados do INSS pagos na Justiça Federal

Suzana Petropouleas

SÃO PAULO O CJF (Conselho da Justiça Federal) divulgou na sexta (21) que liberou o lote mensal de atrasados do INSS para 63,7 mil beneficiários que ganharam processos judiciais para concessão ou revisão de aposentadorias, pensões e outros benefícios. No total, foram pagos aos tribunais regionais federais R$ 960 milhões em atrasados. Segundo o conselho, 50.518 processos serão contemplados.

O dinheiro será destinado ao pagamento das RPVs (Requisições de Pequeno Valor) que foram autorizadas pela Justiça no mês de dezembro. Para ter direito a uma RPV, a ação judicial precisa ter sido concluída, com o pagamento definido pela Justiça, e com atrasados de, no máximo, 60 salários mínimos (o que corresponde a R$ 66 mil em 2021).

O cronograma de liberação dos valores em conta bancária no Banco do Brasil ou na Caixa depende de cada tribunal. O TRF-3 (Tribunal Regional Federal da 3ª Região), que atende São Paulo e Mato Grosso do Sul, informou que já começou a processar as informações e o procedimento de liberação do dinheiro aos beneficiários deve ser finalizado em até sete dias. Na região, serão pagos R$ 167,7 milhões em RPVs.

Segundo o TRF-1 (Tribunal Regional Federal da 1ª Região), os pagamentos na região de sua jurisdição devem ocorrer no final de janeiro. O tribunal é responsável pelos processos no Distrito Federal, em Minas Gerais, em Goiás, em Mato Grosso, na Bahia, no Piauí, no Maranhão e em toda a região Norte (Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins).

As RPVs podem ser consultadas com o CPF e dados do processo no site do TRF1.

O TRF-2, que atende Rio de Janeiro e Espírito Santo, informou que o dinheiro dos atrasados deve ser depositado em fevereiro e estar disponível para saque a partir do quinto dia útil do mês de março.

Segundo o TRF-4 (Tribunal Regional Federal da 4ª Região), responsável pelos estados do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina, a previsão é que os valores estejam disponíveis a partir de 3 de fevereiro.

Nos estados de Pernambuco, Ceará, Alagoas, Sergipe, Rio Grande do Norte e Paraíba, atendidos pelo TRF-5 (Tribunal Regional Federal da 5ª Região), o pagamento deve ser disponibilizado a partir de 8 de fevereiro. A movimentação do processo pode ser consultada em área do site do TRF-5. As RPVs serão pagas exclusivamente pela Caixa, e os beneficiados devem se encaminhar até uma agência com documento de identificação, CPF e comprovante de residência.

Como o lote atual contempla os atrasados autuados em dezembro, ele será o último com o valor de até R$ 66 mil, já que as RPVs autuadas a partir de janeiro passarão a considerar o salário mínimo de 2022, de R$ 1.212. Ou seja, o novo limite para receber via RPV, que sai mais rápido, passará a ser de R$ 72.720 na próxima liberação.

Ilustração Carolina Daffara

Ex-garçom e ex-pastor, 'faraó dos bitcoins' agiu sob suspeita por 4 anos

Glaidson Acácio foi preso em agosto por suposto esquema de pirâmide; ele nega as acusações

Italo Nogueira

RIO DE JANEIRO Elaborado em 2017, o primeiro alerta sobre as movimentações financeiras de Glaidson Acácio dos Santos, o "faraó dos bitcoins", não se limitou a descrever o entra e sai de R$ 18 milhões de sua conta no Banco do Brasil de Cabo Frio (RJ) naquele ano, segundo a Polícia Federal.

"Cliente demonstra um comportamento suspeito, sempre agradável ao extremo. Nunca se altera (mesmo que insatisfeito com alguma situação), tenta demonstrar uma educação acima do normal", diz o comunicado enviado ao Coaf (Conselho de Controle de Atividades Financeiras).

Aquele ano era uma espécie de transição para Glaidson. Seria o último vivendo na Praia do Siqueira, bairro pobre de Cabo Frio (RJ), endereço que, para o banco, reforçava as suspeitas sobre suas atividades.

"Segundo alegações do cliente, sua movimentação provém da atividade como intermediador financeiro no mercado de bitcoins, ainda que o analisado resida em região conhecida como um dos pontos mais ativos de tráfico de drogas no município", diz o alerta.

Em agosto daquele ano, ele adquiriu por R$ 380 mil um apartamento num moderno edifício da cidade. O novo alerta ao Coaf em 2018 destacou a ascensão. "Foi observado uma súbita elevação no padrão de vida do cliente no último ano, tendo recentemente mudado para um prédio de apartamento em bairro nobre."

Àquela altura, Glaidson já era o dono da GAS Consultoria, por meio da qual passou a oferecer a investidores um rendimento mensal de 10% supostamente a partir de compra e venda de criptomoedas.

Em nove anos, a estrutura criada pelo ex-garçom e ex-pastor da Igreja Universal e seus colaboradores atraiu mais de 67 mil clientes em 13 estados e em outros sete países.

Para o Ministério Público Federal, trata-se de uma organização criminosa para cometer os crimes de manutenção de instituição financeira sem autorização, gestão fraudulenta e negociação irregular de valores mobiliários.

A suspeita é que o rendimento dos investimentos em criptomoedas não era suficiente para suportar o retorno prometido por Glaidson. O esquema, diz o MPF, dependia do depósito de novos clientes para cumprir o acordo com os antigos. A prática é conhecida como pirâmide financeira.

O empresário foi preso em agosto na Operação Kryptos. Ele e outras 16 pessoas se tornaram réus na Justiça Federal.

Mensagens encontradas no celular de Glaidson, apreendido pela PF no dia da prisão, mostram uma outra face do homem "agradável ao extremo". Elas indicam um empresário irritado com os concorrentes na cidade, que passou a ser chamada de "Novo Egito", em razão dos diversos esquemas de pirâmides.

"Foda-se eles e todos que entra [sic] no caminho. Não quero 15%. [...] Quem paga 15% paga 10% e tem uma melhor gestão. Agora vir querer fazer sacanagem de retirar clientes não vai dar certo", escreveu Glaidson a um colaborador sobre um concorrente.

Para a polícia, as mensagens mostram também ordens para que ao menos dois concorrentes fossem mortos.

Ele foi denunciado sob acusação de encomendar a morte do empresário Nilson Alves da Silva, que sobreviveu ao atentado, e do youtuber e trader Wesley Pessano, que não teve a mesma sorte, em março e agosto de 2021, respectivamente. Glaidson é investigado por uma outra tentativa de homicídio, em junho.

Do cliente com "educação acima do normal" relatado ao Coaf em 2017 ao suposto mandante de assassinatos em 2021, passaram-se quatro anos de enriquecimento súbito e alertas sucessivos que encurralaram o "faraó dos bitcoins".

De origem pobre, Glaidson atuou como pastor da Universal na Venezuela, onde conheceu a mulher, Mirelis Zerpa, atualmente foragida.

Ela é suspeita de ser a mentora intelectual do esquema, por ter atuado no mercado de criptomoedas na Venezuela e ser mencionada em fóruns na internet como articuladora de pirâmides financeiras.

Ao retornar ao Brasil, Glaidson trabalhou como garçom em quiosques de Cabo Frio e num resort em Búzios, balneário vizinho. Ele afirma que iniciou em 2012 os investimentos em criptomoedas e a captação de clientes —boa parte colegas de trabalho, ex-pastores e fiéis da Universal.

O primeiro registro de transações nesse mercado observado nas investigações é de dezembro de 2014, quando abriu uma conta na Foxbit, corretora de criptomoedas.

Foi também em 2014 seu último vínculo empregatício, como garçom. Naquele ano, sua movimentação financeira foi modesta: R$ 62.091 em créditos e R$ 62.966 em débitos. O volume se multiplicou por 12 no ano seguinte, caiu 20% em 2016 e, a partir de então, não parou mais de crescer.

A Foxbit encerrou sua conta em fevereiro de 2018 por ausência de comprovação de renda para justificar a movimentação com criptomoedas.

Em maio daquele ano, o empresário também foi avisado por um escritório de consultoria jurídico-contábil sobre a necessidade de submeter sua atuação ao Banco Central.

Em abril de 2019, mais um alerta, feito por um contador, classificou a estrutura legal do negócio como "extremamente frágil", "exposta" e com "erro absurdo". Em resposta, Glaidson se queixou das exigências para se regularizar.

"São coisas que são impossíveis de se ter. Isso que a gente tá conversando aqui por esses áudios [é] para se chegar no melhor cenário. Se a gente for conversar com mais três ou quatro pessoas, aí deve-se pedir a identidade de Pedro Álvares Cabral, ou, pelo menos, a do Satoshi Nakamoto [pseudônimo da pessoa ou grupo que criou o bitcoin]", disse Glaidson em áudio enviado a um colaborador da GAS sobre as críticas feitas pelo contador.

Dias antes desse alerta, a CVM (Comissão de Valores Mobiliários) recebeu a primeira denúncia sobre as atividades da GAS. Elas se acumularam ao longo daquele ano.

Um dos denunciantes se tornou testemunha do MPF na investigação. Ele descreveu como a equipe da GAS respondia aos seus questionamentos sobre o negócio.

"Mostrei um cálculo para eles [apontando] que, se eu tivesse investido R$ 100 [mil], R$ 200 mil, em questão de cinco ou dez anos eu teria mais que o PIB dos Estados Unidos ou PIB global por conta dos efeitos dos juros compostos", disse a testemunha.

"A resposta era: 'Confia, você precisa estudar mais. Estamos há oito anos. Vem conhecer', era a resposta", contou ela.

A testemunha exagerou ao comparar o retorno de um investimento de R$ 200 mil em dez anos com o PIB americano, de US$ 20,9 trilhões em 2020 (cerca de R$ 115,5 trilhões). Contudo, o valor alcançaria R$ 18,5 bilhões no período caso os rendimentos de 10% mensais fossem sempre reinvestidos, como permitia a GAS, segundo a testemunha.

A CVM notou indícios de uma pirâmide financeira, mas não atuou porque não viu interferência no mercado de valores mobiliários. As denúncias foram encaminhadas para o Ministério Público.

A investigação começava enquanto bancos encerravam contas da GAS por suspeita de irregularidades. Os informes de agências e corretoras de bitcoins se acumulavam no Coaf. O relatório do órgão federal sobre Glaidson, a mulher e duas empresas do casal tem 318 páginas com 172 comunicações sobre suspeitas.

Enquanto os alertas seguiam sob sigilo, o "faraó" divulgava seus serviços. Com uma linguagem simples e uma fala mansa, atraiu para o negócio motoristas, servidores públicos, advogados e empresários.

Numa de suas apresentações, ele definiu assim os criptoativos: "Eles são o Pelé fazendo xixi na cama. Com um grande talento, mas, lá na frente, vai parar uma guerra".

Entre seus clientes estiveram o ator Rafael Portugal, do Porta dos Fundos, o ex-superintendente do Ministério da Saúde no Rio, Jonas Roza, e até um acusado de integrar uma milícia no estado.

Em 2020, o patrimônio declarado de Glaidson à Receita chegou a R$ 60 milhões. De acordo com o MPF, ele ainda omitiu do fisco contas mantidas em Portugal e nos EUA.

O ex-garçom passou a fazer uma série de ações sociais em Cabo Frio, o que alimentou comentários na cidade de que ele planejava candidatar-se a deputado. O vínculo político mais próximo de Glaidson, porém, era a irmã, ex-assessora da Assembleia Legislativa no gabinete de Dr. Serginho (PSL-RJ), atualmente secretário estadual. Ele disse que não sabia do parentesco.

As suspeitas sobre as atividades de Glaidson se tornaram públicas em outubro de 2020, quando o Portal do Bitcoin publicou reportagem mostrando que as atividades da GAS se assemelhavam a uma pirâmide financeira. Semanas depois, o mesmo site publicou a análise da CVM sobre o caso.

O ex-garçom e ex-pastor da Universal na Venezuela Glaidson Acácio dos Santos, o 'faraó dos bitcoins' Reprodução

Nilson, o concorrente que sofreu atentado em março, passou a dizer na cidade que o ex-garçom seria preso a qualquer momento. A denúncia contra o empresário e outras cinco pessoas pela tentativa de homicídio afirma que Glaidson mandou matá-lo porque ficou contrariado com os boatos e o efeito sobre seus negócios.

No período em que, segundo a denúncia, planejou o assassinato, o empresário doou R$ 21 milhões à Universal. Ela recebeu R$ 72 milhões de Glaidson e da GAS entre 2020 e 2021. A igreja entrou na Justiça pedindo que Glaidson apresentasse a origem do dinheiro e afirmou que pediu a interrupção das doações.

O cerco contra Glaidson continuou a se fechar. Em abril de 2021, a PF apreendeu R$ 7 milhões em dinheiro vivo com um casal que trabalhava para a GAS. O empresário prestou depoimento e negou comandar uma pirâmide financeira. Afirmou que sua empresa prestava serviço de "terceirização de trader".

Em junho, a Receita apreendeu joias e dinheiro com Glaidson e Mirelis no aeroporto de Guarulhos. A PF passou a seguir os passos do casal.

Em agosto, ele foi mencionado em reportagens do Fantástico, da Globo, como um dos integrantes do "Novo Egito". Escutas telefônicas mostram que ele reclamou de seus seguranças por não terem amarrado a jornalista que o procurou na sede da empresa.

Glaidson gravou um vídeo após as reportagens. Afirmou que não "compactua com pirâmides financeiras" e negou envolvimento no atentado contra Nilson, com quem disse manter "relacionamento excelente". Ofereceu-se para ajudar as autoridades a investigar empresas que, para ele, participavam de fraudes na cidade.

Em nota na ocasião, afirmou que o fechamento de suas contas nos bancos foi uma reação "provocada pela concorrência que a GAS Consultoria impõe aos produtos oferecidos pelas instituições financeiras".

A empresa disse também que "possui sólidos argumentos jurídicos para refutar as acusações formuladas, aptos a evidenciar a absoluta licitude e regularidade de suas atividades, e a inexistência de lesão a quem quer que seja".

Glaidson foi preso dias depois de publicar o vídeo de defesa. Sua empresa mantinha em dia, até então, o pagamento aos clientes.

Manifestações em Cabo Frio e no Rio de Janeiro, em frente à Justiça Federal, foram organizadas pedindo sua soltura. Eles perderam fôlego após as acusações de homicídio.

Centenas de clientes inundaram a Justiça com pedidos de restituição do dinheiro investido, atualmente bloqueado por ordem da 3ª Vara Federal Criminal. O advogado Paulo Nicholas, que representa uma associação criada por clientes da GAS, afirma que a entidade tem cerca de 2.000 filiados e outros 8.000 buscam recursos para se associar.

Da cadeia, Glaidson divulgou em dezembro carta na qual lamenta não poder cumprir com seus compromissos.

"Escrevo essa carta com o coração quebrado por saber que praticamente há três meses vocês estão sem receber os seus rendimentos", afirma ele.

"Nunca, nem em meus piores pesadelos, pude imaginar que isso poderia acontecer. Que eu estaria preso injustamente, que seríamos proibidos de pagar um dinheiro que contratualmente pertence a vocês, que veríamos uma história de quase uma década de muito trabalho ser jogado na lama, sem jamais termos causado dano algum a ninguém."

O advogado Nélio Machado, que defende Glaidson, não respondeu à reportagem.

Samuel Pessôa
O colunista está em férias

Luciano Salles

Cultura de gado e florestania

Atividades ligadas à preservação devem ser valorizadas

Candido Bracher

Administrador de empresas formado pela FGV. Foi executivo do setor financeiro por 40 anos

Em minha última coluna, tratando das balsas dos garimpeiros no rio Madeira e da vigorosa reação da Polícia Federal, enalteci a atitude de impor a lei, como essencial para a preservação da floresta e qualificação do país perante os inúmeros agentes nacionais e internacionais como capacitado a proteger seu riquíssimo patrimônio ambiental e apto a receber os recursos advindos de créditos de carbono, serviços florestais e outras modalidades de investimento que o mundo se dispõe a fazer no esforço de contenção do aquecimento global.

Observei adicionalmente que, embora imprescindível, a aplicação da lei por si só não será capaz de garantir a preservação da Amazônia de forma sustentada. Para isto é imperativo que os recursos advindos do ciclo econômico de baixo carbono cheguem à população local, fazendo com que o truísmo que afirma que a floresta é mais valiosa para a humanidade em pé do que derrubada, seja também válido para os habitantes da Amazônia.

Uma entrevista com o antropólogo americano Jeffrey Hoelle, publicada pela **Folha** *no dia 26 de dezembro sob o título "Criador de boi não é burro nem bandido, diz antropólogo que estudou os caubóis da Amazônia", fez-me considerar a existência de um requisito adicional aos três mencionados acima (aplicação da lei, captação de recursos e seu direcionamento aos agentes locais) que é a questão cultural.*

A valorização social dos homens e mulheres destinatários desses recursos dependerá essencialmente dos mecanismos de distribuição que se elaborem. O dinheiro apenas não será capaz de promover um engajamento autêntico e duradouro da população local.

Os mais velhos se lembrarão de um refrão cantado por Luiz Gonzaga na música "Vozes da Seca", em que, após agradecer o auxílio dos sulistas, diz: "mas doutor uma esmola a um homem que é são, ou lhe mata de vergonha, ou vicia o cidadão". A distribuição dos recursos sob a forma assistencialista é válida e necessária em situações emergenciais e transitórias, mas não deve ser a base de uma política permanente de desenvolvimento ecologicamente sustentável.

A leitura do livro de Hoelle "Caubóis da floresta: O crescimento da Pecuária e a Cultura de Gado na Amazônia Brasileira", publicado nos EUA em 2015 e recentemente traduzido, revela uma pesquisa dedicada, apoiada em trabalho de campo de mais de 12 meses que incluiu convivência intensa com seringueiros, colonos, "caubóis" (vaqueiros), fazendeiros, representantes do Estado e de ONGs no Acre.

As conclusões são baseadas em observações diretas e questionários feitos sempre a 120 pessoas, 20 de cada um dos seis grupos acima. Chama a atenção, a ausência de indígenas entre os grupos analisados.

O fato de a pesquisa ser realizada no Acre confere interesse especial às suas conclusões. O estado foi palco de graves conflitos entre seringueiros e fazendeiros, culminando com o assassinato de Chico Mendes em 1988.

Ali em 1990 criou-se a reserva extrativista (Resex) Chico Mendes, com 970 mil hectares, onde moram 25 mil pessoas que praticam o extrativismo principalmente de borracha e castanha. O estado elegeu o governador Jorge Viana (PT) em 1998, que implantou o Governo da Floresta e formulou o conceito de "florestania" que está para floresta, assim como cidadania está para cidade e cujo pressuposto é a preservação das riquezas naturais da floresta como condição para o desenvolvimento humano, econômico e social.

Na mesma época, Marina Silva, nascida e criada em um seringal, foi ministra do meio ambiente e teve reconhecido êxito no combate ao desmatamento. Entre 1998 e 2018 o Estado teve cinco gestões sucessivas do PT, notoriamente favoráveis à preservação.

Não obstantes todos os fatores acima, verifica-se que ao longo dos últimos 20 anos houve uma significativa conversão de colonos em pecuaristas e que mesmo os seringueiros passaram também a possuir cabeças de gado, que já ocupam parte das bordas internas da Resex.

A conclusão do estudo é que a "cultura do gado" tornou-se dominante no estado. Através de questionários e observações, o autor verifica que os seis grupos mencionados acima (seringueiros, colonos, "caubóis", fazendeiros, representantes do Estado e de ONGs) reconhecem —embora não concordem necessariamente— que a percepção dominante na sociedade é a de que estão presentes as cinco crenças que caracterizariam a hegemonia cultural da pecuária: 1- a criação de gado é a melhor forma de uso da terra, tanto socialmente (status), quanto economicamente (lucro); 2- há maior reconhecimento social das pessoas envolvidas com a pecuária, especialmente se comparadas às que praticam extrativismo ou agricultura; 3- valorização de um estilo de vida baseado no gado, com músicas sertanejas e rodeios, por exemplo; 4- grupos ligados à pecuária consomem mais carne, o que é visto como desejável; 5- a relação com a natureza através da pecuária é mais valorizada, na medida em que mostra um maior comando da natureza pelo homem.

Os esforços do governo em criar manifestações culturais em torno do conceito de "florestania", de modo a valorizar os aspectos da vida integrada à proteção da floresta, não teriam sido capazes de fazer frente à atração exercida pela "cultura de gado".

Opinião semelhante pode ser encontrada na quarta reportagem da excelente série "Arrabalde" de João Moreira Salles, publicada na revista Piauí: "Não há, hoje, uma cultura de floresta que se sobreponha à cultura do boi, corolário inescapável do processo de colonização. Triunfou a versão de quem nunca prestou atenção à floresta. Perderam os indígenas, os coletores, os ribeirinhos, aqueles que desejam a mata porque não vivem sem ela."

Na página digital da entrevista de Hoelle, há uma série de comentários críticos, chamando-o de trumpista e vendido, entre outras coisas. Aos críticos, sugiro que não atirem no mensageiro e procurem ler o livro, ou informar-se mais. Deixar de reconhecer as dificuldades nunca foi boa receita para sua superação.

O livro nos ajuda a compreender que mesmo com vontade política como no governo Jorge Viana, e iniciativas regulatórias corretas, como foi a criação da Resex, outros fatores relevantes devem ser considerados para que se alcancem os avanços urgentes e necessários na questão ambiental.

Além da ausência dos indígenas, o estudo —possivelmente por ser de 2015— tem a limitação de não considerar a hipótese de haver receitas de créditos de carbono e serviços florestais, que beneficiariam as atividades compatíveis com a preservação da floresta. Estes recursos por si só, podem permitir a essas iniciativas fazer frente aos atrativos econômicos da pecuária. Restará ainda a tarefa fundamental de fazer com que as atividades ligadas à preservação da floresta sejam valorizadas social e culturalmente.

Minha modesta contribuição aos grupos que têm refletido sobre este tema complexo, seriam três sugestões: 1- aplicação dos recursos da economia de baixo carbono para subsidiar diretamente o preço dos produtos da floresta, de forma que cheguem aos trabalhadores como fruto direto do seu esforço e empreendedorismo; 2- formação de profissionais locais e valorização de carreiras ligadas à preservação e ecoturismo, como guarda-parques e guias; 3- envolvimento de publicitários e artistas em um esforço coordenado de transformação cultural, que confira aos agentes da preservação da floresta reconhecimento social ainda maior que aquele que rodeios e música sertaneja atribuem aos caubóis e pecuaristas.

Afinal, posso pensar em poucas atividades tão nobres e necessárias como a de "guardiães da floresta".

esg

Edifício Parque Avenida, em Belo Horizonte, que tem certificação de sustentabilidade Aqua-HQE; selo analisa itens como materiais usados na construção e gestão de resíduos Divulgação

Edifícios investem em certificação ambiental

Selos que atestam redução do consumo de água e energia e aumento de bem-estar são diferenciais para a locação

Ana Luiza Tieghi

SÃO PAULO Em tempos de políticas de ESG (governança ambiental, social e corporativa) em alta, não basta ser sustentável, é preciso parecer sustentável. Certificações que atestam o bom uso de recursos naturais em construções ganham mais importância para fundos imobiliários e para empresas que precisam escolher seu escritório.

O selo de sustentabilidade Leed, concedido pelo GBC (Green Building Council) Brasil, é o mais utilizado pelo mercado, mas também há outros, como o Aqua-HQE, adaptação de selo francês, concedido pela Fundação Vanzolini.

"A certificação é a garantia de que aquilo que está sendo alegado foi visto de maneira sistemática por pessoas qualificadas", afirma Manuel Martins, coordenador-executivo do selo Aqua.

Além do benefício para a imagem das empresas, a certificação de sustentabilidade é indício de que o prédio pode ser mais rentável para investidores, apontam especialistas.

Segundo Roberto de Souza, presidente do CTE (Centro de Tecnologia de Edificações), que presta consultoria para certificação, a redução no consumo de energia e água pode ser de 30% a 40%, o que alivia o valor do condomínio.

A economia proporcionada pode ser refletida em uma locação mais cara por metro quadrado. Um estudo realizado em 2014 por pesquisadores da FGV (Fundação Getulio Vargas) apontou que a presença da certificação era responsável, de forma isolada, por um aumento de 4% a 8% nos valores cobrados pela locação de prédios comerciais corporativos em São Paulo.

Roberto Perroni, diretor de real estate da Brookfield no Brasil, que constrói e gerencia prédios comerciais, diz que, mais que um diferencial para aumentar o preço de locação, a certificação é critério de desempate na hora de uma empresa escolher onde montar o escritório ou centro de distribuição, o que reduz a taxa de vacância desses prédios.

Mariana Hanania, diretora de pesquisa e inteligência de mercado da consultoria Newmark, diz que prédios certificados em São Paulo têm vacância média de 10%, e a média do estoque na cidade, para o mesmo padrão, é de 14%.

Para Perroni, a presença de prédios com certificado de sustentabilidade no portfólio deve ser um critério de avaliação de quem decide investir em fundos imobiliários.

"Tem muita gente que analisa o que está rendendo mais, mas tem que olhar também o lastro que esse fundo tem para geração de renda no longo prazo", afirma. "[A presença do selo Leed] é um dos itens que você olha, que mostra que o prédio tem eficiência energética e atrai ocupantes de primeira linha."

Dos 15 prédios da gestora, 14 possuem certificados. O único sem o selo, no Rio de Janeiro, deve ser vendido em breve.

No universo dos escritórios de alto padrão, conhecidos como AAA, ter um certificado de sustentabilidade é pré-requisito. "Não existe mais prédio AAA que seja desenvolvido e implementado que não certifique, porque senão começa com o ativo já desvalorizado", afirma Manoel Gameiro, diretor da Ecoquest, consultoria em qualidade do ar, e ex-diretor do GBC Brasil.

Os selos de sustentabilidade chegaram ao Brasil em 2007 e são mais presentes em prédios novos, mas é possível certificar construções antigas. O que muda é o tipo de selo. Quando o prédio já está pronto, pode tentar um selo de operação, como o Leed operação e manutenção e o ciclo operação da Aqua, que são renováveis.

Ter um prédio certificado exige investimento em materiais com menor impacto ambiental, pois esse item também é analisado, e em tecnologia. Sensores ajudam a quantificar o gasto de eletricidade e água e a avaliar a qualidade do ar.

A automação ajuda a reduzir o uso desses recursos e adapta o prédio a novas situações, como quando a pandemia começou e boa parte dos funcionários ficaram em casa.

Souza diz que as certificações ajudam a criar uma cultura de sustentabilidade na cadeia produtiva da construção, que se vê forçada a inovar para atingir os objetivos de economia de recursos naturais.

A evolução da tecnologia permite que os selos sejam mais exigentes. Um exemplo é o certificado Zero Energy, criado pelo GBC Brasil, para construções que geram toda a energia que consomem.

Como conta Felipe Faria, diretor-executivo da entidade, já são 20 edificações certificadas e há mais 75 em processo para obter o selo.

Há selos específicos sobre o bem-estar e saúde dos ocupantes dos edifícios, como Well e Fitwell, que ganharam mais atenção na pandemia.

Esses certificados analisam itens como ergonomia, incentivo à atividade física, presença de espaços para descompressão e a qualidade do ar e da água. "Há quatro anos não havia demanda relevante para selo de bem-estar, mas na pandemia se começou a notar mudança importante nisso", diz Gameiro. "Vamos ter que achar um balanço entre fazer um prédio sustentável e que garanta saúde e bem-estar para os ocupantes."

A Brookfield certifica seus prédios também com o Well. Souza e Gameiro veem esse tipo de selo como nova frente de diferenciação competitiva.

Condomínios logísticos e prédios de salas comerciais, para empresas menores e profissionais liberais, estão bem atrás na certificação.

Complexo 17007 Nações (SP), que tem o selo de sustentabilidade Leed Divulgação

Birmann 32, na Faria Lima, com o selo Leed Jonne Roriz/Divulgação

+ Conheça os principais certificados

LEED
- O selo Leed (liderança em energia e design ambiental), concedido pelo GBC (Green Building Council) Brasil, tem origem americana e é o usado em prédios comerciais
- Analisa itens como a localização e acesso a meios de transporte público, materiais utilizados na obra, eficiência no uso de água e energia e qualidade do ambiente interno
- São quatro níveis: certified, silver, gold e platinum, conforme a pontuação obtida
- Há 1.712 construções registradas para receber a certificação, sendo 748 já certificadas

AQUA
- O selo Aqua-HQE (Alta Qualidade Ambiental) tem origem francesa e foi adaptado ao Brasil; é concedido pela Fundação Vanzolini, ligada a professores da Escola Politécnica da USP
- A certificação analisa os materiais usados na construção, o impacto do canteiro de obras, a eficiência energética e hídrica, a gestão de resíduos e o conforto térmico, acústico, visual e olfativo, entre outros itens
- Há 292 construções não residenciais certificadas, que incluem prédios corporativos
- O selo é popular entre construções residenciais, com 457 certificadas

44%
da área das lajes corporativas nas principais regiões de escritório de São Paulo têm algum tipo de certificação

27%
é a redução no volume de metros quadrados vagos nos edifícios certificados, em São Paulo, em relação aos que não têm selos

Fontes: GBC Brasil, Fundação Vanzolini e consultoria imobiliária Newmark

Menina é vacinada em São Paulo neste sábado (22), 1º dia de imunização de crianças sem comorbidades Rivaldo Gomes/Folhapress

Cloroquina funciona, mas vacina não, para ministério

Manifestação antivacina é assinada por secretário; diretora da Anvisa reage

Mateus Vargas

BRASÍLIA Em documento usado para justificar a rejeição de diretrizes de tratamento da Covid ao SUS, o Ministério da Saúde contraria entidades científicas e diz que há eficácia e segurança no uso da hidroxicloroquina contra a Covid.

Na mesma nota técnica, a pasta declara que as vacinas não demonstram essas características. Os textos arquivados contraindicavam o uso de medicamentos do chamado kit Covid.

A manifestação antivacina foi feita em tabela em documento assinado pelo secretário de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Helio Angotti, uma liderança de ala do governo defensora das bandeiras negacionistas do presidente Jair Bolsonaro (PL).

As diretrizes rejeitadas haviam sido elaboradas por especialistas de entidades médicas e científicas e aprovadas pela Conitec (Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no SUS).

Na mesma tabela, o ministério afirma que a hidroxicloroquina é barata, não tem estudos "predominantemente financiados pela indústria", mas não é recomendada por sociedades médicas. A vacina, diz a pasta, é cara, tem estudos bancados pela indústria e é recomendada por entidades.

Esse argumento reforça distorções já levantadas pelo presidente Bolsonaro de que há interesses impróprios na aprovação das vacinas.

A diretora da Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) Meiruze de Freitas reagiu à nota da Saúde e disse à Folha que "todas as vacinas autorizadas no Brasil passaram pelos requisitos técnicos mais elevados no campo dos estudos clínicos randomizados (fase I, II e III) e da regulação sanitária".

"Não é esperado e admissível que a ciência, tecnologia e inovação no Brasil estejam na contramão do mundo", diz a diretora. "É preciso que todos estejam unidos na mesma direção, ou seja, salvar vidas."

O Ministério da Saúde aponta que não há demonstração de efetividade da vacina "em estudos controlados e randomizados" nem de segurança "em estudos experimentais e observacionais adequados".

Ainda diz que outros tratamentos contra a Covid não têm resultado, como manobra de prona e ventilação não invasiva. Na tabela, a pasta diz que anticorpos monoclonais funcionam.

Por meio de nota, o Ministério da Saúde disse que "em nenhum momento afirmou que o referido fármaco é seguro para tratamento da Covid-19, nem questionou a segurança das vacinas, que é atestada pela agência reguladora".

Ainda segundo a nota, a interpretação foi retirada erroneamente de uma manifestação técnica e isoladamente não traduz o real contexto. "A interpretação de que afirma existência de evidências para o medicamento cloroquina e não existência de evidências para vacinas é errada e descontextualizada."

Ao assumir o Ministério da Saúde, em março de 2021, Queiroga anunciou que promoveria o debate na Conitec para encerrar a discussão sobre o uso do kit Covid.

No entanto, ele modulou o discurso e tem investido em agrados a Bolsonaro para se agarrar ao cargo. Ele passou a evitar o tema, ainda que admita a colegas que não vê benefícios no uso destes remédios.

Especialistas e sociedades médicas que participaram da elaboração da diretriz preparam um recurso ao ministério.

Devem assiná-lo a Amib (Associação de Medicina Intensiva Brasileira), a SBI (Sociedade Brasileira de Infectologia), a SBPT (Sociedade Brasileira de Pneumologia e Tisiologia) e a AMB (Associação Médica Brasileira).

"Não tem lógica e base técnica nenhuma essa análise [do ministério]", afirma o infectologista Julio Croda, pesquisador da Fiocruz e professor da UFMS (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul). "Mostra claramente que é uma decisão política [rejeitar a diretriz] e não técnica".

"Já passou do ato de autonomia médica para algo criminoso, de indução do uso de medicações sem comprovação científica", diz Croda.

Em nota, professores da USP, pesquisadores e profissionais de saúde afirmaram que preocupa ver que a "as rédeas" do ministério "estejam sob a posse da ideologia, da desinformação e, principalmente, da ignorância". Para eles, o comportamento da pasta avança para consolidar a prática sistemática de destruição do sistema de saúde.

Professor da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, Luis Correia diz que a tabela é "caricatural". Ele afirma que a nota seleciona estudos de má qualidade para afirmar que a hidroxicloroquina é segura e eficaz contra a Covid.

"É simplório ainda dizer que o custo da vacina é alto e da hidroxicloroquina, baixo. A vacina é muito custo-efetiva, faz com que a pandemia diminua. É um investimento vantajoso. Hidroxicloroquina não resolve a pandemia", diz Correia, que também representa o Conass (Conselho Nacional de Secretários de Saúde) na Conitec.

Angotti também questionou, na nota da Saúde, a metodologia usada pelos especialistas, o rigor técnico dos estudos e até possíveis conflitos de interesse do grupo.

O secretário rejeitou três capítulos da diretriz hospitalar da Covid, todos aprovados por unanimidade na Conitec. Além disso, arquivou o texto sobre tratamento ambulatorial, aprovado por sete a seis no mesmo colegiado.

"Essas vacinas que são alvos de ataque por parte do secretário estão autorizadas em todas as agências do mundo", diz Nelson Mussolini, presidente-executivo do Sindusfarma (Sindicato da Indústria dos Produtos Farmacêuticos) e membro da Conitec como representante do CNS (Conselho Nacional de Saúde).

Em movimento liderado pelo secretário, o governo tentou boicotar o debate da Conitec. Agora, o mesmo grupo quer retirar do comando da comissão a servidora Vania Canuto, que votou a favor do texto que contraindica a hidroxicloroquina, entre outros medicamentos.

Ação de Queiroga alimenta discurso antivacina de Bolsonaro

BRASÍLIA Com o começo da imunização das crianças contra a Covid-19, o presidente Jair Bolsonaro (PL) decidiu reforçar os questionamentos, a partir de dados distorcidos, sobre a segurança das vacinas.

O mandatário escalou ministros e aliados no Congresso para levantarem dados que alimentam discussões antivacina, em nova tentativa de agitar a base de apoiadores e minar as ações de governadores.

O ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, que aposta em agrados ao presidente para se agarrar ao cargo, tornou-se uma espécie de porta-voz desse esforço do governo.

O médico alterna, em discursos, elogios à compra e entrega das vacinas com acenos à ala bolsonarista que duvida da segurança e eficácia da imunização. Ele chegou a propor suspender a vacinação de adolescentes e abriu espaço a representantes do movimento contrário à imunização antes de liberar as doses para crianças.

Entre a população, no entanto, o apoio a essa fase da campanha é dado pela maioria: pesquisa Datafolha indica que a imunização contra Covid para crianças de 5 a 11 anos é defendida por 79% dos brasileiros com 16 ou mais anos de idade. Os que rejeitam são 17% —4% não souberam opinar.

Queiroga e a ministra Damares Alves (Mulher, Família e Direitos Humanos) visitaram, na quinta-feira (20), uma menina de Lençóis Paulista (SP) que sofreu uma parada cardíaca e teve de ser hospitalizada horas após ser vacinada.

Mais tarde, quando a Secretaria da Saúde paulista já havia concluído que o episódio não teve relação com a imunização, Damares informou sobre a visita nas redes sociais, mas omitiu o laudo.

No Twitter, disse que teve encontro com a criança "hospitalizada após suspeita de parada cardíaca no mesmo dia em que recebeu a vacina contra Covid". Queiroga curtiu a publicação e também não disse que o caso não estava relacionado à aplicação das doses, o que só foi reconhecido pela Saúde no dia seguinte (21).

Nas redes sociais, Damares afirmou que a visita à criança foi feita a pedido de Bolsonaro, que também telefonou para a família da menina.

Na quarta (19), o governo ainda apresentou, em tom de alerta, dados que indicam que mais de 20 mil crianças de 0 a 11 anos foram vacinadas antes do tempo até o fim de 2021.

Gestores do SUS e técnicos da Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) e da Saúde dizem que a informação pode ser imprecisa, incluir registros por erros de digitação, além de vacinados em pesquisas clínicas.

Levantado pelo Ministério da Saúde, o número foi usado em resposta do governo a ações no STF (Supremo Tribunal Federal) e destacado em declarações de Bolsonaro e dos ministros Queiroga e Bruno Bianco (AGU).

"Não podem os governadores irem aplicando vacinas a torto e a direito, tem de ter responsabilidade", disse Bolsonaro à Jovem Pan na quarta.

"Não vivemos um momento de doenças de crianças, que estariam sendo aí intubadas, ou até perdendo a vida, que justificasse essa forma de vacinar", disse ainda.

O ministro Marcelo Queiroga Bruno Santos - 11.jan.22/Folhapress

Auxiliares de Queiroga afirmam que, a pedido de Bolsonaro, o ministro cobrou mobilização para demonstrar que o governo está atento às reações adversas das vacinas.

Já gestores do SUS cobram de Queiroga apoio claro à vacinação das crianças, não só a inclusão das doses no Programa Nacional de Imunização.

Nesta semana, o chefe da Saúde visitou famílias das cerca de 60 crianças vacinadas com doses destinadas a adultos no interior da Paraíba.

O ministério já havia questionado em setembro de 2021 governadores sobre a possível vacinação irregular dos mais jovens. A pasta afirmou que recebeu resposta apenas de 11 das 27 unidades da Federação.

À época, a maioria das respostas apontou que erros de registro justificariam os dados sobre a vacinação das crianças. O Paraná disse que as 16 mil doses apontadas pela Saúde, na verdade, haviam sido usadas em menores de idade dentro de estudos, segundo o documento da AGU.

> “Não vivemos um momento de doenças de crianças, que estariam sendo ai intubadas, ou até perdendo a vida, que justificasse essa forma de vacinar
>
> **Jair Bolsonaro**
> presidente da República

> A petição da AGU é uma espécie de obscurantismo intelectual
>
> **Alex Machado Campos**
> diretor da Anvisa

Queiroga também pediu a auxiliares atualizações sobre as investigações de reações adversas, mas acabou distorcendo essas informações em entrevistas e nas redes sociais.

Ele afirmou na segunda (17) à Jovem Pan que existem 4.000 mortes no Brasil "onde há uma comprovação de uma relação causal com a aplicação da vacina". Alertado pela Folha e por auxiliares de que o dado estava errado, o ministro primeiro insistiu, mas depois afirmou que os óbitos estão sob investigação.

No dia seguinte, quando o número engrossava os debates antivacina nas redes sociais, Queiroga decidiu dobrar a aposta na informação errada.

Em fala confusa, no Twitter, disse que a declaração à Jovem Pan estava correta, mas que apenas 13 casos "tiveram relação direta comprovada com a vacina".

Segundo técnicos da Saúde com acesso aos dados, o ministro tratou óbitos sob apuração por terem ocorrido em intervalo próximo ao da aplicação das doses como mortes com comprovada relação causal com a vacina.

Poucos casos em apuração acabam demonstrando um nexo causal —o governo reconhece 13 óbitos desse tipo em um universo de cerca de 160 milhões de vacinados com ao menos uma dose.

Procurado, o Ministério da Saúde não se manifestou sobre as declarações do ministro relacionadas às mortes ligadas à vacinação. Também não respondeu se o dado de imunização irregular de crianças está consolidado.

Em nota enviada na sexta-feira (21), porém, a Saúde disse que a "vacinação é segura e foi autorizada pela Anvisa".

Bolsonaro também pediu à Saúde levantamentos sobre mortos pela Covid que apresentavam comorbidades. Integrantes do governo dizem que ideia é apresentar os dados para tentar, mais uma vez, minimizar a pandemia.

Gestores do SUS avaliam que o governo federal busca desacreditar o trabalho de estados e municípios.

Os acenos mais recentes do governo a grupos negacionistas acentuaram divergências com a Anvisa. O diretor da agência Alex Machado Campos disse na quinta que causou "estranheza" e "perplexidade" a manifestação do governo ao STF sobre a vacinação irregular de crianças, baseada em dados não consolidados.

"A petição da AGU é uma espécie de obscurantismo intelectual, é um golpe no início da vacinação das crianças", declarou Campos em reunião da diretoria da Anvisa. Ele afirmou que a AGU foi "utilizada para promover dúvida sobre a vacinação em todo o país".

Em resposta, o ministro Bruno Bianco disse que a manifestação do governo ao STF trata de "mais de 20 mil equívocos em aplicação de vacinas de crianças". Ele chamou de "mentira" a fala de Campos e disse que a Anvisa "está sendo usada para promoção pessoal desse sujeito". MV

cotidiano

Com uso de autotestes, universidades públicas preparam volta presencial

Instituições tentam driblar falta de verbas para ação sanitária; passaporte vacinal será exigido

VIDA PÚBLICA

Tatiana Cavalcanti e Emerson Vicente

SÃO PAULO Sem recursos financeiros específicos para o combate à Covid-19, sem um direcionamento unificado e enfrentando cortes orçamentários expressivos já há três anos, universidades federais do país se preparam como podem para retomar as aulas presenciais previstas para fevereiro.

Instituições consultadas pela reportagem foram unânimes em afirmar que vão realizar, com frequências variadas, exames contra o coronavírus a quem frequentar suas unidades. Também informam que serão permanentes a disposição de álcool em gel, além de promoverem orientações para o uso de máscara e distanciamento social. A maioria informou ainda que vai exigir o passaporte de vacina.

Com o recrudescimento da pandemia com a variante ômicron, porém, o retorno presencial às aulas pode ser afetado.

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) já adiou suas aulas, inicialmente marcadas para 17 de janeiro, para 7 de fevereiro. A Federal do Paraná postergou em duas semanas o retorno presencial, agora previsto para 14 de fevereiro. As aulas terão início dia 31 deste mês, mas de forma virtual.

Outras universidades, por enquanto, irão manter datas já previstas, em geral, para meados de fevereiro.

A Universidade Federal do ABC informou que não recebeu nenhum recurso específico destinado ao combate à pandemia, mas que usou verba que dispunha para investir em pesquisas sobre coronavírus e para melhorar a segurança sanitária de suas unidades.

Em uma delas, a instituição desenvolveu um autoteste para detectar o coronavírus. Toda semana, 2.000 funcionários e alunos que usarão os laboratórios e colaboradores das duas unidades —normalmente, são 16 mil— vão se submeter ao exame simples, que consiste em colocar um cotonete na boca.

"Parece um pirulito. Quando ele fica molhado com a saliva, o colocamos num pote, fechamos e o depositamos em uma das urnas espalhadas pela universidade", afirma Simone Pellizon, 39, prefeita universitária da UFABC.

Cada autoteste, segundo Simone, custa R$ 20. "É realmente barato se comparado a outros exames, e os resultados têm a mesma eficácia, já que houve comparação com os testes padrões."

De acordo com Márcia Sperança, bióloga, pesquisadora e docente associada da UFABC, todos os itens que compõem o kit são registrados na Anvisa, que ainda discute a regulamentação do autoteste.

A instituição pretende usar o exame que desenvolveu para mapear o comportamento da Covid-19 dentro da universidade num momento em que mais pessoas frequentarão seus prédios e, com isso, assegurar a possibilidade de tomar medidas efetivas para combater o vírus.

Já na Federal da Bahia, a orientação é que apenas profissionais e estudantes com ciclo vacinal atualizado poderão frequentar atividades presenciais. Estudantes do grupo de risco poderão cursar disciplinas excepcionalmente oferecidas remotamente.

A Federal do Pará também vai adotar o passaporte vacinal, inclusive no momento de fazer a matrícula. A instituição não prevê, porém, aulas remotas para estudantes do grupo de risco.

"O entendimento do grupo de trabalho da UFPA é de que, com a vacinação completa, pertencer a grupo de risco não é impeditivo de participação nas atividades presenciais. Há, porém, casos especiais que em qualquer cenário garantem uma programação diferenciada", informou a universidade.

Mas a instituição paraense põe em xeque as aulas presenciais durante todo o ano por causa do corte no orçamento. "Ainda não temos uma solução financeira para garantir o funcionamento presencial ao longo de todo o ano de 2022."

Entre outras ações, a Universidade Federal do Rio de Janeiro lançou a plataforma Espaço Seguro, sistema para classificação dos espaços da instituição com relação ao risco de contágio do Sars-CoV-2.

Mas a infraestrutura da universidade fluminense precisa se adequar melhor para o retorno presencial, segundo a reitora, Denise Pires de Carvalho.

"Há muitas salas e laboratórios de aulas práticas sem condições de uso devido à pandemia, como espaços em subsolos, sem ventilação, além de banheiros que precisam de reformas."

A instalação de um ponto de testagem e de vacinação para Covid-19 foi uma das ações citadas pela Universidade Federal do Espírito Santo, que vai exigir passaporte de vacina no retorno às aulas.

Com o objetivo de rastrear contatos, monitoramento e busca ativa de infectados e em isolamento, a Universidade Federal do Paraná desenvolveu um aplicativo, de acordo com o pró-reitor de Administração, Marco Antonio Ribas Cavalieri.

"Também temos protocolos de prevenção, instruções de uso de espaços físicos e testagem de RT-PCR", afirma ele.

Mesmo com os cortes no orçamento, que já ocorrem desde 2016, e o aumento das demandas científicas e gastos extras por causa da pandemia, as universidades estão conseguindo se manter, mas a situação é bastante complicada, diz Soraya Smaili, farmacologista professora da Escola Paulista de Medicina, ex-reitora da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo) e coordenadora do Centro SoU_Ciência, da instituição de ensino.

"Essa situação é terrível. As federais dependem da aprovação do orçamento e, ainda, temos um governo que não reconhece o papel das universidades, que se mostraram tão fundamentais nesta pandemia, e não dá apoio, realmente", diz a especialista, fazendo referência à administração do presidente Jair Bolsonaro (PL).

A Universidade Federal de Santa Catarina é uma das instituições prejudicadas com menos verba e afirma em nota, validando o que foi dito por Soraya, que seu orçamento manteve valores sem correção e com cortes, "como tem ocorrido há alguns anos".

A instituição de ensino catarinense conta que conseguiu remanejar, dos recursos de custeio, utilizados em outras despesas —como diárias e passagens— e destiná-los às ações de segurança sanitárias.

A Federal do Ceará ainda prepara documento de orientação sobre o retorno e só irá se posicionar após finalização. A instituição também aguarda a aprovação do orçamento. Em 2021 a verba para ações relacionadas à Covid-19 foi de R$ 4 milhões.

Em Minas Gerais, a UFMG vai manter as medidas de segurança como uso de máscaras, distanciamento social, higiene das mãos e ventilação dos ambientes. A ocupação será 100% presencial para funcionários e estudantes. O início das aulas está previsto para o dia 26 de março.

O MEC (Ministério da Educação), em nota, afirma que, em função da autonomia das instituições federais de ensino superior, cabe a elas a gestão e destinação dos créditos orçamentários, podendo, inclusive, solicitar eventuais alterações orçamentárias, caso seja necessário.

A nota segue informando que o orçamento para 2022 ainda está em tramitação. O MEC afirma que disponibilizou o protocolo de biossegurança para retorno às atividades. Questionado sobre os cortes, o ministério não respondeu.

Procuradas, as universidades federais de São Paulo, Mato Grosso e Pernambuco não responderam à reportagem.

A prefeita da UFABC, Simone Pellizon, demonstra autoteste de Covid Fotos: Karime Xavier/Folhapress

Totem com álcool em gel em entrada lateral da Universidade Federal do ABC

> "Essa situação é terrível. As federais dependem da aprovação do orçamento e temos um governo que não reconhece o papel das universidades, fundamentais nesta pandemia, e não dá apoio, realmente
>
> **Soraya Smaili,** ex-reitora da Unifesp em referência ao governo Bolsonaro

Estaduais de SP tiveram R$ 1 bi para adoção de medidas

SÃO PAULO USP, Unesp e Unicamp, ligadas ao governo paulista, receberam recursos específicos para adotar medidas sanitárias. Em outubro do ano passado, o governo de João Doria (PSDB) anunciou o repasse de R$ 1 bilhão em crédito suplementar para as três instituições.

Só na Unesp, foram investidos R$ 245 milhões em melhorias na infraestrutura, promoção à saúde e apoio aos alunos, no contexto da pandemia, diz a universidade.

A Unesp afirma, ainda, que também desenvolveu um teste por meio de saliva para aplicar no retorno às aulas —também colhido pelo próprio paciente e depois enviado ao laboratório— e criou um sistema online no qual os alunos devem anexar o comprovante de vacinação contra a Covid-19.

A USP e a Unicamp informaram que não vão realizar testes de Covid-19 para retorno presencial das aulas.

As estaduais têm autonomia e maior capacidade de manejar seu orçamento, sem depender de aprovações, explica a professora Soraya Smaili.

"Essas instituições têm a possibilidade de fazer planejamento com mais recursos, elas têm mais apoio do estado para fazer planejamento maior", diz a ex-reitora da Unifesp.

MORTES | coluna.obituario@grupofolha.com.br

Apaixonou-se pela profissão, pelo Palmeiras e pela política

ITALO CANDIA (1939-2022)

Patrícia Pasquini

SÃO PAULO O amor pela medicina presente em Italo Candia atravessou continentes, pois o avô Giovanni Candia foi médico generalista em Aieta, região da Calábria, na Itália.

Italo era o caçula entre três filhos de um casal de imigrantes italianos que morou em Campo Grande, sua terra natal. Quando perdeu o pai, ele e a família se mudaram para São Paulo.

Ele e o irmão seguiram o caminho da psiquiatria. Italo estudou na PUC (Pontifícia Universidade Católica) de Sorocaba (a 99 km de SP), trabalhou no Hospital Psiquiátrico do Juqueri, em Franco da Rocha, na região metropolitana de São Paulo, e em consultório particular, onde se dedicou aos seus pacientes como se fossem filhos.

"Falar do doutor Italo, como era carinhosamente chamado por todos, é lembrar só de coisa boa e exaltação à vida. Ele foi um grande profissional, muito humano, entregou-se à profissão com amor, dedicação e comprometimento com seus pacientes. Culto, inteligente, cinéfilo e leitor voraz, mantinha-se sempre atualizado procurando aprofundar os conhecimentos em psiquiatria", afirma a jornalista Beth Alves, 66, uma paciente.

"De certa forma, a família dele eram os pacientes", conta a psicanalista Silvana Rea, 61, sobrinha do médico. Italo casou-se, mas não teve filhos. Viveu intensamente a paixão pela profissão, pelo Palmeiras e pela política —sempre envolvido com o pensamento de esquerda.

A generosidade, o desapego ao dinheiro e o senso de justiça eram traços de sua personalidade. Italo defendia a igualdade entre as pessoas.

"Ele marcou a vida dos pacientes. Sua maior lição foi o que deixou a cada um. Sem envolvimento afetivo, ninguém trabalha bem nessa área", afirma Silvana.

Italo Candia morreu no dia 8 de janeiro, aos 82 anos. Ele fazia um tratamento contra um câncer. Viúvo, deixa uma irmã, três sobrinhos e Edina Recchio Carvalho, a secretária de longos anos que desempenhava um papel diferenciado em sua vida. Afetivamente, era considerada como filha.

MARIA ANTONIETA SPÍNOLA MONTENEGRO Aos 97, viúva de Casimiro Montenegro Filho. Sexta (21/1). Memorial do Carmo, Caju, Rio de Janeiro (RJ)

FRANCISCA DAS CHAGAS ESTRELA MORAIS Aos 71, viúva de Dimas Morais de Medeiros. Sexta (21/1). Crematório da Vila Alpina, Vila Alpina, São Paulo (SP)

Adams Carvalho

Sommeliers de movimento social

Epicentro da tragédia brasileira, qualquer um de boa-fé sabe, é a escravidão

Antonio Prata
Escritor e roteirista, autor de "Nu, de Botas"

Já contei aqui. Em quase três décadas participando de eventos literários, raras foram as vezes em que não me perguntaram: "O que você acha da patrulha do politicamente correto?". Até poucos anos atrás, nem uma única vez haviam me perguntado "o que você acha de piadas racistas/machistas/homofóbicas?".

O que isso revela sobre o Brasil? Que, mesmo na bolha supostamente mais progressista — ou, ao menos, mais letrada—, considera-se que fazer reparos aos repúdios das minorias contra a discriminação é mais importante do que repudiar a discriminação. Seria eu, escritor branco, nascido numa família de classe média alta, educado em escolas particulares, quem estaria em apuros?

Quem leu os textos do Antonio Risério, do Hélio Schwartsman e as recorrentes colunas do Demétrio Magnoli sobre questões raciais, aqui na **Folha**, *fica com a impressão de que sim.*

O epicentro da tragédia brasileira, qualquer pessoa de boa-fé tem de admitir, é a escravidão. Nenhum outro país sequestrou, escravizou, vendeu e comprou seres humanos na mesma escala. Ao longo de quase quatro séculos, cerca de cinco milhões de pessoas chegaram aqui acorrentadas e aqui morreram: 46% de todos os escravizados trazidos para as Américas. Para piorar: enquanto em 1865 os Estados Unidos juntaram à abolição a reforma agrária, o Brasil deu as costas para os ex-cativos. Ou as encostas: a diferença de melanina entre o morro e o asfalto, até hoje, é prova de que o racismo segue entre nós.

"Uma nação bipartida entre 'brancos' e 'negros'" não é, como afirmou Magnoli em sua coluna, uma invenção importada dos movimentos identitários norte-americanos. A divisão racial chegou aqui pelo Cais do Valongo e segue viva no olhar do segurança do shopping. É verdade que houve entre nós muito mais mistura do que nos EUA, mas ela não atenuou o racismo. Quando o Bope sobe o morro, sabe muito bem quem são os alvos (com duplo sentido).

Nas últimas décadas a luta antirracista brasileira foi influenciada, sim, pelo modelo americano. Não por modismo, mas porque as falácias paralisantes da mestiçagem redentora e da democracia racial dificultaram muitíssimo avanços contra o preconceito e a desigualdade. Se eu fosse negro e tivesse um filho, uma mãe morta pelo Estado, como acontece todo dia com mais de dez famílias afrodescendentes, também iria recorrer ao Malcom X e não aos afro-sambas do Baden Powell com o Vinícius de Moraes.

Neste país forjado na escravidão, ferida que permanece aberta, afirmar que fazemos "vistas grossas ao racismo negro, ao mesmo tempo em que esquadrinhamos o racismo branco com microscópios implacáveis", como fez Risério é mais do que desonestidade intelectual: é vandalismo.

Sintoma do estágio primário do debate racial brasileiro é que tantos colunistas usem o espaço para defender a liberdade de expressão do vândalo (que jamais esteve ameaçada) e não para refletir sobre as consequências de textos desonestos como o de Risério na vida de metade da população que ainda está mais próxima da senzala do que da casa grande. Em vez de debatermos quais as formas de combater esta chaga, muitos de nós acham mais pertinente se portar como sommeliers de movimento social.

Do domingo passado até este sábado, caso os números do Fórum Brasileiro de Segurança Pública de 2020 tenham se mantido em 2022, enquanto se gastava papel, saliva e tempo discutindo esta imbecilidade de "racismo reverso", 84 negros foram assassinados pelo Estado. Precisa de microscópio?

DOM. Antonio Prata | **SEG.** Marcia Castro, **Maria Homem** | TER. Vera Iaconelli | QUA. Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques | QUI. Sérgio Rodrigues | SEX. Tati Bernardi | SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

Sem blocos de rua, foliões se chateiam e cancelam viagem

Enquanto alguns já desistiram, outros ainda buscam quem aceite se arriscar

Isabella Menon

SÃO PAULO Em tempos não pandêmicos, foliões ansiosos já começariam a tirar a fantasia e o glitter do armário. Porém, os planos para este ano foram por água abaixo.

Com a explosão de casos da Covid-19 no Brasil, os principais destinos para o feriado cancelaram as festas na rua.

Quem se programou para viajar na expectativa de curtir o primeiro bloco de rua pós-pandemia foi obrigado a rever os planos. Ou, ainda, encontrar companheiros que topem arriscar a saúde para manter a programação.

A publicitária Paula Morais, 23, não pretende desistir da viagem ao Rio de Janeiro. Ela já tinha alugado um apartamento em Copacabana com mais duas amigas. Em meio aos números da pandemia e sem blocos na rua, suas companheiras cancelaram a ida e ela está em busca de novas parceiras para curtir o feriado.

Quando as amigas cancelaram a ida, a publicitária ficou "bem chateada e brava". Morais relata que é um sonho antigo ir ao Rio curtir o Carnaval. O aumento de casos de coronavírus, diz ela, "era algo de se esperar depois do Ano-Novo".

"Eu estava animada e sabia que a situação estaria assim. Mas, mesmo assim, assumimos o risco de começar a pagar e nos organizar", lamenta. A foliã concorda que "a vida normal vai demorar para voltar e talvez nem seja como era antes". A doença, a seu ver, vai existir sempre. "Óbvio, tem que tomar vacina e tudo, mas acho que temos que voltar a viver um pouco, sabe?"

Também publicitário, Pedro Mamone, 24, organizava uma ida ao Rio com outros sete amigos desde agosto do ano passado. "Tínhamos a expectativa de a vida voltar ao normal. Pensei que não fosse possível que desse errado neste ano com a vacinação avançada. Mas, mesmo assim, deu tudo errado."

Agora, ele e os amigos avaliam se vale a pena ir ao Rio ou se assumem a multa do cancelamento do apartamento já pago. "As festas são caríssimas. Não acho que vale a pena ir se não tivermos blocos. É uma época que tem muito mais gente, é tudo muito mais caro e perigoso", avalia.

Em meio à indecisão do que fazer com os dias de folga, a solução encontrada pelo grupo de amigos de Luan Munck, 20, foi procurar uma chácara ou sítio no sul de Minas Gerais.

Ao todo, ele iria com mais seis amigos ao Rio para a casa de um familiar e, por isso, cancelar a viagem não acarretou nenhum prejuízo financeiro. "Ao menos, vamos conseguir aproveitar algo. Se tivéssemos algum prejuízo, talvez eu até desanimaria", diz ele.

Longe dos blocos cariocas, a economista Mariana Guidoni, 31, planejou repetir a dose de outros anos e pular Carnaval nas ladeiras de Olinda. "Era o que eu mais queria", diz.

Por isso, em outubro, ela e um grupo de amigos começaram a organizar a viagem. "A viagem dava uma sensação de retorno à vida real, faz tempo que não faço uma viagem com tantas pessoas. Além disso, a pandemia limitou esse tipo de evento", diz.

Com o avanço da vacinação, ela estava otimista com a possibilidade de curtir o feriado. Mas a falta de blocos de rua numa cidade conhecida pelo clima festivo desanimou a economista, que cancelou a passagem e o aluguel da casa.

Agora, longe da folia, ela procura um destino mais tranquilo. O destino final ainda é incerto, talvez alguma praia de São Paulo ou Rio, ou, se nada der certo, do Nordeste.

Com a pandemia, Rosely Ferrante, 55, passou a produzir itens hospitalares Karime Xavier/Folhapress

'Rainha do abadá' agora faz máscara

SÃO PAULO Rosely Ferrante, 55, cresceu no meio do samba. Na verdade, em frente, já que a porta da casa onde ela cresceu, no Bexiga, região central paulistana, dá de cara com a sede da Vai-Vai. "O batuque do axé fala com a minha alma. É uma paixão mesmo", resume.

Além de curtir a folia, Ferrante tem um bloco de rua e uma confecção há mais de 20 anos. Chamada Rainha do Abadá, a empresa se concentra em produtos de Carnaval e ela calcula que produziu, em 2020, mais de 250 mil abadás.

Porém, com a pandemia, tudo mudou. Ela lembra que sentiu os efeitos no pós-Carnaval, quando pedidos começaram a ser cancelados.

A solução foi começar a fabricar máscaras descartáveis. Ela criou uma nova empresa, chamada Rainha Med, em que produz outros itens hospitalares, além de máscaras.

Mesmo com o novo negócio, o Carnaval não ficou de lado. No ano passado, ela calcula que vendeu cerca de 20% do total de 2020, ou seja, mais ou menos 50 mil abadás.

Em 2021, a maioria das suas encomendas foram de empresas que enviaram kits para os funcionários curtirem o feriado em casa. Neste ano, avalia que já deve produzir 60% da época pré-pandemia, tendo como clientes organizadores de festas fechadas.

Com mais um ano sem Carnaval, a empresária agora deposita as fichas em 2023: "Vai ter e vai ser o maior evento do planeta". **IM**

Crescem ataques a cultos religiosos no RJ

Estado registrou 33 casos de ultraje religioso em 2021, contra 23 em 2020, mas há subnotificação, aponta instituto

Matheus Rocha

RIO DE JANEIRO Em 2021, o estado do Rio de Janeiro registrou 33 casos de ultraje religioso, o ato de ridicularizar, perturbar ou impedir uma cerimônia religiosa. É um aumento de 43% em relação ao ano anterior, quando houve 23.

As informações são do ISP (Instituto de Segurança Pública) e foram divulgados na sexta-feira (21), data em que se comemora o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa.

A pesquisa mostrou também que a Polícia Civil registrou no ano passado 1.564 ocorrências de crimes que podem estar relacionados à intolerância religiosa —em média, mais de quatro casos por dia. O total inclui casos de injúria por preconceito (1.365 vítimas); e preconceito de raça, cor, religião, etnia e procedência nacional (166).

O instituto destaca que os dados estão subnotificados. O babalaô Ivanir dos Santos faz a mesma avaliação. Interlocutor da CCIR (Comissão de Combate à Intolerância Religiosa), ele afirma que isso acontece porque falta um sistema estadual para coletar dados e que são poucas as pessoas que registram os casos na delegacia.

"Se formos levar em conta as comunidades onde há o tráfico evangelizado que expulsa e ameaça as pessoas, elas obviamente têm medo e não fazem o registro", diz ele.

No Rio, existem comunidades onde traficantes evangélicos proíbem a atuação de adeptos das religiões de matriz africana, o que agrava o quadro de intolerância.

Em 2021, a Comissão de Combate à Intolerância Religiosa recebeu 47 denúncias de intolerância, 91% feitas por adeptos das religiões de matriz africana. O município do Rio concentra a maior parte dos casos (34%), seguido pela Baixada Fluminense (27%). Esses dados foram tabulados pelo Observatório de Liberdade Religiosa.

Segundo o babalaô, o preconceito a essas religiões tem bases históricas e começou com a demonização das culturas africanas, ainda no século 17. "A lógica da construção de um modelo ocidental e cristão que desumaniza os africanos e os asiáticos tem repercussão até hoje."

Ele considera que o Estado tem falhado em mudar esse cenário. "O poder público é conivente. Se o Estado é laico e se as suas estruturas deveriam manter a laicidade, o que é garantido pela Constituição, um ataque ao candomblé e à umbanda deveria ser considerado um ataque à Constituição", diz o babalaô.

Morador do município de São Gonçalo, o babalorixá Gilmar de Oya conta que uma de suas filhas de santo foi expulsa de um ônibus após ouvir que o motorista não levava "macumbeira".

Em um outro episódio, Oya precisou ajudar um pai de santo a se mudar depois que ele foi obrigado por criminosos a desmontar seu terreiro, que existia havia 25 anos.

Oya explica que, além de centros religiosos, esses espaços desenvolvem trabalhos sociais importantes e que espera políticas públicas de estímulo às iniciativas.

Em nota, a Secretaria de Desenvolvimento Social e Direitos Humanos do Rio afirma que, desde outubro do ano passado, aumentou em 50% a rede de equipamentos direcionados ao atendimento às vítimas de intolerância religiosa.

ambiente

O ministro do Meio Ambiente, Joaquim Leite Ueslei Marcelino/Reuters

Sob Joaquim Leite, política ambiental de Salles continua

Houve troca de 'embalagem' e novo ministro seria tentativa de 'remédio publicitário', dizem ambientalistas

Phillippe Watanabe

SÃO PAULO Saiu Ricardo Salles, entrou Joaquim Leite, e quase nada mudou na governança ambiental, muito criticada, do governo Jair Bolsonaro (PL), dizem especialistas da área ambiental.

"A entrada do Joaquim é uma mudança de embalagem", resume Marcio Astrini, secretário-executivo do Observatório do Clima, rede que congrega dezenas de instituições de pesquisa ambiental e da sociedade civil.

Na mesma linha, Natalie Unterstell, mestre em administração pública pela Universidade Harvard (EUA) e coordenadora do Política por Inteiro, diz: "Tudo muda para tudo ficar como está", fazendo referência a uma frase do livro "O Leopardo", de Giuseppe Tomasi di Lampedusa.

O ponto central, dizem os especialistas, é que os ministros estão seguindo a política ambiental ditada por Bolsonaro. "O verdadeiro ministro do Meio Ambiente é o Bolsonaro", diz Astrini. "No ministério, um sinal de melhoria seria coroado com demissão. Se você melhorar a gestão ambiental, você vai ser demitido."

Permanece, sob Leite, os baixos níveis de multas ambientais e os altos índices de desmatamento. A fragilização do ministério e de órgãos como Ibama e ICMBio também permanecem, dizem os especialistas ouvidos.

Salles pediu para sair do governo no momento em que era alvo de inquérito no STF (Supremo Tribunal Federal) por uma operação da Polícia Federal que investigava suposto favorecimento a empresários do setor de madeiras a partir de modificação de regras com o objetivo de regularizar cargas apreendidas no exterior.

O ex-ministro também era alvo de um inquérito que investiga sua atuação na apuração da maior apreensão de madeira do Brasil. Salles se colocava ao lado dos madeireiros.

Segundo Astrini, a saída de Salles não teve nada a ver com um possível fraco desempenho ambiental. "O desempenho estava a contento do Bolsonaro. Se a PF não tivesse feito a denúncia no Supremo, ele seria o ministro até hoje."

Leite é próximo a Salles e, mesmo logo após a troca de ministros, apostava-se que a mudança não traria alterações de fato.

"A grande questão é que do ponto de vista de orientação, de política, não houve nenhuma mudança. O ministério continua estando muito aquém das necessidades de um Ministério do Meio Ambiente do Brasil, um ministério tacanho, com pouco protagonismo e com pouquíssimo conhecimento técnico, apesar do corpo técnico experiente", diz Adriana Ramos, assessora política e de direito socioambiental do ISA (Instituto Socioambiental). "O ministro não parece usufruir desse conhecimento."

Segundo os especialistas ouvidos, fica clara a continuidade do modelo de gestão ambiental ao se ver que as medidas postas em prática por Salles continuam em vigor. Uma das principais é a paralisação do Fundo Amazônia, no qual há bilhões de reais que poderiam ser usados para programas de preservação ambiental no bioma.

> O verdadeiro ministro do Meio Ambiente é o Bolsonaro. No ministério, um sinal de melhoria seria coroado com demissão.
>
> **Marcio Astrini**
> secretário-executivo do Observatório do Clima

Para reativá-lo, bastaria que o novo ministro reconstituísse os conselhos paralisados por Salles. O ex-ministro interrompeu as atividades do fundo por, segundo ele, terem sido detectados problemas nos contratos do fundo com projetos. Alguns meses depois, Salles já falava que as negociações para retomada do fundo estavam paralisadas porque havia o desejo brasileiro de que o governo federal tivesse prevalência no processo de decisão sobre a destinação do dinheiro.

Ao mesmo tempo, Noruega e Alemanha se mostravam surpresos com a situação e afirmavam que estavam satisfeitas com o funcionamento do fundo, que passava por auditorias internacionais.

Apesar da semelhança administrativa, há uma visível diferença entre eles. Salles tinha uma postura combativa, mais ousada e irônica, tanto em entrevistas quanto em redes sociais. Já Leite é mais discreto e pouco se expõe nas redes sociais.

Unterstell avalia que a entrada de Leite pode ter sido uma tentativa de aliviar a imagem ambiental do país.

"Eles achavam que o Joaquim Leite era um remédio publicitário e que, com um discurso menos agressivo, diminuiriam as críticas ao Brasil", afirma a coordenadora do Política por Inteiro. "Eles fracassaram com essa estratégia."

O Brasil continua sendo visto com preocupação, devido aos elevados níveis de desmatamento na Amazônia, pelo mercado externo.

"Um era mais histriônico e mais político, com uma presença pública mais proativa. E o outro com uma presença pública praticamente inexistente", afirma Ramos.

Na COP26, Conferência das Nações Unidas para Mudanças Climáticas, no Reino Unido, a passagem de Leite foi pálida, diz Unterstell. Inclusive, o Brasil foi para a COP quando os dados de desmatamento na Amazônia já tinham sido computados pelo Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), mas não foram tornados públicos.

Se a mudança de ministro não trouxe alterações, as mudanças na liderança do Legislativo trouxeram, diz Suely Araujo, especialista sênior em políticas públicas do Observatório do Clima e ex-presidente do Ibama.

Segundo Araujo, as "boiadas" não andavam nos primeiros anos de governo, pela falta de base governamental no Legislativo, o que muda com a aliança com o centrão. "O Arthur Lira deixou de promover deliberações, que envolve debate, e ele só promove votações com textos que aparecem do nada."

A especialista cita como exemplo o PL (projeto de lei) 6299/2002, que foi incluído para votação em regime de urgência. O projeto, que muda regras relacionadas a agrotóxicos, foi barrado.

Segundo Araujo, que acompanha o Legislativo há mais de duas décadas, há uma forte postura antiambiental, principalmente na Câmara, "chancelada pelo presidente da Câmara e pelas lideranças que o apoiam, a maioria governamental".

A especialista do Observatório do Clima diz que 2022 tende a ser um ano com ainda mais judicialização de temas ambientais, algo que já ocorreu em 2021, inclusive com uma decisão do STF, em dezembro, que restaurou a proteção a mangues e restingas, que tinha sido alterada por uma decisão do Conama (Conselho Nacional do Meio Ambiente) em 2020, que, naquele momento, era presidido por Salles.

A **Folha** procurou o Ministério do Meio Ambiente, mas não houve resposta.

Procurado pela **Folha**, a assessoria de Arthur Lira disse que "refuta qualquer tentativa de colar no presidente a pecha de antiambientalista".

O que podem essas línguas

Complexidade de idiomas indígenas do país mostra que não há língua 'primitiva'

Reinaldo José Lopes

Jornalista especializado em biologia e arqueologia, autor de "1499: O Brasil Antes de Cabral"

Fiquei sabendo da existência do dual nos primeiros anos de graduação, quando comecei a estudar grego e élfico mais ou menos ao mesmo tempo. (É, eu sei o que deve estar passando pela sua cabeça, gentil leitor: como é que esta Folha *foi aceitar em seus quadros um sujeito que resolve estudar grego e élfico ao mesmo tempo?)*

Mas voltemos ao dual. A palavra rima com "plural", e não é por acaso. Quem fala português se acostumou a pensar que só existe singular e plural, "a menina" ou "as meninas", e acabou-se. Mas outras línguas —tanto reais, como o grego clássico, quanto imaginárias, a exemplo dos idiomas élficos inventados por J.R.R. Tolkien— têm formas específicas para designar não uma ou muitas, mas duas coisas, em geral as que parecem formar pares naturalmente ou por costume. Atenienses da época de Platão (e elfos) se referem a "minhas mãos" ou "minhas sandálias" usando o dual, não o plural.

Meus primeiros contatos com essa possibilidade inaudita enviesaram minha perspectiva, porém. Fiquei pensando que o dual era privilégio das línguas ditas clássicas, aquelas que, como o idioma helênico, pertencem ao passado da "alta cultura ocidental" (seja lá o que isso seja).

O trumai, porém, flechou esse meu preconceito no coração.

Trata-se de uma língua isolada, ou seja, sem parentesco com nenhum outro idioma conhecido hoje. Seus falantes nativos vivem em Mato Grosso, no Território Indígena do Xingu. Em trumai, quando alguém usa a marca do dual —um singelo "a"— junto com um nome pessoal, a mágica gramatical acontece: "Yakaikiru a" significa a mulher chamada Yakaikiru e seu "par natural", ou seja, seu marido.

Finezas como essa podem ser encontradas por toda parte nas mais de 150 línguas indígenas que ainda são faladas em solo brasileiro. A diversidade linguística nativa é muito superior ao que esse número bruto dá a entender, porque estamos falando de diversas famílias linguísticas diferentes convivendo por aqui, tão distantes entre si quanto o árabe difere do russo ou o chinês se distancia dos idiomas africanos.

Apesar das grandes variações em vocabulário e sonoridade, é bonito ver como alguns padrões são mais comuns. Um deles é a serialização verbal —a capacidade de criar um "superverbo" no qual poucas sílabas descrevem uma cena completa, uma história em quadrinhos mental. Na língua hup, falada no Alto Rio Negro (fronteira com a Colômbia), um verbo serializado como "tiy-his'ap-b'uyd'äh-yë" —seis sílabas, pelas minhas contas— equivale ao seguinte: "Ele empurrou [a porta, subentendido] até que a quebrou, jogou-a de lado e entrou".

Outra preocupação interessantíssima em diversos idiomas tem a ver com a perspectiva e a qualidade das "evidências" (para usar um termo científico) por parte de quem fala. Em sanõma, uma das línguas faladas pelos ianomâmis, as afirmações são acompanhadas dos chamados evidenciais: "ki" se o próprio falante testemunhou o que está dizendo, "tha" se não o viu pessoalmente e "noa" se está fazendo uma inferência lógica (como alguém que diz "Você andou tomando sol" ao ver um conhecido com a pele queimada).

Eu não seria capaz de imaginar sozinho esse tipo de propriedade gramatical nem que passasse o resto da vida pensando. O fato de elas existirem é um testemunho poderoso de maneiras diferentes de conceber a realidade —e uma prova de que não existem línguas ou culturas "primitivas".

PS - Os exemplos das línguas indígenas brasileiras que citei vêm do livro "Índio Não Fala Só Tupi" (editora 7Letras), organizado por Bruna Franchetto e Kristina Balykova. A obra é um pequeno tesouro que merece ser mais conhecido e lido.

| DOM. Reinaldo José Lopes, Marcelo Leite | QUA. Atila Iamarino, Esper Kallás

ESPORTE AO VIVO | 11h Crystal Palace x Liverpool Inglês, ESPN | 13h30 Chelsea x Tottenham Inglês, ESPN | 16h45 Milan x Juventus Italiano, ESPN

Bola rola no Paulista em ritmo de pré-temporada para clubes grandes

Corinthians, Palmeiras, São Paulo e Santos usarão o Estadual para fazer ajustes em suas equipes

SÃO PAULO O Campeonato Paulista é também chamado de "Paulistão" e pejorativamente referido como "Paulistinha". Na edição que começa neste fim de semana, não parece ser com a empolgação no aumentativo que os principais clubes entram na disputa.

Corinthians, Palmeiras, São Paulo e Santos iniciam a competição estadual em ritmo de pré-temporada. Mesmo os dois últimos, que não estão classificados à Copa Libertadores, tratam o torneio mais como oportunidade de arrumar a casa do que como uma busca ferrenha por taça.

O primeiro a entrar em campo será o Palmeiras, que estreia neste domingo (23). O duelo com o Novorizontino, às 16h, em Novo Horizonte, é antecipado da quinta rodada e será exibido por Record, Paulistão Play e Premiere.

A primeira rodada será realizada a partir de terça-feira (25), mas a diretoria alviverde solicitou à FPF (Federação Paulista de Futebol) a antecipação de um jogo. Assim, o time terá quatro partidas oficiais antes de viajar aos Emirados Árabes Unidos, onde disputará o Mundial.

O embarque está marcado para 2 de fevereiro. Até lá, além de encarar o Novorizontino, a equipe enfrentará Ponte Preta, São Bernardo e Água Santa. Ter quatro duelos como preparação foi um pedido do técnico Abel Ferreira.

Gabriel Menino e Patrick de Paula disputam bola em treino do Palmeiras; prioridade total do time é o Mundial Cesar Greco/Palmeiras

A ideia é dar ritmo de jogo aos atletas para o torneio internacional, grande objetivo do Palmeiras na temporada. Classificado diretamente à semifinal, no dia 8 de fevereiro, o campeão sul-americano enfrentará o ganhador do duelo entre Monterrey, do México, e Al Ahly, do Egito.

Na data inicialmente prevista como a de abertura do Campeonato Paulista, terça, o Corinthians terá pela frente a Ferroviária, às 21h. O Paulistão Play e o Premiere transmitem o embate na Neo Química Arena, em Itaquera.

A principal meta da agremiação alvinegra neste ano é fazer uma boa campanha na Copa Libertadores. Classificada diretamente à fase de grupos, que terá início em abril, ela espera ganhar corpo ao longo do Paulista, que funcionará como laboratório para o treinador Sylvinho.

Em 2021, apesar da melhora significativa da equipe após as chegadas de Renato Augusto, Willian, Róger Guedes e Giuliano, houve oscilações entre atuações boas e ruins. O desempenho fora de casa foi ruim e gerou muitas críticas ao trabalho do comandante.

Agora, além de trabalhar desde o início do ano com os reforços que chegaram no último semestre, Sylvinho terá ao menos mais um jogador de peso no elenco: o volante Paulinho, recém-repatriado pelo clube alvinegro.

Santos e São Paulo vão estrear na competição na quarta (26) e na quinta-feira (27), respectivamente. A equipe da Baixada joga primeiro, contra a Inter de Limeira, fora de casa, às 19h, com transmissão da HBO Max. No dia seguinte, o time tricolor enfrenta o Guarani, em Campinas, às 21h30 —Paulistão Play, YouTube e o Premiere exibem.

As duas equipes tiveram trajetórias semelhantes no final de 2021. Ambas conviveram com o risco de rebaixamento no Campeonato Brasileiro e só conseguiram os pontos necessários para escapar da degola nas últimas rodadas.

A dificuldade experimentada recentemente afeta o planejamento para 2022. Nenhum clube joga fora a possibilidade de levantar o troféu, mas o Estadual é visto primeiramente como uma oportunidade de identificar e corrigir as fraquezas dos elencos de Rogério Ceni e Fábio Carille.

O título paulista, em si, como se mostrou no ano passado, não significa que o melhor caminho tenha sido encontrado. Na última temporada, o São Paulo priorizou o Estadual, findou um jejum de conquistas de quase dez anos e, na sequência, foi muito mal. O técnico campeão, Hernán Crespo, acabou demitido.

Já o Palmeiras, derrotado na decisão, superou o princípio de crise do vice-campeonato e terminou 2021 com mais uma grande festa. Usando jogadores que ganharam rodagem no Paulista, no qual Abel Ferreira adotou formações alternativas, chegou mais uma vez ao topo da América do Sul.

Agora, o torneio não é tratado como prioritário por nenhum de seus principais times. Mesmo o Red Bull Bragantino, que vem ganhando espaço e poderia usar a disputa para dar uma demonstração de força, está mais preocupado com sua primeira participação na Libertadores.

Namoro que levou bilionário a comprar o Botafogo começou em 'Tinder dos negócios'

João Gabriel

SÃO PAULO O caminho que levou John Textor, 56, ao Botafogo começou a ser trilhado no LinkedIn. Foi em uma mensagem na rede social, em 12 de julho de 2021, que Thairo Arruda e Danilo Caixeiro fizeram o primeiro contato com o bilionário norte-americano, comprador de 90% das ações do futebol do clube carioca.

"É tipo quando alguém pergunta onde você conheceu a namorada e você responde: no Tinder. Com o John, foi isso. A gente mandou mensagem no LinkedIn, e dali surgiu um papo", diz Arruda, comparando a rede de negócios a um aplicativo de encontros amorosos.

Facilitou o fato de os empresários brasileiros terem diplomas da prestigiada Universidade Yale, nos EUA. Houve, então, uma conversa inicial de 30 minutos, sobre oportunidades no Brasil. Meses depois, o futebol do Botafogo estava nas mãos de Textor.

Após as primeiras reuniões, Arruda e Caixeiro começaram a prospectar para o americano possíveis clubes em que ele poderia investir. Eles também atuavam como consultores no debate sobre a lei da SAF (Sociedade Anônima do Futebol) no Congresso Nacional, que estabeleceu parâmetros para o modelo clube-empresa e permitiu a compra do Botafogo com um aporte prometido de R$ 400 milhões.

O acordo representou um passo importante para a Matix Capital, empresa que os dois brasileiros têm em sociedade com o português Fernando Capelo. Eles, que antes não recebiam nada pela consultoria a Textor, foram convidados a integrar a Eagle Holding, empresa do bilionário para negócios no futebol.

A dupla está também no Comitê de Transição do Botafogo, como representantes de Textor. Composto também por pessoas do clube, o grupo tem a missão de superar entraves e concretizar a mudança do modelo associativo para o formato clube-empresa.

Caixeiro, paulista de 31 anos, e Arruda, carioca de 36, conheceram-se fazendo MBA, concluído em Yale em 2019, e se aproximaram justamente pela vontade de fazer negócios no futebol. Passaram dois anos na Europa — um deles em Portugal, onde participaram da compra da Académica de Coimbra— e cultivaram relações com potenciais investidores.

Mas, para eles, o dinheiro só está chegando mesmo agora. A ideia que sempre apresentavam era que só receberiam com negócio fechado. Assim, foram queimando suas reservas e dizem que estavam perto do limite quando se acertaram com Textor, que é dono do Crystal Palace (ING).

Partida da Copa SP tem invasão, e faca é encontrada no gramado

SÃO PAULO O Palmeiras venceu o São Paulo por 1 a 0, no finalzinho da semifinal da Copa São Paulo de juniores. Então, houve uma invasão ao gramado da Arena Barueri, em Barueri. Ao menos três torcedores tricolores pularam da arquibancada para o gramado e discutiram com atletas alviverdes. Terminado o entrevero, o árbitro recolheu do campo uma faca.

Até a conclusão desta edição, não havia imagens conclusivas na transmissão do SporTV sobre qual homem portava a arma. Após alguns minutos de paralisação, o jogo foi retomado. O Palmeiras sustentou a vantagem e avançou à final da tradicional competição de base.

Ao apito final, jogadores dos dois times deixaram o campo escoltados por seguranças. Só havia torcedores do São Paulo no estádio localizado na Grande São Paulo. Desde 2016, por determinação da Secretaria de Segurança Pública do estado, os clássicos paulistas são disputados com apenas uma torcida. Como a formação tricolor tinha melhor campanha, atuou com apoio.

O jogo foi terminado, sem notícia de feridos. A PM, até a conclusão desta edição, não havia divulgado informações sobre detidos.

Na decisão, haverá mais um clássico, novamente com torcida única. Como o Palmeiras tem melhor campanha do que o Santos, terá o apoio da galera.

A SAF não veio para humilhar

Sociedade Anônima do Futebol não é panaceia nem meio para maltratar torcedor

Juca Kfouri
Jornalista e autor de "Confesso que Perdi". É formado em ciências sociais pela USP

Como inevitável sempre que há novidade, a SAF anda causando por aí.

As entradas do Cruzeiro e do Botafogo no novo modo de gestão repercutem para o bem e para o mal.

No caso mineiro, pelo episódio da dispensa do ídolo Fábio, mais mal do que bem; e, no carioca, ao contrário: o investidor americano está sendo tratado como se fosse a ressurreição de Mané Garrincha.

Nem tanto ao mar do Rio de Janeiro, nem tanto à terra das Minas Gerais.

O americano John Textor será bem avaliado pelo torcedor botafoguense caso repita a façanha do bicheiro Emil Pinheiro, que, em 1989, tirou o Glorioso da fila de 21 anos sem título.

Os fins sempre justificaram os meios no futebol, fosse para lavar dinheiro da Parmalat/Palmeiras ou da máfia russa da MSI/Corinthians.

Os românticos do futebol raiz, ou os do ódio eterno ao futebol moderno, não se conformam com a assunção de proprietários do objeto de suas paixões, o que é compreensível. Como até hoje tem gente vindo a pé de Woodstock ou que não se acostuma com a queda do Muro de Berlim.

Mesmo que veja o exemplo do Chelsea, para ficar num caso, ou o do Manchester City, para ficar em dois, ou o do Bayern de Munique, para citar um terceiro, diferente de ambos os britânicos e, é verdade, mais palatável ao gosto brasileiro, embora igual que nem ao mais puro modelo capitalista de gestão.

O Cruzeiro não sairia da crise atendendo aos interesses de seu ex-goleiro. Mais do que Deus, a grana assim exige.

Neste mundo globalizado e polarizado, encontrar a virtude, que dizem estar no meio, está cada dia mais complicado.

Nega-se a intervenção dos Estados Unidos nos golpes pelo mundo afora com a mesma sem-cerimônia que é negada a falta de liberdade em Cuba. Daí ser Leonardo Padura um exemplo de sensatez, coragem e patriotismo, sem se falar da excelência de sua obra.

Pode não parecer, mas a SAF tem a ver com tudo isso.

O modelo associativo de nossos clubes está esgotado não é de hoje, e, por isso, o futebol brasileiro caiu para a segunda divisão mundial.

Até mesmo o outrora poderoso Barcelona, aquele em que a bola não entrava por acaso, deixou de ser "mais que um clube" para ser mais um clube em apuros.

Há motivos de sobra para desconfiar da capacidade empresarial de Ronaldo Fenômeno, e pouco se sabe do que Textor será capaz.

O futebol brasileiro já afugentou inúmeros parceiros como o Bank of America, o Excel, o Opportunity, a Hicks Muse, a ISL, a Octagon etc.

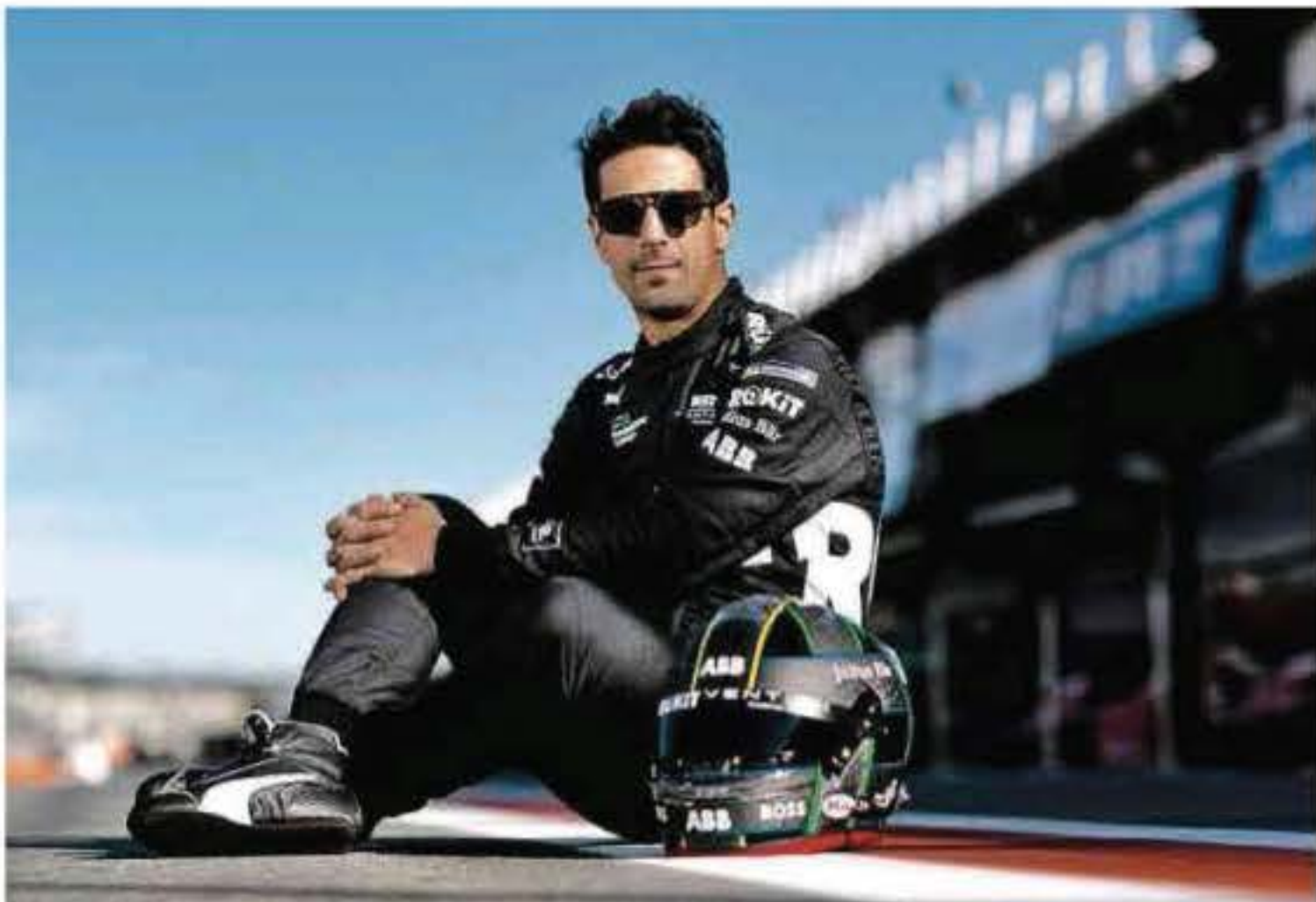
Clubes como o Corinthians, o de maior potencial econômico no Brasil, têm suas categorias de base nas mãos de contraventores conhecidos, e outras potências, como Palmeiras e Atlético Mineiro, encontraram a salvação, com motivações e interesses diferentes, em mecenatos milionários.

No pântano do futebol mundial, em que Fifa, Conmebol e CBF são o que são, é difícil mesmo ver luz no fim do túnel, embora esteja clara a necessidade de se encontrarem novos caminhos.

O Brasil continua sendo aquela terra em que se plantando tudo dá, basta ver o menino Endrick brotando tão espantosamente que causa até medo.

Como seria maravilhoso se pudéssemos olhar para ele como alguém com quem conviveremos por duas décadas em nossos gramados, não como mais uma oportunidade de fazer dinheiro com sua venda para um clube-empresa europeu.

Enfim, como a crase de Ferreira Gullar, a SAF não veio para humilhar ninguém.

DOM. Juca Kfouri, Tostão | SEG. Juca Kfouri, Paulo Vinicius Coelho | TER. Renata Mendonça | QUA. Tostão | QUI. Juca Kfouri | SEX. Paulo Vinicius Coelho, Sandro Macedo | SÁB. Marina Izidro

O piloto brasileiro Lucas Di Grassi, que já competiu na F1, é defensor do uso de carros elétricos Divulgação

Lucas Di Grassi, 37

Nascido em São Paulo em 11.ago.1984, o piloto paulista chegou à F1 em 2010, quando competiu pela equipe Virgin Racing. Atuou por uma temporada na categoria e, em 2014, iniciou sua trajetória na FE. Dois anos depois, conquistou o título mundial, o seu primeiro na competição. Na última temporada, terminou na sétima colocação

Lucas Di Grassi

Bolsonaro é incapaz de pôr Brasil no centro das tecnologias sustentáveis

Campeão da FE, categoria que ajudou a desenvolver, brasileiro vê país atrasado na transição para carros elétricos e culpa presidentes

ENTREVISTA

Luciano Trindade

SÃO PAULO Há dez anos, Lucas Di Grassi, hoje com 37, migrou da F1 para a FE, deixando para trás a categoria de carros movidos com motores a combustão para ser um dos idealizadores do campeonato de veículos elétricos, criado em 2014. De lá para cá, o piloto passou a ser umas das principais vozes no automobilismo mundial em defesa de soluções de mobilidade urbana com fontes de energia renováveis.

Campeão na temporada 2016/17 e prestes a iniciar no dia 28 deste mês seu oitavo ano consecutivo na FE, o paulista acredita que o Brasil esteja atrasado no processo de transição de tecnologia pelo qual passa toda a indústria automotiva.

Em entrevista à **Folha**, Lucas diz que o "governo Bolsonaro é incapaz de realizar movimentos tecnológicos que fariam o Brasil ser o centro do mundo em tecnologias relacionadas à sustentabilidade", mas também culpa presidentes anteriores. "Nem o Fernando Henrique, nem o Lula, nem ninguém em toda a nossa vida democrática colocou o país numa rota de tecnologia adequada."

Embaixador do Programa da ONU (Organização das Nações Unidas) Para o Meio Ambiente, o piloto conta que teve recentemente encontro com membros do governo Bolsonaro para apresentar algumas de suas ideias, mas não "avançou para nada concreto".

Entre os presidenciáveis, diz gostar das propostas de Luiz Felipe d'Avila, do partido Novo, e também não descarta entrar para a política. "Não interessa o governo, interessa que a gente acelere o Brasil."

*

Como está a adaptação à equipe Venturi depois de sete anos correndo pela Audi? Esse processo é rápido porque na FE os carros são muito parecidos. Eu mudei do trem de força da Audi para o da Mercedes [utilizado pela Venturi]. Isso é uma diferença grande, mas, como os dois são competitivos, a eficiência do carro é parecida. O que muda é como os controles são feitos, como a estratégia de uso de energia é feita. Então, o processo de adaptação é mais com a equipe.

> "Nossa cultura é antagônica em relação à tecnologia. A gente não teve um líder nos últimos 20 anos com capacidade de direcionar o país para acabar com a pobreza por meio do desenvolvimento da indústria e tecnologia

Quando a Audi resolveu sair da FE, após o último ano, você cogitou deixar a categoria e até mesmo se aposentar? Talvez tirar um ano sabático, sim. Chegou uma hora em que as únicas opções viáveis eram equipes que não são competitivas. Gosto de automobilismo por ser competitivo. Sem isso, não teria problema de tirar um ano sabático ou realmente me aposentar e fazer outra coisa, como criar uma empresa no Brasil ligada à sustentabilidade. Mas, como consegui vaga na Venturi, que é excelente, achei que era uma opção muito viável e estou motivado a continuar porque dá para ganhar o campeonato.

Como foi sua participação no desenvolvimento da FE? Eu entrei na FE antes de a categoria ser registrada, acho que fui o empregado número 2. Nesses dois anos iniciais, ajudei a construir o campeonato. Fico muito feliz de ver um projeto como a FE, de que muitos davam risada no início, achavam que mobilidade elétrica não era o futuro, e agora cada vez mais vai caindo a ficha. Muitos países europeus, sobretudo os mais desenvolvidos, entenderam que o futuro é elétrico e estão deixando de fazer carros a combustão. O Brasil, porém, apesar de ter tido dois campeões na FE, demora a entender os conceitos novos. O brasileiro está sempre cinco, dez anos atrás em termos de tecnologia em praticamente tudo.

Esse cenário que você desenhou sobre o Brasil é o motivo pelo qual a categoria ainda não caiu no gosto popular, como a F1? Tem a falta de estrutura, sim, a falta de um carro elétrico popular, não ter tido uma corrida de FE no Brasil. E tem um fator cultural: quando eu entro nos principais portais do Brasil e vejo as notícias mais lidas no dia, eu fico surpreso negativamente pelos assuntos por que o brasileiro se interessa. O brasileiro tem dificuldade de entender as tendências de tecnologia. E, como a FE mistura um pouco disso, demorou um pouco mais para ser aceita.

Como surgiu o convite da ONU para você ser embaixador para o meio ambiente? O convite veio pela FE. Eu conheci o pessoal da ONU em Paris, e nós tivemos reuniões sobre veículos elétricos. Quando se fala sobre isso, muita gente já pensa no aquecimento global, mas o principal motivo de se ter carros elétricos não é o aquecimento, mas, sim, ter emissões zero [de carbono] nas cidades. Com isso, melhora a qualidade do ar, diminui o barulho e melhora não só a saúde mas também a qualidade de vida no geral das pessoas.

Você já declarou que o Brasil tem o cenário ideal para ter uma matriz energética totalmente renovável. Mas um dos principais atores, o presidente Jair Bolsonaro, tem tido uma gestão muito criticada por especialistas nas questões ligadas ao meio ambiente. Como você avalia o governo dele nesse ponto? O governo Bolsonaro é incapaz de realizar movimentos tecnológicos que fariam o Brasil ser o centro do mundo em tecnologias relacionadas à sustentabilidade. O nosso país é extremamente sustentável. Nossa matriz já é, com governo Bolsonaro ou não, 80% renovável, com energia hídrica e solar. E pode ser 100% ou até negativa. Podemos trocar carbono com a Europa e preservar um pouco mais a Amazônia. A gente tem um potencial fotovoltaico gigantesco. Mas não só o governo Bolsonaro, o governo Lula também poderia ter feito esse movimento. Já a Dilma fez o oposto, aumentou o uso de termoelétricas. Agora, o Bolsonaro acabou de assinar um novo contrato até 2040 para gerar energia de carvão. Nossa cultura é antagônica em relação à tecnologia. A gente não teve um estadista. Nem o Fernando Henrique, nem o Lula, nem ninguém na nossa vida democrática colocou o país numa rota de tecnologia adequada.

Você esteve em Brasília para apresentar algumas ideias ao atual governo. Como foi a recepção ao que foi apresentado? Tive algumas conversas sobre crédito de carbono, que é basicamente um incentivo financeiro para as indústrias aumentarem a eficiência e diminuírem a emissão de carbono de uma forma que funcione. Não adianta só banir canudo de plástico. Fui conversar sobre quando o Brasil poderia ter esse comércio de crédito de carbono com a Europa, com a China, com os Estados Unidos. Hoje em dia, a Europa não deixa as empresas comprarem crédito de carbono do Brasil. Se deixasse, a gente teria bilhões de reais entrando no país, valorizaria o real e diminuiria a inflação.

Dos presidenciáveis atuais, com qual você se identifica? De todos eles, o que se alinha com as minhas ideias é o Luiz Felipe d'Avila, do [partido] Novo. Eu converso bastante com ele. Ele tem alguma chance? Tem pouquíssimas, é desconhecido, não quer ser populista.

Pensa em seguir carreira política? Se eu fosse para a política, eu iria mais para uma função executiva do que eletiva. Eu gostaria de focar aquilo em que eu sou bom e poder ajudar. No futuro, por que não?

Antigas e novas caras

Poucos treinadores estarão no comando das mesmas equipes no fim do ano

Tostão

Cronista esportivo, participou como jogador das Copas de 1966 e 1970. É formado em medicina

A maioria dos times brasileiros já definiu os treinadores e os elencos que vão iniciar a temporada de 2022. Poucos treinadores estarão nas mesmas equipes no fim do ano.

É preciso separar jogadores que chegam para aumentar o elenco dos reforços, que vão melhorar a qualidade da equipe. Existem sempre surpresas. Na vida e no futebol, tudo pode ser programado e tudo é incerto.

Dirigentes e torcedores brasileiros estão ansiosos por novidades, por treinadores estrangeiros ou não, jovens ou mais experientes. As pessoas estão cansadas da mesmice, dos lugares-comuns, de estratégias e de discursos repetitivos. Os estrangeiros e os mais jovens têm mais chance de fazer coisas diferentes.

O português Abel Ferreira agradou bastante os torcedores do Palmeiras, pelas estratégias, pelos títulos e pelo comportamento aguerrido, eloquente e vibrante, apesar de, muitas vezes, ser ofensivo aos árbitros e aos auxiliares.

O Flamengo, que desejava Jorge Jesus, está contente com outro português, Paulo Sousa, que chegou ao aeroporto vestido com a camisa do Flamengo, o manto sagrado, e que falou várias vezes da nação rubro-negra. Isso já cativou o torcedor. Será que vai conseguir exorcizar o fantasma Jorge Jesus?

O Atlético, que também queria Jorge Jesus, está contente com o novo treinador, pelo currículo, pelo apelido diferente, "El Turco" Mohamed, por ser simpático e alegre e por gostar de falar da massa do Galo. Ele parece uma mistura de argentino, pelo nascimento, e de mexicano, onde teve sucesso. Ele tem a cara e as tatuagens de Sampaoli, só que com cabelo.

O Inter, que alterna treinadores brasileiros e estrangeiros, contratou o uruguaio "Cacique" Medina. Essas mudanças prejudicam a equipe. Já o Bragantino, um clube organizado, prefere manter, há bastante tempo, o técnico jovem e competente Mauricio Barbieri. Ele e outros jovens estudiosos treinadores brasileiros deveriam ser mais valorizados.

O Fluminense é a exceção entre os grandes da Série A, pois contratou Abel Braga, um técnico brasileiro, experiente, emotivo, vibrante, com ideias próprias, e que, na média, tem bons resultados.

Corinthians e São Paulo continuam com os mesmos técnicos, brasileiros, jovens e estudiosos. Espero que os torcedores não impliquem com Sylvinho, pelas roupas, pela agitação durante as partidas e pelo fato de chamar Paulinho de Paulo. A torcida do São Paulo também deveria implicar menos com Rogério Ceni, por conta da cara sombria, prepotente.

Repito, pela milésima vez, até alguém concordar comigo, que torcedores, dirigentes e parte da imprensa não deveriam endeusar e valorizar tanto os técnicos nas vitórias e massacrá-los tanto nas derrotas, como se fossem os craques dos times e das partidas. A expectativa é, às vezes, tão grande, que muitos sonham em decifrar o enigma das estratégias utilizadas pelos treinadores.

Elza e Garrincha

Dias atrás, morreu a grande artista Elza Soares. Em 1971, fui a Milão, convidado para jogar por uma seleção mundial, em uma partida de despedida de Lev Yashin, o maior goleiro da história. Fiquei hospedado no mesmo hotel em que moravam, já havia bastante tempo, Elza Soares, Garrincha e filhos. Ela dava shows em Milão, e Garrincha era garoto-propaganda do Instituto Brasileiro do Café. Saímos uma noite para jantar. Algumas pessoas diziam que Elza cantava toda semana em bares e boates para conseguir dinheiro, pagar o hotel e voltar ao Brasil. Não sei se era verdade ou fofoca.

NOSSO ESTRANHO AMOR

Anna Virginia Balloussier
folha.com/nossoestranhoamor

Mônica e Marcos: amor no Paraíso

Dentro das igrejas, horóscopo é tabu. Você pode ser do signo do Pai com ascendente no Filho e lua no Espírito Santo. Mais do que isso, vira pagão.

Mas Mônica Alves, 53, era uma evangélica, "vamos colocar assim, partindo pro lado místico". Ela diz que se lembra da exata hora em que nasceu, "com todas as dores e os sons estranhos", no Hospital Matarazzo, às 21h15 de 10 de junho de 1968. "Sou uma de 1 milhão que se recorda."

Mônica não esquece. E foi por isso que ela saiu "arrumadinha pro serviço" no dia 27 de maio de 2007, um domingo de Pentecostes. O penteado avolumado pelos bobes que enrolou no cabelo na noite anterior, "pra ficar bonitinha". Pronta pro ataque.

Uma colega do trabalho, a Valdete, precisava levar o filho ao médico e queria alguém para cobrir seu plantão dominical. Mônica viu um sinal aí. Tinha lido algo interessante no início da semana, nas páginas do Metrô News, o jornalzinho distribuído de graça nas plataformas do metrô paulistano. "Me lembro como se fosse hoje. O horóscopo dizia: 'Esta semana é o Dia D, você vai conhecer o amor da sua vida'."

Só que a semana já estava acabando, e a paciência de Mônica, idem. Nada do bonitão dar as caras. Topou substituir Valdete e foi carregar cartões do Bilhete Único na estação Paraíso. O prazo astral expirava naquele domingo. Vai que, né?

E foi. Por volta das 4h40, entrou Marcos Alfredo de Araújo, 41. Como os sobrinhos adiantaram sem querer seu relógio, ele saiu uma hora mais cedo para trabalhar. A geminiana "com ascendente em Jesus Cristo" cruzou com Marcos Alfredo, e aí já era, "os dois viram a mesma coisa, um flash nos olhos, uma luz". O amor no Paraíso.

"Nossa, que morena linda, e eu estou à procura de uma mulher como você para compromisso sério", ele galanteou e emendou uma pergunta sobre o estado civil da dama cortejada. Solteira. Atrasado para o serviço, logo no apocalíptico número 666 da rua Abílio Soares, o porteiro deixou o telefone para quem sabe "marcarem um lanche" e desapareceu pela escada rolante. Mas Mônica não é besta nem nada. Convenceu-se de que ali estava, de fato, seu príncipe encantado.

Ligou para ele três dias depois, de um orelhão em Pinheiros, bairro da zona oeste de São Paulo onde morava. "Para selar nossa união, ele me trouxe um bombom e me deu um beijo no Paraíso. Eu flutuei."

Acontece que o posto de "noivorido" vinha com encargos, verdade que nada desafiadores para Marcos. Ele virou cobaia dos brinquedos sexuais que Mônica testava em casa antes de oferecer às clientes. Ela era, na época, revendedora de produtos eróticos que faziam sucesso entre as amigas da igreja.

Hoje os dois trabalham como corretores na Literatura Imóveis, que fundaram juntos. Mônica ri quando lembra que chegou a telefonar para o jornal do metrô, "atrás do responsável por colocar tanto amor naquele signo de gêmeos, afirmando que euzinha, no caso, iria conhecer o homem que me faria feliz a vida toda".

Encheu tanto o pobre jornalista do outro lado da linha que, a certa altura, ele lhe deu um passa-fora. "Eu estava eufórica, queria mais explicações. O moço estava de saída para o almoço e explodiu, 'olha aqui, minha senhora, nós recortamos as frases e fazemos um sorteio, o que cair a gente posta para os signos, satisfeita?'"

Satisfeitíssima. Graças a Deus, seu "felizes para sempre" estava escrito nas estrelas.

[...]

Dentro das igrejas, horóscopo é tabu. Você pode ser do signo do Pai com ascendente no Filho e lua no Espírito Santo. Mais do que isso, vira pagão.

IMAGEM DA SEMANA

Filipe Bispo/Fotoarena/Folhapress

Na quarta-feira (19) enchentes dos rios Tocantins e Itacaiunas, de Marabá, no Pará, atingem mais de 13 metros de altura. Devido às cheias históricas, mais de 3.600 famílias estão desalojadas. As imagens lembram as de Minas Gerais, estado também fortemente atingido pelas chuvas em janeiro. Os desastres têm sido vistos como efeito da crise climática.

FRASES DA SEMANA

PICADINHA DO BEM
Ministério da Saúde
Pasta confirmou a análise do governo de São Paulo e disse nesta sexta-feira (21) que está descartada a relação entre a vacinação contra a Covid-19 e a parada cardíaca de uma criança de Lençóis Paulista (SP)

"A síndrome de Wolff-Parkinson-White, até então não diagnosticada e desconhecida pela família, levou a criança a ter uma crise de taquicardia, que resultou em instabilidade hemodinâmica"

CAFÉ SEM LEITE
Ciro Gomes
O ex-ministro e pré-candidato a Presidência pelo PDT lançou seu nome nesta sexta-feira (21), em Brasília, disparando críticas aos três principais adversários na disputa: o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), o presidente Jair Bolsonaro (PL) e o ex-juiz Sergio Moro (Podemos)

"Tão pensando o quê, isso é para valer!"

A REFEIÇÃO MAIS IMPORTANTE DO DIA
Geraldo Alckmin
O ex-governador de São Paulo diz ter gostado da declaração do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) em entrevista concedida na última quarta-feira (19), na qual que defendeu uma aliança com o ex-tucano

"Achei positivo, bom"

TUDO JUNTO E MISTURADO
Camila Vallejo
Deputada chilena nomeada para a Secretaria-Geral de Governo do governo Boric, com maioria ministerial feminina, levou a filha para a cerimônia e colocou panos quentes sobre fato de o Partido Comunista ter ficado com três pastas

"[O gabinete é] a soma das várias vontades que existem de fortalecer as transformações no Chile. Não é um problema haver representantes de todas as agrupações que nos apoiam, ao contrário. Estamos orgulhosos de ter uma maioria de mulheres no gabinete"

MULHER DO FIM DO MUNDO
Caetano Veloso
Cantor lamenta a morte de Elza Soares na quinta-feira (20) em seu Twitter

"Morreu na glória a que fazia jus, numa idade respeitável, afirmando a grandeza possível do Brasil"

PRÓ-ATIVO$
Milionários Patriotas
Grupo de milionários enviou carta ao Fórum Econômico Mundial pedindo para que sejam cobrados mais impostos dos ultrarricos

"Enquanto o mundo atravessou uma carga imensa de sofrimento nos últimos dois anos de pandemia, a maioria de nós, milionários, pode dizer que viu sua fortuna crescer. Ainda sim, poucos de nós podemos dizer que pagamos nossa parte justa em impostos"

CRUZADAS

HORIZONTAIS
1. São três na bandeira italiana / O bar característico da Grã-Bretanha **2.** Peixe das águas costeiras tropicais, vive sobre fundos rochosos **3.** O grupo de pop rock Hermanos / Pôr junto, encostar **4.** O atleta Daniel, nadador ícone do esporte paralímpico / (Pal. ingl.) Um endereço na internet **5.** Ósmio, elemento químico / Em volta **6.** O esporte de Marcelo Melo e Bruno Soares / Abreviatura de hectolitro **7.** Uma carne temperada, defumada e cozida **8.** Trilha, rota **9.** Esburacar, perfurar **10.** Arte divinatória através de cartas ilustradas / (Inform.) Um milhão, usado como medida **11.** Sigla da maior potência mundial / Marcar dia, mês e ano **12.** Antônio Nóbrega, artista e músico recifense / A personagem comilona de Maurício de Sousa **13.** (Tavares) Importante rodovia paulista, liga a capital ao interior do estado / As iniciais do poeta e músico Antunes.

VERTICAIS
1. O de cana é garapa / Dar aparência de Ag **2.** Um músico de sopro / O reino dos leões, das baleias etc. **3.** Que não é funda / Um tipo de cerveja **4.** Eletrodinâmico / O Rodrigo, ator de "Bicho de Sete Cabeças" / Pedra usada para amolar tesouras **5.** (Matem.) Secante / Um tipo de nuvem / Documento de Arrecadação do Simples **6.** Escritor português, grande nome da literatura mundial **7.** Dar lustro a / Muro baixo **8.** Um anão da história de Branca de Neve / Aparato elegante **9.** Que pertence ao extremo norte terrestre / Diz-se de faixa de idade.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1						■			
2								■	
3				■					
4					■				
5			■						
6	■						■		
7									■
8		■							
9								■	
10					■				
11				■					
12			■						
13							■		

HORIZONTAIS: 1. Cores, Pub. **2.** Abadejo. **3.** Los, Colar. **4.** Dias, Site. **5.** Ós, Acerca. **6.** Tênis, Hl. **7.** Pastrami. **8.** Corrume. **9.** Afuroar. **10.** Tarô, Mega. **11.** EUA, Datar. **12.** A.N., Magali. **13.** Raposo, AA. **VERTICAIS: 1.** Caldo, Pratear. **2.** Oboísta, Fauna. **3.** Rasa, Escura. **4.** Ed, Santoro, Mó. **5.** Sec, Cirro, Das. **6.** José Saramago. **7.** Polir, Mureta. **8.** Atchim, Gala. **9.** Boreal, Etária.

SUDOKU

texto.art.br/fsp
DIFÍCIL

		3	2			9		
			6					4
		2				5	1	8
1		8						
			9		4			
						3		9
3	2	9				1		
7					6			
		4			5	8		

O Sudoku é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

ACERVO FOLHA

Há 50 anos **23.jan.1972**

Reino Unido firma acordo para entrar no mercado europeu

O primeiro-ministro britânico, Edward Heath, assinou neste sábado (22) o tratado para tornar o Reino Unido membro do Mercado Comum Europeu.

Antes da assinatura, Heath foi alvo de um protesto na escadaria do Palácio d'Egmont, na Bélgica, sendo atingido por um frasco de tinta, que o obrigou a trocar de roupa.

Assim como o britânico, representes da Irlanda, da Noruega e da Dinamarca também subscreveram o acordo para que seus países ingressem em janeiro de 1973 no Mercado Comum Europeu. Os atuais membros são França, Itália, Alemanha Ocidental, Bélgica, Luxemburgo e Holanda.

LEIA MAIS EM
acervo.folha.com.br

FOLHA DE S. PAULO
Europa e Inglaterra enfim juntas
Allende sofre mais uma séria derrota

A violência não bate à porta

PM aposentado, que migrou de posições conservadoras para a defesa de teses progressistas, narra assalto e sequestro que sofreu e discute o papel nocivo da desigualdade, do consumismo e do armamentismo nas políticas de segurança

C4 e C5

Ilustração
Dora Longo Bahia

MÔNICA BERGAMO | monica.bergamo@grupofolha.com.br

Paulo Vieira
Não trabalho para ser chamado de intelectual

[RESUMO] Ator e humorista que ouvia da mãe o conselho de ser o melhor no que fizesse, por ser preto, pobre, gordo e do Norte, estreia nesta semana um quadro no 'BBB', contracena com Tony Ramos e Susana Vieira, cria série e apresenta programa; interessado em fazer humor popular, o tocantinense que se acha 'a cara do Brasil' diz que não quer nunca se esquecer de onde veio

Por ***Lígia Mesquita***

O Big Fone tocou para Paulo Vieira no fim de novembro. Do outro lado da linha, em vez da voz distorcida que dá importantes instruções aos participantes do "Big Brother Brasil", quem pedia para ele prestar muita atenção era Boninho. O diretor do reality de maior audiência da Globo não queria convidar o ator e humorista para ser um dos participantes famosos do chamado "camarote", mas oferecer um quadro de humor na atração.

"Vou ser pago para fazer o que já fazia de graça, assistir ao 'BBB' e comentar sobre os participantes no Twitter", diz Vieira, de 29 anos.

Na próxima quarta (26), o atualmente filho ilustre de Palmas (TO), cidade onde cresceu e vive sua família, ficará conhecido em todos os cantos do país com a estreia de "BBB no Divã". No esquete, ele interpreta o psicólogo dos confinados que disputam o prêmio de R$ 1,5 milhão.

"Ele é um psicólogo com diploma do Instituto Universal Brasileiro [escola antiga de cursos a distância], sem compromisso algum", adianta, em entrevista feita por videochamada, do apartamento onde mora no edifício Copan, em São Paulo.

Para ter material de trabalho, o humorista não fica assistindo ao programa o dia todo pelo pay-per-view. A cada duas horas, apita uma mensagem em seu telefone com um relatório da produção do 'BBB' com os últimos acontecimentos no confinamento.

"Me sinto um investidor de Tóquio, um 'trader' recebendo informações sobre ações", diz, soltando uma tirada por frase. "Vem tudo escrito: 'Fulano se uniu com fulana para falar mal de sicrana', 'fulano brigou por comida'."

O que o público nem vai desconfiar é que por detrás do analista de araque há um cara que sonha em fazer faculdade de psicologia. "Eu adoro estudar coisas ligadas à psicologia. Esse quadro vai até ser ruim para minha futura carreira de analista", conta ele, que faz análise há anos.

"Quando a gente não precisar mais brigar por comida e educação no Brasil, minha próxima luta vai ser para todos terem direito a terapia e massagem de graça."

Filho de pais que não conseguiram completar nem o ensino básico porque precisaram começar cedo a lutar por comida e moradia, Vieira diz ser um exemplo de como a educação e a cultura são essenciais para transformar vidas.

Desde os nove anos, ele conciliava as aulas em uma escola pública no centro de Palmas com cursos gratuitos de teatro. Na adolescência, vendia salgados para ajudar em casa.

Quando chegou o vestibular, escolheu comunicação social, porque diz que seu sonho sempre foi ser um comunicador popular. Se formou em jornalismo na UFT (Universidade Federal do Tocantins), mas ainda não pegou seu diploma. "Quando ligo para a minha mãe para falar de um novo trabalho, ela fica feliz, mas fala: 'Meu filho, quando você vai regularizar sua situação e pegar o diploma?'."

O ator conta que a mãe, dona Conceição, sempre o incentivou a estudar, já o preparando para os preconceitos que ele enfrentaria. "Ela dizia que eu precisava ser o melhor no que eu escolhesse fazer porque eu era preto, pobre, gordo e do Norte", diz.

Vieira chegou a trabalhar como jornalista num programa de rádio, mas paralelamente seguia com o teatro.

Com um texto bom e de humor afiado, passou a fazer espetáculos de comédia stand up, sendo descoberto por colegas que foram se apresentar em Palmas. Recebeu um convite para trabalhar no clube de comédia Comedians, em São Paulo, e aí se mudou para a cidade.

Dos palcos migrou para a TV em 2016, trabalhando ao lado de Fábio Porchat no "Programa do Porchat", na Record.

Em 2019, migrou para a Globo após ser convidado para integrar o elenco do "Zorra".

Em 2021, Vieira teve o aval da emissora para desenvolver a série que criou inspirada nos negócios malucos que o pai, Luisão, e seu melhor amigo Pablo inventam desde que o ator era criança. Ele começou a narrar as aventuras de Pablo e Luisão no Twitter, alçando a dupla à fama e se tornando um viral nas redes.

Quando surgiu o convite para o 'BBB', o ator estava gravando "Novelei". Na série inédita da Globo em parceria com o YouTube, ele contracena com Tony Ramos e Susana Vieira, entre outros, recriando cenas famosas de novelas.

No ano passado, o ator também estreou como apresentador no GNT, em uma competição gastronômica, o "Rolling Kitchen", em que recebe famosos disputando entre eles. Em fevereiro, ele grava um programa de viagem para o canal em que falará com anônimos que tenham histórias curiosas.

"Quero ver minha mãe cobrar meu diploma da faculdade depois de me ver contracenando com Tony Ramos e aparecendo no 'BBB'."

*

FAMA COM O 'BBB'

Será que vou ficar tão conhecido? Não sei. Mas, se ficar, esse lugar da fama de parar para tirar foto não me irrita porque fiz um um workshop de ser famoso em Palmas. Lá eu sempre fui uma celebridade, quase um político. Em SP, ninguém me dá criança para segurar, beijar, tirar foto.

NÃO SER LEVADO A SÉRIO

Sinto que às vezes não levam o meu trabalho a sério, que há um desprezo. O Brasil não tá acostumado a ver preto intelectual, e não tô dizendo que eu sou um. Aqui a intelectualidade é uma faixa presidencial passada entre uma elite branca. Se essa intelectualidade fosse medida por inteligência de fato, não teríamos metade dos nossos intelectuais.

HUMOR POPULAR

Não trabalho para ser chamado de intelectual. Quero que as pessoas me achem bom naquilo que me propus a fazer. Que elas riam no momento que tem que rir e chorem quando for para chorar. Quero ver que consegui me comunicar com elas através daquele texto. Dentro desse jogo aí ser chamado de inteligente é a coisa que menos me interessa, embora eu saiba que tudo isso tem raiz no lugar onde o preto não é inteligente, né? Tem raiz no racismo estrutural. Mas isso não é o que me interessa. O que me interessa é ser bom e cada vez melhor.

É um clichê bobo esse pensamento não só sobre o meu trabalho, mas sobre o trabalho de todo mundo que faz coisas populares, de que isso é mais fácil, de que isso não é nobre. Você pode falar sobre cocô da maneira mais erudita possível e falar das coisas mais importantes do mundo de maneira popular.

CARA DO BRASIL

Acho que sou a cara de uma parte do Brasil. Então parte da opinião sobre mim tem a ver com esse Brasil que eu represento. Eu vejo muito isso nos hates [ataques] que eu recebo nas redes sociais.

É sempre uma galerinha novinha de classe média alta que não não vê valor do meu trabalho porque não sabem do que eu tô falando, não entendem minhas referências sobre a realidade de quem é pobre, trabalhador.

O PAÍS ONDE EU MORO

Gosto de morar no centro de São Paulo para ver a vida real. Escrevi uma frase num papel que eu deixo na minha mesa de trabalho para eu nunca esquecer: "O país onde você vive não é o país onde você mora". O país onde eu moro é esse em que um pai de família tá na rua com sua família porque não conseguiu pagar aluguel. Essa frase é para sempre me lembrar de que a vida não é esse ingresso cortesia do Rock in Rio, o estúdio "J" da Globo. Às vezes eu posso viver nesse outro país do "Big Brother", mas não me esqueço de onde eu vim, do país onde eu moro.

AULA DENTRO DE CASA

Meus pais não têm nem o ensino básico completo, mas têm uma inteligência enorme. Eu meio que aprendi política empiricamente com meu pai. Ele sempre foi um cara que se movimentou, que tentava fazer as coisas acontecerem.

Sabe onde foi o primeiro encontro dos meus pais? Numa reunião do MST [Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra]. Ele não era do MST, mas gostava de ir lá ouvir as pessoas, de participar. Era real, não era igual essas pessoas de bairro de elite que compram boné do MST para ser cool.

GOVERNO BOLSONARO

Esses direitistas, bolsonaristas, para não dizer fascistas, conseguiram nos envergonhar, marginalizar a esquerda e acabar com a nossa autoestima. Então de repente eu tava com a cabeça abaixada, parecia que eu tinha roubado alguma coisa do Brasil, como se motivo da minha ideologia política não fosse o bem comum. Eles conseguiram tirar esse brilho da sociedade.

LULA

A primeira vez que vi meu pai chorar foi quando o Lula se elegeu presidente pela primeira vez. Eu era criança e lembro dele explicar que era um trabalhador, uma pessoa como a gente. Gosto muito do Lula e vou fazer o que eu puder para ajudá-lo a se eleger.

O ator Paulo Vieira, 29, em seu apartamento, no centro de São Paulo Fotos Eduardo Anizelli/Folhapress

Um basta à insegurança pública

[RESUMO] Oficial aposentado da PM de São Paulo narra a experiência de ter a casa invadida por cinco assaltantes e ser sequestrado. O crime serve como ponto de partida para discutir entraves à segurança pública e apontar o papel nocivo do consumismo, da desigualdade e das políticas armamentistas na promoção da violência

Por **Adilson Paes de Souza**
Tenente-coronel aposentado da Polícia Militar do Estado de São Paulo, mestre em direitos humanos e doutor em psicologia escolar e do desenvolvimento humano pela USP. Membro da Comissão Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo

Ilustração **Dora Longo Bahia**
Artista plástica

Faço uso da minha trajetória e da minha experiência pessoal como fio condutor deste artigo.

Procuro empregar várias perspectivas nesta abordagem: do policial que, no início da carreira, seguia acriticamente os ditames e os valores professados pelo grupo; do policial que, após um ponto de ruptura, passou a ser um crítico da instituição; do pesquisador no campo da violência e do sofrimento policial, incluindo suicídio, e da vítima da violência (roubo e sequestro).

Chegou o momento de compartilhar o que aconteceu comigo e com a minha esposa há algum tempo. Em 9 de outubro de 2021, nós fomos vítimas de um roubo.

Cinco jovens invadiram a nossa casa enquanto estávamos dormindo. Fomos acordados, repentinamente, com mãos nos sufocando contra o travesseiro, armas apontadas para as nossas cabeças e a imagem, inesquecível e aterrorizante, de pessoas à nossa volta, falando todos ao mesmo tempo, encapuzados e vestindo luvas pretas.

Eles entraram na nossa casa sorrateiramente, sem fazer qualquer barulho. Passamos várias horas sob o seu jugo, sofrendo ameaças de morte. Eles fizeram várias vezes roleta-russa, apontando um revólver para as nossas cabeças. Bradavam a todo momento que queriam joias e dinheiro e perguntavam pelo cofre.

Nós passamos a ser um troféu, uma diversão para eles —em um dado momento, eles fizeram selfies conosco. Eles nos aterrorizaram falando de sexo e tortura e ameaçaram efetuar disparos em partes dos nossos corpos.

Para eles poderem sair de casa, fui levado como refém. Enquanto dois deles saiam comigo no meu veículo, três outros permaneceram com a minha esposa. Fui trancado no porta-malas e levado a um cativeiro, onde eles me amarraram.

O sequestro visava à realização de transferência bancária por meio de Pix, e, para isso, eles precisavam esperar até o horário em que valores maiores pudessem ser transferidos.

Há um trauma ainda em elaboração e temores que brotam em situações inusitadas. Por isso, estamos sob acompanhamento médico e psicológico.

O culto à virilidade exacerbada —consubstanciada no tom de voz ameaçador, no domínio físico e emocional sobre nós e no manuseio ostensivo de armas— expressava o desejo de domínio e poder.

Muito já foi dito sobre o fascínio dos homens pelo falo e sua imagem de poder. A maneira como os cinco jovens exibiam e manuseavam as armas representava o constante manuseio do falo, objeto de desejo e de supremacia. Eles mandavam e faziam questão de demonstrar isso.

O fascínio pelos bens de consumo também era evidente. Estavam todos contaminados pela ode aos objetos que pudessem simbolizar prestígio e, talvez, uma melhor posição social.

Roubaram todos os meus casacos. Pude reparar que eles provavam as roupas e ficavam excitados quando as peças de vestuário serviam.

Também notei que eles queriam ser quem nós somos, ocupar a nossa posição social. Foi interessante notar quão arraigada a sociedade de consumo está na nossa dinâmica social. A pessoa é aquilo que veste e ostenta.

Quero deixar bem claro que não nutro nenhuma simpatia ou apreço por qualquer um deles. Não estou sob os efeitos da síndrome de Estocolmo e tampouco quero relativizar o crime.

Dois deles, com quem conseguimos dialogar, explicitaram a revolta contra suas condições de vida. Falaram das suas famílias grandes, dos pais que abandonaram a mãe e os filhos, dos bairros irregulares e sem infraestrutura em que moravam. Em um momento, vaticinaram: "É dessa maneira que vamos conseguir a igualdade social", apontando as armas novamente para nós.

Ponderamos, dentro dos limites que a situação nos impunha, que reconhecíamos que a marcante desigualdade social do país era geradora de infortúnios de toda sorte e afirmamos que lutávamos contra ela. Contudo, deixamos claro que divergíamos da maneira como eles veiculavam a insatisfação social, usando armas, porque isso geraria mais violência e agravaria a situação.

Notei que esses dois jovens expressavam, talvez sem se dar conta disso, um sentimento de abandono à própria sorte e a necessidade de buscar um tipo de "justiça" e meios de subsistência por conta própria. O Estado estava ausente: todos contra todos e que vença o mais forte.

Sou oficial aposentado da Polícia Militar, e é conhecida a minha posição crítica em relação à atuação estatal, por meio dos órgãos de repressão, com violência, abuso e arbitrariedade. Muito critiquei a letalidade policial e desenvolvo pesquisas sobre violência, desde a formação até a atuação policial.

Tenho uma profunda preocupação com o tema e desejo poder colaborar para que mudanças ocorram. Também gostaria de tentar oferecer alguma contribuição para que jovens, como os que invadiram a minha casa, não sejam vítimas do abuso estatal.

Sei que não teria tido a mínima oportunidade de viver se eles tivessem descoberto que sou policial. Não teria tido tempo suficiente para explicar a minha posição. Vivenciei uma situação difícil, porque lutava pela minha sobrevivência também em razão da profissão que exerci.

Para mim, algumas questões são evidentes. Trato delas a seguir.

1
Não há espaço vazio. Sei que essa é uma expressão muito usada, mas senti na pele esse fenômeno. A falta de oportunidades de vida, que deveriam ser proporcionadas pelo Estado, faz com que contingentes cada vez maiores de pessoas sejam atraídas para o mundo do crime.

Atenção aos arautos do caos, da repressão policial e da brutalidade: não se trata de romantizar as pessoas que praticam crimes e torná-las não responsáveis por seus atos. O que eu quero dizer é que, se o Estado não oferece oportunidades, alguém —o crime organizado— oferecerá.

As cinco pessoas que nos roubaram e me sequestraram eram jovens e brancos e tinham rostos bem-afeiçoados —fugindo do perfil padrão de bandido, ditado pelo preconceito e pelo racismo, vale dizer, à pessoa negra.

Fico pensando sobre quais oportunidades de vida eles tiveram. O Estado está presente apenas pelo viés punitivo e prende muito e mal, seletivamente.

2
O consumo dita as relações sociais. A ânsia pelo consumo de bens, como roupas de grife, está relacionada à busca por um passaporte apto a conduzir pessoas do mundo da exclusão e privação para outro, da aceitação e imposição, por meio do que se veste, se usa, se possui.

Consumo, vale lembrar, estimulado por propagandas e ações de entes públicos e privados. Entes públicos? Sim, basta mencionar a cultura do "você sabe com quem está falando?" ou do uso da esperança das pessoas para fins eleitorais. Nas campanhas eleitorais, muitos candidatos utilizam os eleitores como mercadorias. Uma vez atingido o objetivo (a eleição), eles são descartados. Infelizmente, "caso comum de trânsito", para citar Belchior.

3
A ausência do Estado na prevenção e apuração dos crimes. Para ficar somente no campo da prevenção secundária —ações que se traduzem na presença do policial e de viaturas na rua ostensivamente para prevenção de delitos—, não há medidas efetivas decorrentes da simples presença do agente público de segurança. É raro vê-los nas ruas, em áreas possíveis de eclosão de delitos.

Isso acontece porque o Estado, seguindo a cartilha liberal, procura não contratar pessoas para "não onerar a máquina pública". Afinal, o que importa é o Estado mínimo.

Não há investimento na contratação para promover o aumento real do efetivo das polícias. Quando muito, há tentativas de suprir as vagas já existentes. O efetivo da Polícia Militar paulista, por exemplo, não tem aumento real desde meados da década de 1990.

Por sua vez, não há investigação dos delitos perpetrados, proporcionando, àqueles que os praticam, a certeza da impunidade e oferecendo estímulos para que continuem com esses atos.

Cesare Beccaria expôs, com precisão, que a impunidade é o fator preponderante para alguém cometer um crime. Há pesquisas que atestam a baixa taxa de elucidação de delitos e a consequente não condenação de seus autores.

No meu caso, nada foi feito até agora. Estamos nos sentindo abandonados e temos certeza que não somos os únicos. Depois da nossa casa, o mesmo grupo invadiu o condomínio e praticou mais três roubos.

Eles atuam na certeza de que não serão presos e que não há policiais por perto. O terreno, para eles, está livre. Chance de prisão? Atrevo a dizer que é zero.

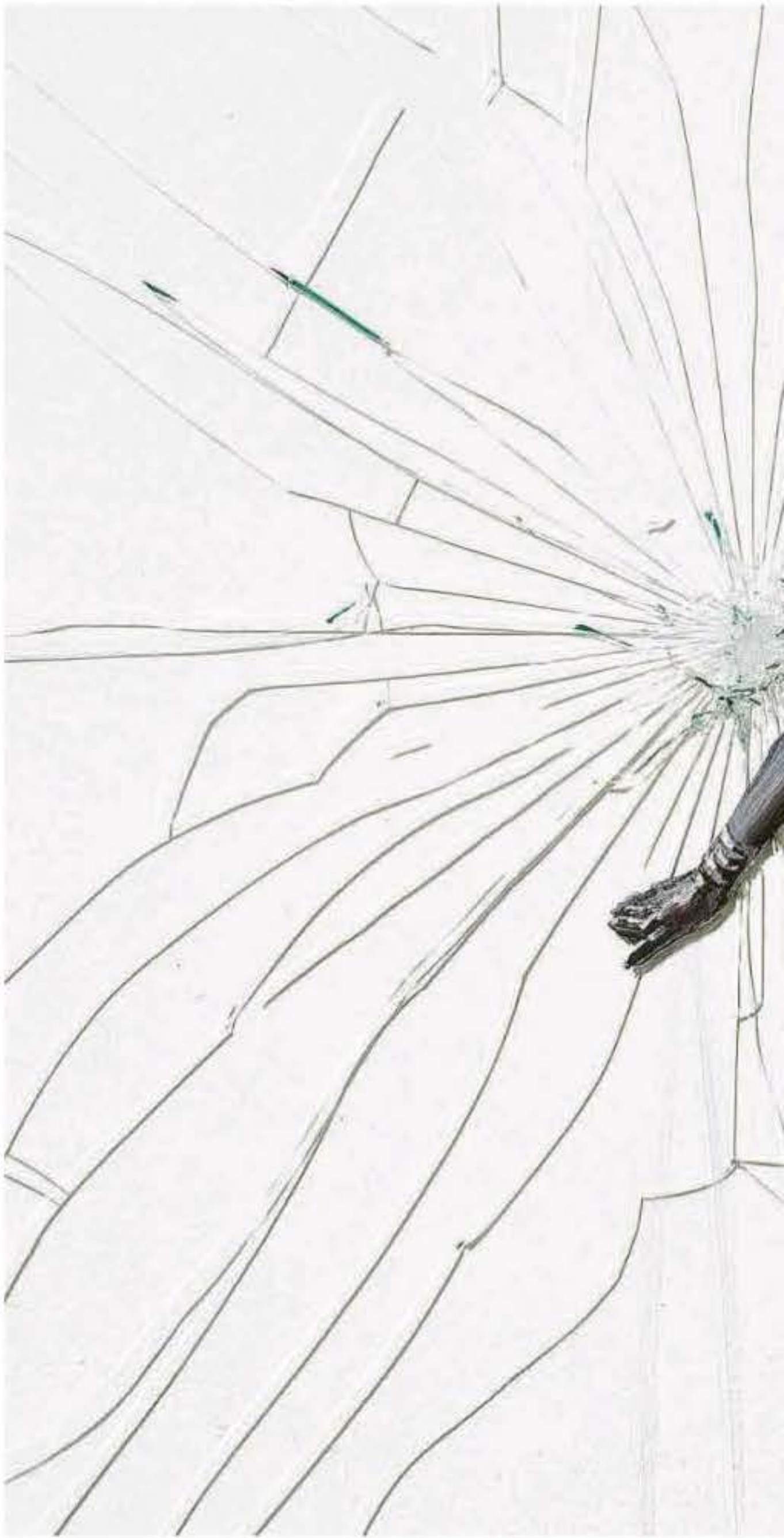
4
O discurso armamentista e de guerra não funciona para proporcionar paz e segurança, muito pelo contrário, alimenta o confronto e a oportunidade de eliminação daquele que é tido como oponente.

Se o policial é preparado para a guerra, cujo objetivo principal é a eliminação daquele rotulado como inimigo, o lado oposto também faz o mesmo. Ao saber que são caçados, essas pessoas adotam uma postura mais violenta.

Volto a frisar que eu não estaria vivo se eles tivessem descoberto que eu sou policial, independentemente das ideias que defendo. Da mesma maneira, armar a população para que cada pessoa se defenda é perigoso para a vítima.

Primeiro, porque a arma proporciona uma sensação de poder maior que o real, daí a consequente disposição para reagir pensando que estará em vantagem. Uma vez rendido em um assalto, não há mais o que fazer senão permanecer inerte. Uma das circunstâncias que me salvou foi o fato de eu não possuir arma, porque, se eu possuísse, teria tentado reagir.

Segundo, se a população for armada para combater o inimigo, o criminoso também adotará uma postura mais agressiva em relação às vítimas. Uma espiral de violência crescente é estabelecida e ganha força. Perdemos todos.

Continua na pág. C5

Obra da série 'A Polícia Vem, a Polícia Vai' (2018) Galeria Vermelho/Divulgação

Continuação da pág. C4

Esses discursos são expressão de um populismo barato, omisso em termos de responsabilidade estatal e socialmente danoso. Engana-se quem acredita que tais medidas são efetivas para proporcionar segurança. Do cano de uma arma não surge o poder, mas a sua negação, escreveu Celso Lafer no prefácio à edição brasileira de "Sobre a Violência", de Hannah Arendt.

5

O culto à personalidade e ao espírito de clã. Aqui, me dirijo especificamente aos policiais e demais agentes do sistema de segurança pública. Outra circunstância que salvou a minha vida foi o fato de eu não ter nada em casa que remetesse à Polícia Militar. Não havia fotografias, quadros, medalhas etc.

Uma vez aposentado, virei a chave e não vivi de simbolismos e rituais da minha vida profissional. Nem sequer apreciava ser chamado pela patente que ostentava à época da aposentadoria, bem diferente do que acontece com a maioria dos policiais, que fazem questão de manter um vínculo com a instituição, como algo essencial para a sua existência.

A subcultura policial permanece mesmo depois de os policiais deixarem o serviço ativo —a necessidade de continuar pertencendo ao grupo subsiste. São fenômenos que precisam ser estudados, e seus efeitos nocivos devem ser expostos para os agentes de segurança.

6

A falta de resposta abala todos: confesso que nutri, com muita força, a vontade de eliminar cada um deles. Sonhava com essa oportunidade, disfarçada de justiça, de me vingar. O meu lado sombrio aflorou com força, e eu queria resolver a questão por meios próprios.
Afinal, o que foi feito das investigações? Por quê a demora?

Eu entrevistei policiais assassinos nas pesquisas que desenvolvi no mestrado e no doutorado. A mesma argumentação estava presente: a impunidade, o abandono por parte do Estado, a necessidade de dar uma resposta a qualquer custo à violência existente, o sistema prisional dominado pelo crime organizado, a inexistência de um sistema de Justiça criminal minimamente eficiente.

O que eles faziam então? Matavam. Eles próprios assumiram o papel do sistema.

Eu senti a mesma coisa. Hoje em dia, há momentos em que essas ideias vêm à mente. Dói muito se sentir impotente e desprezado. Senti-me e ainda me sinto abandonado pelo Estado, que tem a obrigação de agir para que pessoas expostas a situações extremas, como eu, se sintam amparadas.

Uma investigação séria, rápida e eficiente, que dê resposta rápida ao crime cometido, é capaz de proporcionar isso. Não é o que aconteceu comigo, embora a polícia tenha dados bancários e pessoais de um dos componentes do bando, e não é o que acontece com muitas outras pessoas.

7

Oportunidade de bons negócios. Há muita gente lucrando com a insegurança pública. Há empresas na área de segurança privada atuando em diversos segmentos, todos muito lucrativos.

Tão logo o roubo na minha casa aconteceu, um número expressivo de empresas de segurança passou a oferecer serviços e equipamentos para os moradores do condomínio. Aproveitaram o pânico instalado para ganhar dinheiro —e muito.

Isso não é nada diferente do que acontece em outros lugares. Quanto mais o poder público se ausenta, mais empresas privadas se instalam e lucram.

Nós não somos considerados pessoas titulares de direitos (à vida, à saúde física e psíquica, à paz). Nós somos meros dados inseridos em uma planilha de lucros, oportunidades de realização financeira. A morte, a insegurança, o medo e o pânico são commodities valiosas. A lógica do mercado dita o rumo das nossas vidas.

Falar em política pública de segurança, nesse contexto, não faz o menor sentido. Há muita gente faturando com esse caos. Penso no quanto essas empresas podem financiar campanhas políticas e promover lobbies poderosíssimos. Estaria aí um motivo para a ausência de um efetivo projeto de segurança pública?

*

Pelo que expus aqui, fica nítido que não há soluções fáceis: ocupação regular do solo, acesso à educação, à saúde, à moradia e a uma vida digna e oportunidade de trabalho igualmente digno são elementos essenciais que devem constar em qualquer discussão que se proponha séria sobre segurança pública.

A lista é longa, e é imperioso pensar grande, com ousadia e de forma abrangente. A segurança da população é assunto de Estado.

Não dá mais para aceitar políticos populistas, tampouco aceitar quem adota uma prática diferente do discurso. Não dá mais para aceitar a inação daqueles que são responsáveis por gerir o Estado ou a nossa passividade enquanto sociedade.

Cada voto é um valiosíssimo e poderoso instrumento de transformação social. Escrevo isso sem medo de cair em platitudes. Em uma democracia, que desejamos presente e forte, esse é o caminho.

Que tal seguir o recente exemplo dado pela sociedade civil chilena e seu amplo processo de mobilização cobrando mudanças?

É de suma importância saber escolher nossos representantes entre os que postulam assentos no Executivo federal, estadual e municipal e nas casas legislativas.

Vamos dar um basta. Fora populistas e os que apregoam o caos e a adoção de medidas radicais e absurdas. Fora quem rompe compromissos históricos em troca da realização de alianças de ocasião. Fora quem apregoa a adoção de soluções simples para um problema tão complexo.

Matar, eliminar e combater são verbos presentes à exaustão nos discursos de autoridades e setores expressivos da imprensa. No entanto, eles traduzem ações que não resolvem os problemas da segurança pública e nos afetam negativamente todos os dias. ←

Agradeço à Maria Evangelina, esposa querida, e à Cristina Serra e Heloisa Helena, prezadas amigas, pelas observações que contribuíram para a lapidação do texto

Não somos considerados pessoas titulares de direitos. Somos meros dados inseridos em uma planilha de lucros. A morte, a insegurança, o medo e o pânico são commodities valiosas. A lógica do mercado dita o rumo das nossas vidas

A cortina de fumaça de Risério

[RESUMO] Para o autor, racismo, estrutura social que confere privilégios e desvantagens com base na ideia de raça, não se confunde com atos isolados de preconceito ou discriminação. Em réplica a artigo da semana passada, considera que o antropólogo incorre em equívoco conceitual ao defender a existência de 'racismo preto antibranco' e evidencia incômodo frente aos avanços dos direitos e da cidadania da população negra

Por ***Petrônio Domingues***

Doutor em história pela USP e professor da UFS (Universidade Federal de Sergipe). Autor de 'Protagonismo Negro em São Paulo' e 'Diásporas Imaginadas' (em coautoria com Kim Butler)

Ilustração ***PogoLand***

Ilustrador

O antropólogo baiano branco Antonio Risério publicou um artigo na **Folha** ("Racismo de negros contra brancos ganha força com identitarismo", 16.jan) que causou polêmica. Em síntese, ele preconiza a tese de que existe um "racismo preto antibranco".

Infelizmente, Risério incorre em problemas conceituais básicos: preconceito, discriminação e racismo são termos relacionais, mas não sinônimos.

O preconceito racial envolve o julgamento ou a internalização de imagens que as pessoas alimentam a respeito umas das outras, com base em atributos raciais. Implica tecer juízos de valor apriorísticos, como considerar negros violentos e inconfiáveis, judeus avarentos ou orientais "naturalmente" preparados para as ciências exatas.

Discriminação racial, por sua vez, é a atribuição de tratamento diferenciado e desigual a pessoas ou grupos em razão das suas origens, pertenças ou aparências raciais. Isso ocorre, por exemplo, quando países proíbem a entrada de negros, judeus, muçulmanos ou pessoas de origem árabe, quando lojas se recusam a atender pessoas de determinado grupo e mesmo quando bares, restaurantes e hotéis conferem tratamento diferenciado aos clientes conforme sua aparência e origem racial.

Se o preconceito opera no plano do pensamento, por meio de ideias estereotipadas, a discriminação caracteriza-se pela ação —excluir, preterir, marginalizar.

Já o racismo, como assevera Silvio Almeida, é definido por seu caráter sistêmico. Consiste "em um processo em que condições de subalternidade e de privilégio que se distribuem entre grupos raciais se reproduzem nos âmbitos da política, da economia e das relações cotidianas".

O racismo é estrutural e, a rigor, se difere do preconceito racial e da discriminação racial. É importante ressaltar isso porque todos os casos de "racismo preto antibranco" elencados por Risério em seu artigo não passam de preconceito ou discriminação raciais.

Porém, o racismo não se restringe a comportamentos preconceituosos ou atos discriminatórios de indivíduos ou grupos. Antes, diz respeito a uma estrutura social (relações políticas, econômicas, jurídicas, institucionais e até familiares) fundada em uma dinâmica que confere desvantagens e privilégios com base na ideia de raça.

Se a ideia de racismo reverso não tem fundamento, serve para deslegitimar as demandas por igualdade racial. É este, a meu ver, o cerne do artigo de Risério, que embarcou em uma cruzada neofreyriana, de narrativa anti-identitária, refratária aos avanços democráticos no campo dos direitos e da cidadania da população negra

Nesse sentido, é até possível classificar os "pretos", citados por Risério, de preconceituosos e responsáveis por atitudes discriminatórias, mas não de racistas. Afinal, o sistema social (instituições públicas e privadas, agências e relações de poder, cultura, padrões estéticos normativos, práticas sociais cotidianas etc.) não está estruturado em seu benefício ou privilégio.

São as pessoas brancas que, deliberadamente ou não, se beneficiam das condições gestadas por uma sociedade que se organiza se baseando em normas e padrões prejudiciais à população negra.

O racismo faz parte de um processo sistêmico de discriminação que influencia a organização da sociedade. Não se resume, portanto, a atos isolados ou episódicos de um indivíduo ou de um grupo. Consiste, dessa forma, em um processo estrutural de poder dos grupos que exercem o domínio sobre o ordenamento político, cultural e econômico da sociedade.

A manutenção desse poder, contudo, depende da capacidade de o grupo dominante legitimar seus interesses, impondo a toda a sociedade regras, padrões de conduta e modos de racionalidade que tornem "normal" e "natural" o seu domínio. Conforme assinalava Clóvis Moura, o racismo tem "um conteúdo de dominação, não apenas étnico, mas também ideológico e político".

Dessa perspectiva, é desprovida de fundamento a ideia de racismo reverso. Seria uma espécie de "racismo ao contrário", ou seja, um racismo do grupo subalternizado dirigido ao grupo dominante. Trata-se de uma ideia equivocada porque membros dos grupos subalternizados podem até ser preconceituosos ou praticar discriminação, porém não podem impor desvantagens sociais a membros de grupos dominantes.

Pessoas brancas não perdem vagas de emprego pelo fato de serem brancas e não são "suspeitas" de atos criminosos por sua condição racial, tampouco têm sua inteligência ou sua capacidade profissional questionadas devido à cor da pele.

Como questiona Lilia Schwarcz, "existiu e existe discriminação aos orientais, aos muçulmanos, aos judeus, aos ciganos, aos armênios. Mas aos brancos? Como categoria? Como pode haver racismo reverso e supremacismo negro se não existe racismo estrutural e institucional sofrido pelos brancos?".

O próprio sentido semântico do termo racismo reverso é curioso, pois o vocábulo "reverso" pressupõe uma inversão, algo fora do lugar. Seria algo "normal" ou "natural" o racismo contra "minorias" —negros, latinos, judeus, árabes, ciganos etc. Para além desses grupos, o racismo seria atípico, reverso.

Lélia Gonzalez chegou a ironizar o sentido semântico do termo: "Esse orgulho de ser negro, de pertencer a uma cultura tão rica, pode parecer 'racismo às avessas', se se considerar que o 'racismo às direitas' pode existir".

Se a ideia de racismo reverso não tem fundamento, serve para deslegitimar as demandas por igualdade racial. É este, a meu ver, o cerne do artigo de Risério, que, desde o seu livro "A Utopia Brasileira e os Movimentos Negros" (2007), embarcou em uma cruzada neofreyriana, de narrativa anti-identitária, refratária aos avanços democráticos no campo dos direitos e da cidadania da população negra.

Entretanto, tal retórica não é novidade na história do Brasil. Desde o movimento abolicionista, os indivíduos e grupos que esposam a causa da população negra são acusados de promover um discurso e plataformas racistas.

A Frente Negra Brasileira (1931-1937) —Risério comete o erro factual de afirmar que a organização apoiou o Estado Novo de Getúlio Vargas— lutou arduamente em prol da integração da "gente negra" à comunidade nacional e obteve algumas conquistas importantes no campo dos direitos civis. Isso não a impediu de ser acoimada de fomentar o "racismo às avessas".

O mesmo ocorreu com a UHC (União dos Homens de Cor), a mais notável organização afro-brasileira durante a Quarta República (1945-1964), e com o MNU (Movimento Negro Unificado, fundado em 1978), entidade que, ainda na ditadura, preconizou uma nova narrativa de afirmação identitária, calcada na celebração das raízes africanas, na revalorização da história e cultura negras e na denúncia do mito da democracia racial.

A partir da década de 1990 e, sobretudo, no início dos anos 2000, os movimentos negros, em aliança com setores da sociedade civil brasileira (intelectuais, sindicatos, ONGs, estudantes etc.), encamparam a defesa de ações afirmativas, em especial programas de cotas raciais.

Como fruto dessa ampla mobilização, o Estado brasileiro implementou pela primeira vez políticas públicas em benefício —e não em prejuízo— da população negra, o que representou um marco na história da nação, pois refletiu o reconhecimento pelo governo da existência do racismo contra negros no Brasil e o fim do conceito da democracia racial.

Risério não só acompanhou a mobilização racial e o debate público a respeito das ações afirmativas como cerrou fileiras na tropa de choque antagônica às cotas raciais, valendo-se, entre outros argumentos, daquele que afirma que as cotas podem açular o "racismo às avessas".

Continua na pág. C7

A Folha envelheceu mal

[RESUMO] Autora se solidariza à iniciativa de parcela de jornalistas da Folha, que encaminhou abaixo-assinado à direção do jornal questionando a publicação de artigos como o de Antonio Risério. Ela afirma que o jornal perdeu o bonde de sua época e precisa alçar negros aos postos de comando da Redação

Por ***Marilene Felinto***

Escritora, tradutora e colunista da Folha. Autora de 'As Mulheres de Tijucopapo'. Mantém o site marilenefelinto.com.br

Continuação da pág. C6

Assim, é plausível supor que a tese de Risério, transformando a "exceção" em "norma", e suas diatribes contra a afirmação identitária da população negra sejam cortina de fumaça, que escamoteia e, a um só tempo, atualiza seu incômodo frente aos avanços democráticos no campo dos direitos e da cidadania da população negra.

Em 1948, Jean-Paul Sartre prefaciou uma antologia que contava com poemas de Aimé Césaire e Léopold Senghor, dois dos principais expoentes da negritude, nome cunhado naquele contexto para se referir ao movimento de (re)valorização de uma identidade negra. Para Sartre, a passagem do estado de alienação racial para o estado da consciência, de uma "alma negra", teria um sentido progressista e emancipatório.

À medida que os negros positivavam seus valores identitários (antítese), colocavam em xeque a "supremacia do branco" (tese), processo dialético cuja síntese viria a ser, como objetivo último, "a realização do humano em uma sociedade sem raças".

Na visão de Sartre, o movimento de afirmação identitária configurava um "racismo antirracista", um meio transitório particularista, reativo e revolucionário, para se chegar a um fim maior, de caráter universal, em que seriam abolidas as "diferenças de raça".

Parece-me que, enquanto não alcançarmos esse estágio civilizatório vislumbrado por Sartre —de uma sociedade pós-racial ou, antes, alicerçada na igualdade racial—, a afirmação identitária da população negra é necessária, assim como políticas públicas em favor desse segmento populacional.

Para finalizar, uma arguta reflexão de Frantz Fanon em "Pele Negra, Máscaras Brancas": "A desgraça da pessoa de cor é ter sido escravizada. A desgraça e a desumanidade do branco consistem em ter matado o ser humano onde quer que fosse. Consistem em, ainda hoje, organizar racionalmente essa desumanização. Mas eu, homem de cor, na medida em que me seja possível existir plenamente, não tenho o direito de me confinar em um mundo de reparações retroativas. Eu, homem de cor, quero apenas uma coisa: que o instrumento jamais domine o homem. Que cesse para sempre a escravização do homem pelo homem. Ou seja, de mim por outro. Que me seja permitido descobrir e desejar o homem, onde quer que se encontre. O negro não existe. Não mais que o branco". ←

Leitores me disseram que hipócrita sou eu, que continuo a escrever neste jornal depois de mais uma comprovação cabal da pauta deliberadamente racista (contra negros, está evidente) aqui adotada.

(E a esta altura, redigido aqui esse primeiro parágrafo, devem linká-lo à versão digital de artigo de algum racista pseudointelectual, para promover o homem, para manter a atmosfera de ringue midiático espetacular que... o quê? Que vende jornal? Por favor, não linkem meu texto a ninguém! Não estou respondendo a artigo de ninguém. Isso não passa de um texto metajornalístico.)

Hipócrita sou eu, mas neste momento (que escrevo com sincera vontade de chorar) achei que não deveria me furtar a escrever —porque queria mostrar solidariedade aos 186 jornalistas que assinaram uma carta à direção da **Folha** na última quarta-feira (19), fato inédito, em protesto contra a seleção de artigos racistas que o jornal insiste em publicar.

Hipócrita sou eu, mas é preciso valorizar a atitude desse operariado que arriscou seus empregos e salários de merda nesta conjuntura econômica tão nociva aos trabalhadores (e meu choro é de raiva, não é pieguismo oportunista). O manifesto desses jornalistas é sinal de saúde, de novos tempos, uma lufada de juventude que talvez o jornal vá esconder de si mesmo, envelhecido que está, no pior sentido deste termo (de conservador e cego).

A **Folha** envelheceu muito mal. Perdeu o bonde da época. Parece dar um passo à frente e então recuar dez passos, num jogo, numa espécie de brincadeira em que o que se perde é a sua própria credibilidade aos olhos do público (mesmo a plateia de direita, para quem o jornal é voltado).

Por acaso vai publicar a tal carta corajosa? Também não vi manifestação pública do jornal sobre a saída da intelectual negra Sueli Carneiro do conselho editorial (em outubro de 2021), motivada por outro artigo de declaração racista aqui publicado. A **Folha** também nunca se retratou por ter se manifestado contra as cotas para negros quando da inserção delas nos governos do PT.

Envelheceu mal. Afinal de contas, o que pretende uma empresa que mantém um posicionamento retrógrado e tão antissocial como esse, num país dos mais desiguais do mundo?

Precisava este jornal botar negros em cargos de direção, gente que enxergue sem miopia nem proposital daltonismo o que é racismo contra negros (eu disse contra negros). Precisava tirar racistas e fascistas da pauta, do secretariado de Redação, alçar negros aos cargos de editores, dos postos mais altos da administração. Mudança profunda é isso, diversidade, pluralismo. O resto é cosmética, fachada.

Sou de outros tempos aqui dentro —na minha época havia muito menos consciência da condição da negritude, da exclusão, da violência que mata negros ou quer mantê-los na mesma posição subalterna. Os únicos jornalistas negros da Redação eram dois, além da secretária de Redação e do contínuo interno. E só.

Transitei naquele universo por 12 anos e saí brigada (como brigada vivia), em novembro de 2002, na primeira eleição do PT à Presidência. Briga ideológica, política, contra a adesão à pauta do retrocesso pela qual o jornal começava a optar. Não participei das duas décadas que se seguiram, de virulência de direita, de perseguição política às esquerdas, de perda de valores, do apoio ao golpe que veio desembocar na demência autocrata que hoje governa o país.

Hipócrita sou eu, que ainda me presto a servir de isca (com esta lamúria patética) a uma pretensa ecologia de opiniões: isca, que aqui abre caminho para que a "opinião contrária", fascista e racista, ganhe espaço apenas porque me dessem espaço agora para externar minha indignação.

Ora, a publicação de textos racistas não é trabalho a favor da informação ou do debate, é deformação, é divulgação e propaganda do ódio racial, incentivo à violência histórica e estrutural contra negros.

A Folha envelheceu muito mal. Perdeu o bonde da época. Parece dar um passo à frente e então recuar dez passos, num jogo, numa espécie de brincadeira em que o que se perde é a sua própria credibilidade aos olhos do público

Ora, a publicação de textos racistas não é trabalho a favor da informação ou do debate, é deformação, é divulgação e propaganda do ódio racial, incentivo à violência histórica e estrutural contra negros

Ora, a hipocrisia é toda minha! Ouvi de alguém importante aqui, esses dias, que "desde que você voltou para o jornal, sempre escreveu o que quis". E eu retruquei, com certa indignação: "Sim, quase sempre. Não esqueça do 'quase', daquilo que até escrevi, mas recuei de publicar por respeito a você, a nossa amizade".

Vontade de chorar. Voltei a escrever nesta **Folha** em 2019 (um jornal sem rosto para mim hoje, já que não conheço ninguém, com exceção de dois ou três da minha época). Mas sei que entre a gente nova, ou quase nova, alimenta-se de esguelha, mas incessantemente, um liberalismo fascista de raiz, que vai se imiscuindo na escolha da pauta, bem na estrutura da coisa.

Em 2019, voltei pela via da amizade perdida, de um estranho e improvável resgate da herança de uma amizade —com o diretor de Redação já falecido, Otavio Frias Filho—, sem que houvesse nisso nenhuma hipocrisia. Não devo nada a ninguém. Nem mesmo quando pediram minha cabeça aqui neste jornal (ontem e hoje) e ele se recusou a me entregar aos lobos famintos.

Muito inteligente e um gênio da mídia (para o bem e para o mal), ele sabia que lobos de ocasião queria ter perto dele. Sou essa hipócrita loba de ocasião, isca patética. ←

A história da arte e a queratina

Cortando o cabelo no museu, é possível apreciar Vermeer de maneira inédita

Ricardo Araújo Pereira
Humorista, membro do coletivo português Gato Fedorento. É autor de 'Boca do Inferno'

Ainda há dias estava a ler um poema em que a autora dizia ter parado de roer as unhas precisamente quando toda a gente parou de lhe dizer para parar de roer as unhas. Às vezes, é assim.

Unhas, já agora, são feitas de queratina, e são uma estrutura aparentada dos cabelos. Faz todo o sentido que os estabelecimentos comerciais que penteiam uns também façam as outras. O mundo está mais bem organizado do que a gente pensa. Seja como for, quem escrevia o poema só deixou de roer as unhas quando deixaram de lhe dizer para não ser cretina com a queratina.

Os museus e teatros dos Países Baixos também aproveitaram unhas e cabelos para dar uma lição. O governo neerlandês proibiu a abertura dos museus e dos teatros, mas autorizou o funcionamento de cabeleireiros e esteticistas.

À primeira vista, a medida não faz grande sentido. E à segunda vista, receio, também. Então, diretores de museus e de teatros passaram a oferecer serviços de cabeleireiro e manicure. As pessoas entram no museu e cortam o cabelo enquanto contemplam um quadro de Van Gogh. Vão ao teatro e assistem à ópera ao mesmo tempo que lhes fazem as unhas.

É um protesto, evidentemente, mas pode também ser um interessante progresso. Juntar atividades e poupar tempo.

Um avanço inovador que, sem a pandemia, não ocorreria a ninguém. E que melhora ambas as experiências. No decurso de um corte de cabelo, uma pessoa pode ficar com um olho obstruído pela franja e assim apreciar um Vermeer de um modo inédito até hoje.

Ou pedir que lhe façam a barba como a da figura central da "Ronda da Noite", do Rembrandt. Haverá experiência de fruição da arte mais intensa do que o espectador se transformar na tela?

Fazer as unhas na ópera pode levar ainda mais longe a participação do público na obra. Se, na altura certa, a manicure der um golpe inadvertido no sabugo, a cliente pode, com o seu guincho agudo, juntar-se ao momento em que a Rainha da Noite ralha com a Pamina, na "Flauta Mágica". Estou certo de que Mozart aprovaria.

Luiza Pannunzio

| DOM. Ricardo Araújo Pereira | **SEG. Bia Braune** | TER. Manuela Cantuária | QUA. Gregorio Duvivier | QUI. Flávia Boggio | SEX. Renato Terra | SÁB. José Simão

É HOJE

Tony Goes
tonygoes@uol.com.br

Cantores sob fantasias voltam a competir em novo dia e horário

The Masked Singer Brasil
Globo, 15h45, livre
Menos de seis meses depois da primeira temporada, a versão brasileira de um dos formatos mais populares do mundo retorna. Além da transferência para as tardes de domingo, a nova safra traz a humorista Tatá Werneck no júri e a vencedora da edição anterior, Priscilla Alcantara, nos bastidores. Ivete Sangalo segue no comando da atração.

Temporada de Verão
Netflix, 16 anos
Um grupo de jovens vive paixões e desafios durante as férias em uma ilha paradisíaca. A nova série nacional da plataforma tem direção de Isabel Valiante e Catolina Fioratti. Giovanna Lancelotti e Maicon Rodrigues estão no elenco.

As We See It
Amazon Prime Video, 16 anos
Esta série cômica acompanha três jovens colegas de quarto, todos com transtornos dentro do espectro autista —assim como os atores que os interpretam, Rick Glassman, Albert Rutecki e Sue Ann Pien.

Esquetes de Marcio Trigo e Claudio Torres Gonzaga
Canal Parafernalha no YouTube
Roteiristas de humor da Globo, Marcio Trigo e Claudio Torres Gonzaga produziram três esquetes protagonizados pelos vencedores do Festival de Teatro e Humor Ria Rio. O primeiro já está disponível.

Travessias - Como Permanecemos Vivas?
Zoom, 19h, grátis
O projeto Palco Virtual volta à programação do Itaú Cultural, com performances e debates nos dois últimos fins de semana do mês. Neste domingo se apresentam a cantora Filipe Catto e a dramaturga Onisajé. Reservas pelo Sympla.

Pelas Estradas do Brasil - A Resposta do Mar
GloboNews, 21h, livre
Nesta série documental em dois episódios, Fernando Gabeira mostra os danos ambientais causados pelo avanço do mar em diversos pontos do litoral brasileiro.

Kickboxer: A Vingança
Globo, 0h20, 14 anos
Depois que seu irmão morre durante uma luta, seu irmão viaja à Tailândia, em busca de seu treinador, para planejar uma retaliação. Com Jean-Claude Van Damme.

QUADRÃO | Laerte

| DOM. Jan Limpens, **Luiz Gê**, Ricardo Coimbra, Angeli, Laerte

Elza Soares gravou DVD dias antes de morrer e tem um álbum político inédito

Pedro Martins

RIBEIRÃO PRETO Elza Soares, que cantava sobre querer cantar até o fim, gravou um DVD de memórias dois dias antes de morrer, na última quinta-feira, de acordo com Pedro Loureiro, empresário da cantora, e Mestre da Lua, seu percussionista há cinco anos.

Elza deixou também dois documentários sobre sua vida e obra, além de um disco de inéditas sobre a crise política brasileira. Os lançamentos estão previstos para os próximos meses, a partir de março, ainda segundo o empresário.

O primeiro lançamento será o DVD. Previsto para março, é uma coletânea dos maiores sucessos da carreira de Elza. Ao todo, 16 músicas fizeram parte do repertório das gravações, que ocorreram entre segunda e terça-feira no Theatro Municipal de São Paulo.

Já o disco, com lançamento previsto para agosto, trata dos "flagelos políticos que enfrentamos no momento", nas palavras do empresário. "Elza queria lançar este álbum antes da eleição presidencial, e a vontade dela será cumprida."

As cenas captadas no Municipal ainda farão parte de uma série documental do Globoplay, que será lançada em junho, sobre a vida da cantora. Há ainda outro documentário em produção, este ainda sem local de estreia, mas previsto para o segundo semestre.

À reportagem, Mestre da Lua relembrou seus últimos dias com Elza. "Planejávamos gravar este DVD desde o início da pandemia, mas acabamos protelando. Quando a gente conseguiu, ela logo nos deixou. Mas foi um grande privilégio, porque ela estava bem, feliz para caramba, se entregando de corpo e alma."

"É claro que, aos 91 anos, ela tinha suas limitações. Mas estava muito disposta. Estava muito disponível para fazer o melhor trabalho possível."

Elza Soares, nome central da história da música brasileira, morreu na última quinta-feira, de causas naturais, segundo informou sua assessoria de imprensa, e foi velada na sexta-feira, em cerimônia no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, cidade onde nasceu.

O velório terminou com uma homenagem do elenco do musical sobre a vida da cantora que estreou há quatro anos. Os atores entoaram composições de Chico Buarque que fizeram sucesso na voz rasgada dela e cantaram a música "A Mulher do Fim do Mundo", do álbum homônimo, lançado em 2015.

Experimentar o experimental

Primeiro disco de 2022 que escuto confirma poder inovador da cultura brasileira

Hermano Vianna

Antropólogo, escreve no blog hermanovianna.wordpress.com

Nossa história experimental continua firme. O primeiro disco lançado em 2022 que escuto com atenção confirma o poder inovador da cultura brasileira. Contra tudo de ruim.

É "O Abismo da Prata", de Gian Correa e Os Chorões Alterados (Cainã Cavalcante, Enrique Menezes, Henrique Araújo, Rafael Toledo: músicos brilhantes). Bem mais que um simples disco.

Trabalho duro realizado na pandemia. Cada uma de suas oito faixas corresponde a um mural, pintado por Apolo Torres, situado o mais próximo possível de lugar importante para a história recente do choro paulistano, inspirando textos de Renato Frei.

Cada mural contém um QR code, portal para audição de "sua" música. Assim se estabelece uma relação íntima e original entre música, palavra, imagem e espaço físico da cidade.

Vai além: cada pessoa pode navegar por um outro mapa de São Paulo, onde o olhar crítico acaba revelando transformações de sua aventura modernista.

Acompanho com admiração o trabalho de Gian Correa desde sua estreia fonográfica, em 2013. Escrevi na época: "Que maravilha o disco 'Mistura 7' de Gian Correa. Na minha sempre exaltada opinião, já pode ser classificado como um dos melhores da história da música instrumental brasileira. (Viva também o Movimento Elefantes!) O violão de sete cordas sai do acompanhamento e passa a comandar uma experiência de vanguarda com quarteto de saxofones e pandeiro. São Paulo já aponta o futuro do samba pop e do funk carioca. Agora também consolida seu lugar central na renovação constante do choro".

Toda sua produção posterior —do "Remistura 7" ao "Big Band", passando por duo com Rogério Caetano, e ainda colaborações com Criolo ou Mestrinho e atividade como professor— demonstra vigorosamente que não errei na exaltação.

Hoje, entendo que era opinião arriscada, sem "embasamento". Eu nem sabia quem era Gian Correa, que aquele era seu primeiro disco, nem tinha muita noção do contexto que gerou aquela sonoridade empolgante. Confesso logo (provando que não sou nada confiável em julgamentos estéticos...): tinha mesmo conhecimento totalmente precário sobre a história do violão de sete cordas e do choro paulistano.

Agora sim: percebo bem como o projeto de Gian Correa se insere numa longa tradição, mas tradição de ruptura. Ainda bem.

Para muita gente, um violão de sete cordas soa "antigo", como se existisse desde que o Brasil é Brasil. Na verdade, é mais um item na longa lista de inovação instrumental na história de nossa música. Tecnologias de produção de novos barulhos bons que só existem por aqui.

Por exemplo: os laboratórios das primeiras escolas de samba, no final dos anos 1920 (portanto menos de um século), transformando latões de manteiga no subgrave dos surdos. Viva Bide! Viva Marçal! Viva tanta gente alteradora mais!

Viva Dino 7 Cordas, que ganhou este nome por cristalizar (é cristal mesmo) a linguagem de um novo instrumento para atender aos nossos desejos de baixaria sublime. Isso em meados dos anos 1950, quando em outro canto do país João Gilberto estava experimentando novas maneiras de tocar samba no violão de 6 cordas. Momento totalmente moderno.

Gian Correa segue esse espírito modernista, experimentando novas possibilidades para cada uma das sete cordas de seu instrumento de trabalho. "O Abismo da Prata" prova que ele sabe que não está sozinho, que tudo acontece com o apoio de uma grande rede de colaboração artística (que agora envolve também ponte Brasil-Israel choro-jazz, com o piano Rhodes de Shai Maestro na faixa "Suor por Matéria" e o lançamento por gravadora criada por Anat Cohen), agora bem geolocalizada nas ruas de São Paulo.

[...]

Gian Correa segue esse espírito modernista, experimentando novas possibilidades para cada uma das sete cordas de seu instrumento de trabalho. "O Abismo da Prata" prova que ele sabe que não está sozinho, que tudo acontece com o apoio de uma grande rede de colaboração artística, agora bem geolocalizada nas ruas de São Paulo

Os murais companheiros das oito músicas do disco recém-lançado homenageiam "instituições" do choro paulistano como os bares Ó do Borogodó, do Cidão, Villaggio Café, do Bacalhau, as rodas de choro do Silvinho e da loja Contemporânea, os luthiers Manoel Andrade e Agnaldo Luz, o Clube do Choro de São Paulo, a Escola de Choro de São Paulo e a Rádio Tupi, "casa" de Esmeraldino Salles, o "Esmê", referência para toda essa nova geração século 21.

Invenção de uma tradição inventiva: com "Esmê" como farol (vide o subtítulo do disco "São Paulo no Balanço do Choro", de Laércio de Freitas: "Ao Nosso Amigo Esmê"), o que se valoriza é justamente a invenção ininterrupta, o namoro com dissonâncias, o culto da velocidade ao tocar, o jogo com convenções.

E, sempre, a valorização da surpresa: em "O Abismo da Prata" somos até apresentados a um novo instrumento, a panderia, pandeiro acoplado a baquetas e pratos turcos de bateria. Lições claras, ao mesmo tempo ousadas e belas, para —cada vez mais— "experimentar o experimental".

| **DOM. Bernardo Carvalho**, Itamar Vieira Junior, Marilene Felinto, Hermano Vianna

Lacunas na viagem redonda de Faoro

[RESUMO] Reedição ampliada de 'Os Donos do Poder', clássico de Raymundo Faoro, recoloca a tese, nem sempre bem fundamentada, de que o progresso no Brasil é bloqueado pela perpetuação da dominação patrimonial e estamental, que impede a formação de uma sociedade moderna

Por ***Paulo Henrique Cassimiro***
Professor do Departamento de Ciência Política da Uerj (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

O jurista Raymundo Faoro, autor de 'Os Donos do Poder' Lewy Moraes - 27.jun.78/Folhapress

A nova edição de "Os Donos do Poder: Formação do Patronato Político Brasileiro" —livro mais importante do jurista e escritor gaúcho Raymundo Faoro—, publicada em 2021 pela Companhia das Letras, reproduz a segunda versão da obra, lançada originalmente em 1975, acrescentando novo prefácio do jurista José Eduardo Faria e posfácio dos cientistas políticos Bernardo Ricupero e Gabriela Nunes Ferreira.

A edição também é acompanhada de fortuna crítica, com textos do historiador americano Richard Graham, do sociólogo Simon Schwartzman e do cientista político Marcelo Jasmin.

Publicado pela primeira vez em 1958 pela Editora Globo, "Os Donos do Poder" concluía suas pouco mais de 250 páginas afirmando que a principal herança de Portugal para nossa formação histórica era a impossibilidade do surgimento de uma "verdadeira cultura brasileira". Incapaz de diferenciar-se do legado colonial, a nação brasileira seria apenas uma sombra despida de originalidade e presa das estruturas de dominação estatais.

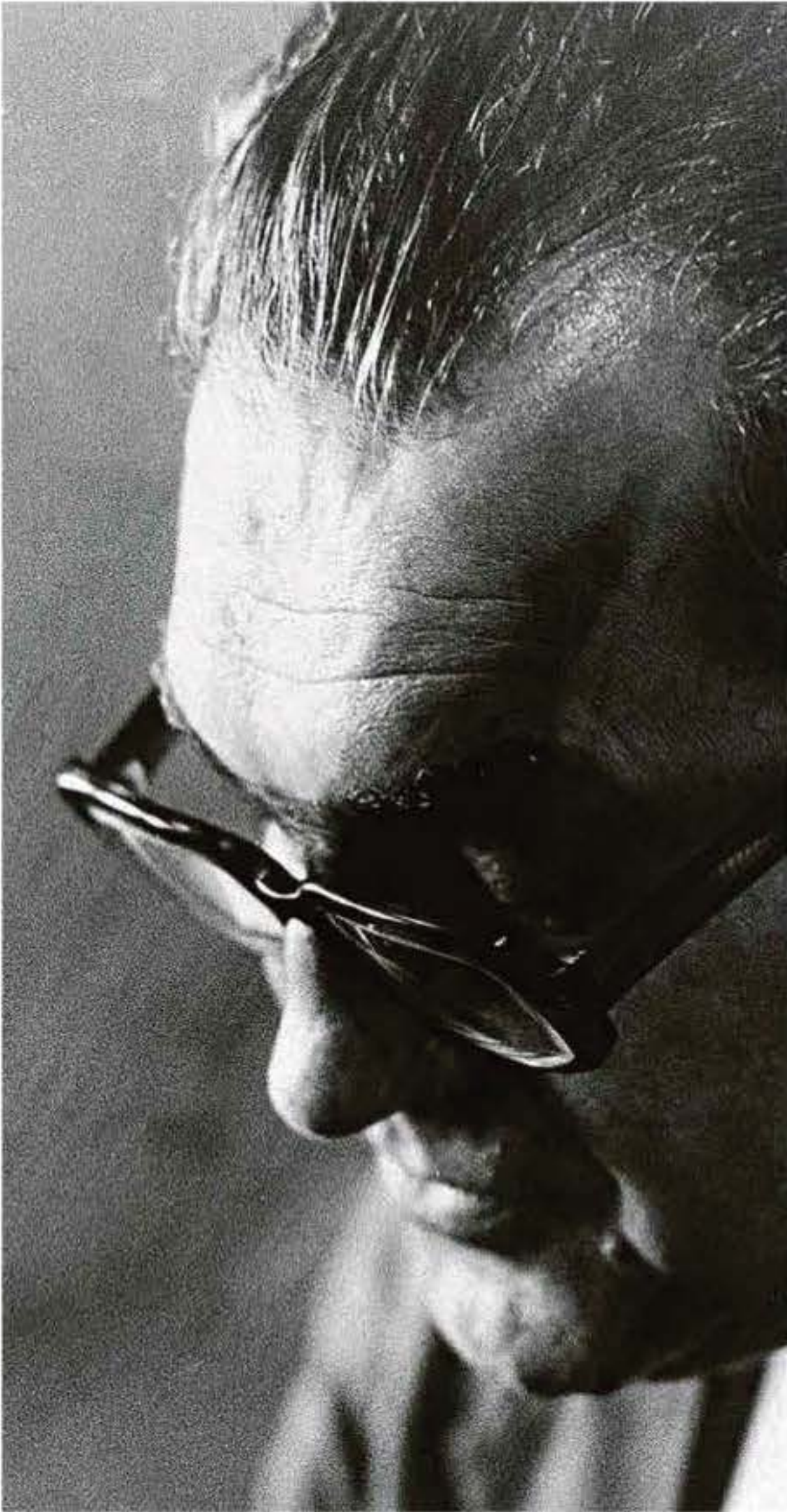
Vinte e três anos depois, ao publicar a segunda edição, acrescida de aproximadamente 500 páginas, as referências teóricas da conclusão mudam consideravelmente: a análise das dinâmicas históricas das culturas e civilizações, inspiradas pelo historiador Arnold Toynbee, é abandonada em favor de considerações sobre o desenvolvimento do capitalismo e a formação do Estado moderno em diálogo com o marxismo e a sociologia de Max Weber.

O diagnóstico, contudo, permanece o mesmo: o progresso que, nas palavras do autor, "se combinou com o liberalismo", está impedido pela perpetuação da dominação patrimonial e estamental, responsável pela ausência de uma sociedade moderna no Brasil.

A principal tese de "Os Donos do Poder" pode ser resumida da seguinte forma: a criação do Estado português não foi resultado da superação do feudalismo —etapa histórica de descentralização política e marcada por relações contratuais entre senhores e servos—, mas nasceu da aliança entre monarquia e comércio, resultando em uma estrutura política marcada pelo predomínio da Coroa, responsável por organizar a atividade comercial como uma iniciativa predominantemente estatal.

Do ponto de vista econômico, o absolutismo português favoreceu o capitalismo comercial comandado pelo Estado por meio da expansão colonial e da economia escravista.

Se o padrão de nascimento do capitalismo nas nações modernas é visto por Faoro como resultado da transação do feudalismo para o capitalismo de manufaturas, antessala do capitalismo industrial, a ausência do período feudal retira Portugal dos trilhos da história moderna e acaba por reduzi-lo à dependência de uma economia gerenciada por agentes estatais.

O predomínio desse capitalismo politicamente orientado impediu o livre surgimento da competição guiada por interesses de classe, em favor de uma lógica patrimonial em que os detentores do controle estatal utilizariam as estruturas políticas para aumentar seus ganhos econômicos.

Na explicação oferecida por Faoro, a gestão do Estado seria responsabilidade de uma corporação de poder —o estamento—, que agiria para reproduzir as condições de manutenção do mando político.

O estamento não se confunde, contudo, com uma classe social: a precedência do Estado sobre os interesses de classe e o domínio político sobre as oportunidades econômicas fazem com que o estamento anteceda as classes no controle do poder.

Mesmo quando estamento e classe se confundem, a ocupação do aparato estatal prevalece sobre a influência política da riqueza privada.

É justamente essa ordem política —centralizadora, patrimonial e estamental— que, transposta para o Brasil pelos portugueses, explicaria a perpetuação de uma mesma estrutura de poder: o livro percorre toda a história brasileira da Colônia até Vargas para tentar demonstrar a força de cooptação do estamento que sufoca a nação verdadeira —o povo— e impede a autonomia das atividades produtivas e a livre organização das forças sociais.

A história brasileira teria, para Faoro, a circularidade de uma "viagem redonda" da qual o país não fora capaz de se desvencilhar: "De D. João I a Getúlio Vargas, numa viagem de seis séculos, uma estrutura político-social resistiu a todas as transformações fundamentais, aos desafios mais profundos, à travessia do oceano largo".

> **A história brasileira teria, para Faoro, a circularidade de uma "viagem redonda" da qual o país não fora capaz de se desvencilhar: "De D. João I a Getúlio Vargas, uma estrutura político-social resistiu a todas as transformações fundamentais, aos desafios mais profundos, à travessia do oceano largo"**

É justamente na sedução da ideia de "estamento" que reside o principal problema do argumento de "Os Donos do Poder". Ao percorrermos as mais de 600 páginas de reconstrução histórica da obra, seu autor falha em nos demonstrar empiricamente a existência de um estamento que se diferencie da classe dominante.

A narrativa de Faoro nos revela disputas internas entre as elites, pactos de conciliação entre facções, vínculos estreitos entre o controle do Estado e interesses econômicos, esperanças intelectuais por maior democratização do poder frustradas, mas em nenhum momento ela é capaz de nos convencer da existência de um estamento determinado por práticas específicas de reprodução do poder, que existiria para além dos conflitos e acordos internos entre as elites ligadas ao predomínio econômico do latifúndio.

Como afirmou Richard Graham em resenha publicada nos Estados Unidos poucos anos após a segunda edição do livro, Faoro não ampara sua afirmação da existência do estamento em "evidências históricas robustas" e em "raciocínios convincentes" e falha, sobretudo, em demonstrar um conflito verdadeiro entre burocracia estatal e oligarquia latifundiária.

De modo semelhante, em "A Construção da Ordem", um dos principais estudos brasileiros sobre formação das elites políticas imperiais, o cientista político e historiador José Murilo de Carvalho ressalta a falta de comprovação suficiente da tese do estamento: para ele, a homogeneidade da elite provinha de sua socialização por meio de uma educação comum em Portugal e do treinamento para ocupar posições de mando estreitamente vinculado à grande propriedade agrária, e não da existência de uma estrutura política e burocrática perene que se reproduziria de modo autônomo.

Além disso, a ideia faoriana de "povo", personagem excluído da participação política pela ação autoritária do Estado estamental, carece totalmente de perspectiva histórica. Como observa Simon Schwartzman em um dos textos que acompanha a presente edição, Faoro tinha uma visão "totalmente a-histórica" do fenômeno que estudava. O "povo em germe" de sua narrativa é sempre o mesmo, definido pela ausência.

"Os Donos do Poder" ignora como o processo de democratização nos Estados modernos obedeceu a tensões historicamente diversas entre o fechamento oligárquico do sistema político e demandas de inclusão por parte de grupos excluídos. A obra não nos mostra quais grupos populares e demandas democratizantes teriam existido, nem suas tensões com os donos do poder.

À exceção da campanha de Rui Barbosa pela "verdade do voto", a luta por democratização não tem lugar no livro: o "povo" não é só um ator político excluído pelas elites, é antes uma ausência na história brasileira narrada por Faoro.

Em verdade, interpretar as falhas e faltas históricas em "Os Donos do Poder" nos permite perceber que o "estamento" é menos uma formação social e política específica, mas uma ideia que ilustraria a tendência do Estado brasileiro para cooptar —por meio da absorção pela burocracia e pela distribuição de benefícios e posições— quaisquer dinâmicas sociais autônomas que poderiam despertar algum conflito com a ordem estatal patrimonialista.

Além de um "romance sem herói", como o chamava seu autor, "Os Donos do Poder" é um romance de fantasmas em que —como na novela de Henry James, "A Outra Volta do Parafuso"— a ação é conduzida por forças ocultas cuja presença material não se dá nunca a conhecer com certeza, a não ser pela "anormalidade" do comportamento de suas personagens.

Nesse sentido, intérpretes como Jessé de Souza têm razão ao afirmar que as distorções no uso do conceito sociológico de estamento em Faoro são, em boa parte, consequências de seu esforço para produzir uma crítica totalizante do Estado brasileiro.

Contudo, como apontam Bernardo Ricupero e Gabriela Nunes no posfácio da nova edição, o livro não trata de contrapor ao Estado as virtudes de um mercado autorregulado. "Os Donos do Poder" não é obra de um neoliberal, mas de um democrata desencantado com as promessas frustradas da democracia liberal no Brasil.

Diante dessas diversas insuficiências históricas, o que poderia ser dito sobre a obra que justificaria sua republicação 46 anos depois da segunda —e definitiva— edição?

Em primeiro lugar, um texto não se faz clássico apenas pela veracidade inquestionável de suas conclusões. As teses faorianas sobre o surgimento do Estado centralizador, do patrimonialismo e do estamento colocaram desafios teóricos importantes para cientistas sociais que buscaram compreender a formação política brasileira e os modos pelos quais a apropriação privada do Estado foi operada pelas elites em nossa história.

Trabalhos fundamentais para o desenvolvimento das ciências sociais no Brasil como os de Simon Schwartzman, Fernando Uricoechea, José Murilo de Carvalho, Florestan Fernandes, Luiz Werneck Vianna e Wanderley Guilherme dos Santos —para citar alguns poucos— estão em diálogo crítico com o livro.

Também não se pode ignorar o impacto cultural e ideológico da obra. "Os Donos do Poder" é uma suma notável das insatisfações acumuladas pelo pensamento liberal ao longo da história brasileira.

A apologia da sociedade de indivíduos livres e a condenação do Estado como o sufocador de seu desenvolvimento autônomo, a crítica ao nacionalismo e ao desenvolvimentismo pós-Vargas como manifestações máximas do "estatocentrismo" brasileiro, o entusiasmo com a descentralização política e administrativa, a apologia do Judiciário como ator privilegiado para promover a autonomia da sociedade —todos esses avatares da frustração liberal com o Brasil podem ser encontrados nas páginas do livro.

Como nos revela Marcelo Jasmin no ensaio que encerra a nova edição da obra, "Os Donos do Poder" é uma análise marcada pela "afirmação da ausência" de certos elementos que, retirados do modelo europeu de desenvolvimento, indicariam o "caminho" percorrido pelas nações desenvolvidas: a autonomia da sociedade civil organizada, o mercado regulado pela lei da competição, a neutralidade das instituições estatais, entre outros.

Para Jasmin, o livro nos apresenta uma "história em negativo": o livre desenvolvimento das leis da racionalidade da modernidade —representadas pelo pensamento liberal e sua ideia de progresso— estariam ausentes da experiência brasileira, graças ao domínio perpétuo de um Estado de vícios seculares herdados de um Portugal que, por sua vez, também se encontrava às margens da modernidade.

A viagem redonda da nossa história, tal como narrada por Raymundo Faoro, não seria nada mais que um pesadelo do qual os liberais brasileiros nunca foram capazes de despertar. ←

Os Donos do Poder: Formação do Patronato Político Brasileiro
Autor: Raymundo Faoro. Editora Companhia das Letras. R$ 109,90 (832 págs.); R$ 44,90 (ebook)

Verão sem Carnaval frustra retomada e pressiona caixa de empreendedores

Adobe Stock

Cenário é agravado pelo fluxo menor de consumidores e afastamento de funcionários diagnosticados com Covid-19

O empresário Antônio Martins, 36, em unidade da Espetto Carioca na Consolação, região central de São Paulo
Keiny Andrade/Folhapress

Cancelamento do Carnaval de rua põe em xeque a recuperação de empresas

Empreendedores que investiram para a festa voltam a lidar com incertezas causadas pelo vírus

Renan Marra

SÃO PAULO Empresários que ganharam fôlego no fim do ano voltam ao cenário de incerteza com a disseminação da variante ômicron do coronavírus e recuo nas projeções de vendas após o cancelamento do Carnaval de rua em várias cidades do país.

A alta de casos de Covid diminui o fluxo de clientes e muda as operações de pequenas e médias empresas que, em alguns casos, precisam até paralisar as atividades em função do afastamento de funcionários contaminados pelo vírus.

Em levantamento da Fecomércio-RJ, 39,2% dos empresários afirmaram que tiveram de afastar funcionários diagnosticados com Covid na primeira semana de janeiro.

Para 40,5% dos comerciantes, os negócios foram prejudicados ou muito prejudicados durante o período. A pesquisa foi feita com 319 empreendedores do estado do Rio de Janeiro.

No Carnaval de 2020, pouco antes da crise sanitária, foliões locais e turistas movimentaram R$ 906 milhões somente na cidade de São Paulo. O valor correspondeu a 6,5% da receita turística estimada pela prefeitura para todo o ano.

Dono de uma unidade da rede de franquias Espetto Carioca na Consolação, região central da capital paulista, o empresário Antônio Martins, 36, investiu R$ 12 mil na compra de copos e talheres esperando vender em fevereiro valor próximo ao alcançado em 2020, quando teve crescimento de 40% no faturamento.

"Tivemos um fim de ano muito bom com a retomada das atividades presenciais de empresas", afirma Martins. "Chegamos a contratar mais funcionários e, como preparativo para o Carnaval, decidimos investir em utensílios personalizados, que precisam ser encomendados com antecedência. Agora, nossas expectativas de faturamento estão prejudicadas."

Diante de um novo cenário, o empreendedor decidiu não renovar os contratos temporários de colaboradores que deveriam ficar na empresa pelo menos até o Carnaval.

"A variante apareceu quando as coisas estavam melhorando. Passamos muito tempo fechados e as contas acumularam. Se não tivéssemos investido nos utensílios, usaríamos os recursos para proteger mais nosso caixa", diz.

Atualmente o estabelecimento de Martins na Consolação fatura em média R$ 250 mil por mês, o que representa metade do valor registrado antes da pandemia.

De acordo com pesquisa da Abrasel (Associação Brasileira de Bares e Restaurantes), 71% dos empresários do setor têm empréstimos bancários contratados —destes 22% estão com pelo menos uma parcela em atraso. Entre os devedores, 29% têm boletos vencidos há mais de 90 dias.

O setor de alimentação é o que mais gera movimento durante os dias de Carnaval, segundo estudo da CNC (Confederação Nacional do Comércio). Em 2020, bares e restaurantes faturaram R$ 4,8 bilhões no Brasil durante o período, o que representou 60% das receitas relacionadas ao turismo carnavalesco.

O impacto do cancelamento do Carnaval de rua este ano deverá ser maior porque, em 2021, ninguém mexeu no orçamento nem investiu para os dias de folia, diferentemente do que aconteceu nos últimos meses, diz Mariana Aldrigui, presidente do Conselho de Turismo da Fecomercio-SP. "Isso enfraquece toda uma estrutura que poderia se beneficiar com a realização da festa."

Não fosse o agravamento da pandemia, o Carnaval teria coroado o que seria, segundo Aldrigui, a retomada efetiva do turismo brasileiro. Ela afirma que o período de melhor resultado financeiro para o país estaria concentrado entre a primeira semana de dezembro e o final do Carnaval.

Fundadora da marca Osada, a empreendedora Roberta Rodrigues, 47, viu o faturamento praticamente zerar com o cancelamento do Carnaval. Ela comercializa o chamado tapa-mamilo, acessório usado principalmente por foliões dos blocos de rua.

Os estoques e os problemas da empreendedora aumentaram. As vendas físicas e online caíram, e Rodrigues contabiliza prejuízo com o pagamento de parcelas mensais para disponibilizar suas mercadorias em um ecommerce.

"A plataforma permitiu congelar as operações. Voltei quando a pandemia arrefeceu, mas estou no vermelho de novo", diz ela, que dá aulas de inglês para complementar a renda. Hoje, seu estoque de tapa-mamilos corresponde a um ano e meio de vendas.

Em contextos de crise, é recomendado que o empresário compre o estritamente necessário para o dia a dia, orienta Juam Rosa, fundador da Complement Consultoria e Marketing, que atua nas áreas de prevenção de perdas, gestão e processos empresariais.

A comunicação com fornecedores ou idas ao supermercado podem aumentar, mas o estoque enxuto evita desperdícios de produtos em períodos de incerteza.

"Em alguns casos, podem faltar mercadorias. Mas é melhor perder 10% de vendas do que morrer na praia com o estoque, ficar sem caixa e não conseguir pagar o boleto no fim do mês", afirma Rosa.

Empresas que não foram atingidas por afastamentos de funcionários têm como alternativa a elaboração de ações de marketing que podem incluir combos, promoções ou eventos temáticos, de modo que a mão de obra contratada não fique ociosa, diz Lucia Amelia Gomes, consultora de negócios do Sebrae-SP.

Se a empresa tem recurso financeiro escasso e registra queda na receita, uma possibilidade é adoção de escala 12 horas por 36 horas, em que o funcionário trabalha em um dia e folga no outro. Assim, o empresário consegue economizar a metade do valor do vale transporte pago no mês, aliviando o caixa da companhia.

Nesse caso, ele precisa consultar a viabilidade da mudança com o sindicato ou associação da categoria.

Negociar com fornecedores para alongar o máximo prazos de pagamento e tentar antecipar recebíveis são outras medidas que protegem o caixa e evitam o colapso da empresa em períodos com restrições mais duras, afirma Luiz Henrique Barbosa, fundador da consultoria C2W Consulting.

"O ambiente é de muita incerteza e os empreendedores parecem que estão em uma montanha-russa. Na pandemia, ser conservador em relação às receitas pode evitar perdas e a degradação do negócio. O momento é de cautela."

Canga ganha espaço nas cidades e até na decoração

Marina Costa

SÃO PAULO Típicas das praias, as cangas ganharam novas estampas, usos e até nomes.

Hoje, conhecidas como panneaux ou pareôs, elas têm espaço não só na areia, mas também em looks urbanos e na decoração de ambientes —e é nessa versatilidade, combinada com estampas exclusivas, que algumas marcas têm apostado para atrair diferentes perfis de consumidores.

A demanda pelos pareôs da Panou é maior no verão, período que concentra metade das vendas anuais, mas 40% dos clientes utilizam o adereço no dia a dia, diz Adriana Ferraz, 35, estilista e sócia-fundadora da marca criada com o marido, Caio Veronezi, 35.

"Existe uma busca por produtos versáteis e os pareôs caem nisso. São produtos que dão a possibilidade de usar tanto na cidade quanto na praia, e a gente consegue acessar os dois mundos com a mesma peça", afirma Veronezi.

A Panou começou como estúdio de estampas, produzindo para outras marcas, e passou a investir em coleções próprias em 2017. A transição entre as duas atividades foi gradativa e, desde 2021, os desenhos de Ferraz são exclusivos para as peças da marca.

No último ano, a empresa cresceu quase três vezes, em comparação com 2020, segundo os sócios. A marca, que tem dois funcionários, vende pela internet e mantém uma loja na Vila Madalena, em São Paulo, desde 2018.

Na prática, pareôs e panneaux são sinônimos, mas há diferenças. Pareôs remetem às modelagens transpassadas e amarradas no corpo, enquanto panneaux são lenços que, dependendo da aplicação, também funcionam como pareôs, segundo Anay Zaffalon, professora do MBA em negócios da moda da ESPM.

Ela explica que a tendência ganhou força no Brasil há cinco anos, alavancada pelo costume de usar as cangas.

"É uma opção um pouco mais elegante que a canga tradicional, de algodão, meio tie-dye, que costumava ser importada. Essa é a versão brasileira, com estampas muito locais, com barrado [moldura nas bordas para delimitar a área ilustrada], e tudo isso dá um apelo mais bonito."

Na Sau, inaugurada em fevereiro de 2021, os panneaux estão no catálogo desde o princípio. Os desenhos foram feitos à mão por Marina Bitu, 31, sócia-fundadora e diretora criativa da marca, nos primeiros modelos lançados. Já na coleção mais recente, as estampas foram desenvolvidas pela artista cearense Auxi Silveira, do Studio Drawxi.

Há demanda durante o ano inteiro, mas o uso principal ainda é na praia. Há clientes que usam a peça até como decoração em casa, fazendo as vezes de arte, faceta explorada por outras marcas.

> “O lenço sempre teve muito apelo de arte. Ele tem barrado [moldura], tem a ideia de quadro, então isso tem trazido o desejo de usar também na decoração (...)
>
> **Anay Zaffalon**
> professora da ESPM

Em média, a Sau produz de 100 a 150 panneaux por coleção, cuja duração varia de dois a três meses. Em 11 meses de operação, o faturamento foi de aproximadamente R$ 500 mil. As vendas são feitas online e em uma loja física em Fortaleza (CE) aberta em dezembro de 2021.

Já na Beauvivant, cujo conceito é combinar moda e arte contemporânea, os carros-chefe eram os lenços de seda até 2020, ano em que passou a apostar nos panneaux. Hoje, as peças são vendidas online, mas a marca investiu em uma loja temporária em 2020.

"A experiência foi muito interessante, porque, como os lenços estavam pendurados na vitrine, muitas pessoas entravam na loja achando que era galeria de arte ou que eram tecidos para decoração. Muita gente perguntava: 'posso jogar no sofá?'", conta a designer Itciar Eguia, 49, fundadora da Beauvivant.

Para Zaffalon, da ESPM, a procura pela peça como adereço em casa está ligada ao crescimento do setor de decoração para casa durante a pandemia. "O lenço sempre teve muito apelo de arte. Ele tem barrado [moldura], tem a ideia de quadro, então isso tem trazido o desejo de usar também na decoração, porque as estampas têm sido cada vez mais especiais."

Apesar da variedade de possíveis usos, os panneaux não garantem rentabilidade fácil para as empresas nem equilibram a sazonalidade de verão.

Uma das razões é o custo maior para confeccionar estampas localizadas.

A peça complementa as coleções, mas é recomendável conhecer a preferência dos clientes antes de investir e acrescentá-la ao catálogo. Isso porque ela ainda se adequa melhor à praia do que à cidade, por características como os tecidos finos e a sustentação apenas por amarrações, segundo Zaffalon.

A professora exemplifica com itens mais populares, como o biquíni cortininha e as calças jeans: "Alguns produtos funcionam para todos e outros são mais específicos. Dão trabalho para serem feitos, para desenvolver o protótipo, mas depois não vendem uma quantidade suficiente, que reduza o custo de desenvolvimento".

As modelos Thais Carmo (à esq.) e Marcela Valente vestem biquínis da marca Moe, de São Paulo, que tem peças que vão do tamanho 34 ao 70

Gustavo Amorim/Divulgação

Moda praia aposta em diversidade e peças versáteis

Atender vários tipos de corpos é cada vez mais importante para o sucesso dos negócios, dizem especialistas

Débora Melo

SÃO PAULO Biquínis confortáveis para todos os corpos e peças que podem ser usadas também em outros ambientes são algumas tendências do mercado de moda praia, cada vez mais atento ao debate sobre diversidade e à necessidade de ampliar seu mix de produtos para minimizar os efeitos da sazonalidade.

Criada pela publicitária Maria Fernanda Penalva, 31, a Moe tem maiôs e biquínis que vão do tamanho 34 ao 70. A empreendedora de São Paulo conta que nutria o desejo de abrir uma confecção desde a adolescência, ao observar a dificuldade da mãe em encontrar peças que a atendessem.

"Eu criei uma marca para que as pessoas possam se sentir livres. Além de ser para todos os corpos, a Moe é para todas as idades. Temos na nossa [campanha de] comunicação uma mulher de 60 anos com um maiô decotado até a cintura", diz Maria Fernanda.

O negócio foi aberto em 2019, e as primeiras peças começaram a ser vendidas no final do ano seguinte.

A empresa tem hoje uma loja virtual e está presente em uma galeria multimarcas na rua Oscar Freire, em São Paulo. Além de Maria Fernanda e uma sócia, conta com duas costureiras. O próximo passo é lançar uma linha de lingerie.

Márcio Ito, professor da disciplina de planejamento de coleções do curso de moda da Faculdade Santa Marcelina, afirma que negócios que ainda não abraçaram a diversidade deixam de ganhar clientes.

"Algumas marcas estão se preocupando porque perceberam que perdem mercado. Outras se sentem empurradas pelo fluxo. E outras sempre trabalharam com isso, ainda que não falassem sobre inclusão", afirma.

Segundo ele, as redes sociais têm papel crucial nessa mudança. "Antes, 90% das marcas tinham como meta vestir pessoas de um mesmo biotipo, jovem e magro. Sem esse debate, no qual a internet tem papel fundamental, a gente estaria do mesmo jeito."

De acordo com Juliana Segallio, consultora do Sebrae-SP, esse é um movimento que apareceu com força na NRF 2022, maior feira de varejo do mundo, realizada na última semana em Nova York.

"As grandes redes já entenderam isso, basta ver a última campanha da C&A para a sua coleção de moda praia. O pequeno empresário também sabe que precisa incorporar a ideia de diversidade à sua marca", diz Segallio.

A consultora de moda Dani Rudz, especialista em mercado plus size, reconhece os avanços no segmento, mas pondera que ainda são poucas as marcas que contemplam a mulher gorda.

"A passarela e a mídia ainda entendem a mulher gorda como a mulher 'curve', que tem curvas. A mulher gorda de verdade tem barriga, tem culote. Essa parcela da população representa um nicho de negócio", afirma.

A administradora de empresas Déborah Menezes, 26, de Brasília, criou em 2020 a Arraia, marca de moda praia com foco no conforto.

Para entrar no ramo, ela fez cursos, aprendeu a costurar e é a responsável pelo desenho de todas as peças, vendidas do P ao GG e também sob medida.

Depois de um tempo costurando para amigas, Déborah criou uma loja virtual e as convidou para vestir e fotografar as peças, em ensaios dos quais ela também participou.

"Deu muito certo, as clientes gostaram de ver uma marca que mostrava mulheres reais, com vários tipos de corpos. Esse foi o feedback. Percebi que isso era um diferencial e mantenho [a proposta] até hoje", conta.

A Arraia atualmente também contrata modelos para as fotos, sempre valorizando "a diversidade da brasileira", diz a empreendedora. "E usamos fotos das clientes vestindo os biquínis no feed do nosso Instagram."

Foi no final de 2020 que o negócio deslanchou. Com apenas duas costureiras (Déborah e uma funcionária) e uma visibilidade conquistada com posts pagos nas redes sociais, a Arraia se viu obrigada a recusar pedidos por não ter condições de atender a demanda —naquele momento, as vendas eram feitas exclusivamente sob encomenda.

"Perdemos vendas porque não tínhamos estrutura. Agora são cinco costureiras e outras três funcionárias. Em setembro e outubro tivemos o reforço de mais três costureiras, para montar o estoque para o verão", diz a empresária.

Segundo Déborah, a Arraia cresceu 250% na segunda metade de 2021, em comparação com o semestre anterior.

O plano, agora, é investir no desenvolvimento de novas peças, como maiôs e saídas de praia, e continuar apostando na versatilidade dos biquínis, com peças que permitem novas possibilidades de uso —como um top que funciona também para a prática de exercícios físicos— e modelos dupla face, outro ponto forte da marca.

O professor Márcio Ito, que já trabalhou com marcas de moda praia, ressalta que investir em outros tipos de produto é também uma tendência atual do mercado.

"As marcas têm ampliado o seu mix com roupas, mas ainda preservando as características desse estilo de vida ligado à praia. Podem lançar, por exemplo, uma camisa que funciona como saída de praia. São peças que possivelmente não marcam o corpo e que têm um tecido mais arejado. E mais prático."

Criada em 2013 como uma marca de lingerie, a Janiero Body of Colours, de Mogi das Cruzes (SP), logo abraçou a moda praia e recentemente lançou a sua primeira coleção de roupas.

De acordo com Mariana Secomandi, coordenora de marketing da empresa, a proposta da Janiero sempre foi trabalhar com o que chamam de peças híbridas, que podem ser usadas em diferentes contextos, durante o dia ou à noite, com uma mistura de tecidos que é característica da marca.

"São tecidos que vêm de vários lugares, para diversos usos. Nosso trabalho também tem muita experimentação, de testar coisas novas."

Caio Veronezi e Adriana Ferraz, fundadores da Panou, na loja da marca, na Vila Madalena, em SP

Keiny Andrade/Folhapress

Conheça tendências gastronômicas que podem virar negócio em 2022

Reforçados pela pandemia, hábitos de alimentação saudável estão entre apostas de especialistas

Marília Miragaia

SÃO PAULO A cada virada de ano, consultorias e veículos especializados enumeram apostas sobre o que deve fazer sucesso no setor de alimentação.

Um olhar atento a esses levantamentos revela movimentos de mercado com potencial para inspirar novos negócios ou mudar empresas.

Para Rosa Moraes, embaixadora de hospitalidade e gastronomia da Ânima Educação, a saudabilidade e o aspecto artesanal da produção de comida permeiam diferentes tendências de negócios atuais.

Isso pode ser explicado porque, durante a pandemia, o segmento de saúde e bem-estar ganhou mais atenção de consumidores, afirma Mayra Viana, analista de competitividade do Sebrae.

Entre as possibilidades de negócios, diz, podem estar tanto empresas que produzem shots voltados à imunidade quanto startups como a Liv Up, que vende refeições ultracongeladas, de consumo imediato e alimentos frescos —e recebeu um aporte de R$ 230 milhões no ano passado.

"Além disso, saúde é sempre um tema que desperta atenção do consumidor no começo do ano. Então, temos uma boa oportunidade para empresas olharem neste momento", acrescenta a especialista.

Porém, além de pesquisar o que está em alta no momento, o empreendedor deve buscar investir em um ramo que desperte seu interesse de forma genuína, diz Betty Kövesi, dona da Escola Wilma Kövesi de Cozinha, em São Paulo.

"Mais do que se identificar com um assunto, o ideal é que ele tenha alguma vivência dentro dele."

*

Refeições saudáveis entregues em casa Dentro e fora do país, dark kitchens (restaurantes voltados a delivery) com a temática saudável têm expandido em número de negócios e oferta de produtos, diz Rosa Moraes, da Ânima Educação. Entre os exemplos estão marcas como Olga Ri, que ajudaram a reverter a imagem de que saladas são pratos sem graça. Há outros representantes, como o Salu, com wraps, bowls e saladas no menu, que funciona também com planos de assinatura

Conexão tecnológica entre produtores e consumidores Na pandemia, clientes e agricultores ganharam mais proximidade com a ajuda de aplicativos e ecommerces que entregam em casa frutas, legumes e verduras. Um exemplo é a startup Raízs, que tem entre os serviços cestas de orgânicos provenientes de agricultura familiar. No ano passado, a empresa expandiu a atuação para cidades como Campinas, e, neste ano, pretende levar a operação ao Rio e a Curitiba

Bebidas com benefícios de saúde e energia Boa oportunidade não somente no verão, bebidas refrescantes, feitas com ingredientes naturais, que evitam altas quantidades de açúcar, conservantes e corantes, também são uma tendência que se cristalizou nos últimos anos e deve continuar em alta. Exemplos são kombuchas, resultado de um processo de fermentação, e produtos como o Baermate, que leva erva-mate e é adoçado com suco de maçã

Novas ocasiões de consumo de vinho Marcas vêm despontando de olho em um público mais jovem, que quer beber do fermentado em momentos descontraídos. Opções vendidas em latinhas, que podem ser consumidas em piqueniques e levadas a passeios, atendem a essa finalidade. Há, também, empresas que fazem a venda da bebida em caixa direto ao consumidor. No caso da Fabenne, a proposta é um vinho casual e acessível, armazenado em uma estrutura com espécie de bolsa no interior, que ajuda a preservar o líquido

Ingredientes plant-based voltados ao B2B Uma onda de hambúrgueres sem carne invadiu supermercados, mas especialistas acreditam que o movimento plant-based ainda tem fôlego. Em especial, com oportunidades de negócios entre empresas — por exemplo, no fornecimento de queijos, laticínios, embutidos sem carne ou derivados para restaurantes, cafés e confeitarias. Segundo Mayra Viana, do Sebrae, esses insumos até podem ser encontrados em atacadistas, mas pequenos empreendedores podem produzir de forma mais artesanal, o que atrai atenção do setor

Negócios de um só produto Em alta, esse tipo de empreendimento permite ao empresário um maior controle de custos, já que as negociações e variações de oferta são pensadas em torno de uma matéria-prima específica, diz Vera Araújo, sócia da consultoria voltada a alimentação VA Gestão de Negócio. Restaurantes que se dedicam a um prato (como saladas ou risotos) podem ser exemplos. Mas também há uma categoria crescente de empresas especializadas em produtos feito de forma artesanal, como ketchup ou caldos de legumes e carne naturais

Carolina Daffara

Empresários diversificam para lucrar o ano todo; veja relatos

Catarina Ferreira

SÃO PAULO O verão traz grandes oportunidades para negócios sazonais, mas também desafios ao longo do ano.

Conhecer o calendário do negócio e traçar estratégias para os outros meses é a chave para não passar aperto, diz Rubens Massa, professor do Centro de Empreendedorismo e Novos Negócios da FGV-Eaesp (Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getulio Vargas).

"Uma vez que você entende o ritmo da sua empresa, você consegue gerir melhor seus recursos, seja de compras, de vendas ou de equipe", afirma.

A época em que o movimento é menor, por exemplo, pode ser ideal para organizar resultados e se preparar para a próxima temporada de alta.

"A otimização do tempo é o maior gargalo, principalmente para quem precisa organizar os dados e ainda não têm ferramentas de projeção. É importante entender as necessidades de caixa e de estoque e o fluxo de clientes. O planejamento não pode se basear em 'achismos'", afirma Monica Lemes, consultora de negócios do Sebrae.

A consultora aponta também a oferta de produtos diversos como alternativa para aumentar os ganhos. "É importante entender qual variedade de itens e serviços a empresa pode oferecer nos meses mais frios, sem perder a identidade da marca."

Mesmo que as vendas sejam menores, ela acrescenta, manter o produto principal em evidência é importante para os clientes e ajuda a fortalecer a marca.

Para Rubens, no caso de negócios em que não é possível diversificar o mix de produtos, a redução dos custos é uma alternativa.

*

'VENDER NO VERÃO PARA SE MANTER NO INVERNO'

Priscila Jardim, 36, proprietária de três lojas da franquia Oggi Sorvetes

Abri a primeira loja em Suzano (SP) em agosto de 2018, então peguei poucos meses de frio. O primeiro ano deu muito certo e as vendas explodiram. Eu me surpreendi.

Em 2019, abri a segunda unidade e também um quiosque em um shopping da cidade. O quiosque não dava retorno, então o fechei em março de 2020, dias antes de estourar a pandemia. Em setembro, abri a terceira unidade.

Tem sido bem desafiador. No clima frio, tenho bastante dificuldade com a queda de movimento, então é vender no verão para se manter no inverno.

É difícil fazer um planejamento, porque mesmo quando a gente espera um período quente, imaginando que as vendas vão aumentar, a temperatura cai e temos dois meses sem sol. Neste ano 'cancelaram' o verão e só chove. E o sorvete ainda está muito associado ao calor.

No clima frio, as vendas não são suficientes para manter os custos fixos. Então tento dar férias para alguns funcionários e negociar o aluguel.

O desafio tem sido manter o capital de giro neste cenário de pandemia e crise, que é um pouco assustador.

Nesses dois anos eu usei recursos que o governo ofereceu por causa da crise, de redução de jornada.

No meu caso, tenho a limitação de vender apenas sorvete —não é uma bomboniere com variedade de doces, por exemplo. São várias linhas de picolé e de sorvetes de pote.

No último inverno, criei um livro de receitas para o frio, para o cliente retirar na loja. Havia, por exemplo, um cappuccino com sorvete de creme e uma sobremesa quente que levava uma bola de sorvete por cima.

Então o cliente ia até a loja buscar o material e acabava comprando o sorvete para fazer a receita em casa.

'NUM PERÍODO DE BAIXA, OLHAMOS ATENTAMENTE PARA A NOSSA CLIENTE'

Francielly Moyses, 28, sócia-proprietária da marca de roupas Tudo Afro

Eu e minha irmã, Fabiele, começamos a Tudo Afro em julho de 2020, com vendas online de peças de roupa feminina com estampas étnicas para valorizar a estética afro.

Em Niterói (RJ) quase não há opções de moda afro. Biquínis são ainda mais raros.

Em setembro de 2020, uma das nossas primeiras clientes foi a influenciadora Gabi Oliveira, que tem mais de 500 mil seguidores só no Instagram.

Ela falou sobre a peça que tinha comprado na loja, e o post levou a marca para o país inteiro. Isso fez do nosso verão de 2020 um sucesso, mas nós não estávamos preparadas.

A marca era pouco conhecida e precisávamos correr contra o tempo para confeccionar tudo e atender o público.

Depois, as vendas se estabilizaram e, com a aproximação do inverno, os pedidos diminuíram. Foi quando começamos a vender também moda fitness, que nos manteve ativas durante o período mais frio.

Mas, mesmo nos períodos de baixa procura não paramos de produzir os biquínis, porque é por meio deles que a cliente chega até nós, a moda praia é a nossa cara.

Foi nesse primeiro período de baixa que olhamos mais atentamente para quem é a nossa cliente: são mulheres negras, com corpos reais, que buscam representatividade.

Neste verão, nos planejamos para o lançamento de estampas exclusivas e para atender novos públicos além do feminino, com produtos infantis e masculinos.

Nossa intenção, no início, era atender o público local, mas, com a visibilidade que tivemos, entendemos que mulheres negras do país todo procuram roupas que conversem com a sua identidade. Hoje, além do Rio de Janeiro, os estados que mais atendemos são Bahia e São Paulo.

'FAZENDO A MATEMÁTICA DA CASA, VI QUE PRECISAVA DE UM PLANO B'

André Martins de Souza, 47, proprietário da hospedaria Praia das Toninhas, em Ubatuba (SP)

Cheguei a Ubatuba para investir em um apartamento, mas encontrei à venda o imóvel em que hoje funciona a hospedaria e me encantei.

Fiz um processo de recuperação do imóvel e precisei investir alto na reforma, que começou em 2019. A hospedaria foi inaugurada em 2020, em meio à pandemia.

Sou de São Paulo, mas já trabalhei com empreendimentos no litoral em outras cidades, então eu já sabia dos riscos desses negócios.

Minha intenção é oferecer um atendimento personalizado a cada hóspede. Estar bem de frente à praia é um diferencial importante também.

Tento oferecer outros serviços para completar a experiência do cliente, como aulas de ioga, muay thai, surfe e passeios de barco, tudo em parceria com profissionais da região. Eu indico os serviços e às vezes ofereço o espaço do jardim para as práticas.

Ainda não consegui pagar o investimento, mas, nos últimos meses, a partir de outubro, o movimento começou a melhorar. De lá pra cá tive praticamente 100% de ocupação, mas recentemente as reservas caíram por causa da chuva.

Outra estratégia foi adaptar o espaço para pequenos eventos, como casamentos. Fazendo a matemática da casa, vi que precisava de um plano B pra fazer entrar mais dinheiro, e aí surgiu essa ideia.

Nos meses mais tranquilos, de maio a julho, pude perceber que tenho clientes fiéis, que voltam e pedem o mesmo quarto. Acho que meu foco precisa estar neles.

Homem em frente a painel da Bolsa de Valores, na B3, em São Paulo Amanda Perobelli -28.out.21/Reuters

Enquanto ações da Méliuz derretiam, controladores venderam 5 mi de papéis

Empresa afirma que vendas foram feitas por motivos pessoais e não partiram de seu presidente

MERCADO
OPINIÃO

Marcos de Vasconcellos
Jornalista, assessor de investimentos e fundador do Monitor do Mercado e do Monitor Investimentos

Enquanto as ações da Méliuz (CASH3) derretiam na Bolsa, perdendo mais de 70% do valor em seis meses, seus controladores venderam mais de 5 milhões de papéis.

Documentos aos quais o site Monitor do Mercado teve acesso mostram que as vendas começaram em outubro e seguiram até o fim do ano.

A empresa de cashback (devolução de parte do dinheiro de compras) estreou na Bolsa em novembro de 2020, quando levantou R$ 661 milhões em sua oferta inicial (IPO). Deste valor, R$ 366 milhões seriam destinados ao caixa da companhia.

Por oito meses de lua de mel, tiveram seguidas altas e atingiram seu ápice em julho de 2021, quando chegaram a custar mais de seis vezes o preço da estreia.

O pico se deu justamente quando a empresa fez uma segunda oferta de ações (chamada de follow on), levantando mais R$ 1,155 bilhão. Nesse caso, R$ 427,5 milhões iriam direto para o caixa.

De lá para cá, o gráfico foi ladeira abaixo. Já em queda, a empresa desdobrou suas ações: cada papel CASH3 virou seis. A ideia, diz a companhia, foi tornar o papel "mais acessível aos investidores". Mas o movimento não trouxe muitos novos interessados e a depreciação seguiu acentuada.

Foi em outubro, quando as ações já tinham perdido 65% do preço em relação a julho, que os controladores da Méliuz começaram a se desfazer delas. Naquele mês, houve uma doação de 4,2 milhões de papéis e duas vendas que somaram quase 1 milhão de ações —rendendo pouco mais de R$ 4 milhões a um acionista controlador.

Dois meses depois, os papéis continuavam a cair e um baque ainda maior: uma venda de 4,4 milhões de ações, atingindo o valor de R$ 13,7 milhões, por parte de controladores da empresa.

Nos documentos enviados à CVM, reportando as vendas, não consta quem são os vendedores (atualmente, são quatro acionistas controladores da empresa). E não é isso que importa.

Levando em conta que, nos últimos 15 meses, a Méliuz levantou mais de R$ 1,8 bilhão no mercado, sendo mais quase R$ 800 milhões para engordar o caixa, é razoável descartar qualquer necessidade de liquidez para justificar as graúdas vendas.

> [...]
> **O problema de uma movimentação dessa é a sinalização para o mercado de que nem os principais acionistas da empresa acreditam em seu potencial de recuperação**

O problema de uma movimentação dessa é a sinalização para o mercado de que nem os principais acionistas da empresa acreditam em seu potencial de recuperação. E olha que é uma empresa que atraiu investidores imponentes, como Daniel Dantas.

Questionada pelo Monitor do Mercado, a Méliuz afirma que as vendas foram feitas por motivos estritamente pessoais e garante que as ações não saíram do bolso do presidente-executivo nem do presidente do conselho de administração da empresa.

O desembarque se dá logo após os investidores terem sido chamados a colocar mais dinheiro, no follow on do meio do ano, tem impacto negativo na percepção de quem comprou a ideia.

A sinalização é ainda mais incômoda por ocorrer justamente quando a perspectiva de aumento da taxa de juros nos Estados Unidos tem castigado as ações de empresas de tecnologia e crescimento, como a Méliuz, privilegiando players estabelecidos, como grandes bancos, e quem lida com commodities.

A transparência nesse ponto é fundamental, e ela vai além da obrigatória comunicação das vendas à CVM. Como lembra Thiago Raymon, gestor da Titan Capital, controladores têm acesso a informações privilegiadas, de forma que suas estratégias são sempre de interesse dos acionistas.

O consultor de investimentos Thiago Ribeiro aponta que, no fim do dia, eles são as pessoas que, em tese, mais entendem da empresa.

Claro que isso não é algo a ser levado em consideração sozinho. É mais uma peça no complexo quebra-cabeça do mundo dos investimentos.

O Bank of America (BofA), por exemplo, acredita que os papéis hoje negociados a R$ 2,90 podem chegar a R$ 7,20. Os analistas do BTG Pactual e da XP recomendam também sua compra, com preços-alvo de R$ 6 e R$ 8, respectivamente, cada um com sua fundamentação.

O mais importante para o investidor é conhecer a pluralidade de ideias sobre a empresa para entender se ela é uma aposta condizente com os riscos que ele está disposto a correr. E é bom que ter certeza que os acionistas da empresa estão no mesmo barco.

Uma cruzada por Deus e... bitcoin?

O que é a aliança cada vez mais profunda entre os trumpistas e a criptomoeda

Paul Krugman
Prêm o Nobel de Economia, colunista do jornal The New York Times

Josh Mandel, um discípulo de Trump que tenta ser nomeado para senador republicano pelo estado de Ohio (centro-norte dos Estados Unidos), tuitou recentemente seus princípios: "Ohio precisa ser um estado pró-Deus, pró-família, pró-bitcoin". De fato, há uma antiga conexão entre o apoio à bitcoin e o extremismo de direita.

O fato de muitos entusiastas da bitcoin dizerem coisas bizarras, por si só, não significa que as criptomoedas sejam uma má ideia. As pessoas podem apoiar coisas certas por motivos errados.

Por exemplo, tenho certeza de que muitas pessoas aceitam o consenso científico sobre, digamos, a eficácia das vacinas não porque elas valorizem a pesquisa avaliada por pares, mas porque são impressionadas por pessoas que usam palavras difíceis.

Mas realmente parece importante compreender os aspectos de culto do movimento da criptomoeda.

Primeiro, porém, um pouco sobre economia. Às vezes ainda encontro pessoas que dizem que vivemos numa era digital, por isso deveríamos usar dinheiro digital. Mas nós já usamos!

Como muitas pessoas, eu pago a maioria das coisas clicando num mouse, inserindo meu cartão de crédito ou apertando um botão no celular. Eu costumava guardar trocados na carteira para comprar frutas e legumes nas barracas de rua em Nova York, mas hoje em dia até elas aceitam cartões.

Todos esses pagamentos, entretanto, dependem da confiança em uma terceira parte. As pessoas aceitam cartões de débito, pagamento eletrônico etc porque eles estão ligados a uma conta bancária.

Todo o objetivo da bitcoin, como explicado em seu documento original de 2008, era abolir a necessidade desse tipo de confiança: ela validaria os pagamentos usando métodos relacionados à criptografia —comunicação codificada. O objetivo era criar um sistema de pagamentos "entre pares", independente das instituições financeiras.

Mas como fazer isso? Os bancos são tão inconfiáveis? Estive em muitas reuniões em que os céticos da criptomoeda pediram, o mais respeitosamente possível, exemplos simples de coisas que podem ser feitas melhor ou mais barato com criptomoeda do que por outras formas de pagamento.

Ainda não ouvi um exemplo claro que não envolva atividade ilegal —que, para ser justo, pode ser mais fácil de esconder se for usada criptomoeda.

A verdade é que embora a bitcoin exista há muito tempo pelos padrões da internet —13 anos!— ela e outras criptomoedas quase não fizeram incursões na função tradicional do dinheiro, como meio de troca usado para comprar bens e serviços.

Números concretos são raros, mas parece que uma vasta maioria de transações em criptomoeda envolve especulação de mercado, e não os negócios comuns da vida.

Mas a bitcoin e suas rivais hoje têm um valor de mercado combinado de mais de US$ 1 trilhão (R$ 5,5 tri). O que os investidores pensam que estão comprando?

Uma resposta é proteção contra o eterno temor de que os governos inflem sua riqueza —como colocou um artigo recente da Bloomberg, alguns bilionários estão comprando cripto para o caso de o dinheiro "ir para o inferno".

De fato, houve 57 hiperinflações no mundo, pelo que sabemos. No entanto, todas ocorreram em meio ao caos político e social; você realmente acha que num ambiente desse tipo conseguiria entrar online e sacar suas bitcoins?

Também há o medo de "perder a chance". A bitcoin atingiu uma espécie de ponto ideal: ela tem um ar high-tech e futurista, enquanto também atende à paranoia política.

Os ganhos de capital resultantes levaram muitos investidores apolíticos a sentir que precisam entrar no jogo, enquanto também provavelmente induzem figuras públicas como Eric Adams, o novo prefeito de Nova York, a elogiar a bitcoin porque imaginam que isso os faz parecer avançados.

Mas as explicações confusas sobre a bitcoin significam que ela está destinada a implodir? Não necessariamente. Afinal, o ouro deixou de servir como meio de troca há gerações, mas seu valor não despencou.

Há cerca de US$ 1,6 trilhão (R$ 8,7 tri) em notas de US$ 100 (R$ 545) em circulação —80% de toda a moeda americana—, apesar de ser muito difícil que consumidores comuns gastem notas de grande valor.

Mas deixemos de lado as previsões do mercado e perguntemos o que há na aliança cada vez mais profunda entre a bitcoin e o movimento de Donald Trump "Maga" —Make America Great Again.

A resposta, eu diria, é que a bitcoin deveria criar um sistema monetário que funcione sem confiança —e a direita moderna tem tudo a ver com promover a desconfiança.

Nesse contexto, é perfeitamente natural que os políticos trumpistas peçam o fim de um sistema monetário que funciona por meio dos bancos —sabemos quem os controla, certo?— e depende de uma moeda que é administrada por autoridades nomeadas pelo governo. Não há evidência de amplo abuso monetário, mas isso não importa para a extrema direita.

O ponto, então, é que embora haja questões econômicas reais associadas à criptomoeda, sua ascensão tem muito a ver com a loucura política generalizada que colocou a democracia americana à beira do precipício.

Tradução Luiz Roberto M. Gonçalves

Acordo Microsoft-Activision é teste para livre concorrência

Aquisição de empresa é vista como oportunidade para agências antitruste

TEC

WASHINGTON, NOVA YORK, BRUXELAS E SAN FRANCISCO | FINANCIAL TIMES O maior negócio da história da Microsoft deve se tornar um caso de teste para os chefes das agências antitruste dos Estados Unidos, que prometeram enfrentar o poder de mercado das big techs.

A Microsoft se prepara para um intenso escrutínio regulatório quando sua aquisição da fabricante de videogames Activision Blizzard, acordada em US$ 75 bilhões (R$ 409 bilhões), for examinada por progressistas nomeados para importantes cargos antitruste no governo Biden.

Eles incluem Lina Khan, da FTC (Comissão Federal de Comércio, na sigla em inglês), e Jonathan Kanter, do Departamento de Justiça.

"A Microsoft tem plena consciência de que não será fácil, mesmo que não haja uma clara violação antitruste", disse uma pessoa com conhecimento direto sobre como a equipe de F&A da empresa se prepara para conseguir a aprovação do negócio.

O temor do grupo de tecnologia é que Khan use essa transação para provar que está levando a sério o controle das big tech, acrescentou a pessoa. Os investidores da Activision parecem compartilhar essa preocupação, já que as ações da empresa estão sendo negociadas com desconto de 13,5% em relação à oferta da Microsoft, de US$ 95 (R$ 518) por ação em dinheiro.

"Esta é uma oportunidade ideal para as agências antitruste agirem de acordo com a visão de seus líderes de que os tribunais têm sido muito brandos ao autorizar consolidações em muitos setores, especialmente no tecnológico", disse Bill Baer, membro visitante da Brookings Institution e ex-chefe da divisão antitruste do DoJ (Departamento de Justiça, na sigla em inglês).

A FTC e o DoJ não quiseram comentar se vão investigar a megafusão. Também não ficou claro qual agência investigaria o acordo.

Bobby Kotick, executivo-chefe da Activision, minimizou o risco de retrocesso regulatório, já que gigantes tecnológicas como Apple e Google também estão explorando jogos digitais.

Os especialistas antitruste, entretanto, afirmam que as agências federais estarão analisando de perto o tamanho da aquisição e o dano potencial a outros atores nesse setor.

Khan diz que o fator de dissuasão proporcionado pela ação antitruste é "chave" na aplicação da lei de concorrência. A presidente da FTC disse na quarta (12) à CNBC que fusões ilegais foram realizadas no passado "porque as consequências de propor esses acordos não foram significativas".

O acordo com a Microsoft foi anunciado na terça (11), poucas horas antes de a FTC e o DoJ dizerem que buscariam a opinião do público sobre a reformulação das regras de fusão para reprimir acordos ilegais, diante do aumento das transações.

Os pedidos de fusão mais que dobraram entre 2020 e 2021, disseram as agências.

Herbert Hovenkamp, professor da faculdade de direito da Universidade da Pensilvânia, disse que é muito cedo para prever a complexidade de um possível caso jurídico contra a transação, mas que "novas leis de fusão [são] feitas em situações tensas, não nos casos fáceis".

Uma investigação marcaria a maior ação antitruste contra a Microsoft desde que as autoridades americanas processaram a empresa, há duas décadas. O governo venceu após acusar o grupo de usar seu monopólio do Windows para esmagar a Netscape, pioneira em navegadores da web.

O acordo entre a Microsoft e a Activision não representaria o tipo de preocupação direta com a participação de mercado que causa a maioria das ações antitruste. Em vez disso, como uma "fusão vertical" combinando os sistemas de distribuição do grupo de software e o conteúdo do fabricante de videogames, apresentaria um caso mais difícil.

Uma contestação das agências antitruste poderia ajudá-las a moldar regras sobre fusões verticais, depois que a FTC suspendeu no ano passado as diretrizes de 2020 para esses tipos de fusões, por serem muito brandas.

Se as agências processassem para impedir a transação, elas poderiam argumentar, por exemplo, que a Microsoft poderia "desfavorecer os concorrentes" ao fazer que os jogos fossem reproduzidos apenas em seu Xbox e não no PlayStation da Sony, disse Carrier.

Embora os casos contra fusões verticais estejam entre os mais difíceis de vencer, eles começaram a aumentar nos últimos anos com a fiscalização antitruste mais rígida.

"Este será um caso de teste interessante para ver se as agências estão dispostas a contestar uma fusão que apresenta essas questões verticais na indústria de videogames", acrescentou Carrier.

Uma ação recente contra as fusões verticais por agências dos EUA não teve sucesso. Em 2019, o Departamento de Justiça não conseguiu bloquear a aquisição da Time Warner por US$ 80 bilhões (R$ 436 bilhões) pela AT&T, depois que um tribunal federal de apelações decidiu contra o departamento. **Stefania Palma, James Fontanella-Khan, Javier Espinoza e Richard Waters**

Tradução Luiz Roberto M. Gonçalves

Performers seguram o logo da Microsoft durante o lançamento do Windows Vista, em Nova York, em 2007 Stan Honda- 29.jan.07/ AFP

Sony enfrenta rivais endinheirados em guerra dos videogames

MERCADO

Sam Nussey

TÓQUIO | REUTERS A Sony enfrenta um novo desafio, de rivais com amplos recursos que estão apostando em crescimento acelerado de uma nova geração de videogames online, ao mesmo tempo que o conglomerado japonês busca expansão em várias frentes.

A Microsoft deu um grande passo para se posicionar para o "metaverso" com anúncio na véspera de compra da produtora de "Call of Duty", Activision Blizzard.

As ações da Sony caíram 13% na quarta-feira (19) em meio à preocupação de que os jogos a Activision sejam retirados dos consoles PlayStation.

"Eles estão basicamente tentando construir um monstro", disse Serkan Toto, fundador da consultoria Kantan Games em Tóquio. "Não acho que a Microsoft esteja gastando US$ 70 bilhões [R$ 382 bilhões] para se tornar um fornecedor de software para plataformas da Sony."

A estratégia da Microsoft contrasta com a da Sony, que fez acordos incrementais e ganhou elogios por construir uma rede de estúdios de videogames que produziram sucessos como "Homem-Aranha" e "God of War". Analistas dizem que a empresa, e outras do setor, agora podem sentir pressão para fazerem mais acordos em resposta ao avanço da Microsoft.

Lançamento de 'Call Of Duty' Kai Pfaffenbach - 5.ago.15/Reuters

Na quarta-feira, ações de produtoras de videogames como Square Enix e Capcom subiram em meio a especulações de investidores de que o anúncio da compra da Activision pode gerar mais consolidação no setor.

O acordo provavelmente ajudará a expansão agressiva do serviço de assinatura Game Pass, da Microsoft, o que levanta preocupações de que a Sony será forçada a seguir o exemplo. Oferecer jogos por uma taxa fixa pode prejudicar as vendas e corroer as margens.

A companhia japonesa tem uma programação de games muito aguardados, incluindo "Gran Turismo 7" e "Horizon Forbidden West". A Microsoft se apoiou fortemente na série "Halo", cuja última versão foi adiada antes do lançamento em dezembro.

A Sony, que planeja lançar um headset de realidade virtual de próxima geração, também está considerando entrar no negócio de carros elétricos.

"A Sony pode estar sob pressão para fazer mais aquisições", escreveu o analista Atul Goyal, da Jefferies, acrescentando que "se não houver gargalos regulatórios, a Microsoft poderá perseguir outro alvo em um futuro não muito distante".

Giovanna Lancellotti como Catarina, em 'Temporada de Verão' Aline Arruda/Netflix

Resort é cenário para vidas cruzadas em série brasileira

Convívio de funcionários está no centro de 'Temporada de Verão', da Netflix

F5

Vitor Moreno

SÃO PAULO A estação mais quente do ano é o pano de fundo de "Temporada de Verão", série brasileira que estreou na sexta-feira (21) na Netflix. Assim como "The White Lotus" (HBO) e "Nine Perfect Strangers" (Amazon), a trama se insere na tendência —talvez impulsionada pela pandemia— de transformar um resort em cenário fixo das aventuras dos personagens, embora o resultado aqui seja bem mais leve e solar.

A trama é focada nas relações entre os jovens funcionários do fictício hotel Maresia, que fica na também fictícia Ilha das Conchas —a produção foi rodada em Florianópolis. Uma das protagonistas é Catarina (Giovanna Lancellotti), que é uma moça endinheirada que está dando uma festa no local.

A mãe dela, porém, é presa por lavagem de dinheiro e corrupção ativa, de modo que ela acaba se unindo ao staff do empreendimento. "Para mim, foi muito interessante conseguir trazer um pouco dessa patricinha, mais mimada, no começo, mas também conseguir ver essa transformação", diz Lancellotti à **Folha**.

"Pode parecer meio engraçado para quem vê, mas, para ela, é o maior drama da vida dela. A mãe foi presa, tiraram tudo o que ela tinha, ela vê o noivo ficando com outra. Então é muita informação num primeiro momento."

Na trama, Catarina vai se envolver com o colega Diego, que já namora com Marília (Cynthia Senek), outra funcionária do hotel. O personagem é vivido pelo ator chileno Jorge López, que ganhou fama como o desinibido Valerio, meio-irmão de Lucrecia Montesinos (Danna Paola) na série espanhola "Elite", sucesso entre os jovens.

> Para mim, foi muito interessante conseguir trazer um pouco dessa patricinha, mais mimada, no começo, mas também conseguir ver essa transformação
>
> **Giovanna Lancellotti**
> atriz

"Vim para o Brasil porque sempre gostei muito do país e das pessoas", afirma o ator por meio de videoconferência. "Sempre tive o sonho de trabalhar aqui e, por isso, quis participar do projeto."

"Gosto muito de trabalhar em países diferentes, morei na Argentina, na Espanha, no Brasil, agora estou no Chile, em breve vou para os Estados Unidos", enumera. "Gosto muito, de verdade, de estar em lugares diferentes, aprender a cultura, trabalhar em equipe. Estou muito feliz de participar da série."

Fazendo o contraponto a Catarina, há personagens que vêm de realidades bem mais duras. É o caso de Yasmin (Gabz). Vinda da periferia de São Paulo, ela nunca viu o mar e acaba revelando que está ali para encontrar o pai que não conheceu.

"Eu sou uma pessoa que teve um pai muito presente —ele é excessivamente presente", conta a intérprete aos risos. "Nunca tive que lidar com a falta desse afeto. Mas a Yasmim também vem uma realidade muito diferente, ela nunca tinha visto uma coisa que nem aquele hotel. Quando ela vai para lá, eu acho que o principal motivo é tentar se encontrar, entender essa parte da história dela, entender quem ela é."

"No meio desse caminho, ela vai aprendendo com pessoas muito diferentes dela", prossegue. "Eu também vim da periferia, eu sei que às vezes é complicado para quem vem da periferia se entender em outros lugares. Dentro desse hotel, o trabalho é quase que o de menos."

Outro personagem que tem conflitos relacionados a sua posição social é Miguel, interpretado por André Luiz Frambach. "Assim como a Yasmin, ele veio da comunidade, nunca viu outras coisas", explica o ator. "Ele tem contato com muitas culturas diferentes ali no hotel, mas não sabe que é sair daquela ilha."

Apesar de jovem, Miguel é considerado veterano, porque sempre trabalhou nas temporadas de verão, quando a demanda é grande. "Ele é filho de pescador, nasceu e cresceu na ilha e, de certa forma no hotel, porque ele é melhor amigo do filho de um dos donos. Ele respira esse hotel."

"Ele acolhe todo mundo, quer apresentar como é que é a ilha, quer apresentar como é o hotel", conta. "O Miguel tem um pouco essa responsabilidade de unir a galera por ser esse menino muito solar, muito coração e muito alegre com todo mundo."

O personagem também esconde contradições, como o fato de vender drogas para os hóspedes que o procuram.

"Ele se envolve com muitas coisas ilícitas, mas é por uma boa causa", defende Frambach. "Além do dinheiro que ele recebe do hotel, ele precisa tirar mais para de alguma forma poder cuidar do pai."

Os atores contam que as locações na praia ficam bonitas na tela, mas têm lá seus desafios. O grupo também precisou se preparar para gravar cenas não só na areia, mas também embaixo d'água.

"Foi uma experiência que eu nunca tinha vivido", diz Giovanna Lancellotti. "A gente teve muitas sequências com a câmera embaixo d'água, que eram quase diálogos, então tivemos que fazer treinamento de apneia, com lastros."

Sobre as gravações perto do mar, ela faz algumas ponderações. "A gente vê a cena na praia e pensa: 'Nossa, que delícia!'. Sim, eu acho uma delícia, sou muito natureza, muito praia e muito solar. Para mim é um ambiente perfeito, mas, por mais que você esteja mais leve com relação a trajes, você ainda fica mais preocupada."

Ela revela que o elenco filmou primeiro todas essas cenas externas. "Começamos gravando pela praia, então tinha muitas cenas que eram de episódios mais para a frente".

"A gente tinha que ter uma ordem cronológica na nossa cabeça e saber de onde estava vindo, para onde estava indo... Foi um desafio até de construção de personagem, que ainda não estava tão estabelecida."

Além disso, há o risco de frequentadores da praia flagrarem as gravações. "Existe uma preocupação com as pessoas porque é um lugar público", afirma. "Tem muita gente passando, a gente fica preocupado de as pessoas tirarem foto e acabarem soltando em rede social."

"E também tem mil outras coisas na gravação na praia", conclui. "Não é só aquela cena que você vai gravar rapidinho e acabou. É o dia inteiro ali no sol ou passando frio também", diz a atriz.

Priscilla Alcântara diz que comandar 'Masked' é mais tenso que concorrer

Leonardo Volpato

SÃO PAULO Imagine você vestir uma fantasia de unicórnio, subir em um palco para o Brasil te ver, cantar uma canção em outro idioma sem perder a afinação e ainda ter de atuar como um personagem para fazer com que ninguém descubra quem é você.

Tudo isso foi feito —e muito bem— pela cantora Priscilla Alcântara, 25, campeã da primeira edição de "The Masked Singer Brasil" (Globo).

Porém ela avalia que nada foi tão difícil quanto apresentar os bastidores da atração na segunda temporada, cuja estreia acontecerá neste domingo (23). "Com certeza, apresentar desmascarada dá mais nervosismo. Quando eu cantava de fantasia, se acontecia alguma coisa eu colocava a culpa no unicórnio", diz ela, aos risos, à **Folha**.

Priscilla ficou nacionalmente conhecida ainda criança quando comandou, entre 2005 e 2013, o matinal "Bom Dia & Cia", do SBT. Agora, oito anos depois, ela retoma o posto de apresentadora em uma oportunidade irrecusável, afirma. Ela entra no lugar de Camilla de Lucas, que após a sua saída negocia uma nova função no canal.

"Aceitei o desafio porque queria continuar fazendo parte da história desse programa que me marcou", avalia.

Desde que deixou a função de apresentadora, Priscilla tem se dedicado à música. No início, usou a voz para entoar músicas do cenário gospel, mas a participação no "Masked Singer" a fez adentrar o universo pop.

Dessa forma, o retorno aos holofotes da TV só valeriam a pena se nada atrapalhasse seus rumos na música. "Nesse tempo fora, amadureci e sou uma profissional mais evoluída. Tenho tomado decisões mais racionais projetando o futuro a médio e longo prazos", reforça a cantora.

O trabalho nos bastidores da atração comandada por Ivete Sangalo será um pouco diferente nessa nova leva.

Priscilla conta que agora ela entrará na brincadeira de tentar desvendar pistas sobre os fantasiados. Ela também terá a liberdade de invadir os ensaios e mostrar melhor o que acontece por trás das câmeras.

Na opinião da apresentadora, essa edição será ainda mais difícil do que a primeira. "A galera está subindo o nível do mistério", diz ela, que na antiga temporada foi a primeira voz a ser "descoberta", ao menos pelo público nas redes sociais.

A cantora Priscilla Alcântara Mauricio Fidalgo/Divulgação TV Globo

"Confesso que achei legal as pessoas descobrirem logo de cara que era eu de unicórnio antes mesmo dos jurados, pois desse jeito vejo que tenho uma voz marcante para os fãs. Mas, como não podia falar nada, só torcia para que meu público desencanasse de mim", diz.

O contrato de Priscilla com a Globo é válido apenas para essa produção, mas ela avalia que outros projetos poderão surgir com base em novas conversas e em seu desempenho positivo no ar.

"Hoje, como penso a carreira musical como prioridade, tenho que ser sábia para sincronizar e alinhar meus projetos. Mas com certeza estou disposta a voltar e redescobrir o quanto eu amo a TV."

Sob o comando de Ivete Sangalo, "The Masked Singer Brasil 2" chega com Tatá Werneck no júri no posto deixado pela cantora Simone Mendes. Ela promete levar seu bom humor e sarcasmo para as avaliações dos candidatos.

"Eu acho 'The Masked Singer Brasil' muito espetacular, há muito tempo eu não via um programa que tivesse toda essa alegria. Vai ser muito emocionante ver as pessoas tirando as máscaras", diz Tatá.

Ao lado dela, continuam os atores Tais Araújo, Rodrigo Lombardi e Eduardo Sterblitch. A dinâmica segue igual. A cada participação, o personagem dá mais algumas dicas com voz distorcida.

Depois, com a voz real, canta no palco. Após as apresentações, os jurados e um convidado opinam sobre quem poderia ser. Os melhores avançam e aquele que não tiver tanto destaque no show é desmascarado ao final de cada episódio.

Sucesso absoluto no primeiro ano, as fantasias são um caso à parte. Dentre as novas roupas há a motoqueira, o bebê, o boto, o pavão, o caranguejo, o camaleão, o dragão, a coxinha, o robô e a rosa. Para Ivete Sangalo, as fantasias da segunda temporada continuam a representar o Brasil e a cultura brasileira.

"O Brasil é um país continental, diverso culturalmente, então o que não nos falta é argumento para homenagear culturalmente o nosso país com as fantasias", opina.

De acordo com Marco Lima e Fábio Namatame, os bonequeiros responsáveis por idealizar e produzir as máscaras, todas as roupas são criadas para que possam ganhar vida e surpreender o público.

Um dos personagens que deverá chamar a atenção do público é o dragão, cuja roupa é cheia de brilho, paetê e veludo. A coxinha também é outro personagem que deverá causar furor entre o público e os jurados. Talvez ele ganhe o rótulo de mais fofo da temporada, tal qual o monstro na edição de 2021.

Essa temporada também terá mais mascarados para serem desvendados. "Foi impressionante a quantidade de artistas que se pronunciaram para poder participar desse projeto", diz Ivete.

Torcedores do Fiorentina homenageiam o então capitão do time Davide Astori, que morreu em 2018, aos 31 anos Filippo Monteforte - 8 mar18/AFP

O bilionário Rocco Commisso segura faixa com o nome do seu clube, o Fiorentina, antes de partida Andreas Solaro - 24.ago.19/AFP

Bilionário compra Fiorentina e cria rixas com tudo e todos

Rocco Commisso acumula tropeços no sonho de criar legado em clube italiano

ESPORTE

Murad Ahmed

FLORENÇA | FINANCIAL TIMES "Sou um animal diferente", diz Rocco Commisso, 72. "Espero que eles consigam respeitar um animal diferente. E se não respeitarem, que se ferrem."

O bilionário americano, dono da Fiorentina, um clube de futebol famoso mas não muito bem-sucedido na Itália, está refletindo sobre seu relacionamento com os torcedores e jogadores do clube, proprietários de outros times, a imprensa — e o mundo todo.

Não a toa, quando questionado se está apreciando ser dono do clube que adquiriu em 2019 por 170 milhões de euros (cerca de R$ 1 bilhão na cotação atual), só há queixas.

Como a ocasião, em maio, em que ele organizou uma entrevista coletiva que se transformou em troca de insultos com jornalistas. Irritado, ele se ofereceu para vender o clube a qualquer cidadão local disposto a pagar 355 milhões de euros (R$ 2,2 bilhões) em dez dias. Ninguém aceitou. "Se você não tem dinheiro, devia calar a boca", ele resmungou.

E há os funcionários do governo local que resistem aos seus planos para um novo estádio. "Toda essa burocracia escrota me deixa louco."

Ou os agentes dos jogadores, que exigem remuneração multimilionária pelo trabalho de seus representados: "Que diabos esses caras fazem?".

Ele admite que "os torcedores me amam, até certo ponto". E esse ponto, explica, envolve que "eu ganhe jogos e gaste dinheiro".

Tendo feito fortuna nos Estados Unidos, Commisso poderia ter adquirido um clube de futebol em qualquer lugar do mundo. O motivo para que tenha selecionado a Itália tem a ver com suas origens. Filho de um carpinteiro, ele nasceu na Calábria, a região que forma a ponta da bota italiana.

A família fugiu da pobreza quando ele tinha 12 anos e se mudou para os Estados Unidos, se estabelecendo no Bronx, em Nova York.

Quando jovem, Commisso era um bom atleta e conseguiu uma bolsa de estudos na Universidade Columbia como jogador de futebol.

Ele subiu aos poucos no mundo dos negócios, com empregos na Pfizer e no Chase Manhattan Bank (hoje JP Morgan Chase). Em 1995, fundou uma empresa de telecomunicações via cabo, a Mediacom. Hoje, Commisso, de acordo com a revista Forbes, é a 352ª pessoa mais rica do planeta, com patrimônio de US$ 7,2 bilhões (R$ 44,6 bilhões).

Ele enumera suas razões para adquirir a Fiorentina. Nos últimos anos, indivíduos endinheirados, fundos de investimento e até países adquiriram clubes de futebol europeus de primeira linha. Para alguns proprietários, os clubes são ativos de vaidade. Outros esperam que eles realizem lucros, por exemplo ao abocanhar uma fatia dos multibilionários direitos de transmissão dos torneios europeus.

Commisso insiste em que seus propósitos são mais altruístas. "Estou investindo em meu país", ele diz. "Voltei para restituir alguma coisa ao meu país, que me deu o futebol. Estou retribuindo ao futebol, que me levou ao ponto em que estou", diz.

Mas Commisso sente que não lhe dão o respeito merecido. Ele me mostra seu telefone, exibindo as dezenas de artigos escritos sobre seu clube a cada dia, e se queixa de que poucos defendem seu comando da Fiorentina.

"O que me irrita é que não há apreciação alguma, OK?", ele diz. "Sobre tudo que foi feito para transformar a Fiorentina em sucesso, no curto período em que estamos aqui". O time atualmente ocupa a sexta posição na Serie A italiana, seu melhor resultado em anos, mas ainda bem abaixo dos píncaros do esporte.

É difícil simpatizar com um bilionário que se queixa ruidosamente por ter entrado porque quis em um ramo que parece montado para dificultar seu sucesso, não importa quanto dinheiro tenha. Mas as dificuldades de Commisso também resultam de ele ser romântico quanto ao futebol e continuar a ver o esporte pela lente do passado.

Um proprietário de clube de futebol costumava ser o benfeitor de uma instituição muito amada, e os times eram formados por muitos jogadores locais, que representavam suas comunidades.

Hoje o esporte está se afogando em dinheiro, com um elenco internacional de jogadores milionários. O sucesso pode ser comprado e, agora, os torcedores culpam os proprietários por não comprá-lo.

Commisso diz que ele não é um "americano burro" que afundará dinheiro no clube sem medir os custos. O plano dele é investir o suficiente para levar a Fiorentina, que só conquistou dois títulos da Serie A italiana em seus 95 anos de história, a se tornar "autossuficiente", gerando receita bastante para adquirir jogadores melhores e concorrer contra os grandes times do continente.

Para esse fim, ele já gastou "uma boa parte" de sua fortuna, injetando 80 milhões de euros (R$ 495 milhões) no clube para cobrir seus prejuízos quando a pandemia devastou as finanças do esporte, e mais 90 milhões de euros (R$ 557 milhões) para construir um centro de treinamento.

Commisso se retrata como uma vítima da avareza que infecta o esporte. Ele diz que alguns o veem como um tio rico, mas ele se descreve como "aquele cara que sai daqui para os Estados Unidos levando as roupas em uma caixa de papelão, e volta carregado de dinheiro". Em sua opinião, isso significa que muita gente só está interessada em se aproveitar de sua riqueza.

Para qualquer pessoa que não queira lhe dar o devido respeito, ele avisa: "Ninguém vai me ferrar assim fácil".

Da maneira pela qual ele conta a história, Commisso é produto dos sacrifícios de seus pais. O pai dele lutou na Segunda Guerra Mundial e passou cinco anos como prisioneiro de guerra dos britânicos. Isso lhe deu, mais tarde, tratamento preferencial para entrar nos EUA, quando decidiu emigrar em busca de trabalho.

Deixou a mãe de Commisso para trás, na Calábria, encarregada de alimentar quatro filhos com "US$ 1 por dia, ou nem isso. Tivemos de nos sacrificar. Mas não tínhamos sensação de ser pobres".

A família toda terminou instalada em Nova York, onde Commisso teve de trabalhar para bancar suas despesas, enquanto fazia o segundo grau. Mas foi o futebol que pagou por sua educação em uma universidade de elite.

Na Itália, ele aprendeu a jogar com bolas de pano e em pisos de asfalto, e quando chegou à universidade ele se saiu muito bem nos gramados, liderando a equipe da instituição em sua primeira temporada invicta. Ele foi convidado a participar da seletiva olímpica para a equipe americana dos Jogos Olímpicos de 1972, mas chegou completamente fora de forma. "Nós costumávamos fumar no vestiário."

Continua na pág. 5

O atacante sérvio Dusan Vlahovic, astro da Fiorentina, comemora gol contra o Napoli, pelas oitavas de final da Copa da Itália 2021/2022 Alessandre Garofalo 13.jan.22/LaPresse/Dia Esportivo/Folhapress

Continuação da pág. 4

A grande oportunidade dele nos negócios surgiu quando era vice-presidente de finanças da Cablevision Industries, uma empresa de TV a cabo adquirida pela Time Warner por US$ 3 bilhões (hoje R$ 16,4 bilhões) em 1996.

Commisso disse que a transação lhe rendeu uma bonificação de US$ 5 milhões (R$ 27 milhões). Poderia ter se aposentado. Em vez disso, decidiu "arriscar tudo" e criou a Mediacom, cujo foco era levar a incipiente internet a comunidades rurais e áreas mal atendidas dos Estados Unidos.

O sucesso de Commisso com a Mediacom veio porque ele prestava atenção aos custos e evitava deliberadamente a competição. Mas não conseguiu implementar um modelo de negócios igualmente astuto no futebol.

Ele sonhou por anos adquirir um grande clube italiano, mas a Serie A só tem 20 clubes, o que faz deles ativos escassos. Em 2018, Commisso achou que tinha chegado a um acordo para adquirir o lendário Milan por US$ 610 milhões (R$ 3,3 bilhões), mas o novo proprietário do clube, o empresário chinês Yonghong Li, abandonou a venda.

Um ano mais tarde, surgiu a oportunidade de adquirir a Fiorentina. É um clube de muito menos sucesso, mas bastante amado, conhecido por sua camisa púrpura (o apelido do time é "Viola") e por jogadores lendários como Roberto Baggio e o artilheiro argentino Gabriel Batistuta.

Commisso fechou acordo com os proprietários do clube, a família Della Valle, que controla a Tod, uma fabricante de produtos de luxo, em poucas semanas. Na época, ele alardeou a transação como "o negócio mais rápido da história do futebol". Alguns argumentam que ele correu tanto para fechar a venda que não fez a pesquisa necessária.

Commisso descobriu que, pouco antes da venda do clube, executivos da Fiorentina tinham assinado diversos contratos incomuns. Os papéis davam ao agente futebolístico Abdilgafar Fali Ramadani permissão para encontrar compradores alternativos para cinco jogadores do time, em troca de uma comissão.

Se a Fiorentina rejeitasse qualquer negócio organizado por Ramadani, ele teria direito a receber uma indenização pelo cancelamento. É uma cláusula muito estranha: o agente teria dinheiro a receber de qualquer maneira, quer jogadores fossem vendidos, quer não. A agência de Ramadani, Lian Sports, não respondeu a pedidos de comentário.

Desde que assumiu o controle da Fiorentina, Commisso vem tentando se proteger contra mordidas de outros agentes. Em maio, depois de demitir quatro treinadores do time principal em 17 meses, ele contratou Gennaro Gattuso, ex-jogador famoso do Milan e treinador em ascensão. Mas Gattuso deixou o clube 23 dias mais tarde.

Alertado por um assessor de imprensa do clube sobre um acordo de confidencialidade, Commisso diz que Gattuso exigiu que o clube "adquirisse certos jogadores a um determinado preço", atletas que, como, ele são representados pelo agente Jorge Mendes, que tem muitos astros entre seus clientes, por exemplo o português Cristiano Ronaldo.

Commisso viu a exigência de Gattuso como uma manobra dispendiosa para beneficiar Mendes e impedir que o clube tomasse decisões independentes quanto a transferências. "Não é esse o meu estilo", disse Commisso. "Não é essa minha história... Não permitirei que ninguém tire vantagem de mim."

Esses desentendimentos indicam que Commisso, também proprietário do New York Cosmos, um clube de futebol dos EUA, não compreende bem onde mora o poder no futebol europeu moderno. A maior parte dos clubes gasta de 70% a 80% de suas receitas em salários de jogadores. De acordo com a Fifa, os gastos mundiais com transferências de jogadores em 2019 foram de cerca de 5,5 bilhões de libras (R$ 40 bilhões na cotação atual), e os honorários pagos aos agentes que organizam essas transações totalizaram cerca de 550 milhões de libras (R$ 4 bilhões) .

Esse comércio florescente não tem regulamentação, e Commisso apoia as reformas propostas pela Fifa e combatidas por figuras como Mendes, que limitam as comissões de agentes a até 10% do valor de transferência e poriam fim à "representação dupla", o que impediria que um agente recebesse dinheiro de múltiplos participantes de uma mesma transação.

Mas essas mudanças podem não ser implementadas em tempo para ajudar Commisso a resolver uma disputa com o atual astro da Fiorentina, o atacante sérvio Dusan Vlahovic, artilheiro da Serie A na atual temporada e que vem atraindo a atenção de rivais europeus como o Arsenal, da Premier League inglesa.

Quando o contrato de Vlahovic expirar, em 2023, ele poderá deixar o clube sem que a Fiorentina receba qualquer pagamento, o que lhe dá cartas fortes para renegociar seu contrato com a equipe agora ou para assinar um acordo prévio com qualquer clube para o qual deseje se transferir.

Commisso resiste a perguntas sobre Vlahovic porque "estamos considerando ativamente o que fazer".

Pessoas informadas sobre as negociações revelaram que a agência de Vlahovic, International Sports Office, sediada em Belgrado, quer receber 8 milhões de euros pela renovação do contrato do atleta com a Fiorentina, e 10% de comissão sobre qualquer futura transferência, tanto da Fiorentina quanto do clube comprador.

Commisso não está disposto a permitir que intermediários abocanhem dezenas de milhões de euros. Ele instou Vlahovic a não agir tendo em mente apenas o dinheiro e dizendo que o atleta "se desenvolveu" no Fiorentina.

Não importa o que venha a acontecer no caso Vlahovic, ele enfim admite um erro: subestimar os desafios de operar em um mercado como o do futebol. "Quanto mais tempo passo morando aqui, e trabalhando nesse esporte louco, mais percebo o quanto as coisas são insanas", ele diz.

Em Bagno a Ripoli, um subúrbio verdejante 30 minutos a leste do centro da cidade, repleto de vinhedos e olivais, está o Viola Park, que, quando concluído, abrigará o novo centro de treinamento da Fiorentina, para as equipes masculina e feminina e as categorias de base.

Além de um miniestádio com 4.500 lugares, o complexo abrigará academias de ginástica, uma piscina, um colégio interno para os juvenis, e até uma capela.

Commisso diz que essa será a primeira vez que o time terá alguma propriedade, algum ativo físico, excetuados os jogadores que controla.

Ali, mais um problema para o bilionário. Uma casa de campo de três andares, do século 18, situada no meio do terreno. Os regulamentos locais de proteção a edificações históricas não só impedem sua demolição, como vetam qualquer edificação mais alta ao seu lado.

Assim, em lugar de criar um complexo imenso, os arquitetos de Commisso desenharam um amplo campus com uma série de edificações baixas e subsolos extensos. Mas quando os operários começaram a escavar o terreno para a construção, encontraram ruínas romanas.

Os atrasos e alterações elevaram o custo da obra em mais de 20 milhões de euros (R$ 124 milhões). Mas elas enfim estão em curso, e Commisso parece entusiasmado ao caminhar pelo terreno. Esse, pelo menos, é um lugar no qual o bilionário está conseguindo o que deseja.

O clube joga suas partidas em casa no Estádio Artemio Franchi, uma arena com 40 mil lugares construída em 1930 e projetada pelo arquiteto italiano Pier Luigi Nervi.

O projeto é considerado uma obra-prima de sua era, com enormes escadarias em espiral e uma "Torre de Maratona" de 70 metros de altura que se ergue do topo da arquibancada. Ou, nas palavras de Commisso, "a maior porcaria que já foi inventada".

Ele quer reformar o estádio agora deteriorado, para expandir as receitas com ingressos e serviços de hospitalidade, o que beneficiaria o clube em longo prazo. Os esforços de reforma foram bloqueados pelas autoridades, que buscam proteger a herança arquitetônica.

Commisso acredita que o impasse esteja impedindo a Fiorentina de competir contra as melhores equipes do planeta. De acordo com a consultoria Deloitte, o clube teve 84,4 milhões de euros (R$ 520 milhões) em receita total na temporada passada. O Juventus, maior clube da Itália, teve receita de 397,9 milhões de euros (R$ 2,5 bilhões).

"A fim de competir com os 20 maiores times [da Europa], precisamos, de uma maneira ou de outra, chegar a um nível de receita parecido", disse Commisso. "E como chegar lá? Por meio das receitas do estádio".

A questão simboliza o declínio do futebol italiano. Três décadas atrás, os maiores clubes do país eram o destino preferencial dos maiores jogadores e treinadores do planeta, o que os ajudou a dominar o futebol mundial.

Mas a qualidade e os atrativos da Serie A foram ficando para trás diante de campeonatos como os da Inglaterra, Alemanha e Espanha, onde os melhores times jogam em estádios novos com estrutura moderna, diante de arquibancadas lotadas, e faturando mais com direitos televisivos.

"Não estou fazendo isso pelo dinheiro", diz Commisso, quando questionado por que ele se dá ao trabalho. "Para que preciso de mais US$ 100 milhões, não é? Vou perder dinheiro". Ele aponta para o vasto Viola Park, em plena construção, e diz que aquilo "deixará uma marca".

Se a casa de Médici foi patrona de Leonardo da Vinci e Michelangelo, Commisso quer que o seu legado seja um centro para a renascença futebolística, com reluzentes instalações de treinamento e, quem sabe um dia, um estádio igualmente reluzente.

"Isso é importante para Florença porque vai durar 100 ou 200 anos, OK? E quando quiserem saber quem foi que deixou esse patrimônio, a resposta será que fui eu".

Commisso trabalhou uma vida inteira, e gastou uma fortuna, para desfrutar da adoração momentânea que só o futebol pode oferecer.

Tradução Paulo Migliacci

> Quanto mais tempo passo morando aqui, e trabalhando nesse esporte louco, mais percebo o quanto as coisas são insanas
>
> **Rocco Commisso**
> dono do clube Fiorentina, de Florença

A protagonista Mirabel Madrigal em cena da animação 'Encanto', da Disney Divulgação

Como canção de 'Encanto' virou hit no TikTok

'Não Falamos do Bruno' é a primeira da Disney a ocupar posição tão alta nas paradas desde 'Livre Estou', de 'Frozen'

F5

Ashley Spencer

THE NEW YORK TIMES "Ser abismal, vive no porão", o adolescente com cabelo cacheado, envolto em uma capa, dubla diante da câmera. "Como um som de areia que não para de escorrer", afirma uma mãe ocupada, dançando na cozinha com o aspirador de pó durante uma pausa em sua tarefa doméstica.

"Desculpe, 'mi vida', vai lá", estronda uma dupla de irmãs, cantando fora do tom. "Encanto" deixou claro que é melhor não falar sobre o Bruno, mas um monte de gente parece obcecada pela canção dedicada a ele.

Desde que o filme de animação da Disney estreou nos cinemas e chegou ao serviço de streaming Disney+ na véspera do Natal, a divertida canção "Não Falamos do Bruno" vem se transformando aos poucos em um hit internacional.

Diferentemente da maioria dos números musicais da Disney, "Não Falamos do Bruno" não é uma canção solo melancólica cantada pelo herói ou uma balada romântica forte cantada no final da história.

É um número para ser cantado pelo elenco todo, ao estilo da Broadway, e seu tema é fofocar sobre as previsões de um sujeito de meia-idade.

E ainda assim, a canção recentemente chegou ao primeiro posto na lista de mais executadas do Spotify, Apple Music e iTunes, nos Estados Unidos, ao primeiro lugar na lista internacional de vídeos musicais mais assistidos do YouTube, e no momento ocupa a quinta posição na parada da Billboard Hot 100.

Ela é a primeira canção de um filme de animação da Disney a ocupar posição tão alta desde "Livre Estou", de "Frozen" (2014), um hit com força de hino.

Outras das faixas da rilha de "Encanto", como "Estou Nervosa" e "Família Madrigal", também estão em alta. E na semana passada a trilha sonora do filme ultrapassou o álbum "30", de Adele, e chegou ao topo da parada Billboard 200.

"Não Falamos do Bruno" vem sendo beneficiada por sua popularidade no TikTok, onde vídeos de tributo à canção gravados por pessoas como o adolescente vestindo capa, as irmãs gritalhonas e a mãe dançarina acumularam milhões de visualizações.

"Eu assistiria aos vídeos do TikTok o dia inteiro se pudesse", disse Jared Bush, um dos diretores de "Encanto", em uma entrevista. "Todo mundo parece encontrar uma maneira diferente de abordar a música, seja um momento específico, seja pela dinâmica de um personagem. Há alguma coisa nela para cada um, e, honestamente, é simplesmente deliciosa."

> **Todo mundo parece encontrar uma maneira diferente de abordar a música, seja um momento específico, seja pela dinâmica de um personagem. Há alguma coisa nela para cada um, e, honestamente, é simplesmente deliciosa**
>
> Jared Bush
> diretor

No filme —a história de uma adolescente colombiana chamada Mirabel Madrigal (Stephanie Beatriz) e sua família dotada de dons sobrenaturais—, Bruno (John Leguizamo) é um tio misterioso que fugiu e cuja capacidade de ver o futuro lhe vale o desdém abjeto de todos aqueles a quem ele revela más notícias.

A família e os moradores da cidadezinha trocam histórias absurdas, e muitas vezes amargas, sobre as profecias dele, na canção.

Germaine Franco criou a trilha sonora de "Encanto", e "Não Falamos do Bruno" e as demais canções foram compostas por Lin-Manuel Miranda, que já tinha trabalhado com a Disney em 2016 na trilha sonora do filme "Moana - Um Mar de Aventuras". Os realizadores de "Encanto" dizem que ele produziu a contagiante melodia de "Bruno" virtualmente na hora.

No segundo trimestre de 2020, Bush e seu colega diretor, Byron Howard; a codiretora Charise Castro-Smith; e Tom MacDougall, então chefe da divisão de música no Disney Animation Studios, estavam fazendo um de seus chats semanais por vídeo com Miranda a fim de desenvolver uma canção a ser cantada pelo elenco todo sobre Bruno, que deveria servir como uma injeção de energia mais ou menos na metade da história.

"Percebemos que Lin estava pensando, e ele olhou para nós e disse que a história parecia um conto de assombração, uma história de fantasmas, uma espécie de 'montuno' mal-assombrado", disse Howard, se referindo a um padrão musical cubano.

"E ele se virou para o piano e tocou os três primeiros acordes. Nós literalmente assistimos enquanto ele montava e compunha a canção, naquele instante. Eu nunca tinha visto algo assim acontecer." (Miranda não estava disponível para a entrevista.)

O personagem Bruno havia sido desenvolvido durante o processo de criação do filme. Em uma das versões iniciais, ele era muito mais jovem, um rapaz da idade de Mirabel.

Seu nome original era Oscar, mas Bush disse que dificuldades legais causadas pela existência de diversas pessoas chamadas Oscar Madrigal na Colômbia os levou a estudar outras opções para o nome. Ele enviou uma lista de cinco alternativas a Miranda, e a resposta do compositor foi "com certeza, Bruno".

"Não entendi exatamente porque ele parecia tão firme em sua escolha", disse Bush, "até dois dias depois, quando ouvimos o refrão Bruno, no, no no [na versão em inglês]".

Miranda em seguida gravou uma demo na qual cantava as 10 partes vocais. "Era como ouvir Lin-Manuel sob o efeito de anabolizantes", disse Adassa, cantora que faz a voz de Dolores, a prima da família Madrigal dotada de uma audição excepcional.

A demo não foi lançada, embora um imitador de Miranda tenha tentado reproduzir na internet que forma exatamente a gravação teria.

Com base apenas em desenhos preliminares e na gravação de Miranda, o coreógrafo do filme, Jamal Sims, e sua equipe passaram duas semanas em um estúdio em Los Angeles criando a dança de "Bruno" para que os animadores a reproduzissem digitalmente.

Incorporando elementos da cúmbia, o ritmo nacional colombiano que incorpora influências africanas, europeias e indígenas, e também de salsa e rumba, eles mapearam cada momento da canção e gravaram um vídeo de referência como se estivessem filmando um número musical ao vivo.

Até mesmo os ratos de Bruno têm passos de dança complicados a reproduzir. (A equipe de animação posteriormente filmaria os dançarinos usando múltiplas câmeras e ângulos diferentes.)

"Tivemos de construir tudo isso com base em nossa imaginação", disse Kai Martinez, coreógrafa-assistente. "O que ajudou a tornar essa peça única foi que tínhamos um grupo de dançarinos latinos vindos da Colômbia, de Cuba, de Porto Rico —pessoas que compreendiam a tarefa". (Vídeos mostrando a coreografia que eles dançaram, postados por Martinez no TikTok, foram assistidos mais de 23 milhões de vezes.)

Martinez, que faz parte da primeira geração nascida nos Estados Unidos de uma família de imigrantes colombianos, também serviu como consultora de animação e ofereceu aos realizadores algumas percepções cruciais sobre maneirismos culturais.

"Era mais que um trabalho", ela disse. "Porque sou uma mulher colombiana, esse era o tipo de filme a que eu desejaria ter assistido quando era criança."

Enquanto isso, por causa das precauções relacionadas à Covid, os atores de voz gravaram suas participações separadamente em estúdios espalhados pelos EUA e Colômbia.

Rhenzy Feliz gravou a parte do primo Camillo, que se metamorfoseia constantemente, em um estúdio alugado perto de San Luis Obispo, na Califórnia, e disse ter canalizado uma energia de "garoto de teatro" para o estilo dramático de canto de seu personagem. Adassa gravou em seu estúdio caseiro em Nashville, Tennessee.

"No começo, meu rap seria uma oitava mais agudo", ela disse, sobre seu trecho da canção, que ela canta sussurrando. "Mas pensei comigo mesma que ela gosta de falar baixinho, e escolhi cantar uma oitava abaixo. E funcionou".

A despeito de sua imensa popularidade, "Não Falamos do Bruno" não será indicada ao Oscar de melhor canção. O estúdio submeteu apenas "Dos Oruguitas", uma balada emotiva em espanhol cantada por Sebastián Yatra, como pré-candidata.

A canção, embora seja menos popular do que "Não Falamos do Bruno", entrou na seleta lista da academia para as indicações de melhor canção, no mês passado. Caso conquiste o prêmio, faria história como a primeira canção da Disney não cantada em inglês a levar um Oscar.

"'Dos Oruguitas' tinha um papel emocional central no filme", disse Howard, quando perguntado se eles tinham considerado submeter "Bruno". Ele acrescentou que "provavelmente, ela era o componente de narrativa musical mais importante do filme todo, porque tinha a ver com Maribel enfim compreender a sua avó".

> **Percebemos que Lin [-Manuel Miranda] estava pensando, e ele olhou para nós e disse que a história parecia um conto de assombração, uma história de fantasmas, uma espécie de 'montuno' [padrão musical cubano] mal-assombrado**
>
> Byron Howard
> diretor

Na verdade, apostar em "Não Falamos do Bruno" seria uma mudança de estratégia ousada. É preciso recuar a "Aqui no Mar", de "A Pequena Sereia" (1989) para encontrar uma canção ganhadora de Oscar da Disney com um lado tão teatral e excêntrico.

Desde então, os momentos em que o estúdio conquistou a academia quase sempre envolveram baladas, entre as quais "Um Mundo Ideal" ("Aladdin"), "Esta Noite o Amor Chegou" ("O Rei Leão"), "Cores do Vento" ("Pocahontas"), "Livre Estou" ("Frozen") e "Lembre de Mim" (Viva — A Vida é Uma Festa", da Pixar), acompanhadas por algumas composições de Randy Newman.

Além disso, apresentar candidaturas múltiplas acarretaria o risco de gerar uma divisão de votos, e só falta um Oscar a Miranda para completar o raro quarteto Egot (ou seja, conquistar prêmios Emmy, Grammy, Oscar e Tony) em sua carreira.

A indicação não seria a primeira, para ele. "How Far I'll Go", que ele compôs para "Moana - Um Mar de Aventuras", perdeu para "City of Stars", de "La La Land - Cantando Estações". (Além de seu trabalho em "Encanto", ele também dirigiu "Tick, Tick... Boom!", e pode conquistar uma indicação por esse filme.)

Para além da temporada de premiações, os diretores de "Encanto" disseram estar abertos à possibilidade de uma continuação, de uma adaptação para o teatro ou para a televisão. "Eu adoraria que as histórias desses personagens continuassem, porque para nós são pessoas reais", disse Bush. "Noventa minutos não é tempo suficiente para passar com os Madrigal."

E a despeito das teorias de alguns fãs de que "Não Falamos do Bruno" —e "Silenzio, Bruno", uma reprimenda ouvida constantemente ao longo do filme "Luca", da Pixar— mostram que a Disney é inimiga dos Brunos, os realizadores insistem em que isso não é verdade.

"No final de 'Encanto', todos descobrem que Bruno é um cara ótimo", disse Bush. "Por isso, a verdade é que nós ressuscitamos esse nome."

Tradução Paulo Migliacci